

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

A ESQUERDA E O PERONISMO

CARLOS RAUL ETULAIN

Tese de Doutorado em Ciências Sociais
apresentada ao Departamento de
Sociologia do Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas da Universidade
Estadual de Campinas, sob a orientação
do Prof. Dr. Sergio Salomé Silva.

Este exemplar corresponde a
versão final da tese defendida e
aprovada pela Comissão Julgadora
em 29/11/2001

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Sergio Salomé Silva

Prof. Dr. Fortunato Mallimaci

Prof. Dr. Guillermo Raúl Ruben

Prof. Dr. Sedi Hirano

Prof.^a. Dra. Walquiria Leão Régio

Novembro/2001

Campinas, SP

UNIDADE
N.º CHAMADA:
T/UNICAMP
Et 83 e
V. 47803
P. 837/02
C. D. X
PREC. 25 11,00
DATA 14-02-02
N.º CPD

CM00163477-1

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP**

Et 83 e **Etulain, Carlos Raul**
A esquerda e o peronismo / Carlos Raul Etulain.
Campinas, SP : [s. n.], 2001.

Orientador: Sergio Salomé Silva.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Ideologia. 2. Movimentos sociais. 3. Peronismo.
4. Argentina – Política e governo, 1960-1970. I. Silva, Sergio
Salomé . II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

para Laura Etulain
in memoriam

Agradecimentos

Ao Professor Dr. Sergio Salomé Silva, que orientou este trabalho em todas as suas etapas, desde o surgimento das primeiras idéias. Sergio Silva sempre me incentivou, com seu interesse pelos problemas argentinos e com sua especial dedicação e critério ímpar na condução dos trabalhos de pesquisa.

Ao grupo de estudos de *História e Teoria Social* que, desde 1994, se reúne para discutir não só as teses dos integrantes do grupo, mas também textos da área, de interesse de todos os membros. Atividade enriquecedora, que resultou fundamental para a elaboração do meu trabalho. Agradeço a Adilson Marques Gennari, Francisco Luís Corsi e Ricardo V. Silva.

Para a elaboração deste trabalho foi necessário realizar pesquisas, em Paris e em Amsterdã, durante o primeiro semestre de 1997, que possibilitaram a obtenção de documentos da época, além de entrevistas com pesquisadores do assunto e também com ex-militantes. Agradeço a Michael Löwy, que me orientou na França, a Hugo Moreno, Robert Paris, Diana Quattrocchi-Woison, Silvia Sigal, Alberto Belloni, Claudio Ingerflon, Mercedes Depino, Nélida Haidar, Cecilia Luvecce, e, em Amsterdã, a Rudolf Dejun e Mieke Izjerman.

Agradeço aos professores do IFCH, pelas aulas ministradas, pelos debates e pela possibilidade de pesquisar um assunto argentino.

Agradeço ao *Arquivo Edgar Leuenroth* (Unicamp) que é um dos centros indispensáveis para a pesquisa de documentos de América Latina. À *Université Paris 8*, ao *Institute des Hautes Etudes d'Amérique Latine* e à *Bibliothèque de*

Documentation International Contemporaine da *Université de Nanterre*, todos da França, e ao *Internacional Institute of Social History*, de Amsterdã.

Agradeço aos funcionários do IFCH e do *Arquivo Edgar Leuenroth*. Ao CNPQ, que financiou meu curso de doutorado e a pesquisa em Paris e em Amsterdã.

Agradeço a Maria Isolete P.M.Alves pelo trabalho de revisão e editoração, à Tania Maria da Silva, pela digitação e à Kelly Elaine dos Santos, pela colaboração na organização bibliográfica e em vários componentes do presente texto.

Agradeço à Nora Ostellino, pelas histórias, informações e documentos sobre o peronismo.

Agradeço, especialmente, a Ediana Loures, Inês e Ernesto Etulain, pelas longas horas de espera.

Fico muito grato a todas essas pessoas e instituições, sem o apoio das quais, meu trabalho não teria sido possível. Eximo a todos de qualquer responsabilidade sobre as páginas que seguem.

Abstract

This thesis undertakes Argentinean political left, specially the 1960 and 1970's militant groups. The Peronism was a social movement which had huge influence over the masses, since the 40's . This condition was linked to Perón image because of people's sympathy with him.

The main aspect of this analysis is the relation of the left groups and left parties with the Peronism . The historical relation maintained by the left with the masses was, until then, perceived as a divorce and not as an adhesion., so, the left had to restructure its conception of Perón and of the Peronism in order to reach them. During those years, the peronism was outlawed from the country political life but, Perón favoured the motion between the banished Peronism and the left. Those were years of clandestineness, of changes on thought conceptions and on left groups practices.

We mention about the formation of the militant groups imaginary, the position that Perón and Peronism took place in this situation and about the relation with masses conducted by the groups, inspired by Perón words pronounced by the time he was exiled.

To make clear this complicated relation - Peronism, left groups and masses - we make use of an historical narrative of fundamental facts. We put in evidence Montoneros group (Peronist and from the left) and Partido Revolucionario del Pueblo group (non Peronist and Marxist). We make use of texts (groups internal documents, newspapers, letters and others) from that period to build and to analyse the Argentinean left conception.

Resumo

Este trabalho se dedica ao estudo do pensamento da esquerda, quando o peronismo já estava constituído e consolidado como movimento popular. O ponto central da análise aqui proposta é a configuração da relação entre os grupos e partidos da esquerda com o peronismo. Uma vez que o peronismo exerce influência diferencial sobre os setores populares, a relação entre esquerda e peronismo permitiria, também, melhorar o desempenho da esquerda junto às massas, de modo que, no pensamento da esquerda, resultou de grande importância definir sua posição frente ao peronismo.

Aqui serão tratados aspectos da história do movimento peronista e dos partidos e grupos de esquerda, assim como os eventos da conjuntura política dos anos 60 e 70 que serviram de marco para a construção da relação entre peronismo e esquerda.

Lista de Siglas

CARBAP	Confederación de Asociaciones Rurales de Buenos Aires y La Pampa
CCS	Comando de Coordinación Superior
CGT	Confederación General del Trabajo
CSP	Comando Superior Peronista
EGP	Ejército Guerrillero del Pueblo
ENR	Ejército Nacional Revolucionario
ERP	Ejército Revolucionario del Pueblo
ERP	Partido Revolucionario de los Trabajadores
UBA	Universidad de Buenos Aires
FAP	Fuerzas Armadas Peronistas
FAR	Fuerzas Armadas Revolucionarias
FIP	Frente de Izquierda Popular
FMI	Fundo Monetario Internacional
FOETRA	Federación de Obreros y Empleados Telefónicos
FORJA	Fuerza Orientadora Radical de la Joven Argentina
FREJULI	Frente Justicialista para la Liberación
FRIP	Frente Indoamericana Popular Revolucionaria
GOU	Grupo de Oficiales Unidos
IAPI	Instituto Argentino de Promoción para el Intercambio
JAEN	Juventud Argentina por la Emancipación Nacional
JP	Juventud Peronista
JPU	Juventud Peronista Universitaria
JTP	Juventud Trabajadora Peronista
MIT	Instituto Tecnológico de Massachusetts
MNRT	Movimiento Nacional Revolucionario Tacuara
MRN	Movimiento de Recuperación Nacional
MRP	Movimiento Revolucionario Peronista
MVP	Movimiento de Villeros Peronistas
OEA	Organização dos Estados Americanos
PB	Peronismo de Base
PCA [PC]	Partido Comunista Argentino
Plan Conintes	Plan de Conmoción Interna del Estado
PRT	Partido Revolucionario de los Trabajadores
PRT-ERP	Partido Revolucionario de los Trabajadores – Ejército Revolucionario del Pueblo
PSA [PS]	Partido Socialista Argentino

PSIN	Partido Socialista de la Izquierda Nacional
PSRN	Partido Socialista de la Revolución Nacional
PST	Partido Socialista de los Trabajadores
SRA	Sociedade Rural Argentina
UCR	Unión Cívica Radical
UCRI	Unión Cívica Radical Intransigente
UES	Unión de Estudiantes Secundarios
UIA	Unión Industrial Argentina
UNE	Unión Nacional de Estudiantes
UP	Unión Popular

Lista de Cronologias

Cronologia I	15
Cronologia II	37
Cronologia III	132
Cronologia IV	224
Cronologia V	227
Cronologia VI	234
Cronologia VII	241
Cronologia VIII	248
Cronologia IX	252
Cronologia X	255
Cronologia XI	258
Cronologia XII	263

Índice

Agradecimentos	V
Abstract	VII
Lista de Siglas	IX
Lista de Cronologias	XI
Introdução	01
Capítulo I. Surgimento do peronismo	
1. Primeiros anos do peronismo e o impacto sobre a esquerda	11
2. Peronismo e origem dos operários na Argentina	21
3. Aspectos da ideologia peronista	38
4. As origens do peronismo: interpretações	49
5. Peronismo, sindicatos e classe operária	71
Capítulo II. A reinvenção do peronismo	
1. A Revolução Libertadora e a Resistência Peronista	83
2. “Aceito, pagarei”	108
3. “Tomar um purgante”	119
4. Frondizi, o movimento peronista e a esquerda	132
Capítulo III. Esquerda peronista e não-peronista	
1. Illia, Onganía e a etapa final da proscricção peronista	157
2. Montoneros: intelectuais e obras formativas. Hernández Arregui e o “ser nacional”	173
3. A esquerda marxista do PRT	186
3.1. Breve história do PRT	186
3.2. A situação argentina em 1970, segundo o PRT	189
3.3. Suicídio burguês, renascimento proletário	192
4. Dimensão ideológica básica I	197
5. Dimensão ideológica básica II	210
Capítulo IV. A esquerda reinventada	
1. O-que-fazer	223
2. Identidade peronismo-socialismo e “o-que-fazer”	229
3. Combatentes desesperançados	244
4. Cãmpora ao governo, Perón ao poder	253
5. Insana crueldade	264
6. A teoria do cerco: os mecanismos da negação	270
7. Final de contas	291
Conclusões	295
Referências Bibliográficas	301
Bibliografia e Fontes	311

Introdução

A esquerda política argentina surgiu no final do séc. XIX e, desde então, sempre manteve uma relação conflitante com os setores populares. Inicialmente, a maior parte dos trabalhadores era de origem estrangeira, o mesmo podendo ser dito das idéias e modelos de organização política dos partidos. Assim, quando da organização dos grupos políticos e sindicais, o trânsito entre dirigentes e bases foi facilitado. Mais tarde, com os fluxos migratórios internos, que alimentaram a massa trabalhadora, agudizou-se o problema para os partidos então formados: como construir uma identidade com a massa que buscavam representar? Com o surgimento do peronismo na cena política argentina, a esquerda tinha perdido, ainda mais, a adesão popular.

Este trabalho se dedica ao estudo do pensamento da esquerda, quando o peronismo já estava constituído e consolidado como movimento popular. O ponto central da análise aqui proposta é a configuração da relação entre os grupos e partidos da esquerda com o peronismo. Uma vez que o peronismo exerce influência diferencial sobre os setores populares, a relação entre esquerda e peronismo permitiria, também, melhorar o desempenho da esquerda junto às massas, de modo que, no pensamento da esquerda, resultou de grande importância definir sua posição frente ao peronismo.

Quando falamos em “esquerda”, estamos, necessariamente, fazendo referência tanto aos partidos quanto às organizações e grupos que se declaram representantes políticos e ideológicos dos trabalhadores e dos setores populares em geral, e que promovem as idéias libertárias dessa classe social. Os sujeitos deste estudo são, portanto, aqueles que fazem parte – embora que, de forma fragmentária e conflitiva –, da área decididamente crítica e das reivindicações emancipatórias da sociedade.

O termo “esquerda” foi utilizado, pela primeira vez, em seu sentido político, na França, durante a Revolução de 1789. Designava, na origem, o conjunto de deputados que, na seção da Assembléia Nacional Constituinte francesa, de 28 de agosto de 1789, se colocou à esquerda do presidente da Assembléia para se opor ao veto real. Esquerda, nesse caso, indicava posição. Na Inglaterra, começou a ser usado, no século XIX, para fixar as posições dentro do Partido Conservador. Já nos Estados Unidos, o termo é empregado numa acepção bem mais pejorativa (*Dicionário de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, FGV, 1986). Na medida em que se tratam de posições políticas e ideológicas, a designação acaba resultando, geralmente, confusa, fazendo com que o termo perca sua significação precisa, estritamente definidora.

O termo “esquerda”, num sentido lato, está sujeito a inúmeros qualificativos, a maioria deles voltados para apontar o erro, a falha, o abuso e o desatino. Entretanto, um deles poderia ser associado à esquerda política e ideológica, dado caracterizá-la como sendo a ação

de “tomar as coisas às avessas” (AZEVEDO, D. *Grande Dicionário de Francês e Português*. 8. ed., Lisboa, Bertrand, 1984). Expressão que não desqualifica a esquerda (embora tente fazê-lo), porque mostra, na verdade, a atitude daquele que altera a visão das coisas, não satisfeito com a leitura da realidade social que se apresenta de modo abusivo e, muitas vezes, deturpador, através dos discursos da mídia. Reviva-se aqui, por oportuna, a metáfora criada por Marx, sobre a câmera fotográfica: inverter para conhecer.

A esquerda política e ideológica, diante do pensamento progressista e do otimismo das elites, contrapõe sua leitura “às avessas”, seu pessimismo (no caso argentino, trágico), como produto de uma outra leitura da realidade, que busca evidenciar o poder e o processo de formação da ideologia burguesa.

Entretanto, pelo fato do pensamento da esquerda estar diretamente associado à esfera maior da ideologia, deparamo-nos, novamente, com uma multitude de conceitos, agora vinculados ao termo ideologia.

De todos os sentidos que “ideologia” possa ter (corpo de idéias característico de um grupo social ou classe, formas de pensamento motivadas por interesses sociais, ilusão socialmente necessária, crenças orientadas para a ação, idéias falsas, etc.), tomamos, aqui, o significado de “ideologia” como sendo o processo de produção de significados, signos e valores da vida social. Interessa-nos ver, justamente, como e qual é a participação da esquerda política, nesse processo de criação de sentidos para os setores populares, a partir das condições da vida política e social da Argentina.

Visto ser o escopo deste estudo entender de que forma os grupos militantes de esquerda se relacionam com o peronismo – uma vez que o que buscam é a adesão dos setores populares da Argentina –, em boa medida, tratará do pensamento social da esquerda e de sua ideologia. A ideologia da esquerda, que perpassa todo o trabalho, é analisada através do discurso formulado por seus dirigentes e militantes, das ações implementadas em cada contexto histórico e dos gestos, símbolos, comportamentos e atitudes dos militantes da época.

Os sujeitos desta investigação são, de um lado, os grupos da esquerda argentina e, de outro, o movimento peronista, sobre cuja complexidade nós nos deteremos mais adiante. Um terceiro sujeito, também relacionado aos nossos interesses, se define pelo conglomerado de trabalhadores, rurais e industriais, comerciantes, pequenos produtores, que estendem a classe trabalhadora para o campo mais abrangente dos setores populares, ou a massa. O povo, como é prática na designação dos discursos políticos. Assim, aqui também será vista a relação que se estabelece entre os grupos da esquerda e os setores populares.

A base empírica deste trabalho é a literatura panfletária, produzida na segunda metade do século XX, e, sobretudo, os textos (jornais, revistas, documentos internos dos grupos, cartas dos militantes) surgidos nas décadas de 60 e 70, ligados à temática em questão.

Esses documentos têm uma história particular, uma vez que, depois do último governo de Perón, nos anos 70, sobreveio uma ditadura militar que, mediante repressão e um mais acirrado controle ideológico da sociedade civil, buscou destruir os grupos militantes e sua produção panfletária. A documentação da época acabou sendo resgatada em arquivos pessoais e, sobretudo, em arquivos de instituições estrangeiras (especialmente no Brasil, na França, na Holanda e em Cuba).

Através do registro e identificação desses documentos – esforço árduo e extenuante, embora incompleto, quando se atenta para o fato de que tais publicações são inúmeras e que, para se manterem preservadas na época da ditadura, na maioria dos casos precisaram sair do país –, buscamos rastrear os elementos que pautam a ideologia dos grupos da época. Hoje, como resultado do trabalho de pesquisadores sobre o assunto, é possível um melhor acesso a publicações que reúnem vários desses documentos.

Analisamos essa produção discursiva dos grupos de esquerda, buscando identificar os elementos básicos da ideologia, emancipatória e revolucionária, da época, e como surgem e se alteram, ou não, segundo o movimento da vida política e social da Argentina.

Ao fazermos, nas citações, referência aos documentos de trabalho, utilizamos parênteses, que incluem fonte e data, logo a seguir de cada citação. Um corpus relativo ao material empírico trata de estudos e posicionamentos sobre diferentes assuntos, como é caso das obras e artigos de diversos autores sobre problemas que abordamos ao longo do trabalho. Nesses casos, utilizamos notas de rodapé. No item Bibliografia e Fontes se encontra a relação das obras e documentos aqui utilizados, classificados segundo o assunto que abordam, a procedência e as datas de publicação.

Nos anos 60, a configuração das forças políticas argentinas adotou uma forma particular. O peronismo estava proscrito e a democracia não passara de duas tentativas de eleições gerais, bastante limitadas, quando se considera que foram realizadas com a proibição do peronismo. Os acontecimentos internacionais da época e a movimentação, especialmente a da juventude, na Argentina, favorecem o relacionamento entre os grupos de esquerda com o peronismo proscrito. Nesses anos, surgiu, no interior do peronismo, sua linha de esquerda.

A esquerda e, em particular, a esquerda peronista, tornaram-se os atores-chave da política argentina nos anos 70. Implementaram-se, a partir da esquerda, formas de articulação com os setores sociais mais oprimidos, envolveram-se os militantes no movimento peronista, foram lideradas ações armadas e se organizou o retorno de Perón, após dezoito anos de exílio.

Isso tudo contrasta com o comportamento da esquerda tradicional que, embora surgida no final do séc. XIX e tendo sido responsável pelas primeiras organizações sindicais, manteve sempre uma posição afastada das bases sociais que buscava representar.

Para falarmos em peronismo e em esquerda, recorreremos à narrativa histórica de fatos que consideramos fundamentais para entender o plano discursivo e ideológico da esquerda. Não obstante destacarmos a trajetória histórica mais geral da esquerda argentina no séc. XX, nos centramos nos grupos – mais do que nos partidos, à maneira tradicional – dos anos 60 e 70, clandestinos e armados, em sua maioria.

Estarão sob nossa mira, além de outros, o grupo Montoneros, peronista e de esquerda que, ao contrário da grande maioria, teve inserção social surpreendente, com militantes que desenvolveram uma estratégia de inserção popular notável pelo seu alcance e pelo radicalismo de suas ações. Outro grupo, da mesma época, foi o grupo marxista *Partido Revolucionario de los Trabajadores* (PRT) e seu braço armado: *Ejército Revolucionario del Pueblo* (ERP). De menor inserção social, mas de grande importância por suas elaborações e pela sua ação radical.

Distinguimos freqüentemente a história política, a história do sindicalismo e os eventos mais relevantes do universo dos setores populares. Organização e bases são, em todo movimento social, elementos distintos. Por isso, observamos como se relacionam os grupos de esquerda com as bases populares, envolvidos no movimento social do peronismo: no sindicalismo, na política e na vida do povo.

No primeiro capítulo, apresentamos o surgimento do peronismo. De que forma Perón conquista as massas? O que fez a esquerda, bem mais antiga que Perón, frente ao peronismo? Partimos da idéia do aparecimento do peronismo, como sendo uma novidade no universo político argentino dos anos 40. Novidade que está no discurso de Perón e nos setores que recebem esse discurso e se identificam com Perón. Perón diz aquilo que a esquerda não disse e fala para aqueles a quem a esquerda não falava. Tratamos, assim, do surgimento do peronismo e sua caracterização ideológica. O que é o peronismo e a quem representa? Observamos as interpretações sociológicas do peronismo, que mostram a composição da estrutura de classes na Argentina e a dinâmica da política.

No segundo capítulo, analisamos a situação do movimento peronista e da esquerda, durante os anos de proscricção. O peronismo, uma vez excluído do poder, em 1955, foi obrigado a sobreviver sem a estrutura que tinha criado para reforçá-lo: um corpo burocrático, sindical e político. Com o líder máximo no exílio, e sem as prebendas do poder, a sobrevivência do movimento peronista dependeu, então, da sua base social. Da chamada “Resistencia Peronista” aos anos 70, a sociedade argentina não pôde ser completamente controlada pela força do Estado. A rebeldia popular vazou o controle oficial. Primeiro, com pequenos atentados, depois, com formas mais organizadas e, finalmente, com ações armadas.

Neste processo, observamos como se organiza e atua a esquerda. Como se desenvolve a base popular do movimento peronista que,

muitas vezes, está em contradição com a própria organização e mesmo com os líderes sindicais e políticos, também peronistas. Tal como foi o caso do pacto entre Perón e Frondizi. Nesse clima, surgiram os novos grupos da esquerda. No sindicalismo, nos bairros da periferia, nas escolas, na universidade, junto ao peronismo. Como, então, essa esquerda busca reverter seu divórcio com as massas? Como se aproxima do povo e do peronismo? A verdade é que o peronismo sobreviveu, nesse período, pela mobilização popular, por isso é que, quanto a esses anos, se diz que o peronismo foi reinventado pela esquerda.

No terceiro capítulo, é feito um breve histórico da esquerda desses anos, com a atenção voltada para a esquerda marxista do PRT não-peronista e para os Montoneros, peronistas. Destacamos os grupos Montoneros e o PRT-ERP, apontando para suas idéias fundadoras, suas diferenças ideológicas e estratégicas e a forma pela qual absorvem o peronismo (ou se deixam absorver). Discutimos as posições ideológicas de cada grupo, comparamos seus pensamentos e suas ações. Identificamos os principais elementos que articulam a relação com o peronismo e com as massas e as aspirações dos grupos sobre a possibilidade de mudança estrutural do país.

Finalmente, no quarto capítulo, analisamos a esquerda no poder, quando do governo de Hector José Cámpora, e seus momentos mais difíceis, com Perón na presidência. Como funcionam esses elementos do pensamento da esquerda, num contexto de democracia? Como a ideologia básica dos grupos peronistas de esquerda absorve e (re)interpreta o que Perón faz e o que Perón diz, uma vez no governo? O que fazem os Montoneros e o PRT-ERP diante da crise interna do

peronismo? O que diz a esquerda e o que faz? Em que resultou e que conseqüências teve o movimento da esquerda em relação ao povo, nesses anos? Reverteu-se o divórcio entre esquerda e massas? São algumas das questões, cujas respostas pretendem estar contempladas no desenvolvimento do trabalho.

Capítulo I

Surgimento do peronismo

1. Primeiros anos do peronismo e o impacto sobre a esquerda

O peronismo implementou, na década de 40, um modo inovador de fazer política, que teve por base a participação de trabalhadores e sindicatos. As estratégias do poder, até então, tinham seguido a tradição contrária, pondo em prática políticas que tratavam com arrogância os mais pobres e menos organizados. Recluídas nessa visão, as elites, banqueiros, fazendeiros e, mais tarde, industriais não eram capazes de perceber em que medida a força popular viria a ser protagonista da vida política argentina. A massa irrompe definitivamente na história argentina com Perón, e Perón com as massas.

Na década de trinta, a vida política argentina estava falida. Uma série de fracassos e fraudes vinculados ao poder dos *estancieros*, exportadores agropecuários e banqueiros britânicos seria verdadeiramente abalado alguns anos depois quando do surgimento de Perón e a transformação do peronismo em expressão política das massas. Perón surge junto aos setores populares e oficializa os sindicatos, valendo-se de uma estratégia que lhe possibilitou, a um só tempo, atrair os trabalhadores para si e subordiná-los mediante uma organização sindical de tipo estatal.

O surgimento de Perón na cena política se dá a partir dos anos 40. Em 04 de junho de 1943, num dos golpes militares que se

generalizaram neste século na vida política argentina, o General Pedro Ramirez ocupou o governo. Ramirez pertencia ao GOU¹ (grupo secreto) que contava Perón entre seus membros. Uma vez no governo, Ramirez decretou a dissolução dos partidos políticos, implementando uma política indefinida, complicada ainda mais pela pressão de ter que tomar uma posição diante das potências mundiais em guerra.

Em 24 de fevereiro de 1944, Ramirez é substituído pelo General Edelmiro Farrel. Perón, ainda coronel e na chefia da “Secretaría de Trabajo”, tomou as primeiras medidas que lhe trariam enorme influência no âmbito sindical. A frente do governo, o prestígio de Perón cresce rapidamente. Anuncia o “Estatuto del Peón”, sobre os direitos trabalhistas da mão-de-obra rural e, após, transforma-se em Ministro do Trabalho.

No *deserto* argentino, jamais houve reforma agrária. A posse da terra é consequência da distribuição feita a partir das conquistas dos colonizadores, dos representantes do rei da Espanha e dos generais que dizimaram os índios. As pequenas propriedades surgiram pela apropriação de colonos imigrantes, o restante da população rural foi constituído pelos descendentes de índios e colonizadores. Uma população antiga, certamente, com uma história e geografia longínqua no imaginário dos socialistas e comunistas desembarcados na Argentina da época.

¹ O GOU manteve em segredo, durante muito tempo, o significado de sua sigla. Foram várias as interpretações: Gobierno-Orden-Unidad, Grupo-Obra-de-Unificación, Grupo-Orgánico-Unificado e, finalmente, a que foi aceita como versão oficial: Grupo-de-Oficiales-Unidos (PAGE, J. *Perón*, p. 61, *passim*). Sobre este ponto, o trabalho de Potash reconstrói a história de Perón e do GOU (POTASH, R. *El ejército y la política en la Argentina; 1928-1945*, cap. VII); ver também ROMERO, José Luís. *Las ideas políticas en Argentina*.

Perón ampliou sua influência sindical e política também porque, ao contrário dos militares, era um homem de personalidade marcante, criava simpatias e inimizades, era protetor de quem a ele se subordinava e sabia projetar-se acima de suas atitudes. Nessa escalada de golpes militares, que caracterizaram a vida política argentina do século XX, Perón e o peronismo viriam a imprimir uma virada nas expectativas, depois de a Argentina ter passado pelo clima de frustração e fraude eleitoral da década de 30.

Com a mesma rapidez com que Perón desenvolvia relações cada vez mais fortes com o poder, surgiam o receio e a antipatia dos setores conservadores, aos quais a popularidade das atitudes de Perón preocupava. A esquerda não tardou em rejeitar seu populismo. Os opositores decidiram-se a afastá-lo da cena política, detendo-o. Este foi um dos grandes momentos de reforço para a constituição da imagem popular de Perón.

Em 09 de outubro de 1945, um grupo de oficiais das forças armadas exigiu o afastamento de Perón do governo. Quatro dias depois, Perón foi detido na prisão da Ilha Martín Garcia e, mais tarde, conduzido ao Hospital Militar de Buenos Aires. Em 17 de outubro, uma multidão reuniu-se em frente ao Hospital Militar para reclamar sua libertação imediata. Dentre os que encabeçavam o movimento encontrava-se Eva Duarte.

Perón e Eva conheceram-se no ano anterior, durante as atividades de arrecadação de fundos para socorrer as vítimas de um terremoto na província argentina de San Juan. Localizada a noroeste da Argentina, San Juan é uma das províncias mais pobres do país. Eva, a quem Perón iria desposar cinco dias depois do evento de outubro, era

atriz de rádio e, filiada ao sindicato de seu setor, contribuíra para a promoção da imagem de Perón.

Em discurso proferido em 1947, diz Eva:

Así como el destino me hizo ser la esposa del general Perón, vuestro presidente me hizo también adquirir la noción paralela de lo que significa ser la esposa del coronel Perón, el luchador social. No se podía ser la mujer del primer presidente de los argentinos sin ser la mujer del primer trabajador argentino. No se podía llegar al encumbrado e insustentable de esposa del general Perón, olvidando el puesto de tesón, y de lucha, de esposa del antiguo coronel Perón, el defensor de los descamisados.²

A jornada de “17 de outubro” de 1945 transformou-se num dos símbolos que articulam a história e o “sentimento” dos peronistas por Perón. O resultado da manifestação foi a libertação de Perón, oportunidade para um de seus grandes discursos:

Hoy, a la tarde, el Poder Ejecutivo ha firmado mi solicitud de retiro del servicio activo del ejército. Con ello he renunciado voluntariamente al más insigne honor a que puede aspirar un soldado: llevar las palmas y laureles de general de la nación. Ello lo he hecho porque quiero seguir siendo el coronel Perón, y ponerme con este nombre al servicio integral del auténtico pueblo argentino.³

A pressão pela implementação de eleições em todo o país e o reagrupamento político, tendo como referência o novo líder, foi a resposta imediata aos acontecimentos do “17 de outubro” de 1945.

² Discurso de Eva, 1947, apud Sidicaro, Ricardo. *Juan Domingo Perón. La paz y la guerra*, p. 11.

³ Discurso de Perón, 17 de oct. de 1947, apud SIDICARO, R. Op. cit., p. 13.

CRONOLOGIA I

Séc. XVI	Período indígena, descobrimento de América, colonização.
Séc. XVII	<i>Gobernación del Rio de la Plata.</i>
Séc. XVIII	<i>Virreinato del Rio de la Plata.</i>
Séc. XIX	
1810	Revolución de mayo. Primeiro Governo da Pátria.
1816	Declaração da independência das Provincias Unidas del Rio de la Plata.
1820	Presidência de Rivadavia.
1835-1852	Regimem de Rosas. Finaliza com a batalha de Caseros, na qual o exército de Rosas é derrotado pelo General Justo J. de Urquiza. <i>Acuerdo de San Nicolás</i> entre os governadores das províncias do interior.
1857	É inaugurada a primeira ferrovia argentina, La Porteña, Buenos Aires.
1862	Institucionalização do país. Bartolomé Mitre, primeiro presidente eleito do país. Problemas políticos: assentamento da capital federal, em Buenos Aires; conquista de terras dos índios, imigração.
1865	Guerra do Paraguai.
1868	Domingo Faustino Sarmiento novo Presidente.
1869	Primeiro Censo Nacional, revela uma população de 1.837.000 habitantes, quase 30% assentada em Buenos Aires. É publicado o jornal <i>La Prensa</i> que será conhecido mundialmente.
1870	Bartolomé Mitre funda o jornal <i>La Nación</i> .
1874	Nicolás Avellaneda é eleito Presidente.
1877	Primeira agrupação sindical da Argentina, Unión Tipográfica.
1880	A cidade de Buenos Aires é reconhecida como Capital Federal. Julio A. Roca é nomeado presidente.
1886-1890	Presidência de Miguel Juárez Celman.
1890	Presidentes conservadores: Carlos Pellegrini (1890-1892); Luis Saenz Peña (1892-1895); José Uriburu (1895-1896); Julio A. Roca (1898-1904); Manuel Quintana (1904-1906); José Figueroa Alcorta (1906-1910); Roque Saenz Peña (1910-1914).
1891-1892	Surgimento da <i>Unión Cívica Radical</i>
1894	Surgimento do jornal socialista <i>La Vanguardia</i> .
1895	Surgimento do <i>Partido Socialista</i> . Hipólito Yrigoyen assume a liderança da UCR.

Nessa conjuntura, Peron ia ganhando a simpatia popular. Soube conquistar e reorganizar as massas trabalhadoras. A massa de trabalhadores já não era mais um reduzido grupo de imigrantes estrangeiros. A partir de 1930, ocorreu na Argentina um fluxo migratório interno, dirigido para Buenos Aires, motivado primeiro pelo esgotamento das fontes de trabalho no interior do país e, depois, pela demanda de trabalhadores da indústria que, aos poucos, ganhavam terreno, frente às restrições impostas durante os anos posteriores à Grande Crise. Quando do surgimento de Perón na cena política argentina e da transformação de seus impulsos populares em medidas concretas de justiça social, o atrativo para a população trabalhadora se deslocar para o principal centro urbano do país foi ainda mais forte. Assim, com Perón, delineia-se um traço da política argentina, marcado pela forte ligação com as massas e conseqüente valorização das populações do interior, que reaviva e recoloca a esfera nacional. Direita e esquerda, na Argentina, sempre tencionaram o problema nacional, contudo, é o peronismo que lhe dá forma ideológica e política. E isso, com tanta especificidade que marcará o comportamento e o pensamento dos argentinos no resto do século. Estes aspectos do peronismo serão retomados em diferentes pontos deste trabalho.

O movimento interno da população multiplicou as forças do movimento social em torno de Perón. Conservadores, comunistas e socialistas ficaram pasmos. De um lado, consolidava-se, com Perón, uma antiga ruptura entre o povo e a esquerda tradicional. De outro, enquanto Perón atraía a atenção dos setores populares, mostrava-se à tradição oligárquica e aos próprios socialistas e comunistas que a

cultura dos pobres e trabalhadores podia conquistar os espaços civis de onde tinha sido permanentemente excluída.

A esquerda argentina, até então, teve na sua trajetória anarquistas, socialistas e comunistas. Todos pecaram pelo seu divórcio das massas. A maior parte das vezes, devido à adesão ao liberalismo das elites. Os setores que tinham inserção garantida no esquema agroexportador da Argentina, não tiveram reais interesses de modificar tal situação, de forma que logo aderiram aos objetivos do capital inglês e do imperialismo. Os socialistas e comunistas também acabaram beneficiando o liberalismo das elites, porque buscavam um desenvolvimento capitalista na Argentina que consistia na afirmação da burguesia. No caso do *Partido Comunista Argentino* (PCA), a adesão à URSS fez com que, cada vez mais, se tornasse dependente da estratégia de Moscou, abandonando os interesses da classe operária argentina, tal como veremos adiante, no caso da greve dos frigoríficos. Há, na esquerda argentina de início do século, um desinteresse pela burguesia nacional, como força social para a luta anticapitalista. Em boa medida, socialistas e comunistas aceitavam o liberalismo da época, como fase necessária para o desenvolvimento do capitalismo argentino. Assim, achavam que as burguesias nacionais, por estarem subordinadas à lógica de exportação primária e importação de produtos manufaturados, não teriam interesses libertários. A este desprezo se soma outro que é idêntico, a não ser pela classe social a que se refere. A esquerda também desqualificou os *criollos* do interior, como se

fossem um *lumpenproletariado*, do qual nada poderia se esperar em termos de revolução.⁴

Dentro da esquerda argentina, a mais antiga é a corrente anarquista, sempre dispersa em vários grupos confrontados entre si. Foi a primeira corrente a introduzir idéias de luta revolucionária, entretanto, foi ofuscada não só pelo comunismo mas também pelo populismo de Perón.

Outra corrente é a do socialismo, representada pelo Partido Socialista Argentino (PSA). Constituiu-se a partir de grupos de socialistas alemães (*vorwärts*), franceses (*les égaux*) e italianos (*fascio dei lavoratori*), que tinham como objetivo recepcionar os imigrantes de seus países e difundir as idéias socialistas. Desde sua criação, o partido fez reivindicações trabalhistas importantes: jornada de trabalho de 8 horas; melhores condições de higiene; criação de comissões de fábrica; reconhecimento legal das organizações operárias; educação laica obrigatória, a cargo do Estado e, sobretudo, o direito de voto dos trabalhadores imigrantes, que o partido buscava representar. A corrente socialista também buscou se integrar à tradição argentina do século XIX. Entendia o surgimento do partido socialista como sendo uma forma de superação da trajetória do liberalismo das elites. Desde o começo, sua concepção foi pautada pela Europa, não só como referência mas também como ponto de partida. “Empezamos treinta años después que los partidos socialistas de Europa [...] Para ver como

⁴ Os intelectuais da esquerda que se afastaram dos partidos tradicionais apontaram essas críticas. Entre eles: PUIGGRÓS, Rodolfo. *Historia crítica de los partidos políticos argentinos*; RAMOS, Jorge Abelardo. *Breve historia de las izquierdas en la Argentina*; ARICÓ, José. *La cola del diablo*. Para um estudo sobre as tradições da esquerda argentina ver, especialmente, TARCUS, Horacio. *El Marxismo Olvidado en la Argentina: Silvio Frondizi y Milciades Peña*.

há evolucionado el movimiento obrero, lo mejor es comparar el de Inglaterra, Alemania y Bélgica.”, disse Juan B. Justo no *I Congreso Constituyente* do partido.⁵

Justo lutava por uma democracia parlamentar de tipo europeu, sustentada em uma economia essencialmente liberal, muito bem integrada ao sistema agro-exportador subordinado à Inglaterra. O PSA, nesse sistema, aparecia como o partido de bases modernas para as reformas sociais. O socialismo argentino é responsável pela publicação de periódicos, livros e importantes traduções para o espanhol, como é o caso de Juan B. Justo e o primeiro volume de *O Capital*, de Marx. Outras figuras de destaque do socialismo foram Alfredo Palacios e Nicolás Repetto. Esta corrente também sofreu os efeitos do eclipse peronista.

O *Partido Comunista Argentino* (PCA) surgiu da ruptura do Partido Socialista, mas, como este, responde à linha jacobina, democrática e liberal do século XIX. Também é responsável por inúmeras publicações de documentos, periódicos e livros. Dentre as figuras importantes desta linha estão Rodolfo Ghioldi, Hector Agosti, Leonardo Paso e Vitorio Codovilla. Agosti é responsável pelas obras: *El Mito Liberal* (1959); *Echeverria; Nación y Cultura* (1959), pela revista do PCA, *Nuestra Palabra* e pelas primeiras edições de Gramsci na Argentina. Agosti foi um dos autores comunistas que buscou identificar uma tradição democrática como saída diante das pressões do liberalismo, de um lado, e dos problemas nacionais, do outro.

⁵ ODDONE, Jacinto. *Historia del Socialismo Argentino*, p. 61.

Os comunistas argentinos, em sua maioria, seguiram a cartilha de Moscou, aderiram ao princípio de “luta de classe contra classe”, até 1935, data do *VII Congresso da Internacional Comunista*, que reorientou os partidos comunistas a buscar a criação de frentes populares. Isto devido ao efeito do fascismo italiano na vida política da Europa. Antes, contudo, o princípio da “luta de classe contra classe” foi o bastão de ferro dos comunistas para selecionar os aliados estratégicos da sua luta. Os trabalhadores do interior foram considerados à margem da classe operária – qualificados com o termo “desclasados” – e, igualmente a burguesia nacional ficaram de fora. Em geral, a década de 30 mostrou o alinhamento dos comunistas argentinos a Moscow.

O impacto do peronismo neste quadro da esquerda argentina logo se manifesta na insólita configuração político-partidária das eleições de 1946, em que Peron sagrou-se vencedor. Os comunistas se associaram numa desconcertante aliança com a oligarquia rural, inimiga de Perón. A eles se somaram dois partidos do centro: *Unión Cívica Radical* (UCR)⁶ – na verdade, a linha conservadora deste partido –, e *Partido Demócrata Progressista*.⁷ Para comunistas e socialistas, o peronismo não tinha nada de esquerda. Era apenas uma forma de

⁶ Partido político criado na década de 80. Surgiu como protesto às práticas corruptas do cenário político argentino da época, dominado pela oligarquia. Leandro Alem e Aristóbulo del Valle representavam a luta pela liberdade política, pelo voto livre, sem imposições do governo. O partido integrou boa parte da classe média urbana e dos pequenos proprietários rurais. Hipólito Irigoyen foi o líder mais popular desse Partido, tendo sido eleito presidente em duas oportunidades. Em 1918, o Partido promoveu a reforma universitária, iniciada em Córdoba e se irradiando pelo resto do país, ultrapassando suas fronteiras. Raul Alfonsín, eleito presidente em 1984, depois da última ditadura militar, pertence a esse Partido, o qual existe até hoje e compõe a segunda maioria, depois do peronismo.

⁷ O Partido se formou no início do séc. XX, sob a liderança de Lisandro de la Torre e pequenos partidos provinciais. Inicialmente, representava os pequenos proprietários agrícolas do interior, depois incorporou intelectuais e profissionais liberais. Foi um partido de centro, que teve uma sobrevida em 1963, ocasião em que apoiou a candidatura do General Pedro E. Aramburu.

populismo que tinha se dado bem, devido à falta de preparação política e ideológica das massas de novos operários vindos do interior. Por outro lado, Perón se esforçava por desbancar a esquerda das suas posições no sindicalismo, mediante uma estratégia que contou com o apoio da próprio Estado.

Na eleição de 24 de fevereiro, triunfou o *Partido Justicialista*, de Perón, inaugurando mais do que a primeira experiência popular no ciclo da política argentina (Yrigoyen, da UCR, havia iniciado uma tentativa neste sentido no período 1916-20), a era da presença definitiva da classe trabalhadora na vida política nacional e na semântica política dos argentinos.

2. Peronismo e origem dos operários na Argentina

Halperin Donghi diz que a classe trabalhadora argentina, com a industrialização, aumentou em número, e que sua composição mostrou diferenças nos anos do surgimento do peronismo, em relação aos tempos anteriores.⁸ A imigração estrangeira, esgotada quase que por completo em 1930, tinha sido suplantada por um movimento migratório interno, das províncias para Buenos Aires. Na Sociologia, deu-se o nome de “operários novos”⁹ a esse fluxo migratório interno,

⁸ HALPERIN DONGHI, Tulio. *História contemporânea de América Latina*, p. 391.

⁹ Os “operários novos” eram trabalhadores do interior, sem outra tradição política a não ser o voto pelo patrão, ao contrário dos antigos operários que chegaram ao país no final do século passado e inícios do presente e que, embora pressionados pela crise econômica em seus países, traziam a cultura (socialista, anarquista e comunista) que havia caracterizado a luta trabalhadora na Europa. No Brasil, esta tese também é comum. Ver, por exemplo, MARTINS RODRIGUES, Leoncio. *Industrialização e atitudes operárias*.

responsável por alterar a composição da classe trabalhadora. A análise de Gino Germani destacou o papel dos “operários novos”, na adesão ao peronismo, observando o efeito avassalador das atitudes populistas de Perón sobre os trabalhadores desorientados do interior.¹⁰ Germani pertencia à Academia, foi um dos fundadores das Ciências Sociais e do Funcionalismo na Argentina.

Germani apontou para a precária condição política e cultural dos trabalhadores do interior, mostrando como teriam se transformado na mais importante base social para a estratégia peronista.¹¹ Desde então, os estudos sobre a formação e origem do peronismo deram destaque à presença desses “operários novos” no movimento peronista.

Os operários novos do interior da Argentina, segundo Germani, foram, dadas as condições particulares deste setor da sociedade argentina, os receptores diretos do discurso peronista. Entretanto, a presença dos mesmos no peronismo não deve fazer com que se desconsidere os “velhos” operários e o impacto do peronismo sobre eles.¹² De tradição mais combativa, também se voltaram para Perón gerando, inclusive, uma verdadeira migração de comunistas, socialistas e nacionalistas em direção ao peronismo.¹³

¹⁰ GERMANI, Gino. *Política y sociedad en una época en transición* e El surgimiento del peronismo: el rol de los obreros y de los migrantes internos, *Desarrollo Económico*.

¹¹ De fato, em 1946, o voto dos operários passou quase que integralmente para o peronismo, tendência que se manteve até 1973, como mostra o estudo de Mora y Araujo sobre a composição do voto peronista. (MORA y ARAUJO, Manuel & LLORENTE, Ignacio. *El voto peronista*.)

¹² SMITH, P. Social mobilization, political participation and the rise of Juan Perón.

¹³ Ver MURMIS, Miguel & PORTANTIERO, Juan Carlos. *Estudio sobre los orígenes del peronismo*, p. 60, passim; GERMANI, op.cit. Para uma síntese sobre a história sindical na Argentina, ver MATSUCHITA, H. *Movimiento obrero argentino 1930/1945*.

É claro que o fluxo migratório interno de trabalhadores forneceu um peso eleitoral também novo ao cenário político argentino. A figura de “representante popular” habilmente desenhada por Perón, captou essas forças. Em razão disso, toda vez que se aponta para o fenômeno peronista no início dos anos 40, emergem observações que desqualificam ainda mais a população do interior, reforçando o estigma de que os trabalhadores do interior eram politicamente desinformados, sem experiência, de fácil manipulação, enfim, um público adequado às estratégias populistas. Assim, Perón pode ser visto como oportunista, e a massa trabalhadora como uma parte “bárbara” da sociedade argentina: “entendamos señores: la chusma”.¹⁴

É verdade que os socialistas se voltaram mais para os operários das indústrias vinculadas ao sistema de exportação que para “la chusma”. Os trabalhadores das principais indústrias eram na maioria, estrangeiros. Viviam em comunidades e mantinham os hábitos e a língua de origem. Alguns deles se limitavam a trabalhar, aguardando o momento de voltar ao país de origem e não se envolvendo com a realidade social da Argentina.

Perón buscou apoio político, endereçando seu discurso a um leque amplo de setores da sociedade, como a burguesia nacional e os trabalhadores do interior. Oficializou os sindicatos e os integrou ao Estado, outorgando-lhes poder político e ingerência em várias esferas. Conquistas em termos de justiça social começaram a aparecer, juntamente com o reconhecimento oficial dos sindicatos, o que veio conferir identidade “trabalhista” ao governo de Perón. Estando do

¹⁴ RIVERA, Andrés. *La revolución es un sueño eterno*.

lado de fora do Estado, Perón integrou sindicatos e trabalhadores à esfera oficial da política argentina.

Contudo, se os trabalhadores do interior e os diferentes setores da burguesia nacional não compõem, de forma exclusiva, o peronismo, deve-se observar que tais setores constituem sua base fundamental. Enquanto conservadores e esquerda tradicional se identificavam por sua atitude cega de desprezo à Argentina “bárbara” do interior, acabaram por esquecer desses setores da sociedade. Perón, ao contrário, os acolheu com uma mais nova estratégia política. Como ele mesmo lembrou, anos mais tarde, com referência à trajetória social do peronismo, “La sangre que los criollos derramaron por todos los caminos de la Independencia há venido a florecer en nuestros tiempos” (Perón, discurso veiculado por radio e TV, 21 de junho de 1973).¹⁵

Os pequenos comerciantes e industriais e os *criollos* das fazendas foram rejeitados como “bárbaros” – termo utilizado por Sarmiento, no séc. XIX – tanto pelos conservadores quanto pela esquerda tradicional. Entretanto, a coincidência é surpreendente. Explica-se por certa convergência ideológica desses setores, em princípio, opositores políticos. Tanto conservadores quanto socialistas privilegiavam o capital internacional e civilizador, e atuavam defendendo seus domínios na Argentina. Voltavam-se unicamente para os segmentos mais consolidados da economia argentina. Justamente aqueles que se inseriam no mecanismo agroexportador. Assim, “la chusma” do interior não poderia ter interessado, uma vez que era vista, pela direita

¹⁵ PAVÓN PEREYRA, Enrique. *Perón tal como es*, p. 116.

e pela esquerda, como estando à margem de todo o processo capitalista que vinha se firmando na Argentina desde o século XIX.

Entretanto, quando visto a partir da história sindical argentina, o movimento sindical e o peronismo não têm a mesma origem. A origem dos primeiros grupos sindicais tem a ver diretamente com a esquerda tradicional. Com o surgimento do primeiro grupo sindical, a *Unión Tipográfica*, em 1877, muitos grupos e partidos políticos foram construindo o espaço de luta da classe trabalhadora. O contingente estrangeiro da população argentina muito tinha influenciado as idéias políticas – anarquistas, socialistas e comunistas participaram do processo fundador das primeiras organizações sindicais da Argentina.

A *Unión Ferroviaria*, dada sua inserção no plano exportador da Argentina, se transforma no sindicato mais importante, uma vez que tinha experiência em negociações com o governo. Desde os anos 20, havia tomado força no sindicalismo o princípio da “prescindencia política”, no sentido dos militantes sindicais evitarem o vínculo direto entre a prática sindical e as lealdades partidárias individuais para, assim, evitar subordinar os interesses do movimento sindical aos interesses do partido. Dessa forma, as posições ideológicas e a postura partidária tiveram, na maioria das vezes, um efeito desagregador, tal como tinha se mostrado o predomínio anarquista no sindicalismo argentino da primeira década do século XX.

Desde os anos 20, em meio ao predomínio da política conservadora, a *Unión Ferroviaria* e um conjunto de sindicatos criaram uma nova CGT, voltada para a negociação com o governo e para a busca de um apoio estatal. Surgiu, também, a *Unión Sindical Argentina* que agrupou socialistas, comunistas, democratas progressistas que

buscavam formar uma oposição baseada no compromisso com a democracia e a contestação do fascismo.

Quando do golpe de 1943, existiam na Argentina: a CGT 1, formada principalmente pela Unión Ferroviaria que, por sua experiência e pelo tipo de atividade dos trabalhadores a quem representava, tinha trânsito facilitado junto ao governo e ao poder público, e a CGT 2, dos comunistas e socialistas, que teve de defrontar-se, de um lado, com a habilidade de Perón para negociar e, de outro, com a repressão e a clausura.

Hugo Gambini explica a estratégia de Perón: “La táctica que Perón ideó para asegurarse la lealtad gremial fue diametralmente opuesta a la que le había servido para deshacer a sus partidos políticos: en lugar de ordenar la disolución lisa y llana optó por estimular su organización.”¹⁶

A aparição do peronismo constitui um momento da história argentina, em relação ao qual, muitas vezes, se destaca a ruptura com o sindicalismo tradicional. A novidade fica a cargo da estratégia político-discursiva de Perón, que desviou o percurso que a esquerda vinha desenvolvendo no terreno sindical. Perón soube canalizar, para o âmbito estatal, o diálogo com as corporações trabalhistas. Criou uma estrutura sólida e essencial para articular os interesses vindos das bases operárias com aqueles que decorriam dos setores dominantes tradicionais.

Os governos tradicionais, conservadores e liberais, que antecederam a época peronista, viam com maus olhos a organização

¹⁶ GAMBINI, Hugo. *La primera presidencia de Perón*, p. 27.

dos trabalhadores em sindicatos. Desde finais do século XIX, não demoraram a chamar os sindicalistas de provocadores externos e subversivos.¹⁷ Perón, ao contrário, ensinou à classe dominante que estava na hora de aceitar a organização sindical, como na maioria dos países capitalistas europeus, e ainda, no outro extremo, instava aos “de baixo” a que transformassem as organizações sindicais em organizações formais que fizessem parte do próprio Estado. Assim, os sindicatos que não simpatizassem com essa “oficialização-estatização” proposta por Perón, na sua maioria socialistas e comunistas, eram desprezados, enquanto os que se integravam passavam a ser controlados e beneficiados pelo Estado.

Com seu discurso e programa social, Perón trouxe também um novo ar para as possibilidades de vida dos setores populares que, até então, tinham vivido maioritariamente no ostracismo político.

Contudo, uma vez criado o peronismo, falar em ruptura da ordem sindical não é correto. Houve, ainda, integração ao movimento peronista, tanto de componentes da velha guarda sindical, que representava os antigos operários imigrantes, como dos socialistas e comunistas, que foram se voltando para Perón. Entretanto, o processo levou um certo tempo. A classe trabalhadora radicada em Buenos Aires era integrada por imigrantes. No início, aderiam ao socialismo e ao comunismo, mas, depois, quando do surgimento de Perón na política, são os filhos desses imigrantes que começam a ter uma vida mais distanciada da Europa e a ver o peronismo com outros olhos. Daí ser possível dizer que os velhos operários também se faziam peronistas,

¹⁷ Ver, por exemplo, ODDONE, Jacinto. *Historia do socialismo argentino*, op. cit.

argumento usado por vários autores para contestar a importância dos “operários novos” na formação do peronismo. Se os novos trabalhadores do interior se identificaram com o peronismo, nesse processo também muitos trabalhadores velhos, junto com dirigentes sindicais e políticos, se voltaram para ele.

A explicação de Germani sobre os operários novos quando do surgimento do peronismo, encontra paralelo em diferentes posições da esquerda. Tanto os socialistas e comunistas, que viam nessas massas “desclassadas” um setor sem formação política e, por isso mesmo, facilmente manipulável, como os que, à maneira de Jorge Abelardo Ramos, líder da esquerda voltado para os problemas nacionais, passam a entender o peronismo como manifestação de uma ruptura na classe dominante, reforçada pela presença dos trabalhadores novos. Entretanto, a maior parte da esquerda qualificou a atitude de Perón como manipuladora ou demagógica em relação às massas. Porém, os trabalhos de Murmis e Portantiero e as investigações de autores como Hugo del Campo, Matsushita e também Torre não confirmam tais interpretações, mostrando ainda como foi central a participação no peronismo de velhos operários e antigos líderes políticos.¹⁸

Parece-nos, no entanto, que a importância dos trabalhadores do interior foi dada, não tanto por seu número, mas, sim, por se constituírem nos receptores diretos desse discurso inovador, como foi o de Perón, que falava para um grupo social tradicionalmente condenado como reacionário e feudal. De todas as críticas feitas à esquerda tradicional, por não ter conseguido uma inserção social

¹⁸ MURMIS, M. & PORTANTIERO, J.C. Op. cit.; DEL CAMPO, Hugo. *Sindicalismo y peronismo*; MATSUCHITA, H. Op. cit.; TORRE, Juan Carlos. *La vieja guardia sindical y Perón*.

efetiva, a que aponta para o desprezo pelos *criollos* parece-nos ser a mais importante para que se entenda o porquê do discurso de Perón ter tido tanta aceitação e eficácia, ao contrário do discurso de socialistas e comunistas.

Em termos da força combativa dos trabalhadores e da organização sindical, os anos 30 foram diferentes daqueles do final do século XIX e dos da primeira década do século XX. Logo após o golpe do general Ramirez, os sindicatos tomaram a situação com cautela, sem contestar violentamente o regime autoritário que se iniciava. Se, por um lado, se tratava de mais uma conjuntura política em que os militares ganhavam poder – e, nesse sentido, surgiam expectativas, nada auspiciosas, de um regime conservador em confronto com os sindicalistas –, por outro, as medidas econômicas não eram de todo prejudiciais para os trabalhadores: congelamento dos aluguéis e dos preços da cesta básica eram uma forma de proteção para os setores populares. Apenas os comunistas denunciaram, desde o primeiro momento, o caráter reacionário desse golpe.

Nesses anos, o movimento sindical não consegue compor uma força nacional organizada nem consolidada. No início do século havia mais entusiasmo. Nos anos que antecederam Perón, a organização sindical se restringe às atividades de produção e exportação primária, tradicionais da Argentina, aos trabalhadores dos transportes, dos portos e dos frigoríficos. Todas elas, atividades voltadas para a economia agroexportadora. Como mostra Juan Carlos Torre,

Atrás ha quedado la gran efervescencia social de las dos primeras décadas del siglo, alimentada por la protesta de una masa inmigrante que se vuelve

contra la realidad proletaria que la aguarda al final del viaje emprendido para escapar a la pobreza de sus lugares de origen.¹⁹

Sob influência da guerra na Europa e das condições de esgotamento político da Argentina, os sindicalistas abandonaram o rígido princípio de “prescindencia política” e, no seu lugar, levantaram as bandeiras dos direitos trabalhistas junto aos valores democráticos. Mas, a idéia de independência política e ideológica que poderia ter sido forjada no sindicalismo por esta via, logo foi surpreendida, a partir do governo de Perón, como um novo poder que prometia atender todas as demandas da classe trabalhadora, que vinham sendo adiadas por mais de três décadas.²⁰ Instaurou-se, assim, um canal de contato com Perón, enquanto se esvaziavam as tentativas de independência do movimento sindical.

Perón agiu rapidamente. Diante das greves, da *Secretaria de Trabajo y Previsión* negocia com os líderes sindicais comunistas e socialistas da velha guarda, aceita os termos exigidos pelos negociadores, consegue por um fim a antigos conflitos e compromissos políticos com os trabalhadores, tira líderes da prisão. Sua tática é dupla: benefícios para os menos combativos e coerção para os opositores.

Durante o governo de Perón, o Estado adquiriu autonomia exclusiva para a definição dos conflitos trabalhistas. Tal autonomia, segundo Perón, consistia em manter “el papel de fiel de la balanza capital-trabajo”, o que criava, além de tudo, um clima adequado para

¹⁹ TORRE, Juan Carlos. Op. cit., p. 40.

²⁰ Idem, *op.cit.*, cap. II.

que o Estado pudesse se dedicar a enfrentar os baixos níveis de salários, e o déficit de longa data, que afetava os setores populares.

As políticas anteriores ao peronismo foram decorrência da aliança liberal-conservadora, preocupada com a exportação de carnes e com a produção agropecuária. Tratavam-se de políticas que tinham concentrado os esforços nacionais no favoritismo da relação de dependência com a Grã-Bretanha. A carne e os cereais argentinos se destinavam a Inglaterra e, de lá, se importavam os manufaturados. Houve, ainda, a tentativa de praticar uma política contrária à tradição liberal-conservadora, baseada na busca de uma certa autonomia, através do desenvolvimento da indústria em formação; contudo, a matriz desta política nacionalista consistia de uma aliança entre setores médios e a burguesia de capital nacional, que não tinha conseguido prosperar até então. Nas presidências de Yrigoyen, de fato, o princípio de “prescindencia política” dos sindicatos tinha se mostrado uma estratégia adequada para promover as negociações com o governo, dado ser este um governo que surgiu com uma amplitude de interesses, que incluía também os setores médios e populares.

O clima, quando da chegada de Perón à presidência, se adequava ao protecionismo e ao florescimento do Estado em seu papel industrializante, ao mesmo tempo em que a situação econômica internacional também resultava propícia: o fechamento progressivo das economias, na Segunda Guerra, motivou certo protecionismo; a necessidade de alimentos por parte da Europa estimulou a demanda externa dos produtos argentinos.

Nos anos iniciais do peronismo, prevaleciam as idéias vigentes em quase todo o mundo acerca da incerteza das economias de

predomínio agrícola. A Crise de 30 e a Segunda Guerra tinham reforçado a idéia de se buscar uma economia com certo grau de autonomia. Desse modo, pois, a tentação de propor uma estratégia unificada dos muitos interesses desencontrados da sociedade argentina tomou forma com Perón. A opção pela industrialização possibilitou o surgimento de atividades que deram impulso à economia argentina, ao mesmo tempo em que se tornava possível a inserção econômica de setores sociais, até então relegados pela dependência argentina dos produtos estrangeiros. A isto se soma o fato de o peronismo ter elaborado uma política que integrava as medidas intervencionistas pró-empresas, àquelas medidas sociais favoráveis aos assalariados.

Este contexto de integração da sociedade em torno da industrialização do país e os saldos de divisas existentes, quando do início do governo de Perón, permitiram enfrentar os compromissos populares. Deu-se, assim, uma espécie de *sozialpolitik*, inovadora e de grande alcance. Foram aprovadas leis sociais, tais como direito a férias remuneradas, 13º salário, indenização por demissão e assistência médica.

A *sozialpolitik* de Perón o diferenciou dos governantes anteriores. Estes também se defrontaram com as carências da população trabalhadora, mas as reduziram a oportunidades de promoção eleitoral, ou, simplesmente, as desprezaram como coisa inoportuna, desajustada em relação ao imaginário da aliança dominante. Nesse sentido, é consenso que o déficit social transformou-se em terreno propício à consolidação de Perón como líder indiscutível das massas.

Durante a primeira presidência de Perón, a política econômica seguiu a linha protecionista e intervencionista. Apoiar o

desenvolvimento do mercado interno, embora não tivesse sido idéia original de Perón (um projeto da *Unión Cívica Radical*, de 1941, objetivava a instalação de novas indústrias e dava preferência às matérias-primas nacionais), constituiu-se em uma das estratégias essenciais da primeira presidência peronista: promoção da indústria nacional (pequena e média) e favorecimento da política de empregos.

O processo de substituição de importações, impulsionado a partir da Segunda Guerra, possibilitou a consolidação das empresas nacionais. No entanto, relativamente a este ponto, as restrições apareceram nas dificuldades da Argentina para renovar o estoque de maquinarias do setor, ao mesmo tempo que os EUA pressionavam, restringindo as possibilidades de incorporar novas técnicas e máquinas. Perón, em resposta, adota uma política externa contrária ao alinhamento aos EUA.

O intervencionismo de Perón foi radical. Estradas de ferro, transporte urbano, empresas de capital alemão e o comércio exterior do país foram estatizados. Este último, como forma de resolver o grave problema da queda do salário real, frente à recuperação da demanda externa, devido ao fato dos bens que compõem centralmente a cesta básica da população serem os principais produtos da cota de exportações argentinas (carnes e cereais). Assim, a qualidade exportável dos bens-salário se converteu na condição da estatização do setor externo, possibilitando, com isto, tanto o controle do poder de compra dos salários, como um meio de dispor das divisas geradas pelo comércio internacional, que outrora consolidaram o poder da oligarquia rural. O setor externo converteu-se no epicentro do

antagonismo entre os assalariados e a oligarquia, entre o nacionalismo e a tradição liberal da Argentina.

Celso Furtado, na obra *La Economía Latinoamericana*, considera que a primeira gestão de Perón “constituye un ejemplo pionero en América Latina de tentativa de someter las exportaciones al control del Estado”.²¹

Criou-se o *Instituto Argentino de Promoción para el Intercambio* (IAPI), órgão que monopolizou a compra da produção agropecuária local e sua venda ao exterior, e cuja renda financiou o desenvolvimento industrial. Sobre este ponto, assinala Halperin Donghi:

los mecanismos de control legados por los conservadores fueron ahora utilizados para subvencionar no al sector primario sino al industrial; el mantenimiento del valor oficial del peso abarata las importaciones, limitadas a combustibles y materias primas industriales, sacrificando los lucros de los productores primarios para la exportación.²²

Perón foi majoritariamente reeleito em 1951. Antes disso, contudo, a Constituição nacional tinha sido reformulada para possibilitar sua segunda candidatura. Desta vez, a gestão peronista defrontou-se com sérias dificuldades: a morte de Eva, em julho de 1952; o clima econômico, que não era mais aquele que prevaleceu na primeira presidência; a escassez de divisas; a queda na produção agropecuária e os limites do orçamento estatal que acabaram por reverter a política nacionalista em direção à busca de capital estrangeiro. Em termos da situação internacional, a conjuntura também

²¹ FURTADO, Celso. *La economía latinoamericana, formación histórica y problemas contemporáneos*, p. 221.

²² HALPERIN DONGHI, T. *Historia contemporanea de América Latina*, op. cit., p. 392.

era outra. A Guerra Fria dividia o mundo em capitalismo e comunismo, o que também delimitava os rumos dos fluxos de capitais.

A complexidade do quadro econômico intensificou-se ainda mais frente aos sérios problemas de organização e capacidade limitada de crescimento que afetavam as empresas públicas. O déficit de alguns órgãos transformou-se em um peso para as finanças públicas, dificultando a já restrita capacidade de oferta desse setor. Assim, ao estrangulamento produtivo, sucederam-se a inquietude social e a inflação. Além disso, à medida que os subsídios estatais, defendidos por Perón para as empresas nacionais, começaram a se restringir, os investidores, sentindo-se menos protegidos, abandonaram os projetos nacionais e, se dirigiram para atividades financeiras menos produtivas, porém mais preservadas da inflação.

Em 1952, Perón anunciou um novo plano econômico. Desta vez, a *sozialpolitik* perde espaço para o controle da inflação e as medidas redundam em volta da contenção do gasto público e do controle de preços. O ponto crucial para o nacionalismo econômico de Perón esteve marcado pelo fato do mesmo necessitar de novos financiamentos e, como consequência, de ter que implementar medidas que atraíssem capitais externos para o país. Paralelamente, Perón, reforça seu diálogo com as massas:

En los tiempos de abundancia gozaremos todos y todos soportaremos los tiempos de crisis. Eso es lo solidario y eso es lo justo, ya que todos somos factores de éxito o causa de insucesos. Tampoco creemos en la eficacia, como medida económica, de rebajar sueldos y salarios, que, disminuyendo el volumen del poder adquisitivo, lleva a una atonía contraproducente a todos los sectores de la economía. Tenemos más fe en las calidades y cualidades de nuestro pueblo y de nuestros hombres,

que, estimulados en su haber, sabrán hacer honor a nuestra confianza produciendo más, consumiendo menos y ahorrando lo conveniente.²³

As reservas de divisas e o endividamento do setor público tinham possibilitado a Perón financiar sua política popular, entretanto, divisas e empresas públicas chegaram ao limite de suas capacidades, anulando assim quaisquer possibilidades de gastos sociais.²⁴ Perón fica acuado. Por volta de 1955, depois de encaminhada a reconstrução européia, os fluxos internacionais do capital financeiro voltaram a se orientar para América Latina, imprimindo, como consequência, novas transformações no mapa de alianças políticas da Argentina. Os limites impostos pelas condições econômicas internas e externas reanimaram as críticas dos setores opostos ao peronismo. Vários setores da sociedade argentina desenvolveram ressentimentos contra Perón e o peronismo. Boa parte da Igreja se sentiu desafiada pelas atitudes e declarações de Perón. A oligarquia e os setores mais poderosos da burguesia nacional também sentiam profunda antipatia pelo peronismo. Os militares, antiperonistas neste contexto, também se sentiram impulsionados ao antiperonismo. Assim, quando a situação se tornou mais complexa, o peronismo foi perdendo a capacidade de se manter no governo.

²³ Discurso de Perón: Para que cada argentino sepa como lo debe hacer, PRESIDENCIA DE LA NACIÓN, SUBSECRETARIA DE INFORMACIONES, Buenos Aires, 1952.

²⁴ A situação que, progressivamente, colocou limites a ação de Perón quanto à política de justiça social, emprego e salários é considerada como a manifestação do esgotamento de uma forma de acumulação, baseada na distribuição da renda nacional e no desenvolvimento do mercado interno. Ver PERALTA RAMOS, Mónica. *Acumulación del capital y crisis política en Argentina (1930-1974)*.

CRONOLOGIA II

Séc. XX

- 1905 É aprovada lei trabalhista, apoiada pelos socialistas, que dispõe sobre o descanso aos domingos.
- 1914-1916 Presidência de Victorino de la Plaza.
- 1907 É aprovada lei trabalhista que regula o trabalho feminino e infantil, por influência do deputado socialista Alfredo Palacios.
- 1910 Comemoração do "Centenário" da *Revolución de Mayo*.
- 1912 *Ley Saenz Peña* estabelece o direito de voto, secreto e obrigatório, para os homens.
- 1916-1922 Primeira presidência de Hipólito Yrigoyen. Em Córdoba é iniciada a Reforma Universitária que se estende a Buenos Aires.
- 1919 É criada a Liga Patriótica Argentina para combater as organizações operárias. Repressão de manifestação operária: *La Semana Trágica*.
- 1922-1928 Presidência de Marcelo T. de Alvear.
- 1928-1930 Segunda presidência de H. Yrigoyen.
- 1930 Organização do primeiro sindicato nacional, Confederación General del Trabajo (CGT). Golpe de Estado do General José F. Uriburu (1930-1932).
- 1932-1938 Governo do General Agustín P. Justo.
- 1938-1942 Presidência de Roberto M. Ortiz. Ortiz é substituído pelo conservador Castillo, devido a problemas de saúde.
- 1943 Golpe de Estado de militares do GOU (dentre eles, Perón). O general Pedro Ramirez assume o governo (1943-1944). Perón é designado Subsecretário de Guerra.
- 1944 Golpe de Estado do General Farrell (1944-1946). Cresce a influência política de Perón.
- 1945 Movimento popular para a liberação de Perón, conhecido como *17 de octubre*.
- 1946 Primeira presidência de Perón.
- 1947 Direito de voto para as mulheres.
- 1949 Nova Constituição Nacional. Conserva em grande parte a Constituição anterior (1853), porém incorpora elementos da Doutrina Peronista e possibilita a reeleição do presidente.
- 1949 É criado o *Partido Peronista Femenino*, liderado por Eva Perón.
- 1952 Perón é reeleito presidente.
- 1955 Golpe de Estado do General Eduardo Lonardi. *Revolución Libertadora*. É reestabelecida a Constituição de 1853. No mesmo ano, um novo golpe militar depõe Lonardi e nomeia o General Pedro E. Aramburu presidente (1955-1958).

Nesse mesmo ano, uma aliança entre conservadores, comunistas e socialistas derrocou Perón, no Golpe de Estado conhecido como “Revolución Libertadora”. Perón exilou-se, seu partido foi proscrito e os principais líderes sindicais perderam seus cargos, sendo, na maior parte dos casos, encarcerados.

A partir de então, os golpes se repetiram na história política argentina. A sociedade não era mais a mesma e os golpes funcionaram como tentativas (sempre frustradas) de administrar, e mesmo de evitar a presença incômoda do peronismo. O surgimento do peronismo, no entanto, mostrou, ainda que de maneira confusa, em que medida pesava no jogo político a força social das massas. E, de modo mais claro, em que medida essa força estava irreversivelmente vinculada a Perón. Ranis assinala:

Perón's ability to keep hostage for three decades in his roles as twice-elected “líder”, as exiled “caudillo”, and president once more.²⁵

3. Aspectos da ideologia peronista

O peronismo emergiu, politicamente, agrupando trabalhadores e sindicatos, na esfera de uma política trabalhista desenhada por Perón. Aos poucos, e diante da força crescente que começa a ter Perón, diferentes setores da sociedade argentina vão aderindo. A esquerda perdeu tempo. Primeiro, rejeitou qualquer aliança com os setores

²⁵ RANIS, P. Early peronism and the post-liberal argentine state, p. 313. “A habilidade de Perón para tomar como refens (a classe trabalhadora) por três décadas e se eleger “líder”, se exilar como *caudilho*, e se tornar presidente mais uma vez.” [Parênteses meus]

médios da burguesia nacional e com os trabalhadores das regiões mais atrasadas, depois, assumiu a postura de formar frentes de maior abrangência social, entretanto sempre subordinada ao conflito internacional.

Militares afetos a Perón, padres da igreja católica, setores nacionalistas, empresários, todos, coesos, reforçam o peronismo. O movimento ganha um partido político, criado a partir do arcabouço de um partido popular preexistente. Desdobra-se, ainda, nas “ramas” *feminina e juvenil*. Mais do que isso: o peronismo é internalizado por vários setores sociais, em especial pelos mais pobres, como um sentimento de identidade que as pessoas começam a vivenciar. Diz James:

Para los que aspiraban ocupar posiciones de poder en la burocracia y la máquina política el peronismo era un conjunto de políticas formales, para los empleadores la garantía del control de las masas y la expansión del mercado interno, para algunos sectores de la clase media el peronismo representaba mayores oportunidades de empleo. Para la masa obrera, la política social era importante, pero no agotaba el significado del peronismo, era la visión de una sociedad más digna, era una cultura de oposición a las normas tradicionales de la elite.²⁶

Devido à multiplicidade de setores sociais e instituições que conformam o peronismo, os problemas de análise se apresentam a partir daquilo que se considera no termo “peronismo”. Na verdade, o peronismo resiste a qualquer definição precisa. Na literatura a esse respeito peronismo podem ser encontradas diversas formas de

²⁶ JAMES, Daniel. *Resistencia e integración*, p. 56.

concebê-lo e de interpretar sua origem, suas lutas internas, as posições de Perón.

As definições sociológicas, por exemplo, se voltam para as possíveis formas de alianças de classe que sustentaram o peronismo, embora a composição de classes nele se altere tanto quanto sua própria ideologia. Por isso, boa parte dos estudos surge de alguma forma de seleção de seus múltiplos aspectos componentes. Entretanto, na maioria das vezes, tais análises reduzem elementos cruciais à compreensão do peronismo enquanto movimento social.

Dois estudos, de singular relevância para a análise de peronismo e esquerda, observam esta multiplicidade do fenômeno, apontando para a necessidade de conceber o peronismo como sendo um movimento político e social. Richard Gillespie (1982) e Daniel James (1988) estudaram, de modo independente, o peronismo e seus alcances sociais e ideológicos, sobretudo interpretando os períodos mais recentes da história argentina, nos quais peronismo e esquerda se confundem.²⁷ Ambos autores convergem quanto a necessidade de se observar o peronismo como movimento social, apontando para o risco de se reduzir o mesmo a algum de seus aspectos componentes. “En otras palabras”, diz Gillespie:

el peronismo se desarrolló como movimiento tanto social como político, y fue eso lo que le dio su gran vitalidad, dinamismo y espontaneidad, aunque también su debilidad orgánica.²⁸

²⁷ Idem, op. cit.

²⁸ Richard Gillespie, autor de *Soldados de Perón*, 1979, é cientista político. A obra em questão é resultado de sua tese de doutoramento – *The Peronist Left*, defendida na Universidade de Liverpool, em 1979, e de seus trabalhos de atualização que incluem os anos da ditadura militar na Argentina. O livro teve sua primeira edição em 1982, em inglês. Em 1987 foi traduzido e publicado na Argentina.

A literatura sobre Perón e peronismo já completou meio século. Os enfoques são diversos, pois diversa é a composição social do peronismo, e variável a posição de Perón diante de diferentes situações sociohistóricas. Mesmo estudos preocupados em encontrar uma categoria conceptual que possibilite uma análise mais aprofundada da natureza do peronismo, defrontam-se com a complicação que representa qualquer tentativa de definição mais operacional do mesmo.

O problema conceptual resulta do fato do peronismo se sustentar não apenas numa base popular, mas também num conjunto de setores da burguesia, que se alteram em cada aliança. O discurso político peronista, recurso para integrar diferentes setores da sociedade argentina, sofre também as modificações que o acomodam em cada conjuntura política e social, fazendo com que, finalmente, seu espectro ideológico se alargue. Como explica Gillespie:

Muchos comentaristas han permitido que el problema de cómo debía caracterizarse el peronismo fuera dominado exclusivamente por las controversias sobre su identidad social y política, quitando así toda importancia a la condición de *movimiento* del peronismo. Al resaltar este último rasgo, se destaca no sólo el hecho de que el peronismo está compuesto de fuerzas sociales y clases verticalmente integradas, en contraste con la base horizontal de clases de muchos partidos, sino también la particularidad de que la condición de miembro del partido era más un asunto de identificación que de afiliación.²⁹

Daniel James também é inglês. Sua obra, *Resistencia e integración*, foi publicada em 1988, em inglês e, em 1990, em espanhol. JAMES, Daniel. Op. cit.

²⁹ GILLESPIE, R. Op. cit., p. 43.

No mesmo sentido, James afirma que se deve falar do movimento peronista, evitando concebê-lo como sendo monolítico, para que assim, não se pulverize importantes aspectos da compreensão do mesmo, associados à participação dos diversos setores da sociedade argentina. Sobretudo, James alerta para que não perca de vista a esfera emocional da relação entre Perón e os setores populares, uma vez que qualquer restrição nesse sentido pode obscurecer a análise.³⁰

Aqui, consideramos que o estudo do peronismo e da esquerda, na história social e política, não deve levar a uma redução da complexidade da Argentina, à maneira de um conjunto completo e coerente, ou mesmo unívoco, de elementos que explicam essa realidade. Pelo contrário, damos destaque aos aspectos emocionais, que estão na raiz da relação do peronismo com as bases populares, não por considerá-los o ápice do irracionalismo da política argentina, mas por entendermos que os elementos emocionais, assim como outros traços que destacaremos ao longo deste trabalho, permitem compor o perfil da cultura popular argentina.

O movimento peronista é maior que o partido peronista, que o sindicalismo peronista e maior ainda que Perón. Abrange, na verdade, todos eles. A natureza desta dimensão de movimento social do peronismo emerge no plano empírico quando, por exemplo, se observa a diferença entre o âmbito restrito ao partido (os dirigentes e os militantes oficialmente cadastrados) e aquele dos simpatizantes, que é muito maior, porque estes vêm de todos os setores sociais.

³⁰ JAMES, D. Op. cit.

Analogamente ao que acontece quando se compara o partido peronista e o povo peronista.

Todavia, a variabilidade do discurso político peronista, que contribui para aumentar a complexidade do fenômeno, cria um obstáculo à análise de sua ideologia, devido à frequência de tais alterações. Por exemplo, relativamente à infundável polêmica sobre “direita” e “esquerda” dentro do peronismo, aos sentidos controvertidos dos discursos de Perón e ainda às adesões de opositores de grupos diferentes, tudo leva a pensar que não é no plano ideológico que o peronismo sustenta sua continuidade.

A sobrevivência do movimento, entretanto, testada durante boa parte de sua história, está associada justamente a essa capacidade de metamorfose do discurso peronista e de sua ideologia. O movimento peronista precisou mobilizar, através de símbolos, frases, metáforas e ações, sentidos que pudessem assegurar a continuidade do movimento. Postulamos que a unidade Perón-povo é seu maior capital político-social.

John B. Thompson considera que o conceito de *ideologia* pode ser usado para se referir às maneiras como o sentido e os significados que se produzem no imaginário social servem para estabelecer relações de poder.³¹ A análise exige a investigação dos contextos sociais, dentro dos quais as expressões, formas simbólicas, gestos, etc., são empregados e articulados. O que Thompson chama “construção criativa” do sentido depende, então, do contexto social específico em que a ideologia surge.

³¹ THOMPSON, J.B. *Ideologia e cultura moderna*.

No caso do peronismo, em termos ideológicos, a “capacidade criativa” para gerar, em situações diferentes, sentidos e significados que fazem parte do pensamento dos setores populares é extraordinária. Diante de cada conjuntura política, o peronismo teve um campo de significados possíveis que contribuíram com a sua sobrevivência.

O fato do discurso político e da ideologia peronista serem produto de circunstâncias históricas particulares e, sobretudo, de se alterarem segundo o movimento destas últimas, constitui – mais do que um dos problemas centrais dos estudos sobre o peronismo –, a característica principal da sua natureza. A essência da continuidade do peronismo está na sua mutabilidade político-ideológica.

Este é um aspecto sem precedentes na história política argentina. A crítica política que até os anos 40 dominava na Argentina, quando do surgimento do peronismo, se restringia àquela que faziam os socialistas e comunistas: era mais contínua e coerente em seu quadro teórico, se comparada à trajetória discursiva do peronismo. Entretanto, consistia numa visão do capitalismo segundo a situação europeia (certamente, uma visão simplificadora da própria realidade europeia), condenada ainda pelo recurso de uma linguagem intelectualizante. Por assim dizer, numa impossibilidade técnica, quando se toma, por exemplo, o setor social dos trabalhadores do interior do país, acostumados a um universo pautado por referências éticas, culturais e históricas bem diferentes das dos imigrantes europeus.

O caso de um líder político como Hipólito Yrigoyen, da UCR, nas primeiras décadas do século XX, que mobilizou os setores médios e, em parte, os populares, foi um antecedente importante da oposição política argentina, mas, aí, oposição e crítica se centraram na defesa dos

proprietários das explorações rurais, de pequeno e médio porte, e, por isso, sua abrangência foi mais restrita. Destaque-se, ainda, que a oposição de socialistas e comunistas à UCR foi extrema, devido a seu desprezo pelo papel das burguesias nacionais nos países latino-americanos.

O peronismo surgiu de forma inovadora: criticou a ordem vigente, evitando qualquer adesão ao marxismo e à esquerda política. Assim, a saída possível para quem, na época, resistisse a se declarar a favor de capitalismo ou socialismo, foi a que se sustentava na difícil tentativa de promover a autonomia nacional.

Contudo, os conteúdos ideológicos e as operações discursivas de Perón não se esgotam neste movimento. James mostra como o peronismo atua, na verdade, em duas esferas ideológicas, uma oficial e outra herética que, às vezes, chegam ao paradoxo.³²

No governo, o peronismo foi desenvolvimentista, nacionalista, trabalhista e antiliberal. Peron, culpava o liberalismo de desintegrar a classe social com sua visão de indivíduo. De fato, no governo preocupou-se claramente com os setores populares, embora o tenha feito buscando harmonizar capital e trabalho. Nesse jogo, Perón transformou-se em referência absoluta, resultado e sua ascendência sobre as massas. Aumentou salários e benefícios sociais como nunca havia sido tentado na Argentina, porém, se e quando necessário, mandava seu recado às massas: “de casa al trabajo y del trabajo a casa”.

E foi bem mais longe! Fora do governo, inibido dos direitos políticos e exilado, dedica-se a reviver e animar as forças e sentimentos

³² JAMES, D. Op. cit.

que outrora inculcara nas massas. Ao contrário de seu discurso oficial, harmonizante e nada revolucionário, na arena da crítica, e fora do poder, desenvolveu a capacidade de arrancar os sentimentos mais ferozes das bases populares, contra as alianças estabelecidas. Há uma linha direta de conexão entre Perón e as massas, que foi construída mediante um discurso que deu, pela primeira vez, nome às latências e sentimentos das pessoas excluídas, conseguindo, com isso, manifestar-se como sentimento dos trabalhadores e dos pobres. Discurso que foi estrategicamente insuflado por Perón nas décadas de 60 e 70. Nesse plano, Perón e o povo se fundiram numa relação única.

As palavras de Perón, numa das suas cartas no exílio, ilustram a dimensão herética da ideologia peronista:

Em primer término, de acuerdo con el precedente sentado por la dictadura, se entregará al Pueblo todos los bienes de los oligarcas y gorilas que han participado, creando igualmente una entidad de restitución patrimonial que se encargará de someter a todos a una confiscación total. Dentro de ello los que tomen una casa de oligarca y detengan o ejecuten a sus dueños, se quedarán con ella. (Perón, Caracas, 22 de junho de 1957).

Para James, a natureza do discurso peronista é dupla.³³ De um lado, o peronismo anuncia sua postura nacional-desenvolvimentista; de outro, seu contradiscurso, crítico e ancorado nas necessidades dos setores populares. Assim, a ideologia peronista se desenvolve em dois planos paralelos, um deles, formal ou oficial, o outro, popular ou contradiscurso. O discurso formal articula o equilíbrio de classes, o popular, propicia o confronto.

³³ Idem, op. cit.

Embora, à primeira vista, paradoxal, a assimetria ideológica do peronismo atua dando continuidade ao movimento social, ao invés de esvaziá-lo, de esgotá-lo no arriscado jogo da incerteza ideológica, característica que potencializou o poder comunicativo com as massas.

Isto talvez se explique pelo fato das categorias e conceitos que fazem parte das representações coletivas terem, em boa medida, natureza emocional. É verdade, porém, que as categorias do discurso peronista – que variam do nacionalismo ao marxismo nacional, do capitalismo ao socialismo, da democracia à luta armada – não são completamente ocas ou carentes de referências à realidade político-social da qual emergem. Contudo, o que realmente impera no domínio da relação Perón-povo é o efeito emocional que qualquer categoria poderia veicular, sempre que apropriadamente contextualizada.

A dupla constituição ideológica entre discurso formal e contradiscurso do peronismo, explicada por James, é uma contribuição importante quanto a isto, na medida em que ajuda a compreender porque o peronismo se movimenta com tanta descontinuidade ou ruptura ideológica. Nos anos 40 é “trabalhista”; nos 50, “moderado”; nos 60, “radical” e nos 70 um conjunto de posições e de crenças tragicamente desencontradas.

A continuidade histórica do peronismo não repousa, por tanto, na unidade de sua ideologia e, sim, num sustento, em boa dose emocional, característico da relação Perón-povo, que aqui apontamos, mas também combinada com a idéia de inclusão social e política dos setores populares. De maneira que a identidade do peronismo não pode ser atrelada à especificidade de sua ideologia, com risco de se fixar numa série de conteúdos e expressões datadas, que logo depois se

alteram com o curso dos fatos. Não se deve, por outro lado, desprezar o modo como o contexto de forças da sociedade argentina altera o discurso peronista. Esta é, na verdade, a matriz significativa de todos os discursos do peronismo.

De acordo com o embate das forças sociais na Argentina se cria um campo de significação possível para os enunciados e as palavras de Perón e para as interpretações que aliados e inimigos fazem dela. São produzidos, assim, diferentes efeitos sobre o próprio movimento social, de acordo com os diferentes contextos políticos em que são lançados os discursos de Perón. Mais ainda: é produzida uma verdadeira “fábrica de sentidos”, a partir de cada grupo peronista, o que, por vezes, leva ao colapso.

Não havendo, portanto, continuidade temporal de quaisquer das vertentes do pensamento peronista, cabe, nesse sentido, esperar tanto peronistas de esquerda quanto de direita, reformistas e revolucionários, sempre, e em todos os casos, sob o rótulo de peronistas. A articulação do poder político no peronismo ora se concentra no partido ou nos sindicatos, ora em ambos, mas, segundo o momento da história política argentina, o peronismo tem que sobreviver através dos grupos de resistência, na ilegalidade, excluído do estado, próximo do povo. O contexto sócio-político é o que, no caso do peronismo, funciona como mecanismo de suporte para essa “construção criativa” de sentidos e significados daquilo que diz Perón.

Há momentos em que o peronismo tem condições de implementar uma política social e acalmar os ânimos da base popular, mas há outros em que está interdito, e tendo que investir em sua

crítica opositora ao governo, e seus meios não são outros senão as organizações ilegais e seu discurso de oposição.

4. As origens do peronismo: interpretações

A literatura sobre Perón e o peronismo tem mais de cinquenta anos. Os enfoques são diversos, pois diversa é a composição social do peronismo e variável a posição de Perón frente às diferentes situações sociohistóricas. Em balanço não-exaustivo da literatura peronista, identificamos mais de sessenta obras publicadas, tendo este tema como objeto específico; mais de quatorze obras que têm Perón como autor; pelo menos cinco biografias de Perón; mais de cem artigos em revistas e/ou jornais que têm o peronismo como tema central, ou como assunto vinculado a questões ideológicas e/ou políticas, sendo que pelo menos dez jornais correspondem à fase da Resistência Peronista.

Parte dessa literatura é do tipo jornalístico e/ou panfletário, com crônicas de eventos históricos e assuntos polêmicos, de interesse entre leitores argentinos. Outra parte, do tipo acadêmico, conta com obras analíticas e históricas, que também funcionam como obras de difusão, de leitura corrente entre os leitores argentinos.

A literatura acadêmica sobre o peronismo se concentra em elucidar sua origem – na verdade, suas várias origens –, para, a partir dela, compreender os alcances e limites deste fenômeno social. O ponto de partida obrigatório é a configuração histórica de forças sociais dos anos 30 e 40, quando do surgimento do peronismo. Em tal configuração, os estudos se voltam para várias questões: inserção econômica de cada grupo social; capacidade das diferentes classes e/ou

grupos de interferir na política econômica; forma de expressão política; partidos; sindicatos, são todos aspectos envolvidos na explicação do peronismo. A obra de Murmis & Portantiero, *Estudios sobre los orígenes del peronismo*, publicada pela primeira vez em 1971,³⁴ converteu-se no ponto de partida obrigatório para toda a análise sociológica do tema.

O problema mais geral consiste em identificar o embate de forças sociais nos anos do surgimento do peronismo. *Murmis & Portantiero* apresentam uma série de interpretações do peronismo, surgidas até o final da década de 60, compondo um leque delimitado por dois modelos fundadores. Um deles (*tese clássica*) destaca a oposição interna da classe dominante argentina: oligarquia e burguesia industrial, confrontadas em torno de um assunto substantivo para a época – a industrialização.

O outro modelo, ao contrário, destaca a unidade da classe dominante na Argentina, que mesmo com diferenças de interesses internos – basicamente acerca da produção agrícola para exportação e desenvolvimento de uma indústria nacional –, consegue impor suas políticas tradicionais, se necessário recorrendo ao confronto com a classe trabalhadora e os setores populares.

O peronismo, na *tese clássica*, resulta desse confronto entre setores da classe dominante em torno do projeto de industrialização. A oligarquia, principal grupo social e econômico do país, defende a relação comercial com a Inglaterra, compradora tradicional dos cereais e carnes argentinos e vendedora obrigatória dos produtos manufaturados.

³⁴ MURMIS, M. & PORTANTIERO, J.C. *Estudios sobre los orígenes del peronismo*, op. cit.

O capital inglês estava implantado tanto na atividade agropecuária quanto no comércio, no sistema financeiro, nos frigoríficos e no transporte ferroviário. Em semelhante situação, desenvolver a indústria exigia decisões de investimentos que não faziam parte do horizonte dos donos das terras em que se criava o gado, protegido pela demanda cativa da Inglaterra.

A elite industrial, a seu lado, cria, neste contexto, certa identidade com os setores médios da burguesia, também interessados no desenvolvimento da indústria e, assim, incorpora a própria classe trabalhadora. A indústria nasce como projeto defendido por todos os que sofriam as conseqüências do predomínio, na política nacional, dos interesses oligárquicos. O peronismo, nesta versão, é a concretização de um projeto nacional que congregou todos os opositores da tradição oligárquica.

A esquerda nacional também pensa assim, Jorge Abelardo Ramos, um dos representantes da esquerda voltada para as questões nacionais, adota esta tese para explicar a passagem da Argentina agrícola para a industrial, insistindo ainda no fato de que, na verdade, a elite industrial não tinha para a Argentina um projeto acabado de industrialização, por isso outros setores mais decididos se mobilizaram em prol da indústria, principalmente o Exército, que manejava um importante complexo químico e de armamentos.³⁵

A esquerda nacional sempre colocou o interesse nacional acima dos interesses que diziam respeito à luta de classes. Assim, durante o governo de Yrigoyen, apoiou a nacionalização do petróleo mais

³⁵ RAMOS, Jorge Abelardo. *Revolución y Contrarevolución en la Argentina*.

fortemente do que se opôs à dura repressão das greves, na chamada Semana Trágica de 1919.³⁶

O peronismo, na visão de J.A.Ramos, surgiu ante a ruptura entre oligarquia e burguesia industrial, como uma força alternativa, aglutinadora de interesses comuns, mas que, sobretudo, assumia o compromisso inacabado da burguesia industrial: a consolidação da nação. Para a esquerda nacional, Perón havia beneficiado materialmente a classe trabalhadora. As práticas eleitorais, embora com traços corporativistas, tinham persistido durante o governo peronista. Havia no peronismo um compromisso pragmático com o desenvolvimento nacional, fundamental para a identidade com a esquerda nacional.

A revolução socialista, na verdade, devia ser precedida pela revolução nacional, que a burguesia industrial, sem projeto orgânico, não tinha conseguido concluir. O peronismo se transforma, conforme J.A.Ramos, no veículo que poderia conduzir à via socialista. Afirma ele: “Tal es el caso de la Argentina, donde la oligarquia terrateniente y la burguesia comercial han perdido el control exclusivo del poder sin que la burguesia industrial haya podido a su vez obetenerlo por entero”.³⁷ A opinião é compartilhada também por Rodolfo Puiggrós, que passa do comunismo ao peronismo.³⁸

³⁶ ROCK, David. La lucha civil en la Argentina: Semana Trágica de enero de 1919, *Desarrollo Económico*.

³⁷ RAMOS, J.A. *Breve historia de las izquierdas en la Argentina*, p. 176.

³⁸ PUIGGRÓS, Rodolfo. *El proletariado en la revolución nacional*.

Ainda na linha que privilegia o confronto interno da classe dominante argentina, estão os estudos que identificam coincidências entre oligarquia e burguesia industrial, embora mostrem que os acordos foram conjunturais, como foi o da identidade de interesses dos setores mais poderosos e conservadores da sociedade argentina que, no entanto, permitiram a instalação das indústrias nas décadas de 30 e 40. Esta visão reúne análises de cunho econômico.³⁹

Nos anos 60, havia tomado força a análise das chamadas “etapas da industrialização”. Os autores que trabalhavam na linha econômico-desenvolvimentista não escaparam de sua influência. Rostow, professor de história do Instituto Tecnológico de Massachusetts (MIT), tinha elaborado suas idéias sobre a trajetória das economias, indicando “etapas” pelas quais os países deveriam passar, no processo de crescimento econômico. Segundo o autor, eram necessárias algumas “pré-condições”, como um volume substantivo de investimentos, para viabilizar o chamado “arranque” para uma economia madura. No caso argentino, o próprio Rostow considera que, já na segunda década do século XX, o volume de investimentos estrangeiros tinha propiciado uma situação adequada ao crescimento.⁴⁰

Os trabalhos de Di Tella e Zymelman e de Aldo Ferrer analisam o crescimento que a indústria tinha experimentado na década de 30, mostrando que o mesmo superava os índices das décadas anteriores.

³⁹ DI TELLA, Guido & ZYMELMAN, Manuel. *Las etapas del desarrollo económico argentino* e FERRER, Aldo. *La economía argentina*.

⁴⁰ ROSTOW, W.W. *As etapas do desenvolvimento econômico*, p. 18.

Questiona-se, assim, a oposição ao desenvolvimento industrial, vinda da oligarquia. Comentam Murmis e Portantiero:

La consideración de estos hechos que a primera vista relacionan una élite conservadora, vinculada con intereses ganaderos, con el progreso de la industrialización operado en esa década en la sociedad argentina, abre un interrogante acerca de si el crecimiento industrial fue conscientemente impulsado por la élite conservadora o si se desarrolló a pesar de ella, como consecuencia no deseada de medidas que buscaban outro fin.⁴¹

Vários estudos tomam posição quanto ao problema. Na linha da *tese clássica* se postula também que o conflito interno da classe dominante argentina não obstaculizou objetivamente a indústria, na verdade, a oligarquia teria aceitado um tipo de industrialização restrito e dependente. Para uma parte da burguesia industrial isto foi bom. As atividades transformadoras de matérias-primas, diretamente vinculadas ao circuito agroexportador, deram aos seus proprietários (elite da indústria) um poder econômico-financeiro que os colocou no mesmo patamar da oligarquia. Por efeito dessa unidade relativa dos principais setores da classe dominante, os setores médios da pequena empresa nacional e das unidades agrícolas de pequeno porte, mais próximos dos setores populares, passam a defender uma industrialização mais ampla e autônoma, com implantação da indústria de base e expansão do mercado interno.⁴² Nesse jogo de alianças, os setores industriais médios se unem aos proprietários rurais, também de pequeno porte, e

⁴¹ MURMIS & PORTANTIERO. *Op. cit.*, p. 10.

⁴² FUCHS, Jaime. *Argentina: su desarrollo capitalista*.

todos eles, por sua vez, buscam a aliança transitória com a classe operária para viabilizar o projeto industrialista.

Na luta por uma saída para a Argentina, tradicionalmente agroexportadora e politicamente conservadora dos anos 30, as posições de cada setor foram, na verdade, nuançadas pelas possibilidades da hora. Cada setor da classe dominante pôs em ação, nesse processo de confrontos setoriais, sua capacidade de interferir no plano político.

A oligarquia o fez através da sua corporação, a *Sociedad Rural Argentina* (SRA), berço dos políticos conservadores; os pequenos e médios proprietários rurais, através da *Confederación de Asociaciones Rurales de Buenos Aires y La Pampa* (CARBAP), e também através de todas as sociedades rurais do interior do país. Estas últimas não tinham poder político e econômico suficiente para influir na seleta SRA, de Buenos Aires, formada pelos *estancieros* mais poderosos e melhor vinculados à lógica agroexportadora.

Nos setores da indústria, a clivagem se produz entre o setor monopólico da indústria formado, de um lado, pelo capital industrial nacional (Bemberg, Tornquist, Bunge & Born, Braun Menéndez) e pelo estrangeiro (os norte-americanos, General Motors, General Electric, Goffre Garbone & Cia., Moore & Mc Cormack), representados pela *Unión Industrial Argentina* (UIA) e, do outro, pelos setores médios da burguesia nacional e, sobretudo, dentro das Forças Armadas, que não têm ainda o poder econômico das grandes indústrias, mas representam uma força potencial importante para o desenvolvimento industrial (armamentos, aeronáutica, química e petroquímica).

Nas análises decorrentes da *tese clássica*, o peronismo é explicado a partir da ruptura entre setores aparentemente irreconciliáveis da mesma classe dominante (rural e industrial), porém, estudos sobre a industrialização argentina permitem dimensionar o grau dessa ruptura. Se o poder tradicional dos conservadores se manteve (como de fato aconteceu durante a década de 30), não obstante à turbulência desencadeada pela crise econômica internacional e diante das expectativas de reacomodação do comércio mundial, em boa medida isto se deu porque também a elite oligárquica soube ceder diante dos interesses da burguesia industrial, como forma de dar continuidade e sustentação política mais tradicional.

De fato, nesses anos, houve notável desempenho da indústria. Absorvia-se com as atividades produtivas o contingente de trabalhadores e as atividades urbanas se multiplicavam, porém, a indústria implantada na época foi, na verdade, a indústria leve e, não, a de base.

Os estudos de Diaz Alejandro apontam para a falta de interesse industrial dos empresários rurais, arrolando-se na linha da tese da oposição interna da classe dominante, se pensamos que a oligarquia não teria visto com bons olhos investir na indústria e, daí, o conflito entre interesses da burguesia industrial e agropecuária.⁴³

Outros autores, entretanto, apoiam a idéia de nesses anos, a indústria ter crescido de forma gradativa, sem uma elite rural inteiramente refratária à indústria. Dorfman considera os anos 30 como sendo “de formação industrial”, assentamento da indústria leve,

⁴³ DIAZ ALEJANDRO, Carlos. *Ensayos sobre la historia económica argentina*.

metalúrgica e química dedicadas ao abastecimento do consumo final e montagens. É só na década de 50 que as indústrias de maior dinamismo (siderúrgica, autopeças, química e petroquímica) passam de um terço para 40 % do total, mantendo-se, contudo, a liderança da indústria “vegetativa” ou de substituição de importações simples.⁴⁴

José Luís Romero considera que as políticas livre-cambistas do final do século passado foram as que prejudicaram o desempenho industrial, porém, neste século, uma vez assegurada pela elite conservadora sua cota de exportações, o objetivo industrial se consuma sem tanta oposição.⁴⁵

Estudos recentes confrontam a idéia da oposição oligarquia e burguesia industrial, contudo, com uma novidade: indicam que a indústria, longe de representar um antagonismo essencial aos interesses oligárquicos, configurou uma forma de extensão de seus negócios, das explorações rurais para a indústria, sempre dentro de uma mesma classe.

Azpiazu et alii, em estudo dos anos 80, confirma este traço de unidade da classe dominante argentina diante da industrialização, identificando os chamados complexos agrícola-industriais criados nos anos 30, como forma de extensão da atividade rural para a industrial, ainda sob a égide dos proprietários rurais: “Los grupos económicos diversificados originados en la industrialización de la renta agropecuaria sostenían la necesidad de introducir cambios sustanciales, dadas las transformaciones verificadas en el plano internacional”.⁴⁶

⁴⁴ DORFMAN, A. *50 años de industrialización en la Argentina: 1930-1980*.

⁴⁵ ROMERO, José Luís. *Breve historia de la Argentina*.

Vários trabalhos se voltam para a *Unión Industrial Argentina*, seu órgão representante, notando a falta de propostas e/ou projetos.⁴⁷ Mais do que projetos de industrialização houve, nestes anos, tentativas espontâneas ou conjunturais, sendo que o Exército foi um dos principais setores a se manifestar em favor da indústria nacional. Assim, o fato da burguesia nacional não ter um projeto claro e definido sobre suas estratégias econômicas, minimiza a idéia de que era realmente uma opositora da oligarquia.

Os setores sociais vinculados à indústria, longe de conquistar posições políticas em defesa da renovação da estrutura econômica argentina, de vocação agrícola, teriam subordinado seus interesses aos da elite rural. A classe trabalhadora, por sua vez, agora subordinada a Perón, facilitou o avanço do capitalismo argentino, as indústrias mais dinâmicas começaram a se estender, protegendo-se o mercado interno, sempre dentro dos cânones capitalistas, sem revolução burguesa e, sobretudo, sem revolução proletária.

A concepção de uma classe dominante argentina, como mais integrada que separada por brigas setoriais, desloca o confronto da sociedade argentina – ao contrário da *tese clássica* –, para classe dominante e trabalhadora. É o caso dos estudos inscritos dentro do segundo modelo analisado por Murmis e Portantiero. Não que a unidade da classe dominante carecesse de conflitos internos ou

⁴⁶ AZPIAZU, D.; BASUALDO, E. & KHAVISSE, M. El nuevo poder económico en la Argentina de los años 80, p. 29.

⁴⁷ MURMIS & PORTANTIERO. Op. cit.; PEÑA, Milciades. *Fichas de investigación económica y social*; O'DONNELL, G. Estado y alianzas en la Argentina: 1956-1976, *Desarrollo Económico*; RAMOS, J.A. *Breve historia de las izquierdas en la Argentina*, op. cit.

diferenciações, mas sempre, mesmo com atritos, seus mecanismos de sobrevivência lhe permitiram preservar as formas tradicionais de dominação. Afinal, a crise de 30, que pôs em cheque a elite argentina, foi contornada, no terreno político, pelo desgaste e a corrupção, e, no econômico, por um complexo processo de extensão de investimentos agrícolas para a indústria que favoreceu enormemente a posição da elite no restante do século XX.⁴⁸

Quando do surgimento do peronismo e da manifestação de força da classe trabalhadora diante do medo que nos anos 30 e 40 causava o comunismo, Perón veio propor a possibilidade de um equilíbrio entre capital e trabalho, ancorado em sua indiscutível influência popular. Embora, quanto a isto, a própria elite tenha demorado a compreender Perón e a perceber o caminho que este apontava.

Murmis e Portantiero, em crítica à *tese clássica*, assinalam o trânsito fluido entre as corporações dos setores rural e industrial, a *Sociedade Rural Argentina* e a *Unión Industrial Argentina*. Houve bom diálogo entre elas. Os industriais e, em geral, os empresários argentinos que se enriqueciam com a lógica agroexportadora, rapidamente apreenderam os comportamentos estrangeiros da aristocracia argentina.

Milcíades Peña é um autor militante da esquerda. Seu pensamento se inscreve na linha que, diferentemente de Ramos, desafia a tese da ruptura interna da classe dominante, assinala elementos que mostram sua unidade mais forte que qualquer separação interna. Peña esclarece, porém, que unidade não deve ser entendida como identidade plena.⁴⁹ Ambos setores da classe dominante não compõem uma

⁴⁸ PEÑA, M. La clase dirigente argentina frente al imperialismo.

⁴⁹ PEÑA, M. Op. cit.

entidade sem fissuras e confrontos, exemplo disto é o discutido “*Plan Pinedo*”, projeto econômico levado ao Congresso Nacional em 1940, que tinha como finalidade “industrializar para a exportação”, de forma a superar os apertos que a Crise de 1929 ocasionara na economia e equacionar a nova e crescente influência do capital norte-americano na Argentina.⁵⁰

Pinedo era homem da elite e havia ocupado o cargo de Ministro da Fazenda durante a presidência de Agustin P. Justo (1932-1938). Nessa gestão, tinha criado o Banco Central e as *Junta Nacional de Carnes* e *Junta Nacional de Granos*, para regular a produção do setor primário, após a Crise de 1929. Tinha, também, fixado taxas alfandegárias para controlar o impacto do setor externo na economia doméstica e evitar os prejuízos do setor industrial. A UIA, a seu lado, considerara satisfatória a gestão de Pinedo.

Em 1940, a segunda intervenção de Pinedo na política nacional deu-se através do chamado “Plan Pinedo”, que representa o primeiro documento de Estado a considerar a possibilidade de modificação do modelo econômico tradicional, baseado na exploração rural para incorporar metas industriais, embora tais metas fossem restritas à indústria de transformação dos produtos da agricultura pampeana.

Pinedo, na época, percebera claramente as mudanças da economia internacional e a nova influência dos capitais norte-americanos na Argentina e recomendava uma certa expansão da

⁵⁰ Sobre o “Plan Pinedo” ver: Informe Armour, *Desarrollo Económico* e LLACH, J.J. El Plan Pinedo de 1940, su significado histórico y los orígenes de la economía política del peronismo, *Desarrollo Económico*. Sobre a década de 30 na Argentina ver: ROMERO, J.L. *Breve historia de la Argentina*.

indústria sem, contudo, ferir os interesses da oligarquia. Seu programa declarava a necessidade de se estender o apoio estatal para estes setores da indústria, com a finalidade de propiciar o aumento do volume de exportações e a diversificação do mercado externo. O programa definiu como “indústria natural” toda a empresa elaboradora de matérias-primas nacionais, como milho, leite, carne, lã, algodão, madeira, zinco, cimento e cal, dentre as principais. Ainda que as atividades favorecidas pelo plano estivessem sujeitas a critérios que não escapavam aos interesses oligárquicos, o Senado, com sua maioria conservadora, introduziu severas modificações, que não só desvirtuaram o propósito original de Pinedo, mas que passaram a beneficiar, mais uma vez, os produtores de cereais e carnes.

Como o “Plan Pinedo” foi rejeitado pela bancada conservadora, refratária à indústria, pensou-se que esta seria a evidência do confronto interior à classe dominante e mesmo da sua irresolúvel ruptura interna. No entanto, essa ruptura evidencia, segundo Peña, os atritos dentro da mesma classe dominante, compelida a defender seus interesses setoriais, mas nem por isso despreocupada com a preservação de sua dominação, conflituada que estava pela desintegração do comércio mundial e pelo entrave entre dois capitais externos que tencionavam a economia argentina: o inglês e o norte-americano.

Aceitar a indústria, certamente, não foi, para a oligarquia um fim *per se*, mas uma condição para manter sua hegemonia. A diferença entre uma orientação em que prevalece o interesse particular dos “*terratenentes*” e outra que, conscientemente, integra os interesses dos industriais indica em que medida os setores proprietários se unificam, enquanto classe dominante, frente a essa conjuntura histórica.

Como não há uma ruptura precisa entre as elites de diferente base econômica, nem tampouco uma adesão ampla no interior da classe dominante, os ensaios sociológicos e históricos têm se empenhado em mostrar distintas configurações de alianças entre frações de classe. As análises se multiplicam, informam sobre vários aspectos do problema, distinguem-se os setores em confronto e as identidades de interesses, mostra-se a oposição entre nacionalismo e liberalismo, explica-se o movimento pendular de alianças políticas.

Dentre tais análises, a de O'Donnell – sobre o “movimento pendular” que experimentam as alianças políticas na Argentina–, indica como, de um lado, a oligarquia e a parte os setores mais ricos da burguesia industrial têm poder e recursos financeiros diferenciais, que lhe permitem consolidar seus interesses e, de outro, como o conjunto dos setores não monopolizados da burguesia nacional e os pequenos proprietários rurais junto à classe trabalhadora formam um bloco discriminado do primeiro. Estes dois blocos permitem que o capital internacional possa implementar tipos alternativos de aliança: um conservador e outro popular. Assim, nesse jogo, que tem num extremo do pêndulo a posição liberal da elite oligárquica e industrial e, no outro, a popular, se movimenta a política argentina do século XX.⁵¹

A possibilidade de que o projeto industrial tenha sido, em todo caso, um projeto da classe dominante, mais do que exclusivamente de um único setor, define a linha interpretativa de Murmis e Portantiero – aprofundando a explicação dos mecanismos de aliança – e de Peña – insistindo na unidade da classe dominante argentina.

⁵¹ O'DONNELL, G. Op. cit.

Murmis e Portantiero aderem à tese da unidade da classe dominante. Tomam o problema como “fusão de interesses” no interior de uma classe, reelaborando minuciosamente a tese de Peña com um arsenal (inovador para época) de categorias gramscianas. Assim, explicam as articulações das alianças internas, identificam os setores hegemônicos e os subalternos. As condições do desenvolvimento argentino, a partir da década de 30, possibilitaram o controle desse processo político aos “*hacendados*” ou “*estancieros*” mais diretamente ligados ao capital inglês, de modo que, se o bloco de poder pode ser definido, em função da articulação de interesses, como uma aliança de classes com hegemonia oligárquica, foi esta hegemonia que possibilitou o grau de avanço da indústria na Argentina.

Unicamente na década de 40, sobretudo na segunda metade, esta relação de unidade entre oligarquia e monopólios da indústria, sob a hegemonia dos *hacendados*, virá a ser alterada com a clivagem produzida no interior do setor industrial, e mediante a mobilização dos setores populares e o fortalecimento do Estado. Neste momento é que se abre a possibilidade para o movimento peronista, segundo Murmis e Portantiero.

A diferença com Peña é, em princípio, de ênfase. Ele insiste na unidade da classe dominante, que se realiza por cima dos interesses de cada setor. A década de 30, para o autor, não foi, em consequência, um momento de “refluxo” ou regressão forçado pelos conservadores, senão a “transição” de uma classe limitada pela oligarquia e sua base rural, para uma classe que teria reunido nas suas mãos o controle da economia – agricultura, indústria, comércio e finanças – em estreito vínculo com o capital estrangeiro.

Neste sentido, segundo Peña, a década que antecedeu Perón significou um processo complexo e demorado de ampliação do núcleo oligárquico, para combinar o desenvolvimento industrial com a base agrícola predominante na Argentina desde o século XIX.⁵²

Peña impugnou o núcleo da concepção historiográfica baseada na oposição intraclasses dominante já em 1964. Entende ele que, neste caso histórico, os opositos não conseguiram dar conta do complexo processo que estava em jogo desde 1930 na Argentina. Por trás do que aparece como uma visível restauração conservadora que caracterizou a década de 30 na Argentina, e que foi qualificada como “década infame”, devido ao continuísmo da corrupção política, operou-se, na verdade, uma profunda recomposição: os setores populares foram impotentes para empreender qualquer alternativa diante da crise oligárquica, porém a elite oligárquica começou a desenhar uma política de transição, baseada numa fusão virtual de interesses e de orientações entre os setores *terratenentes* e industriais.

Há também outros pontos que diferenciam Peña de Murmis e Portantiero. A industrialização, no caso de Peña, vai além da categorização como estágio do processo de substituição de importações, tal como ainda é considerada pelos autores de *Estudios sobre los orígenes del peronismo*. Para Peña, a industrialização dos anos 30 e 40 é apenas uma “pseudo-industrialização”. A idéia é que, nesses anos, a indústria cresceu, sem modificar as velhas relações de classe e de propriedade, não alterando a composição técnica do capital, não desenvolvendo a indústria de base, nem as fontes de energia, nem os

⁵² PEÑA, M. Evolución industrial y la clase empresaria argentina.

meios de transporte.⁵³ Processos similares na América Latina foram qualificados como “semi-industrialização”.

Longe de motivar o conflito intraclasse, na Crise de 30, a burguesia argentina modificou seus interesses, advertindo sobre as necessidades do setor da indústria e protegendo quando necessário. Simultaneamente à análise da indústria, Peña enfatiza a debilidade estrutural dos industriais que careciam de um projeto autônomo de desenvolvimento, na medida em que as decisões continuaram a ficar, como de praxe, com a oligarquia e o capital internacional.

En realidad, nunca hubo entre estos sectores neta diferenciación ni conflictos agudos, porque la burguesía industrial surgió de la burguesía terrateniente, y la capitalización de la renta agraria y la territorialización de la ganancia industrial borran continuamente los imprecisos límites que las separan. Además, terratenientes e industriales estaban íntimamente vinculados al capital extranjero, y todos se hallaban unidos por el común antagonismo contra la clase trabajadora.⁵⁴

O golpe de 4 de junho de 1943, que empossou Ramirez, veio manter e defender os interesses pró-britânicos, fazendo com que a Argentina continuasse trabalhando para garantir a renda fundiária e resgatar a dívida externa, conforme desejava o governo inglês. As exportações continuaram indo para a Inglaterra, com créditos sem juros e preços fixados pelos ingleses. “Las grandes empresas (..) reinvertían sus ganancias y aumentaban sus capitales, acentuándose así

⁵³ Idem, *La clase dirigente argentina frente al imperialismo*.

⁵⁴ PEÑA, M. *Masas, caudillos y élites*, p. 43.

la concentración del capital y la participación del capital extranjero en la industria nacional”,⁵⁵ disse Peña.

Quanto a esse jogo triangular, estabelecido pelas relações políticas, econômicas e financeiras entre Inglaterra, EUA e Argentina, o golpe liderado pelos militares do GOU, em junho de 1943, para Peña, significou frustrar a mudança de metrópole da Inglaterra para os EUA favorecendo, assim, o governo inglês. Porque tanto o triunfo do candidato do partido conservador, que defendia os setores que não pertenciam ao eixo britânico, como o candidato da *Unión Cívica Radical* (UCR), dos setores médios da burguesia industrial e rural teriam conduzido ao alinhamento com os EUA.

O governo britânico e os investidores ingleses apoiaram fortemente o governo militar e, pouco depois, a candidatura do então coronel Perón. Peña entende que os setores militares nacionalistas, que impulsionaram o golpe de 1943, e o primeiro governo peronista se apoiavam nos interesses dos “*estancieros*” de Buenos Aires, que tinham toda a intenção de frustrar o projeto de mudança de metrópole dos setores ligados à indústria. Assim, impedindo a mudança para os EUA, se manteve o *status quo* que beneficiou os interesses britânicos tradicionais.

Tarcus, em seu trabalho sobre *Silvio Frondizi e Milcíades Peña*, observa que, na medida em que a maioria das interpretações buscam entender o peronismo a partir da diferenciação e o conflito entre burguesia industrial e oligarquia, a tese de Peña minimiza a clivagem e

⁵⁵ PARERA DENIS, Alfredo, pseud. [Milcíades PEÑA]. El gobierno bonapartista de los estancieros y el imperialismo inglés: junio de 1943-1946, p. 63.

coloca em questão a própria existência de uma burguesia nacional, autônoma e realmente enfrentada à oligarquia.⁵⁶

A “pseudo-industrialização” que é, sobretudo, um projeto que não fere os interesses de ambos setores, o apoio de Perón à relação com a Inglaterra, a imprecisão dos atritos no interior da classe dominante, necessários para postular a oposição oligarquia e burguesia industrial são aspectos que levam a Peña a manter a defesa da idéia de unidade da classe dominante, posição de notável inspiração, mas que não o deixará livre das mais acirradas críticas dos próprios setores da esquerda.⁵⁷

Peña, contudo, questiona a existência de uma burguesia portadora de um projeto de industrialização que teria sido suporte social de Perón. Adverte, porém, sobre a existência material de pequenos e médios empresários industriais que produzem para o mercado interno, mas que não são claros e definidos portadores de um projeto político e econômico, ao contrário, são suporte das elites que os comandam.⁵⁸

⁵⁶ Tarcus faz uma análise da tese de Peña no que diz respeito a posições e autores da historiografia e da sociologia argentina. TARCUS, H. *El marxismo olvidado en la Argentina*.

⁵⁷ COGGIOLA, Osvaldo. *El trotskismo en la Argentina (1960/1985)*; DE IPOLA, Emilio. *El peronismo y sus espejos, Investigaciones Políticas*; PUIGGRÓS, R. *El Proletariado en la Revolución Nacional*; RAMOS, J.A. *La lucha por un Partido Revolucionario*; CODOVILLA, V. *El significado del giro a la izquierda del peronismo*, dentre outros. Ver TARCUS, H. Op. cit., p. 288, passim.

⁵⁸ Muitos investigadores trabalharam na linha da tese de Peña; dentre eles: CIRIA, Alberto. *Perón y el Justicialismo*; DEL CAMPO, Hugo. *Sindicalismo y Peronismo; los comienzos de un vínculo perdurable*; SCHVARZER, Jorge. *Empresarios del pasado; la Unión Industrial Argentina*; VIÑAS, Ismael. *Examen de la burguesía argentina, Discusión*; KOROL, Juan Carlos e SÁBATO, Hilda. *La industrialización trunca: una obsesión argentina*. Ver TARCUS, H. Op. cit., p. 284 e 297, passim.

Para explicar o peronismo segundo essa visão, Peña toma o conceito de *bonapartismo*, cunhado por Marx. O peronismo, como expressão de uma conjuntura histórica de embate entre classes: a dominante e a classe trabalhadora; embate entre imperialismos: o decadente inglês e o emergente norte-americano, e de embate entre setores: o agrário e o industrial.⁵⁹ Assim diz Peña:

El régimen surgido de este golpe de estado configuraba un gobierno bonapartista: no representaba a ninguna clase, grupo de clase o imperialismo, pero extraía su fuerza de los conflictos entre diversas clases e imperialismos. Su apoyo directo lo hallaba en las fuerzas del orden: ejército, policía, burocracia, clero. La corrupción de los partidos políticos burgueses – y la indiferencia y el hartazgo de las masas ante la política – sugirieron en los cuarteles la conveniencia de descargar por completo a la burguesía argentina del cuidado de gobernarse a sí misma.⁶⁰

E prossegue:

Ante la creciente presión conjunta de Estados Unidos, de la burguesía argentina y de activas capas de la pequeña burguesía, el gobierno bonapartista no podía mantenerse mucho tiempo con el solo apoyo directo del ejército, la policía, la iglesia y la burocracia, y el imperialismo inglés como único respaldo. Necesitaba una fuerza fundamental, una clase de la sociedad argentina. Y la halló en los obreros industriales y rurales, y a través de ellos, en las masas trabajadoras y pobres en general.⁶¹

⁵⁹ A mesma interpretação foi dada também no Brasil. Ver, dentre outros, WEFFORT, Francisco. *O populismo na política brasileira*.

⁶⁰ PARERA DENIS, Alfredo, pseud. [Milciades PEÑA]. El gobierno bonapartista de los estancieros y el imperialismo inglés: junio de 1943-1946, *Fichas de investigación económica y social*, p. 65

⁶¹ *Ibidem*.

Pronto la burguesía acusó a Perón de “agitar artificialmente la lucha de clases” e incitar a los obreros en su contra, pero la acusación carecía de sentido. En realidad, Perón hizo abortar, canalizando por vía estatal, las demandas obreras, el ascenso combativo del proletariado argentino, que se hubiera producido probablemente al término de la guerra [...]. El bonapartismo del gobierno militar preservó, pues, al orden burgués, alejando a la clase obrera de la lucha autónoma, privándola de conciencia de clase, sumergiéndola en la ideología del acatamiento a la propiedad privada capitalista.⁶²

Tanto Yrigoyen quanto Perón – o primeiro, na luta pelo sufrágio universal e pela incorporação da classe média à política; o segundo, conquistando e oficializando o peso social da classe trabalhadora –, não buscaram destruir a oligarquia, senão fortalecê-la. Criaram uma base de sustentação popular para neutralizar o predomínio internacional do capitalismo. Entretanto, se, com isto, não conseguiram enfraquecer o poder internacional, a experiência política do povo não se limitou apenas aos objetivos impostos de cima. Mesmo com ditaduras e governos apócrifos, houve, no século XX da Argentina, uma tensão permanente entre governo e setores populares, entre dirigentes e massas, entre organização do movimento e suas bases sociais, o que trouxe importantes conseqüências para a vida política argentina.

Assim, o peronismo ocupa um lugar novo na ideologia e na sociedade argentina. Não de natureza revolucionária, no sentido que pode ser dado ao socialismo e comunismo, mas altamente inovador, dado criar um discurso novo, que incorpora novos setores sociais ao universo restrito da política argentina. Não é revolucionário, e, sim,

⁶² Idem, op. cit., p. 66.

uma forma de acomodação dos antigos setores do poder. Acomodação que implica em dar espaço ao lado popular da sociedade argentina. Não é revolucionário, uma vez que consolida a continuidade do capitalismo argentino. Contudo, as elites não o entenderam assim. Pelo menos nos primeiros anos depois do seu surgimento. No que diz respeito às massas, estas entenderam o peronismo como uma grande novidade, com a qual encontraram motivos para se identificar.

Perón articula setores militares, da igreja e das empresas nacionais, mas o faz contando com o apoio generalizado dos trabalhadores. O movimento avança num processo de interação dupla: enquanto o peronismo constituía a classe trabalhadora, esta, por sua vez, criava o peronismo.

A experiência não emergiu exclusivamente nas fábricas, mas nas ruas e nas praças públicas. Perón era mestre no discurso dirigido ao povo, qualificação crucial para os líderes na América Latina, uma vez que, muito mais do que a própria fábrica, a praça pública converteu-se em ponto principal da constituição da classe operária como força política.⁶³

Os trabalhadores foram também fundadores da imagem e do universo discursivo de Perón, no qual à toda hora se criam e se recuperam sentimentos populares e antigas latências.⁶⁴ O peronismo, neste sentido, tornou-se, como muitos outros projetos sociais, uma

⁶³ SIGAL, S. & TORRE, J.C. "Reflexiones en torno a los movimientos laborales en América Latina", p. 145 e HOBBSAWM, E. "A formação da cultura na classe operária britânica", *Mundos do Trabalho*.

⁶⁴ Edgardo J. Bilski, pesquisador argentino, compilou grande parte do material publicado pelos grupos da esquerda peronista nos anos 60 e 70. Sua tese: os mitos do peronismo foram resultado de um processo de mão dupla entre os trabalhadores e Perón. BILSKY, Edgardo. *Contribution à l'histoire du mouvement operier argentin*.

forma de luta baseada na defesa dos trabalhadores, mas que abraçou, à diferença de todos, a cultura popular tal como se encontrava (desprezada pela direita e pela esquerda), e a transformou no objeto máximo dos interesses nacionais.

Não é por acaso que, na década de 70, quando o peronismo e Perón voltaram oficial e legalmente à cena política, após, depois de dezoito anos de proscricção, encontramos um movimento que reúne em torno de Perón um quadro de militantes, de tendências diversificadas que inclui: desenvolvimentismo e guerrilha revolucionária, peronistas da primeira e da última hora, traidores e leais a Perón, direita e esquerda (considerando-se, nesta última, ex-socialistas e comunistas, socialistas–nacionalistas e católicos– revolucionários).

De fato, a vida política argentina nunca foi resolvida. Perón, fiel da balança entre capital e trabalho, teve que *caxalgar num tigre*⁶⁵ para conseguir manter seu lugar de líder da Argentina industrializada e sindicalizada.

5. Peronismo, sindicatos e classe operária

Em 1947, os assalariados constituíam 73 % da população ativa da Argentina. Proporção notavelmente superior à registrada, na época, em países europeus como a França e a Itália, e bem maior que a do resto

⁶⁵ A expressão é de James. O autor a usa para indicar a difícil situação de Perón de Ter que administrar, de um lado, as pressões da elite e, de outro, as da classe trabalhadora. JAMES, D. *Resistencia e Integración*.

da América Latina.⁶⁶ O setor industrial tinha absorvido elevadas porcentagens da população. Nesse processo, a população desenvolveu um movimento progressivo de urbanização. O forte crescimento da ocupação industrial, ocorrido nas décadas seguintes, tinha incorporado um contingente de trabalhadores do interior nas principais cidades. Junto aos assalariados da indústria crescia também o emprego nos setores de transporte, finanças e serviços. O crescimento urbano gerou a ocupação independente, micro-empresários e os chamados “*cuentapropistas*” se instalaram em torno das atividades comerciais e industriais nos anos 40.⁶⁷ Esta era a base de Perón. A análise de Germani, conforme apontado no item 2, privilegia a função dos “operários novos” na adesão ao peronismo, colocando em destaque o efeito avassalador das atitudes populistas de Perón sobre os trabalhadores desorientados do interior.

A idéia de *bonapartismo*, de Peña, constitui outra das interpretações da esquerda. Indica o fato de Perón (des)orientar a classe trabalhadora pela via burguesa de inserção na política nacional, não por simples demagogia. Trata-se, sim, da capacidade de articular uma percepção política numa política burguesa que se defrontava com conflitos de classes. Jorge Abelardo Ramos responsabiliza a própria esquerda pelo bonapartismo peronista:

La traición de los partidos “obreros” fue uno de los factores que facilitó la transferencia incontrolada de la hegemonía del movimiento nacional a las manos del Ejército, lo que coincidía con la deslealtad del radicalismo a la traición burguesa yrigoyenista. Así se favoreció el desarrollo en el

⁶⁶ DORFMAN, A. *50 años de industrialización en la Argentina: 1930-1980*, p. 298.

⁶⁷ PALOMINO, Hector. El movimiento obrero y sindical, *ALAI*, p. 3-9.

peronismo del régimen bonapartista, com su secuela de detritus ideológicos antidemocráticos. La inmadurez de la burguesía nacional, como la traición de los partidos “obreros”, elevó a Perón a un poder sin límites.⁶⁸

A prosperidade econômica dos anos 40 possibilitou melhorar as condições dos trabalhadores. Perón implementou políticas que levaram a isto, sem, contudo, prejudicar o capital. Se houve um assenso combativo do movimento operário no fim da guerra, o processo foi, de certa forma, antecipado por Perón, que apoiando-se nas condições favoráveis da economia argentina daquele momento, soube canalizar os protestos pela via estatal. Este foi, também, um período em que a substituição de importações permitiu criar formas de inserção econômica para os setores da classe média e para os trabalhadores.

O movimento peronista se beneficiou do fato da classe trabalhadora se encontrar sindical e politicamente dividida no momento de seu surgimento. Os dirigentes perdiam prestígio no mesmo ritmo em que aumentava a burocratização sindical. Veja-se, na esfera sindical a posição dos comunistas e socialistas em face da Segunda Guerra.

Durante o período em que a URSS se manteve fora do conflito (23 de agosto de 1939 a 22 de junho de 1941) cumprindo com o Pacto de Não-Agressão entre Alemanha e Rússia, os comunistas consideraram que a guerra era resultado da luta entre dois imperialismos, o britânico e o alemão, e, em consequência, insistiram

⁶⁸ RAMOS, Jorge Abelardo. *Breve historia de las izquierdas en la Argentina.*, op. cit., p. 134.

em manter a Argentina fora do conflito, reforçando esta posição através de um discurso antiimperialista.

Quando finalmente a URSS entrou na guerra, o Partido Comunista argentino aconselhou aos sindicatos não aderir à greves, para não desabastecer de alimentos os países aliados. Este foi o caso da greve dos frigoríficos, de outubro de 1943, interrompida pela condução comunista para não desprover de carne os soldados soviéticos que lutavam na frente contra a Alemanha. “En setiembre de 1943, el Partido Comunista, que controlaba al gremio de la carne, cortó sus últimas amarras con la clase obrera, entregando al gobierno una gran huelga de los frigoríficos para no perturbar a las empresas anglo-norteamericanas, aliadas de la URSS.”⁶⁹

Os socialistas, a seu lado, interpretaram a guerra como conflito entre democracia e fascismo, e, com base neste enfoque, atacaram o antiimperialismo dos comunistas, acusando-os de colocar, no mesmo plano, a Grã-Bretanha e a Alemanha. Os socialistas, especialmente Nicolás Repetto, insistiam na diferença de filosofias entre essas potências: a germânica, buscava a dominação, aniquilando as liberdades; enquanto a britânica promovia a liberdade individual e a democracia liberal. Assim, para os socialistas, a tarefa devia ser lutar contra o pior dos imperialismos e diminuir temporariamente a crítica ao imperialismo inglês.

⁶⁹ Puiggrós sustenta a crítica aos comunistas; Sidicaro considera o evento como sendo de ruptura final do Partido Comunista Argentino com a classe trabalhadora. Ver: PUIGGRÓS, R. El peronismo: sus causas; SIDICARO, R. Consideraciones sociológicas sobre las relaciones entre el peronismo y la clase obrera argentina: 1943-1955; MATSUSHITA, H. *Movimiento obrero argentino: 1930/1945*, op cit., p. 284.

Enquanto comunistas e socialistas navegavam nos mares do imperialismo, a classe trabalhadora, na Argentina, afundava no desemprego. Houve aumento em vários itens da cesta básica, como mostra Matsushita. A partir de 1940, o orçamento familiar tendeu a aumentar, superando o salário.⁷⁰ A escassez de materiais importados obrigava a diminuir a produção nas fábricas. Os grêmios começaram a exigir a realização de acordos com os EUA, que poderiam manter em alta a atividade da indústria. Isto, no entanto, dependia do ingresso argentino no grupo dos Aliados. O governo de Castillo, a seu lado, devido sua simpatia pelos alemães, havia adiado recorrentemente esta decisão.

A posição de comunistas e socialistas, na época, concretizou o que José Aricó chamou de “desencontro histórico da esquerda com as massas”,⁷¹ mostrando também sua incapacidade para impedir as adesões que, ao contrário deles, conquistavam Perón. A maioria dos autores sustenta o erro tático da esquerda argentina, neste período, que, abandonando a reivindicação e a luta dos operários argentinos, desviou-se como resultado de interpretações da situação mundial.

Quanto a estratégia de Perón em relação aos trabalhadores, verificou-se um claro esforço para melhoria da situação material. Contudo, em consequência deste tipo de estratégia, a linha de politização do movimento operário, que defendiam comunistas e socialistas se enfraquece. Por exemplo, no sentido das melhoras econômicas. Em 01 de junho de 1944, foi autorizado, por decreto, o

⁷⁰ MATSUSHITA, H. *Movimiento Obrero Argentino: 1930/1945; sus proyecciones en los orígenes del peronismo*, op. cit., p. 218.

⁷¹ ARICÓ, José. “Geografía de Gramsci na América Latina”.

aumento da hora de trabalho nos frigoríficos; em 30 de outubro do mesmo ano, também por decreto, aumentaram-se os salários ferroviários. Outra medida foi a melhoria nas condições de trabalho: aposentadoria, previdência social, jornada de trabalho. Em quarenta anos o Estado argentino tinha incorporado ao regime de aposentadoria uns 400 mil homens. Em um ano de atividade da *Secretaría de Trabajo y Previsión* tinha sido incorporado a este regime mais de um milhão e meio de trabalhadores. Em 1949, eram três milhões e meio de filiados.⁷²

Deu-se, ainda, o fenômeno de despolitização do movimento operário, como consequência da estatização dos sindicatos, no período anterior às presidências de Perón. A ação da *Secretaría de Trabajo y Previsión*, dirigida por Perón, foi fundamental no processo. Perón, ainda coronel e da *Secretaría*, procedeu à eliminação dos sindicatos controlados pelo PCA (CGT 2) e à estruturação de uma nova organização sindical, que culminou na CGT do período 1946-55, inteiramente subordinada ao Estado que, na verdade, a criara.

A *Secretaría* outorgou reconhecimento apenas àqueles grupos sindicais que facilitavam o controle, os demais foram declarados ilegais e condenados à clandestinidade. Na época, recorreu-se a uma estratégia de catequese e repressão que objetivava fazer com que os trabalhadores se incorporassem aos sindicatos estatizados. A ênfase recaía, sobretudo, na sedução através de concessões trabalhistas, melhorias palpáveis nos salários e condições de trabalho, marcada tendência a favorecer os operários nos conflitos trabalhistas e amparo aos

⁷² MATSUSHITA, H. *Movimiento obrero argentino: 1930/1945*, op cit., p. 276.

dirigentes e delegados sindicais, frente à tradicional prepotência dos patrões. A nova CGT (formada com base na CGT 1, a mais integrada ao governo, inclusive, antes do peronismo) foi, essencialmente, um órgão estatal de proteção aos trabalhadores. Assim,

Los sindicatos formados o reorganizados desde el poder y convertidos en la “columna vertebral del movimiento”, adquirieron en los dos primeros gobiernos peronistas características precisas, un esquema que funcionó sin tropiezos mientras la Argentina “fue una fiesta”. Los sindicalistas ya no eran réprobos sino elegidos, compartían las prebendas del poder y podían ofrecer a sus afiliados soluciones concretas, salarios elevados, policlínicos, mejores escuelas, servicios sociales, turismo, numerosos feriados.⁷³

Não que os partidos políticos tivessem deixado de participar do movimento peronista: participaram, porém sua influência foi claramente menor que a do sindicalismo. Quando Perón se candidatou pela primeira vez à presidência da nação, em 1946, o fez através de uma coligação entre o *Partido Laborista*, a *UCR Junta Renovadora* e o *Partido Independiente*.

O *Partido Laborista* era o que mais se assemelhava a um partido classista. Talvez por isso tenha sido o primeiro a ter atritos com Perón. Tinha sido criado em outubro de 1945, por um grupo de sindicalistas que vinham mobilizados desde os eventos do “17 de outubro” e que perceberam ser necessário garantir um lugar político junto a Perón. Cipriano Reyes, do *Sindicato de Carnes* da província de Buenos Aires, e Ramón W. Tejada, do *Sindicato de Carnes de Berisso*, também da província de Buenos Aires, criaram o partido, inspirados na derrota de Churchill diante do movimento sindical britânico do pós-guerra.

⁷³ SAENZ QUESADA, MARIA. *Gremialistas ayer y hoy*, p. 6.

A *UCR Junta Renovadora* surgiu do chamado “*cisma radical*”. O bloco era uma dissidência do tradicional partido *Unión Cívica Radical*, uma vez fracassada a tentativa da própria UCR de criar uma aliança entre Perón e o *radical* Amadeo Sabattini. A *Junta Renovadora* tinha influência maior que o *laborismo* no interior do país e, aos poucos, aproximou-se de Perón. Desde o governo de Farrell, Perón havia oferecido cargos aos políticos da UCR que estivessem dispostos a apoiá-lo. Vários “radicais” se passaram para o lado de Perón neste processo. Dentre eles, figuras que adquiriram notável peso no peronismo: Eduardo Colom, J.H. Quijano, Juan Ignacio Cooke (irmão de John William Cooke), Armando G. Antille e D. Molinari.

A *Secretaría* que dirigia Perón, antes deste ser presidente, era praticamente um partido com filiais e comitês em todo o país. Até mesmo políticos da *Unión Democrática*, principal opositor do peronismo, foram se aproximando de Perón e, junto com alguns nacionalistas e militares em retiro formaram, em 1943, o *Partido Independiente*.

A relação entre os três partidos que apoiavam Perón tornou-se cada vez mais delicada. Em 23 de maio de 1946, Perón ordenou, através do *Nuevo Estatuto de los Partidos Políticos*, a dissolução dos partidos que o apoiavam e a criação de um único partido. Cipriano Reyes, do Partido Laborista, desafiou a ordem de Perón. Este, para evitar o conflito, ofereceu-lhe o cargo de Presidente da Câmara de Deputados da Nação. Reyes respondeu: “yo no sirvo para tocar la campanilla”. As tensões se intensificaram levando Reyes a declarar uma greve dos frigoríficos.

Perón conseguiu, mesmo assim, debilitar o *laborismo*. Usou novamente a velha tática: oferecer cargos a seus membros e desgastar a

disputa política. Em 1946, desintegrou-se de tal forma o partido de Reyes, que deu lugar à criação do *Partido Único de la Revolución* que, em 1947, muda o nome para *Partido Peronista*.

Ana Jaramillo aponta para a importância relativa do partido político em um movimento de massas como o peronista.⁷⁴ Segundo a autora, o papel organizador da classe trabalhadora foi, na verdade, desenvolvido e monopolizado muito mais pelos sindicatos que pelos partidos políticos. A força sindical tornou-se o componente mais relevante do peronismo, e também o mais perigoso, dada à relativa autonomia de que gozava, podendo dar colaboração ao governo ou retirá-la, toda vez que as promessas não fossem realizadas.

Perón optou por estimular uma organização piramidal, tendo homens de sua confiança no comando. Em setembro de 1945, a CGT estava novamente dividida em dois grupos que, como antigamente, se identificavam como CGT1 e CGT2.⁷⁵ Ambos os grupos se reuniram sob a direção de um único secretário, o ferroviário Silverio Pontieri. A idéia de Pontieri era reunir 500 mil afiliados, estratégia que foi apoiada pela *Secretaría de Trabajo y Previsión*. Foram criadas, na época, as delegacias regionais, que se transformaram nos principais suportes sindicais do peronismo.

⁷⁴ JARAMILLO, Ana. *Movimiento obrero y acumulación de capital; el caso argentino*.

⁷⁵ CGT n. 1: formada por trabalhadores em transportes rodoviários e de cervejarias sob as ordens de José Domenech; CGT n. 2: formada por funcionários municipais, trabalhadores mercantis e metalúrgicos e empregados públicos. Era liderada por Francisco Pérez Leirós. Ver GAMBINI, H., *op cit.*

Pontieri conseguiu incorporar à CGT, grupos sindicais, principalmente “mercantis” e “telefônicos”, que atuavam de forma independente. Contudo, Pontieri mantinha relação com o peronismo, embora se preocupasse com a influência que este poderia exercer sobre as filas de trabalhadores.

Luis Francisco Gay, dos “telefônicos”, sucedeu Pontieri no comando da CGT. Depois de vinte anos de militância, Gay capitalizava um longo percurso pelas secretarias operárias e presidia o *Partido Laborista* que apoiou Perón. Depois dos conflitos do Partido Laborista, Perón tinha compensado Gay com a vice-presidência da *Caja Nacional de Ahorro Postal*. Em 1946, em face da habilidade de Gay no disputado comando da CGT, Perón sentiu-se incomodado.

Gay manifestava certa resistência à influência do governo peronista sobre a CGT, e acabou renunciando ao cargo de Secretário Geral. Foi substituído por Aurelio Hernandez, do “Sindicato de Enfermeros y Personal de Industrias Químicas”. Desta vez Perón conseguiu o que desejava. Logo após tomar posse, Hernández aderiu completamente à política governamental. Propôs o estímulo à produção e culpou os comunistas de sabotagem ao programa econômico do governo. Na época, disse Perón: “que quede bien claro que nosotros somos la continuación de la clase trabajadora en el gobierno”. Hernández estava com Perón, mas não tinha unanimidade entre os setores da CGT. Mais ainda: seu estilo individualista e suas decisões sem consulta incomodavam a Eva.

Perón driblava os atritos internos, centrando os seus ataques no inimigo comum – os comunistas. A CGT investiu na catequese popular, multiplicando a figura de Perón e Eva como solidários dos

pobres. Nessa época, fez-se campanha na CGT para fazer de Perón um candidato ao Prêmio Nobel da Paz. Hernández foi sucedido por José G. Espejo, outro recomendado dentro da estrutura sindical peronista e aprovado por Eva.

Assim, o movimento peronista vai consolidando sua estrutura. A estrutura sindical surge criando uma organização sindical peronista, nas bases de um sindicalismo em que, antes, predominara a esquerda. No campo político, sobre a base de pequenos partidos trabalhistas mais antigos, tinha sido criado o partido peronista (ou *justicialista*). Todos esses ingredientes, reforçados pela imagem de Perón e Eva, servirão para afirmar solidamente a presença do peronismo na sociedade argentina.

Em uma Argentina em crise econômica e política quase permanente, com uma massa de trabalhadores espalhado pelo país, sem trabalho, sem opção política, sem um partido que os reunisse e os identificasse. Com uma classe dominante mais integrada, porém sem projeto político, sem o sentimento de nação. Classe dominante que é apenas defensora acirrada do jogo agroexportador e, assim, vai subordinando, em função dos ganhos, cada setor da burguesia. Nesse clima político e com a estrutura social nesse estado, o surgimento do peronismo viria a ser uma novidade irreversível. Com um discurso diferente, em função da sintonia que estabelece com os costumes, gestos e comportamento dos setores populares, o peronismo consegue efeitos nunca vistos.

A combinação de aspectos culturais que envolvem emoções (caso do sentimento que une o povo, até então excluído social e politicamente) e a figura política encarnada por Perón resultou num

movimento social sem precedentes – o peronismo –, o qual a esquerda teve que apreender a reconhecer.

Isso implicou em críticas, rupturas e dissidências em todos os setores da esquerda. Se houve bonapartismo, este se deu, também, em decorrência do afastamento entre a esquerda e as massas, e não por ter a esquerda sabido reconhecer, na massa popular, a cultura dos pobres e excluídos. Por ter “traído” (para usar um termo que, no interior mesmo da esquerda, é usado para apontar qualquer afastamento entre interesses de líderes e bases), em diferentes conjunturas políticas, os anseios populares. Esta característica é extensiva a vários setores da sociedade argentina, assim como a diferentes partidos políticos, como a UCR, que representa o centro. O afastamento (discursivo, político e social) dos setores populares é pago, na Argentina, com o custo de regimes antidemocráticos ou com democracias que, de tão limitadas, são antipopulares. O peronismo, uma vez surgido no horizonte político, social e ideológico, se transforma num objeto de difícil assimilação. A partir de então, os golpes de Estado e governos apócrifos marcarão o ciclo da vida política da Argentina.

Capítulo II

A reinvenção do peronismo

1. A Revolução Libertadora e a Resistência Peronista

Logo após o golpe de 1955, chamado “Revolución Libertadora”, que, na verdade, representava os setores da sociedade mais interessados em se liberar de Perón, o movimento peronista se desestruturou. Os quadros do partido e do sindicalismo foram perseguidos e encarcerados e os setores populares progressivamente silenciados. Perón foi para o exílio. Inicia-se um longo período, no qual a relação Perón-povo fica atrelada à situação do líder exilado. Cria-se um aparelho complexo de intermediação das mensagens de Perón aos dirigentes peronistas, aos militantes e ao povo. Perón busca fustigar a tirania. Lança suas instruções de luta e alimenta o fervor do povo. Tudo o que for feito para contestar o novo regime se transforma em um ato heróico.

Nessa época, se formaram os chamados “comandos civis” antiperonistas. A esquerda tradicional estava com os partidários do golpe. Socialistas, comunistas e setores das forças militares, todos ressentidos com Perón e suas manobras. Entretanto, esses anos marcam o início de uma nova esquerda, que se volta para a antiga separação das massas e para os problemas nacionais.

Antes disso, a esquerda tradicional foi surpreendida com o divórcio das massas frente a presença estrondosa do peronismo.

Primeiramente, a esquerda reagiu como se o peronismo se tratasse de um problema externo. Parece-nos que os quadros políticos socialistas e comunistas continuaram a ver a Argentina como a pátria dos imigrantes que buscavam representar. Contudo, a pátria tinha se transformado em uma enorme massa popular que seguia Perón. A esquerda, do mesmo modo que os conservadores da oligarquia e dos militares da “Revolución Libertadora”, julgava que, interditando Perón, acabaria com o movimento peronista.

A estrutura do movimento peronista já não era mais aquela dos anos gloriosos de Perón no governo. O peronismo tinha sido alijado do poder. Toda a parafernália propagandista, o dinheiro, a sedução dos cargos públicos que potencializaram a catequese peronista tinham sido confiscados pelos opositores.

Depois do golpe restaram – para a sobrevivência do movimento peronista –, apenas aqueles ligados incondicionalmente a Perón que, por seu número e escassa importância política na nova constituição do poder, não foram encarcerados. Não teriam para onde ir, nem onde se exilar. Era um contingente de trabalhadores que, agora, viam como seus anos de direitos começavam a mudar.

Rapidamente, políticos, sindicalistas peronistas e, também, trabalhadores militantes do peronismo se dedicaram a recriar uma nova estrutura organizativa para o movimento. No início, a forma como se organizavam era difusa: boa parte dos políticos peronistas estava presa e a situação era difícil, se comparada com o poder e a influência na esfera do Estado dos anos anteriores. O peronismo já não contava mais com os meios que se conta quando se está no poder. O que restou para o movimento foi a ilegalidade. Contudo,

logo emergiu publicamente com uma sucessão de atos violentos em oposição à ditadura. Esta fase é lembrada como “Resistencia Peronista”.

Com Perón no poder, o movimento tinha sido estruturado com organizações em todos os âmbitos. Baste lembrar da CGT peronista, do partido, das comissões de vizinhos, do ramo feminino do partido peronista, da *Fundación Eva Perón*.¹ dos livros de alfabetização nas escolas públicas, com imagens de Perón e Eva. Essa estrutura do movimento tinha sido desintegrada pelo golpe.

Parece, no entanto, que quanto mais o peronismo se tornava ilegal, mais se aproximaram as lideranças e bases. Com os dirigentes na prisão, militantes mais jovens foram ocupando o comando dos sindicatos, agora bem mais próximo das bases populares. A *resistência* se organizou através de pequenos grupos (células) que atuavam em plena clandestinidade. Trabalhadores, grupos de bairros, de igreja, estudantes reconheceram e cultivaram o sentimento de resistência ao qual Perón, do exílio, começou a apegar-se.

Os peronistas que conseguiam fugir da prisão se juntavam a outros peronistas no exílio, organizando assim os “comandos” que tentavam reestruturar o movimento. Criaram-se os *Comandos de Exilados* em Santiago do Chile, La Paz e Cochabamba, Assunção, Montevideú e Rio de Janeiro.

¹ Com sua capacidade de pedir e comover, Eva angariava fundos para doações de caráter social. Foi assim que teve origem a *Fundación Eva Perón*, que também não escapou aos questionamentos quanto à moralidade administrativa.

Os *Comandos de Provincias* apareceram, posteriormente, na própria Argentina, buscando integrar a atividade das chamadas “células de base”: grupos formados por militantes e, também, por simpatizantes dos setores populares. Formam-se ainda o *Comando Gremial* e o *Comando General* (este também chamado de *Comando Superior* ou *Comando Nacional Peronista*), que concentrou e difundiu as ordens de Perón dadas do exílio.

Deolindo Felipe Bittel, em 1955, era Secretário Administrativo do *Consejo Provincial del Partido Peronista*. É dele este relato:

Al producirse nuestro derrocamiento por el golpe, me hice cargo del Partido. El 5 de octubre me detuvieron y estuve preso hasta el 1 de mayo de 1956.²

E ainda:

La mayor parte de nuestros dirigentes orgánicos estaban en la cárcel” “y los principales de ellos, confinados. Y nosotros con el oído puesto en los rumores y el ojo en esos fantasmas sin misericordia [...] La Penitenciaría Nacional [...] y otras prisiones albergaban a Alejandro Leloir, el último presidente del Partido, a John W. Cooke, el último interventor partidario en la Capital, y a muchos jefes militares leales, entre otros el general Juan José Valle.

Perón refugiou-se primeiramente na embaixada do Paraguai, depois foi para o Panamá, teve uma breve estada na Nicarágua, ficando em Caracas (Venezuela) até 1958. No início de 1960 partiu

² BITTEL, D.F. *Qué es el peronismo?*, p. 109.

para a República Dominicana e, finalmente, instalou-se em Madri, que se tornou seu endereço oficial no exílio.

Antes de deixar o Paraguai, Perón tinha dado as diretrizes para organizar a luta de resistência: “Perón nos había dicho desde Paraguay que se había perdido una batalla, pero que si teníamos razón, a la larga o a la corta, la historia nos haría ganar la guerra”,³ lembra Bittel.

Na escuridão da repressão, o peronismo substituiu seu discurso oficial harmonizante pela mais agressiva campanha ideológica que serviu de combustível à “Resistencia Peronista”. Do exílio, escreveu a Leloir:

Suprimido por decreto el Movimiento Peronista una inmensa organización clandestina se ha extendido por todo el país, en la que se ha encuadrado a los peronistas que no defecionaron y que siguieron firmes en el servicio del pueblo. Esta organización distribuida en toda la República se extiende e intensifica día a día. Ella es la que realiza la resistencia (moderna forma de combatir a la ignominia) esperando la hora que ha de llegar. (Caracas, 10 de março de 1957, carta de Perón a Leloir.)⁴

O primeiro governo da chamada “Revolución Libertadora” foi encabeçado pelo general Eduardo Lonardi. O Decreto-Lei 4161/56 proibiu o partido peronista, seus símbolos e emblemas e as conduções sindicais peronistas.

A “Revolución Libertadora” foi cega com o peronismo! Acreditou que destruindo as representações empíricas de tudo

³ Ibidem.

⁴ *Perón-Cooke. Correspondencia*, p. 50

aquilo que servia para lembrar Perón conseguiria fazer com que a história argentina abandonasse seu estado popular. Signos, símbolos e imagens de Perón tinham como receptores nada menos que os setores populares. Assim, não se poderia se atenuar a presença política da classe trabalhadora na Argentina, apenas pela destruição e/ou proibição desses sinais.

Lonardi, contudo, foi moderado. Anunciou uma política baseada na fórmula: “*ni vencedores, ni vencidos*”. No dia seguinte ao golpe, recebeu uma delegação de sindicalistas, decidido que estava a criar um clima de entendimento, após os dias de conflito que precederam o novo governo. Enquanto isto, os locais dos sindicatos (gráficos, ferroviários, bancários e trabalhadores da carne) tinham sido abandonados pelos peronistas sob o ataque de grupos antiperonistas armados.

Entendia o peronismo como sendo um “excesso” da sociedade argentina. Chegava inclusive a aceitar as vantagens de uma política de justiça social como a peronista, mas entendia que era hora de impor limites. No curto período de Lonardi, o governo cogitou da idéia de que, a depuração das lideranças sindicais mais diretamente ligadas a Perón e a implementação de eleições internas nos sindicatos, possibilitariam alcançar a harmonia e o equilíbrio social.

Os sindicalistas antiperonistas associados ao golpe, especialmente os comunistas que sempre se esforçaram por manter um espaço no sindicalismo, temiam, entretanto, que essa estratégia acabasse por validar a hegemonia dos peronistas. Na Argentina do poder antiperonista, continuaram os sindicatos a ocupar um lugar

essencial, porque, embora os aliados da “Revolución Libertadora” buscassem a dejeção do peronismo, mantiveram da estrutura sindical montada por Perón, o papel de negociadores entre governo e empresas. Haviam percebido em que medida este era o canal de controle da classe trabalhadora. Perón concebera esse instrumento e os militares logo decidiram utilizá-lo para manter o *status quo* popular.

Do ponto de vista dos dirigentes sindicais peronistas, as funções que o novo governo reconhecia, longe de ser em uma vantagem, tornaram-se um grave problema. Recebiam as pressões das bases populares que se declaravam abertamente contra o novo regime, somando-se a essas manifestações a adesão de outros setores da sociedade, especialmente grupos de militares.

Nesse clima, os socialistas chegaram ao paradoxo. Eles eram inimigos de Perón, a massa não. De um lado, os socialistas apoiaram o golpe antiperonista para por fim à tirania de Perón que havia aprofundado sua ruptura com as massas. De outro, os socialistas passaram a advertir mais claramente, nestes anos, que o problema do peronismo estava na sua influencia sobre as massas. Assim, a oposição ao peronismo levava os socialistas e, de modo geral, a esquerda, a se indispor com a classe trabalhadora que continuava sendo peronista.

O socialismo passava por uma crise geral. Na Argentina, o partido se burocratiza e alguns membros se afastam. Os dissidentes começaram a chamar o Partido Socialista Argentino de “La

família”, pelo restrito grupo formado pela família de Justo,⁵ Repetto e Palacios, e o PCA de “los que viajan a Moscú”, pela identidade e dependência de Codovilla e Ghioldi com a URSS.

Soma-se, a esse quadro da esquerda, a linha do trotskismo, que surgira na Argentina já nos anos 30, com dissidentes dos partidos tradicionais. Como é característico da esquerda Argentina, esta linha também ofereceu subsídios, em termos de elaborações teóricas e publicações.⁶ A preocupação era entender a realidade e a história nacional, contudo, sempre com uma enorme dependência do marco internacional. Liborio Justo, Jorge Abelardo Ramos e Milciades Peña são autores e militantes de esquerda que incorporaram Trotsky e a tensão entre o caso argentino e as leis gerais do capitalismo.⁷

Nos anos 40, surgiram novos grupos dentro da linha trotskista. Nessa linha, ao tentar defrontar o problema nacional (com maior ou menor aceitação e grau de conflito interno), o peronismo começou a ser colocado na pauta de discussão. Um

⁵ Juan Bautista Justo (1865-1928) pertencia a uma família distinguida de Buenos Aires. Médico, tinha participado da *Unión Cívica Radical* (UCR), a qual abandonou por diferenças com H. Yrigoyen. Justo traduziu para o espanhol o primeiro volume de *O Capital* (publicado em Madri, em 1898). Uniu-se aos líderes socialistas Alfredo Palacios e Nicolás Repetto para organizar o Partido Socilista (1896). O Partido tentava lutar mais por reformas progressistas do que pela revolução, seguindo a influência do próprio Justo que se inspirava no liberalismo. Justo se autodenominava marxista. Sua prática política, entretanto, era moderada. A percepção que ele tinha da Argentina era influenciada pelo pensamento de Spencer. Foi deputado e senador. Fundou, em 1894, o jornal *La Vanguardia*, com inúmeras edições no séc. XX. Publicou a obra *Teoría y práctica de la historia* (1909).

⁶ COGGIOLA, Osvaldo. *El trotskismo argentin: 1929-1960; El trotskismo en la Argentina: 1960-1985; El trotskismo en América Latina*.

⁷ TARCUS, H. *El marxismo olvidado en la Argentina*, op. cit.

grupo continuou negando completamente qualquer problema nacional e editou o periódico *El Militante*. Outro grupo formado pelos herdeiros de Liborio Justo, acolhia o problema nacional, dando diferentes formas de apoio crítico ao peronismo. Surgiram três publicações: *Frente Obrero*, de Enrique Rivera; *Octubre*, de Jorge Abelardo Ramos, e *Voz Proletaria*, de Possadas (pseudônimo de Homero Cristaldi). Nahuel Moreno [pseudônimo de Hugo Miguel Bressano] editou, com seu grupo o periódico *Frente Proletario*. Trata-se de um grupo, no qual a relação com o peronismo se apresenta mais forte, embora sempre como tema de conflito e tensão entre a aceitação do peronismo, como movimento dos trabalhadores, e a visão mais tradicional da esquerda. O grupo publica, no final dos anos 50, *Palabra Obrera*, que conflui, mais tarde, para a formação do marxista PRT.

É na linha trotskista de Nahuel Moreno que surge uma das primeiras tentativas de aproximação entre esquerda e peronismo, no sentido de evitar a simples rejeição do segundo como populista. Moreno fazia parte do *Partido Socialista de la Revolución Nacional* (PSRN), do qual participavam também J.A.Ramos e antigos socialistas que aceitavam Perón: Enrique e Emilio Dickmann, Oriente Cavalliere, Joaquín Coca, Juan Unamuno, entre outros.

Como esse setor da esquerda se organizou para se aproximar do peronismo? Como passar de uma postura que interpelava criticamente o imperialismo, embora desqualificasse a burguesia nacional, para outra que passou a questionar o imperialismo, a partir da idéia de que o peronismo é um movimento de ordem nacional e revolucionário? Nahuel Moreno fez uma elaboração

teórica a esse respeito, em 1954, *año clave del peronismo*. A idéia de bonapartismo peronista não é abandonada, mas são demarcadas certas posições, nas quais o peronismo figura contestando e resistindo o imperialismo (especialmente, o americano).

O peronismo oferecia limites antioligárquicos e antiimperialistas que deviam ser valorizados, e tinha ainda a seu favor as reconhecidas conquistas sociais e o enfrentamento de todo tipo de golpismo dos EUA. Apoiar o peronismo, para o PSRN, era necessário! Porém, com a ressalva de que a classe operária devia ser sempre avisada: o peronismo é um momento transitório das massas, a partir do qual a classe pode pensar em governar independentemente o país. Diz Horacio Tarcus:

O PSRN, un efímero intento de entroncar la antigua tradición socialista com las banderas nacionales que enarbola el peronismo, ofrecía desde su creación en 1953 un espacio ideal – por sus posiciones políticas y doctrinarias todavía indefinidas, por su carácter legal, por su proyección nacional – para que se congregasen diferentes organizaciones trotskistas que aspiraban a una mayor audiencia de masas.⁸

No PSRN começa a se delinear o chamado *entrismo*. O termo faz referência à estratégia dos grupos de esquerda, que se instalavam dentro de outro partido ou movimento que tivesse conteúdo social popular, para, a partir desta posição, promover as idéias revolucionárias. A tradição “entrista” se iniciou no trotskismo. O PSRN foi um partido cujo espaço ideológico era

⁸ Idem, op. cit., p. 113 e 114.

resultado da confluência de peronistas, que estavam no peronismo devido à sua faceta popular e social, mas que também se sentiam incomodados com toda a burocracia política e sindical do movimento nos anos de poder. Confluíram, ainda ao PSRN, militantes da própria esquerda, que consideravam ter chegado a hora de fundar uma “esquerda nacional”, junto com o peronismo, mas independente em termos de organização partidária.

A concepção do PSRN evolui. Passa do ponto em que entende o liberalismo da velha Europa como “cobertura del imperialismo privilegiado”⁹ nas nações que são suas colônias para a busca de um amplo sistema de alianças democráticas com os diferentes setores da burguesia nacional. Assunto que, aliás, se generaliza na esquerda dos anos 40 e 50, permeando inclusive o rígido PCA.

No interior da esquerda trotskista, as oposições são múltiplas. Enrique Rivera disse sobre o PSRN: “Tienden a ser un apéndice ideológico del peronismo.”¹⁰ Nos anos 60, outro importante fundador da esquerda nacional, José Hernández Arregui, sintetizou com clareza o contexto que promoveu a junção peronismo-esquerda no PSRN. A queda de Perón, para a esquerda, mostrou-se como uma atitude defensiva e reacionária da oligarquia. Perón passou a figurar como líder de um movimento nacional, que é a forma como se encarna a luta de classe em um

⁹ RAMOS, J.A. *América Latina: un país*.

¹⁰ Informe político de Enrique Fernández (Carbajal), Plenário del PSRN, dez. de 1955, apud GALASSO, Norberto. *La izquierda nacional y el FIP*, p. 82.

país dependente e periférico como a Argentina. Ao lado disto, a revolução cubana virá reforçar a idéia de que esse tipos de movimentos sociais nacionais se produziam mostrando a maturidade dos países da América Latina no processo de luta de classes.¹¹

O ápice do processo ideológico representado pelo PSRN é alcançado com a criação, no início dos anos 60, do *Partido Socialista de la Izquierda Nacional*, com membros do PSRN (J.A.Ramos e Spilimbergo, por exemplo). Neste partido se incorporou um grupo de estudantes da universidade de Buenos Aires, liderados por Ernesto Laclau, chamado *Frente de Acción Universitaria*. Laclau será responsável por uma nova elaboração do *entrismo* no peronismo, baseada na idéia de que sendo o peronismo um movimento de massas – embora liderado de forma populista por Perón –, haveria de canalizar os esforços sociais do movimento, através de uma ideologia marxista, que teria que vir necessariamente “de fora” do peronismo. Neste caso, do PSIN.

Cada vez mais, para se chegar às massas, ou se abandonam as exigências das posições tradicionais ou se busca produzir, no movimento de massas, uma “adequação” ideológica “de fora”. A vanguarda quer ir onde a massa estiver, mas não se pergunta por que ela está aí. A ideologia, por assim dizer, relaxa quanto ao peronismo, na medida em que este possa aproximar a esquerda das massas.

¹¹ HENÁNDEZ ARREGUI, J.J. *Revista Política*.

No esforço da esquerda da época por incorporar o peronismo, o divórcio se torna uma obsessão. Reconhece-se o valor da política social de Perón, se observa a importância do peronismo no sindicalismo, na política e na cultura popular. Tudo! Menos observar até que ponto o peronismo é uma estrutura ideológica fincada no pensamento popular, mas com base em um profundo sentimento – tal a unidade criada entre Perón e povo. Esse é o maior capital do movimento peronista e, por isso, o mais difícil de reverter. Diz Norberto Galasso:

mientras las ideas de la Izquierda Nacional parecen encontrar, día a día, mayor receptividad, el PSIN no establece vínculos reales con las clases trabajadoras, ni tampoco aumenta de manera importante el caudal de sus militantes.¹²

Nos anos posteriores ao peronismo, outro grande esforço nesse sentido, é feito pela publicação de uma importante série de obras que debatem interpretações da história argentina, o problema da nação diante do imperialismo e o próprio peronismo. Esse universo de contribuições fundamentam uma nova esquerda: a chamada “izquierda nacional”. Seu ponto de partida consiste em reconhecer a questão da nação. O peronismo começa a ser caracterizado mais como um momento necessário – por isso, sempre passível de ser superado – na experiência do proletariado, do que como um “desvio burguês”. Nos anos 50, sobretudo na primeira metade, aparecem várias obras lançadas pela editora Indoamérica, do grupo de J.A.Ramos. Em 1954, *Stalin y la*

¹² GALASSO, Norberto. *La izquierda nacional y el FIP*, op. cit., p. 123.

Burocracia Contrarrevolucionaria, de H.García Ledesma; *José Hernández y la Guerra del Paraguay*, de Enrique Rivera; *Diego Rivera y el Arte en la Revolución Mejicana*, de J.E.Spilimbergo. As elaborações referidas à esquerda e voltadas para os problemas nacionais, o socialismo se transformou em “socialismo nacional” e, o peronismo, em um movimento essencialmente popular, no qual a esquerda nacional se integraria.

São obras da esquerda que colocam em evidência os problemas da esquerda tradicional e questionam os partidos socialistas e comunistas. Eduardo Astesano, reexaminando o passado argentino, publicou *Historia de la Independencia Económica* (1949) e *La Movilización Económica del Ejército Sanmartiniano* (1951). Em 1956, Rodolfo Puiggrós, tendo saído do PCA e aderido ao peronismo, publicou sua *Historia Crítica de los Partidos Políticos Argentinos*, também com críticas aos comunistas e com nova tentativa de abordagem da história argentina. Juan José Hernández Arregui publicou: *La Formación de la Conciencia Nacional e Imperialismo y Cultura* (1957), obras que, nos anos 70, conformaram o marco ideológico de Montoneros. Jorge Abelardo Ramos publica, em 1949, *América Latina: um País*, onde o problema nacional é abordado como sendo um contínuo de problemas latinoamericanos, sempre vistos à luz da luta de classes; em 1957, *Revolución y Contrarrevolución en la Argentina* e, em 1959, *Historia Política del Ejército Argentino*, com críticas à esquerda tradicional e o reconhecimento da corrente nacional na história argentina.

A formação de uma esquerda nacional na Argentina constitui o mais importante momento da tradição ideológica da esquerda, se vista à luz da incorporação dos problemas nacionais e do efeito que isto irradia nos anos 70. O conjunto das obras tem muito a ver, por rejeição ou assimilação, com as interpretações da história argentina chamadas *revisionistas*. O revisionismo estabeleceu inúmeros contatos com fatos e personagens da história da pátria, partindo da idéia mobilizadora de que a história argentina tinha sido sempre escrita a partir dos interesses das elites. A cabeça estrangeira dos argentinos ricos tinha falsificado até a história. Criou-se, então, uma versão da história argentina oposta à oficial. Com foco nos problemas nacionais.

Para a juventude que formou centralmente as organizações de esquerda dos anos 60 e 70, o esforço da esquerda nacional foi uma referência fundamental porque permitiu dar *continuidade* a suas posições. A militância desses anos exigia dotar a quem se integrava aos grupos da esquerda, não apenas de armas e treinamentos militares, mas especialmente de uma dimensão ideológica capaz de inscrever o militante no longo processo histórico das lutas populares argentinas. Um enquadramento de memória que tanto a esquerda precisava, uma vez que são as novas gerações – que nesse processo constroem sua identidade –, as que terão uma ação efetiva na reversão do divórcio das massas.

Os comunistas, entretanto, apenas acontecido o golpe que derrubou Perón, pronto se colocaram do lado dos trabalhadores peronistas dentro das fábricas, embora sem conseguir conquistá-los, frente a atração que Perón continuava a irradiar. Os jornais do

Partido Comunista mostram a lenta evolução para a aceitação do peronismo, chegando nos 70 a compor frente comum e a partilhar de objetivos e pontos de vista com o peronismo. Vejamos algumas passagens do jornal *Nuestra Palabra*.¹³

Em 1955, o jornal anunciava: “la clase obrera, fuerza decisiva de todo el progreso económico, político y social del país, no há asumido aun el papel dirigente del conjunto del pueblo en la lucha por la independencia nacional” (*Nuestra Palabra*, 19 de set. de 1955 ano VI, n. 285).

Em janeiro de 1956, o mesmo jornal comenta: “Sabido es que Perón hizo todo lo posible para poder aislar a las masas aislándolas de nuestro Partido. Para ello se valió de una brutal represión contra los comunistas, por una parte, y de la demagogia desenfrenada por la outra” (*Nuestra Palabra*, 3 de janeiro de 1956, ano VI, n. 296).

Em 1965, o mesmo jornal publica a *Declaración del Comité Central del PC sobre la agravación de la situación internacional y nacional*:

la debilidad esencial de as fuerzas obreras, democráticas y patrióticas reside en el hecho de que no están suficientemente unidas en la acción. Para alcanzar la plenitud de su fuerza potencial, estas fuerzas necesitan agruparse en un Frente Democrático Nacional antioligárquico [...] Siendo la unidad de acción de comunistas y peronistas el eje del Frente Democrático Nacional anti-imperialista a constituirse, es primordial

¹³ Dentre as publicações do PCA, contam-se: *Orientación*; *Nueva Era*; *Juventud*; *Nuestra Palabra*; *Cuadernos de Cultura* e *Boletín de Informaciones Latinoamericanas*, todos publicados em Buenos Aires. *Pasado y Presente* é um caderno importante, elaborado por dissidentes do PCA. Foi publicado em Córdoba em dois momentos diferentes, o primeiro período, de abril de 1963 a set. de 1965 e, o segundo período, de abril a dez. de 1973.

que los sectores de izquierda del peronismo libren batalla contra el anticomunismo que sostienen los líderes de derecha de esse partido.” (*Nuestra Palabra*, 22 de setembro de 1965, n. 795).

Quando, em 1973, se dá o ápice da relação esquerda e peronismo, os comunistas vão mais longe:

Nuestra grave realidad económico social [...] reclama un cambio auténtico. Y el pueblo comienza a comprenderlo claramente, como lo prueba ese fenómeno masivo que nuestro partido llamó com acierto, ya en 1962, el giro a la izquierda de las masas peronistas y no peronistas.” (*Nuestra Palabra*, 4 de julho de 1973, ano I, n. 2).

Observa-se que a formulação dos diferentes partidos da esquerda sobre o peronismo é semelhante a essa, que ao longo dos anos foram desenvolvendo os comunistas, pensando que o peronismo é momentaneamente admissível pelos limites que oferece ao imperialismo, mas que deveria ser superado no processo da luta de classes. Sempre contando com que, em um segundo momento da história argentina, o peronismo viesse a ser desintegrado pelo esgotamento do bonapartismo e, então, as massas poderiam ser as verdadeiras condutoras do processo social.

Em seu artigo: “Geografia de Gramsci na América Latina”, José Aricó explica, em que medida os anos 60 levariam também o PCA a acreditar na desagregação do peronismo, em meio a tantas pressões. Depois disto, os comunistas esperavam conquistar as massas. O peronismo, de fato, estava sempre em acerto de contas entre um setor e outro, porém, mesmo assim, o projeto dos comunistas se revelou uma quimera.¹⁴

¹⁴ ARICÓ, José. “Geografia de Gramsci na América Latina”, op. cit.

Nos anos iniciais da proscricção peronista, entretanto, há um verdadeiro vazio em relação às massas, criado pela exclusão dos dirigentes peronistas depois do golpe de 1955 e pela falta de atração da parte de socialistas e comunistas. Paradoxalmente, são anos característicos porque, nessa época, houve uma intensa movimentação das bases populares, conhecida como “Resistencia Peronista”.

Nos primeiros anos do golpe, as bases populares estavam incomodadas, e, ao mesmo tempo, desenvolveram novas esperanças. Pensou-se, na verdade, que Perón chegaria a desatar uma verdadeira guerra contra os golpistas, de fora e apoiado nas forças populares. Era um sentimento de índole espontânea, instintiva e acéfala; um protesto defensivo, mas que revivia o discurso enérgico contra o poder oficial que Perón ativara em seus primeiros anos na política.¹⁵

A diferença entre o sentimento das bases e a situação dos dirigentes gerou tensões entre o novo governo e os sindicalistas, na mesa de negociações. Na prática, se traduziam na rejeição a partir das bases dos acordos trabalhistas que as lideranças sindicais pudessem validar junto ao governo e às empresas.

O peronismo é um “objeto” complexo, porque não se compõe apenas pelo partido peronista, ou mesmo pelos sindicatos. Trata-se de um movimento que reúne diferentes setores sociais em torno de uma amálgama definida a partir do vínculo entre o povo e a figura de Perón. O peronismo, em sua função de representar os

¹⁵ JAMES, D. *Resistencia e integración*, op. cit.

interesses populares, promove a sua unidade com base na força opositora deste conteúdo popular. Isto já estava consumado quando do golpe de 1955. Entretanto, no imaginário popular, emergiu novamente sob a forma de protesto, agora contra a exclusão social da ditadura. Esse é o peronismo “de baixo”. Uma força social sem precedentes, que seguia Perón em seu chamado profano, na sua postura decididamente crítica em favor dos direitos dos trabalhadores. É o canal que permitirá manter uma certa sintonia peronista nos anos da proscricção. Perón, nesse mesmo momento, desde o exílio, aciona a força ideológica do seu contradiscurso:

Les he dado una organización, una doctrina y una mística. He trabajado once años para politizar las masas. Los he preparado para luchar contra la reacción y les he dejado el ejemplo de cómo se puede hacer para alcanzar las grandes reformas. Ahora les queda a ustedes no equivocarse en las formas de ejecución y tener la decisión necesaria para triunfar [...] Una actitud decidida del pueblo es lo único que puede salvar a los trabajadores de una ruina segura. (Perón, Carta de Caracas, 3 de nov. de 1956.)

No processo de construção da identidade entre Perón e o povo, a população desenvolveu valores e sentimentos, até então latentes, como orgulho, respeito próprio, dignidade. Não que os socialistas, comunistas e anarquistas tivessem ignorado esta dimensão dos trabalhadores a que se dirigiam, entretanto a trataram num tom didático, enviesado, às vezes pelo desejo de criar uma consciência diferente da que existia. O intelectualismo

dá ao povo um lugar inferior. Não lograram, em consequência, se transformar em expressão hegemônica da classe.

O peronismo, enquanto orquestrava a política estatal que incorporou os sindicatos (peronistas) na mesa de negociações, também se afirmava sobre qualquer outra forma de poder social, como força verdadeiramente popular. O poder do peronismo, diz James, “radicó, em definitiva, em su capacidad para dar expresión pública a lo que hasta entonces sólo había sido internalizado, vivido como experiencia privada.”¹⁶

A ideologia peronista se articula com as bases populares através de um eixo, que funciona, na verdade, reclamando, acusando as elites e colocando o povo em evidência. Perón (junto com Eva) conseguiu deslocamentos radicais na construção do sentido popular. Expressões, até então utilizadas para excluir e segregar os setores populares, foram empregadas nas tórridas alocuções de Eva, apenas para promover sua proximidade com os “de abaixo”: “*grasa*”, “*cabecitas negras*”, “*descamisados*” se transformaram na expressão da paixão com que Eva e Perón se dirigiram ao povo. O povo, em resposta, adotou os termos para construir sua identidade e para partilhar do orgulho de ser peronista. As pérolas e o luxo que Eva ostentava, tampouco incomodavam aos pobres. Incomodavam, isto sim, à elite. Afinal, no imaginário popular, o corpo de Eva era o corpo do povo.

Todos estes elementos ressurgem durante o exílio e a proscricção, a partir da segunda metade dos anos 50. No clima de

¹⁶ Idem, *op. cit.*, p. 46.

confronto da “Revolución Libertadora”, os trabalhadores e o povo deram vazão ao sentimento de frustração e injustiça. Um a um, os sucessivos governos argentinos, até 1973, encontrarão, nessa postura dos setores populares, a razão do seu fracasso.

Em novembro de 1955, Lonardi foi substituído pelo general Pedro E. Aramburu, que defendia uma linha mais dura em relação a peronismo, sindicatos e trabalhadores. A repressão se agudizou. Em resposta, a resistência popular se reforça. Inicialmente, participavam da ação de resistência aqueles que partilhavam do sentimento de frustração e viam os militares ocupar o governo que antes era dos peronistas. Amigos do bairro, da escola e da rua reuniam-se para fabricar bombas caseiras e alimentar a ilusão de uma revolta dos setores peronistas. Da noite para o dia, os muros apareciam pintados com a profecia que mais fez temer as elites. “*Perón vuelve*”.

As lideranças sindicais, entretanto, passavam por um processo complexo de decantação. Primeiro, os peronistas tinham perdido o comando, como resultado da perseguição e da prisão; depois, novas lideranças foram ocupando os postos de maior hierarquia. Alguns líderes promovem greves parciais. Os sindicalistas comunistas preferem articular a greve geral. Os peronistas, cientes que a volta de Perón não iria tardar, defendem manter a greve geral como último recurso, num movimento permanente que acabaria conquistando o retorno de Perón. O governo endurece, declara ilegais, nas fábricas, as “comissões internas” de trabalhadores e inicia uma campanha pela produtividade e racionalidade nas empresas.

Entretanto, a estrutura organizacional do sindicalismo contribuiu para a continuidade do movimento peronista. A *Intersindical*: comissão que trabalhava pelo restabelecimento da legalidade dos grêmios proibidos, foi, por exemplo, uma das vias pela qual Perón enviava ordens aos líderes gremiais, sobretudo na campanha do voto em branco das eleições de 1957. Os antigos dirigentes se organizaram em quatro grupos: *CGT Única e Intransigente*; *Comando Sindical*; *CGT Negra* e *CGT*. Estes grupos se unificaram, em 1957, na chamada *CGT Auténtica*, com André Framini como Secretário Geral.

No meio sindical, avivou-se permanentemente o antagonismo entre velhos e novos dirigentes sindicais. No Congresso da CGT, de setembro de 1957, criou-se um agrupamento que reuniu 62 sindicatos e que ficou conhecida como as “62 Organizaciones”. Também ela assumiu uma política combativa, promovendo sucessivas greves em todo o país e tendo um papel fundamental na campanha do voto peronista para Frondizi, em fevereiro de 1958. A partir do sindicalismo peronista surge um importante setor da esquerda peronista, conhecido como “sindicatos combativos”.

Nos primeiros anos, os setores populares continuaram a acreditar no desgaste do governo. Forma-se entre alguns militares o *Movimiento de Recuperación Nacional* (MRN), pró-peronista. A provocação, os rumores, perturbação de toda ordem, as transmissões radiofônicas, a infiltração, as pichações, tudo servia para dar sinais do esgotamento do inimigo antiperonista e para manter acesa a chama do “retorno”. Como disse Perón, na época,

“nosotros debemos estar em condiciones de manejar el desorden cuando ellos quieran manejar el orden”.

Em junho de 1956 ocorreu um fato que avivou as expectativas populares. O general Juan José Valle, do MRN, comandou um levante militar em favor de Perón. O movimento, no entanto, foi controlado, custando a Valle o fuzilamento. “Entre mi suerte y la de ustedes me quedo com la mia,” – disse Valle em carta a Aramburu, na hora da morte. Disse mais:

Mi esposa y mi hija, a través de sus lágrimas verán en mí un idealista sacrificado por la causa del pueblo. Las mujeres de ustedes, hasta ellas, verán asomárseles por los ojos sus almas de asesinos.

A história peronista ganhou um herói e Aramburu uma carta que virou sentença. Depois deste evento, o general Aramburu decidiu enfrentar o peronismo, propondo uma convenção nacional para reformular a Constituição Nacional, que era de 1853 e tinha sido modificada durante o governo de Perón. A proposta de Aramburu recebeu questionamentos, uma vez que só se poderia alterar a Constituição através do Congresso Nacional, na época interdito, e porque um comício para escolher a convenção corria o risco de ser desacreditado diante da ausência do partido peronista. Ao governo, entretanto, interessava a possibilidade que a proposta oferecia, no sentido de recontar o eleitorado do país com vistas a avaliar as condições de uma futura eleição geral.

John W. Cooke foi um peronista diretamente envolvido no surgimento da esquerda nacional e um peronista decisivo na reinvenção do peronismo. Deputado peronista durante os últimos

anos do governo de Perón, guardava uma clara diferença com o comum dos políticos peronistas, muitas vezes recrutados na última hora, apenas para cobrir algum cargo de emergência. Cooke havia publicado a revista peronista *De Frente*, no final do governo de Perón. Conhecia a teoria marxista e era um estrategista de grande talento. Depois do golpe, esteve preso na cadeia de Rio Gallegos, no sul da Argentina, junto a outros políticos peronistas. O grupo conseguiu fugir pouco tempo depois, o que lhe permitiu radicar-se em Santiago do Chile. Do Chile, Cooke assumiu a tarefa de organizar a *resistência*, passando a representar Perón no movimento. Cooke dimensionava o peronismo como um movimento social sem precedente. Nesses anos, desenvolve um longo diálogo epistolar com Perón.

Uma de suas cartas informa Perón sobre os possíveis planos do general Aramburu:

La convocatoria a Constituyentes lleva a muchos a propiciar que apuremos nuestra acción decisiva. [...] El momento de la insurrección podrá ser antes, durante o después de la Constituyente. Quiero decir que ésta en nada tendrá influencia sobre el devenir de las cosas de nuestro país relacionadas con el Movimiento Peronista. El gobierno no saldrá fortalecido de esa Constituyente. Si el porcentaje de abstenidos y votos en blanco es suficientemente grande, será una asamblea sin autoridad moral. (Santiago do Chile, 29 de abril de 1957.)

Cooke tinha como objetivo organizar uma contestação geral ao plebiscito de Aramburu, através de milhares de votos em branco. Em carta de 11 de maio, enviada a Perón, comenta:

La campaña del voto en blanco sigue intensificándose, aunque hay que insistir mucho más. La gente debe saber que no esterilizará su voto [...] Ahora el voto en blanco es un acto positivo, implica tomar partido y fijar una posición. Votando en blanco es como verdaderamente se vota contra el gobierno, y no dando el sufragio a alguna de las variantes antiperonistas o pseudo-peronistas.

Perón responde:

Mi querido amigo [...] Con referencia a las elecciones de Constituyentes, nosotros debemos de hacer allí un acto más de resistencia, tratando de que no se realicen o, en su defecto, haciendo cualquier cosa para que no sirvan de nada, como sería votar en blanco, no votar, meter bochínche, perturbar, sabotear, boicotear, y mil formas más de hacer la resistencia. Hay que dar la misión e indicar lo que interesa que se haga, ya los grasas se encargarán de hacerlo de la mejor manera. Nosotros, muchas veces por preverlo todo matamos un poco la iniciativa de nuestra gente que, a menudo, suele ser mejor que la nuestra ... Si las boletas son confeccionadas de manera distinta será cuestión de inventar la manera de burlarlas.” (Caracas, 17 de maio de 1957.)

Assim, foi delineada a primeira estratégia peronista da resistência. O grande risco para Perón e Cooke estava em provocar, com a medida, o esvaziamento do movimento, caso o eleitorado não acatasse a proposta peronista do voto em branco. O ganho, por sua vez, permitiria avaliar a força convocatória de Perón e de unidade da sua organização. Isto daria uma idéia ao governo do que Perón era capaz de fazer. Com quem, afinal de contas, estavam as massas.

2. “Aceito, pagarei”

A figura de Perón está indissoluvelmente associada à massa de trabalhadores, e, em geral, a todos os setores populares e mais pobres da população argentina. Esta relação é a tal ponto constitutiva da ideologia peronista, que a identidade criada entre Perón e o povo funciona como cimento do movimento social peronista. Aqui, observaremos como esta unidade Perón-povo funcionou como recurso para articular o movimento peronista diante das estratégias dos novos governos. Primeiro, com o “voto em branco”, depois, com o pacto Perón-Frondizi.

Um documento oficial do peronismo, “Las veinte verdades del justicialismo”, de circulação corrente nos anos do governo peronista, expressa em que medida a doutrina oficial do movimento, de nome “Justicialismo”, associa peronismo e “povo”.

Logo no primeiro enunciado das *verdades peronistas*, a doutrina associa democracia a povo, diz: “La verdadera democracia es aquella donde el gobierno hace lo que el pueblo quiere y defiende un sólo interés: el del pueblo”. A segunda *verdade* afirma: “El peronismo es esencialmente popular. Todo círculo político es antipopular, y por lo tanto no es peronista”. Exclui-se, em consequência, a possibilidade de qualquer outro movimento político ser de caráter popular. A idéia aqui é mostrar a impossibilidade de que, na Argentina, alguém pudesse, mesmo que quisesse, defender o interesse “único” do povo, porque a política é a arena contaminada de interesse oligárquico.

Na ideologia peronista, Perón e povo são categorias únicas, insubstituíveis e legítimas. Únicas, pela singularidade dos termos Perón e povo, não há outros. Insubstituíveis, pela unidade essencial entre ambos, o povo não combina com qualquer outro nome que não seja o de Perón. Ninguém estará em condições de representar o povo como Perón. Tratando-se disso, a condição será “Perón o muerte”. A legitimidade, entretanto, emerge pelo fato do peronismo se autodefinir como um pensamento de “fora” do universo político. O peronismo não se define como político: é mais um sentimento social. Ninguém que viesse da tradição política argentina poderia defender os interesses do povo.

Silvia Sigal e Eliseo Verón observam como Perón insiste neste pressuposto, assentando as bases de seu jogo discursivo. Perón é sempre o “enunciador” de um discurso popular que vem “de fora” do mundo da política. Portanto, está isento dos valores da oligarquia argentina que permeiam todos os discursos políticos.¹⁷ Até mesmo o da esquerda. Perón está livre, ao contrário dos políticos tradicionais, da contaminação de todos os que se opõem aos interesses do povo. Assim, também cabe pensar que se houver discurso verdadeiramente popular na Argentina, só pode ser o do peronismo.

Perón chega “de fora” para lutar pelos *descamisados*. Ainda coronel, da *Secretaria de Trabajo y Previsión* empreendeu sua carreira política para defender os trabalhadores. Antes disso, no entanto, Perón pertencia ao mundo isolado do exército. O exército

¹⁷ SIGAL, S. & VERÓN, E. *Perón o muerte*.

é neutro em relação à política. Tanto é assim que, na Argentina, toda vez que a sociedade civil ameaça o *status quo*, a ordem estabelecida, as Forças Armadas são as que respondem ao chamado de ordem. Parece que, para as elites, a política, na Argentina, sempre precisou de um mecanismo de correção, e que os militares assumiram essa função, crenças na “neutralidade política”. Crença provavelmente reforçada pelos lucros da oligarquia.

Pois bem, Perón emerge desse mundo não-político dos militares. É ele quem fala: “Como vivíamos apartados de los civiles, acabamos por conformar una familia. Han dicho por ahí que jamás tuve otra, el ejército fue mi único sentimiento verdadero. Y qué hay com eso? Yo no hice distinciones entre pátria y ejército.”¹⁸ A vez de Perón, contudo, é o reverso da situação. Por estar imune aos vícios da política, pode representar legitimamente os interesses populares. Perón é o apolítico que luta pelos trabalhadores.

A sexta *verdade peronista* fecha o círculo restrito dessa doutrina, afirmando que “Para un peronista no puede haber nada mejor que otro peronista”. Ficam então de fora todos os não-peronistas. Finalmente, a última verdade anuncia: “En esta tierra lo mejor que tenemos es el pueblo”.

O povo – população trabalhadora mais todos aqueles econômica e politicamente excluídos –, constitui o setor social ao qual Perón se dirige vivamente em seus discursos. Diz ele, em carta escrita do exílio:

¹⁸ ELOY MARTINEZ, T. *La novela de Perón*, p. 107.

Em mi concepto [...] al declarar fuera de la Ley al Peronismo, la dictadura que azota al país, ha pretendido anular la voluntad soberana del Pueblo para someterla a los dictados de una minoría usurpadora que, en nombre de intereses falsos e impopulares pretende dictar la ley a una mayoría absoluta y conciente de la verdad [...] El Pueblo argentino es justicialista y nuestra doctrina es la suya. (Caracas, 10 de marzo de 1957.)

O funcionamento da identidade Perón-povo, que aparece aqui reforçado na doutrina peronista, permite entender a ilegalidade do peronismo como ilegalidade do povo. O jogo de identidades entre Perón e povo é reforçado, ainda, por Perón, nas cartas do exílio: “han quitado al pueblo lo que nosotros le habíamos dado” (Perón, Caracas, 10 de março de 1957); “no buscamos soluciones para algunos hombres sino para el pueblo”. (Caracas, 18 de dezembro de 1956.)

Na semântica peronista, os sentimentos de Perón são os do povo e os do povo são os de Perón. Povo e Perón são, na verdade, termos intercambiáveis. Por vezes, entretanto, Perón escolhe se diferenciar do povo: “al que deberían consultar es al Pueblo y no a mí.” (Caracas, 09 de junho de 1957); “Qué daría hoy la dictadura por una palabra mia al Pueblo” (Caracas, 09 de junho de 1957). Neste caso, o jogo discursivo marca a autonomia da decisão do povo e serve para dar o recado à ditadura: consultem as bases populares. Porém, na maioria das vezes, Perón encarna a voz do povo: “en mis oídos resonaban las voces de los descamisados argentinos reclamando, con mi nombre, sus propios e inalienables derechos”, “era necesario que el pueblo mismo decidiese sus

proprios destinos. Y eso fue lo que sucedió en la noche prodigiosa del 17 de octubre” (Perón, mensagem em rede nacional, 21 de junho de 1973).

A identidade criada entre Perón e povo funciona como uma estrutura especular que permite a Perón um duplo jogo de enunciação: falar em nome do líder do movimento popular (ou dele mesmo) e falar em nome do povo. Debaixo para acima ou de cima para abaixo, nos dois casos se reforça a identidade popular de Perón. A base para o crédito a Perón está lançada. Perón não só é o líder, é, antes disso, alguém como a maioria dos argentinos que trabalha. Vem de “fora” (tanto faz se do estrangeiro ou do interior): “Soy como la Argentina, también yo tengo el destino de desierto.”¹⁹

Outro aspecto – também constitutivo desta unidade –, é o fato do peronismo ser, tal como o definiram tanto seus fundadores quanto as novas gerações dos anos 60 e 70, “un sentimiento”. Este elemento é, justamente, o mais duradouro da unidade Perón-povo, uma vez que mudanças no contexto político e mesmo as alterações dos conteúdos ideológicos não são obstáculo para a continuidade do peronismo como *sentimiento*. Lévy-Brühl mostra que os sentimentos “que se perpetuam, em um grupo determinado [...], formam com os costumes e as crenças amálgamas quase indissolúveis.”²⁰

¹⁹ Ibidem.

²⁰ LÉVY-BRÜHL, L. *La morale et la science des moeurs*. Ver, também, ensaio sobre o pensamento de Lévy-Brühl de CARDOSO, Roberto. *Razão e afetividade*.

De todos os aspectos que caracterizam a unidade Perón-povo, o “sentimento peronista” tem o processo evolutivo mais conservador. A eficácia de Perón estaria justamente na força e na persistência desse sentimento coletivo que, de forma indissolúvel, vinculou Perón às massas e à realidade social da qual esse sentimento é parte. “Quiero en esta oportunidad” – disse Perón em discurso comemorativo do 17 de outubro – “como simple ciudadano, mezclarme en esta masa sudorosa, estrecharla profundamente com mi corazón, como lo podría hacer com mi madre.” (1957)

As pessoas mais humildes, as de pouca educação, os trabalhadores em geral, haviam encontrado, nas falas e nas atitudes de Perón, a maneira de criar e assumir uma imagem social. Na Argentina, de modo súbito, o povo havia começado a aparecer nas ruas, nos locais de trabalho, nas praças. Desta forma emergia a nação, tão cara às discussões internas da esquerda. O povo, desprezado pelas elites de cultura “estrangerizante”, agora invadia a cidade e se refrescava nas fontes que a elite mandara construir para lembrar Paris. Veja-se o relato de uma operária que participou dos eventos do 17 de outubro de 1945:

Yo, como tantas, trabajaba por monedas en el turno de la tarde, en un frigorífico. La gente salía, callada, de las fábricas de Beriso y es verdad que muchos cruzaron el Riachuelo a nado, porque los puentes los levantaron para que no pudieramos llegar a la Capital [...] Ya en la calle, la preocupación fue alegría, todos sentían que estaban haciendo algo que necesitaban hacer [...] y yo fui una de las que se lavó los pies en la fuente. (*La Razón*, 17 de outubro de 1995.)

Pode-se dizer que Perón conseguiu figurar, nos setores sociais populares, como representação de seus sentimentos e costumes mais arraigados, permitindo-lhes, assim, exteriorizar seus sentimentos latentes.

No caso do peronismo, a realidade social da qual a unidade Perón-povo e o “sentimento peronista” fazem parte, corresponde à luta nas fábricas, à resistência nos bairros, às manifestações nas praças. Trata-se de uma realidade que se compôs de aspectos racionais: foi a pior época de salários, de negação dos direitos civis, de vida pública para os setores populares. Criou-se um profundo sentimento por Perón. Assim, sua figura foi lançada para uma esfera (turbulenta) onde se entrecruzam razões e afetos.

A unidade Perón-povo está presente nas manifestações ideológicas do peronismo: nos discursos de Perón, nos debates políticos, nas interpretações da esquerda peronista. Perón, povo, Eva, justiça social entremeiam-se em uma trama discursiva, claramente reconhecida e identificada pelas bases populares. Na verdade, a unidade Perón-povo tem por base uma dimensão emocional que é a que, definitivamente, funciona como cimento secular da cultura de massas que se fusionou no movimento peronista. Vejamos como a complexa trama criada em torno do peronismo, com base na unidade Perón-povo, funciona no período da proscricção peronista – embora imperfeitamente –, criando certos inconvenientes para a organização clandestina do movimento.

Perón ocupa o lugar de representante exclusivo do povo, lugar que parece ser insubstituível no imaginário popular. Sua voz

funciona como a voz do povo. Isto, por sua vez, trouxe inconvenientes na hora da implementação das ordens que vinham do exílio e que deviam ser difundidas em nome do líder para organizar os setores populares.

Os inconvenientes se produziram no interior da estrutura organizativa do movimento peronista. A autoridade de Perón era única, mas muitos eram aqueles dispostos a assumi-la na ausência do líder máximo. Em sua correspondência com Perón, Cooke fez chamadas permanentes, invocando a palavra deste como forma de legitimar sua atividade organizativa do movimento clandestino da resistência. As cartas “*de puño y letra*”, de Perón, transformaram-se na prova irredutível da autenticidade das ordens emanadas do líder. Veremos, mais adiante, como este elemento resulta também, nos anos 70, num aspecto fundamental do campo ideológico dos Montoneros.

Em certas ocasiões, a confusão entre os membros da organização do movimento se generaliza, em parte devido ao estilo personalista de Perón, mas também porque muitos dos dirigentes peronistas, do partido e dos sindicatos, almejavam conquistar um lugar na condução do movimento, enquanto Perón permanecia no exílio. Cooke informa Perón:

Todo el trabajo [...] se simplificaría si quienes reciben cartas tuyas con autorizaciones se circunscribiesen a los límites de sus posibilidades. Cuando la falta de modestia los empuja a buscar jefaturas excesivas, los resultados son siempre iguales: resistencia de los que dirigen otros grupos y pérdida de seguridad. (Cooke, Santiago do Chile, 11 de abril de 1957.)

E prossegue:

Habiendo una persona que podía asumir su representación, se olvidava el problema de que nadie sabía a quien creer.

Insiste, ainda, na carta de 23 de abril:

Para poner fin a la desorientación de la gente de buena fe, he hecho circular entre los comandos leales la fotocopia del nombramiento que Ud. me hizo. Con iso en sus manos, demostrarán que la prédica de “Intransigencia total” y “Perón o muerte” estaba inspirada en la verdadera línea. (Federico Zavaleta, pseud. [J. W. Cooke], Santiago do Chile, 23 de abril de 1957.)

Perón, a seu lado, aparece ora recriando seu papel de líder único e legítimo, encarnando assim a voz popular, ora como o estrategista político que manda os inimigos consultarem o povo, para que este fale sua própria verdade, com sua própria voz. Sobre sua autoridade na organização, diz a Cooke:

Lo que usted necesita es que lo obedezcan, no que lo amen y, mediante el sistema, yo le aseguro esa obediencia. Ya se irán acostumbrando a “su mano” y no habrá dificultades. (Caracas, 22 de junho de 1957.)

Aqui, Perón mostra seu poder, outorgando autoridade a Cooke, já que é disto que Cooke precisa para organizar a resistência. Quanto aos sentimentos, Perón é claro: Cooke não necessita que a organização ame a todos aqueles que comandam, necessário é que amem Perón.

Entretanto, esse é um jogo complexo. A realidade do exílio, a perseguição, o controle da comunicação entre o líder e a organização da resistência, o encontro de interesses entre os que

apoiam decididamente Perón e aderem ao sentimento popular e aqueles que aos poucos vislumbram a possibilidade de conquistar um lugar vantajoso em um sistema político do tipo “peronismo sem Perón”, tudo fará com que, repetidas vezes, os equívocos se situem em torno das mensagens de Perón.

Poucos dias antes da Constituinte, Cooke avisa Perón:

Sobre esto (a Constituyente e a campanha do voto em branco) le formulo un pedido de la mayor urgencia. En una carta del 11 de abril le indicaba que creia conveniente una orden expresa, de su puño y letra, ordenando la abstención, o voto en blanco, o voto anulado, dejando a la gente la opción del medio para expresar su repudio al gobierno [...]. Todos los que me escriben de Buenos Aires y de algunas provincias me expresan que es imprescindible que Ud., de su puño y letra, dé la directiva [...]. Hay algunos que dicen que no está terminantemente establecida la forma de votar. (Cooke, Santiago do Chile, sem data.) [Parênteses meus.]

A confusão se intensifica a poucos dias do plebiscito. Perón promovia, indiferentemente, o voto em branco e a abstenção. Ao mesmo tempo escrevia para vários líderes, a maioria exilados em outros países. Isto complicava as ações. Perón havia enviado, através de um dirigente peronista radicado no Uruguai, Eduardo Colom, uma mensagem preparando as bases para o plebiscito que iria se realizar na Argentina. Em princípio, Perón propôs a abstenção total. Cooke respondeu a Perón:

Como mi primera obligación es decirle la verdad, tal como la veo, debo declararle que la directiva que trajo Colom sobre la abstención ha causado serios inconvenientes [...] Ud. (Perón) no puede aparecer dando una orden que no se cumple [...] le ruego que en cuanto reciba esta carta me mande un cable [...] Si está de acuerdo con mis

argumentos, que diga “*Aceptado pagaré*”; si, por el contrario, debo continuar en la directiva que trajo Colom, que el texto sea “Feliz Aniversario”. [Grifos meus.]

Perón responde:

Eso prueba una vez más la necesidad de conducir de cerca y pulsar permanentemente la opinión. Ya he subsanado el asunto y espero que usted haya recibido mi cable. (Caracas, 17 de julho de 1957.)

Finalmente, Perón enviou à organização uma mensagem, explicando que o povo peronista devia votar em branco. Os comandos se encarregam de distribuir a ordem às bases, dizendo: “está en sus manos aniquilar com su voto en blanco a la tiranía oligárquica entreguista” (*Comando Sindical Peronista*, Buenos Aires, junho de 1957.)

Os votos em branco do peronismo superaram os 2.000.000 e as abstenções foram em torno de 800.000. O resultado atingiu o governo de Aramburu, evidenciando o poder subterrâneo do peronismo. O partido de Frondizi, a *Unión Cívica Radical Intransigente* (UCRI), desdobramento da antiga UCR, havia totalizado 1.950.000 sufrágios e dois milhões de votos se concentravam entre socialistas, democratas cristãos, conservadores, democratas progressistas, comunistas e outras forças menores.²¹ Aramburu tinha sido abertamente contestado pelo peronismo no seu projeto de criar uma Assembléia Constituinte, com a finalidade de modificar a Constituição. Depois disto insistiu em

²¹ Relatório de Cooke enviado a Perón. Carta de 28 de agosto de 1957, In: *Perón-Cooke; correspondencia*, p. 257.

manter a data para as eleições gerais, convocadas para fevereiro do ano seguinte.

Cooke revela ao chefe o resultado da estratégia:

En la Capital Federal un grupo de dirigentes gremiales [...] imprimieron 80.000 volantes y tres o cuatro mil fotocopias con la reproducción de su orden. La abstención y el voto en blanco se hicieron conciencia en la gente trabajadora. [...] *su escritura tiene un poder mágico.* (Cooke, Santiago do Chile, [s.d.]. Primeira carta a Perón, depois das eleições Constituintes de 1957.) [Grifo meu.]

3. “Tomar um purgante”

A Resistência foi sendo abalada aos poucos. Com uma organização política precária, sem dirigentes oficiais, com Perón ainda no exílio, o movimento começou a sentir o desgaste. Perón e Cooke, pressionados pela situação, decidiram aceitar a proposta de Frondizi: ser eleito como presidente da nação, com o apoio dos votos peronistas, e, da a presidência, legalizar o peronismo. No início de fevereiro de 1958, tornou-se cada vez mais realista pensar que a candidatura de Frondizi, da UCRI, poderia contar com o apoio dos votos peronistas. Embora o governo de Frondizi tenha sido, quanto a sua duração, bem menos importante que o resto dos governos militares da época, foi fundamental na experiência peronista da proscricção e na relação com as massas. Aqui observaremos exatamente como atuaram, nessa situação, cada um dos componentes do movimento social peronista, o sindicalismo, os partidos neoperonistas e o povo. A etapa de Frondizi é

fundamental, neste período, também porque permitiu confirmar o desprezo pela democracia liberal, por parte dos novos grupos de esquerda, uma vez frustrada a tentativa de acordo político do pacto Perón-Frondizi.

No início, quando chegaram a Perón as primeiras propostas para orientar seu movimento para o apoio de algum candidato ou partido que, ao contrário do peronismo, não fosse discriminado nem estivesse proibido, o líder as tomava com receio. Veja-se o comentário de Perón, em uma das primeiras tentativas de Frondizi:

(Frondizi) Dice que yo (Perón) sólo por infamia, puedo afirmar que él haya buscado contactos conmigo, pero yo no le voy a contestar, para no perder pólvora en chimangos. (*Pecinco*, pseud. [J.D.Perón], Caracas, 27 de março de 1957.) [Parênteses meus.]

Quanto a Frondizi, continua Perón:

Podemos decir que trabaja para nosotros hasta cuando no quiere hacerlo. (Perón, Caracas, 21 de abril de 1957.)

Cooke, em princípio, considerava que o problema do peronismo era menos político e mais de insurreição e revolta. Por isso, responde a Perón:

Querido jefe [...] Durante varios días se libró una batalla en el seno del gobierno. Se originó en el temor que algunos círculos sienten por el programa excesivamente revolucionario de Frondizi, cuyos objetivos son repetición de los del peronismo [...] Frondizi usando “la marca Perón”, enfrenta algunos problemas [...] Todos sus esfuerzos se dirigen

desesperadamente a la caza de votos peronistas, confiando en ser elegido como “mal menor”. (Carta de Cooke a Perón, 11 de maio de 1957.)

Ainda durante as primeiras tentativas de Frondizi, Cooke e Perón parecem relutar frente à idéia de aliança. Em maio desse mesmo ano, sobre os votos peronistas na convenção constituinte, Cooke reafirmava categoricamente: “[...] El principal objetivo es evitar que los votos peronistas vayan a Frondizi”. Perón, nesse contexto, retoma a linha argumentativa da unidade Perón-povo:

Que daría el Dr. Frondizi por esa palabra? Pero, cualquier cosa que yo hiciera en ese sentido sería a base de una traición al Pueblo, porque estoy absolutamente persuadido que todo lo que se baraja en estos momentos es el fraude, la destrucción de nuestras conquistas [...] la entrega a la oligarquía y al extranjero. (Caracas, 09 de junho de 1957.)

Frondizi era um político da linha desenvolvimentista. Na época, muitas vezes, foi associado à imagem de personagem da esquerda e, por isso, recebeu a antipatia das elites e dos militares. Frondizi continuou a falar com simpatia do peronismo, dos trabalhadores e de convocar as eleições com o peronismo legalizado. Cooke disse na ocasião: “(Frondizi) No dejó ningún lema peronista sin mencionar.” (Cooke, [s.d.], aproximadamente julho de 1957.)

Leloir era outro dos dirigentes peronistas próximos de Perón que se encontrava exilado no Uruguai. De sua parte, vinha tentando favorecer o pacto com Frondizi, tanto que, na *Convención Constituyente* de 1957, durante a campanha do voto em branco, havia procurado conduzir os votos para Frondizi.

Cooke o chamava “covarde máximo”, porque, segundo ele, Leloir tinha privilegiado Frondizi, sobrepondo-se aos verdadeiros interesses do movimento. Como o voto em branco venceu, disse Cooke que Frondizi e Leloir eram os maiores derrotados da eleição.

Perón, na verdade, sabia do oportunismo de Frondizi, e, mais ainda, sabia que Frondizi tinha “el pecado original de ser de la “libertadora”, tal como comenta em carta de Caracas, de 05 de agosto de 1957. Pode-se observar, entretanto, como, em outro momento da mesma carta, a proposta de Frondizi – tão rejeitada por Perón e Cooke –, adquire uma nova conotação:

Si yo fuera Frondizi – disse Perón –, me hubiera trasladado a Caracas o hubiera mandado un emisario seguro y de responsabilidad, allí él hubiera propuesto a Perón que repudiáramos juntos a la dictadura mediante el voto en blanco que encabezaría Frondizi públicamente en Buenos Aires, desde que se descarta que Perón no permitiría a los peronistas votar por Frondizi. (Perón, Caracas, 05 de 1957.)

As pressões sobre o peronismo são grandes. De um lado, o desgaste da luta de resistência, de outro, a legalização dos neoperonistas e a integração dos sindicalistas chamados de “tíbios”. Vários membros do peronismo, que vinham tanto da política quanto do sindicalismo, almejavam “fazer carreira”. Não estavam, pois, predispostos a se incorporar nas filas dos peronistas que buscavam o ataque e a ofensiva em prol do retorno de Perón, que estava acuado. Mas, sendo militar e estrategista, sabe que, como máximo condutor, é melhor se colocar por cima de toda divisão ou disputa. Por isso, recebe no exílio peronistas e neoperonistas.

O historiador argentino, Felix Luna, fala sobre os problemas de Perón à época: “De su abundante correspondencia de exiliado surge com claridad que su principal preocupación es cómo conservar, a un tiempo, la unidad del justicialismo y su carácter de líder indiscutido de éste.”²²

Quanto ao parágrafo da carta de Perón, acima, é possível ler, nas entrelinhas, uma crítica às atitudes de Frondizi. Já à luz do contexto político que impele o peronismo à atomização, pode-se ver em que medida Perón dá antecipadamente, as linhas estratégicas para realizar um encontro com Frondizi (envio de um emissário a Caracas, responsabilidade para possível compromisso). Entretanto, o encontro não se realizará para organizar um movimento de repúdio público ao governo militar, mas para concretizar um desejo de Frondizi, que poderia trazer possibilidades de legalização ao peronismo. Frondizi havia calculado os votos em branco do peronismo, em 1957, e sabia que com eles poderia alcançar a presidência na próxima oportunidade eleitoral.

Com o tempo, Cooke começou a perceber em que medida a situação se tornava difícil para as organizações clandestinas: “la gente votó en blanco [...] porque estaba de por medio una simple elección de constituyentes; pero quiere votar en febrero porque de pasividad pueden resultar seis años de gobierno gorila”. E Cooke diz mais: “Cerrado el camino insurreccional inmediato [...] hay

²² LUNA, Felix. *Grandes protagonistas de la historia: Juan Domingo Perón*, p. 103.

que buscar una solución de tipo política”. (Cooke. Carta enviada através de Alicia Auguren, 28 de agosto de 1957.)

Cooke fez uma análise aprofundada da conjuntura política e das possibilidades do movimento na nova eleição que o peronismo teria que enfrentar estando proscrito. Ele se atemorizava, na verdade, diante da possibilidade de uma nova exigência, enviada por Perón e implementada por parte dos dirigentes peronistas, que pudesse vir a ser rejeitada pelas bases do movimento.

Tais perigos levavam Cooke a insistir em que a única possibilidade de salvar os interesses mais legítimos do movimento, estaria no fortalecimento da sua estrutura organizativa. Dizia ele:

El movimiento necesita marchar, practicar la gimnasia de la acción, salir del estado de reserva contemplativa. Lo necesita y lo reclama urgentemente, porque se niega a descomponerse. *Moverlo y organizarlo* serán la misma cosa. (Cooke, “Informe general y plan de acción”, 28 de agosto de 1957.)²³

Muitos dirigentes peronistas preocupavam Cooke, uma vez que poderiam ser facilmente levados a votar nos partidos neoperonistas. Os partidos chamados neoperonistas tinham surgido recentemente, com o apoio do governo e com a finalidade de atomizar o partido tradicional de Perón. Assim, contavam com espaço na mídia e no próprio governo.

A atomização do partido peronista consistia, na verdade, numa tentativa de esvaziamento do partido de Perón, através da legalização de pequenos partidos constituídos pelos “peronistas

²³ *Correspondência Perón-Cooke*, p. 251-316.

tíbios”, dispostos que estavam à conciliação para preservar seus cargos. O *Partido Unión Popular*, o *Partido Populista* e o *Partido Tres Banderas* respondiam a essa estratégia. “La Tiranía los utilizará [...] para dar “legalidad” a un Partido Peronista dócil y blando o para formar fuerzas que nos fraccionen.” (Cooke, “Informe general y plan de acción”.)

Os partidos neoperonistas surgiram em função da conjuntura política criada pelos governos militares. Uma vez que Perón estava proibido, para se adequar às exigências do governo militar, políticos peronistas criaram partidos que seguiam a *Doctrina Peronista*, mas que, ao contrário, não tinham Perón como representante oficial. A *Unión Popular*, o mais importante de todos eles, era ortodoxo quanto a aceitação das idéias de Perón, o que ficou demonstrado, como aponta McGuire,²⁴ no acatamento que o partido fez da ordem de Perón quanto ao voto em branco de 1957.

Entretanto, o objetivo destes partidos era participar do jogo eleitoral que a ditadura promovia como outra das estratégias para manter do lado de fora Perón e seu partido. Assim, a relação entre os dirigentes neoperonistas e Perón ficou atrelada a esta situação. “Proscribiendo al Partido Peronista y prohibiendo la formación de nuevos partidos bajo el control directo de Perón, el gobierno de Aramburu abrió el camino para el surgimiento de los partidos neoperonistas.”²⁵ No sindicalismo, a estratégia foi a mesma.

²⁴ MCGUIRE, James W. “Perón y los sindicatos: la lucha por el liderazgo peronista”.

²⁵ Idem, op. cit., p. 182.

Dentre os sindicalistas peronistas que foram figuras-chave depois do golpe de 1955, Augusto Vandor, dos metalúrgicos, transformou-se em líder do mais importante partido neoperonista: a *Unión Popular*. Vandor tinha nascido em 1924, morara na província de Entre Rios e, em 1948, iniciou sua carreira como delegado sindical de fábrica. Depois do golpe de 1955, Vandor participou da resistência, ajudando a organizar greves que lhe custaram a prisão.

As eleições de fevereiro de 1958 impuseram um dos maiores desafios para o futuro de Perón na Argentina. O movimento peronista tinha que esperar a fórmula de Frondizi. Muitos dirigentes políticos e sindicais peronistas estavam mais interessados em concorrer à eleição, através dos partidos neoperonistas, do que manter-se na linha dura da resistência. Contra esses peronistas, a aliança que oferecia Frondizi seria uma boa resposta. Diz McGuire: “Al ordenar a sus seguidores que votaram por Frondizi, Perón buscaba impedir que los neoperonistas ganaran elecciones provinciales.”²⁶

Em outubro de 1958, Perón, finalmente, consegue organizar o encontro em Caracas, com o representante de Frondizi. Cooke foi do Chile para Caracas em dezembro, com o objetivo de participar desta tratativa. Lá se congregavam dirigentes neoperonistas, partidários de concorrer à eleição com seus minipartidos neoperonistas e outros mais próximos das bases populares que defendiam a idéia de uma segunda votação em branco.

²⁶ Idem, op. cit., p. 183.

Rogelio Frigerio, do grupo de Frondizi, viajou a Caracas. Foram três reuniões entre Frigerio e Perón, e várias entre Frigerio e Cooke. Este, elaborou o rascunho do plano político. Perón exigiu que o acordo fosse por escrito: “lo necesito como una explicación ante la historia”.²⁷ O texto viajou de Caracas a Buenos Aires e foi assinado por Perón, Frondizi, Frigerio e Cooke. O acordo deveria permanecer secreto até agosto de 1958, devido a certos prazos que o novo governo teria para efetivar os compromissos fixados com o peronismo.

Em 23 de fevereiro de 1958, realizaram-se as eleições presidenciais. Frondizi se impôs pela maioria de 4.050.000 votos, resultado exato da soma dos votos da UCRI mais os votos cativos de Perón, os mesmos que em julho do ano anterior tinham sido os votos em branco da Constituinte.

Nunca na história política argentina se observou um deslocamento de votos tão homogêneo. Frondizi recebeu também o apoio de católicos e nacionalistas, que reconheciam nele tanto sua atitude contrária ao divórcio como sua postura favorável ao ensino livre. Até para a esquerda, Frondizi era um candidato progressista. Já, para as bases do movimento peronista não foi tão simples aceitar a exclusão do seu candidato e ainda votar em Frondizi. Este é um dos momentos na história do peronismo em que a unidade Perón-povo foi realmente posta a prova.

James observa a identidade entre o discurso da campanha eleitoral de Frondizi e os traços da ideologia formal peronista:

²⁷ BITTEL, D.F. *Qué es el peronismo?*, p. 120.

projeto desenvolvimentista com Estado preponderante.²⁸ Certamente, tem-se aqui o elemento necessário para dar forma ao discurso que teve de justificar aos peronistas seu voto por Frondizi.

Frondizi era desenvolvimentista e a ideologia formal do peronismo também. Nacionalismo econômico, justiça social, Estado protetor. Estes são os elementos que articularam a política de Perón na presidência. Os peronistas, contudo, têm uma particularidade: associam o Estado com Perón, no sentido de que Perón seria o único capaz de implementar, através do Estado, um programa desenvolvimentista que privilegiasse os setores nacionais e populares.

Entretanto, a decisão dos altos comandos do peronismo parece não ter permeado, de forma homogênea, os diferentes setores sociais do movimento peronista. Mais de 700 mil peronistas desobedeceram a ordem de Perón de votar em branco.²⁹ Acontece que, nesse desdobramento da ideologia peronista entre discurso oficial (ou ideologia formal) e contra-discurso, emergiu também a oposição. Para quem fez parte da estrutura do movimento, ou mesmo de algum dos partidos neoperonistas e do sindicalismo, a ideologia desenvolvimentista pode ter proporcionado a base para a compreensão da estratégia do voto por Frondizi. Já para os setores populares a decisão resultou uma afronta.

Nas ruas das periferias, no interior das fábricas, nas famílias mais humildes almejava-se o retorno de Perón, como a volta dos

²⁸ JAMES, D., *op. cit.*

²⁹ *Idem, op. cit.*, 125.

anos de sua primeira presidência. Os pais lembravam, com saudade, de como haviam vivido com Perón e Eva e passavam para seus filhos o sentimento peronista. A repressão foi feroz, porém os argentinos são testemunhas de que, mesmo sob repressão, sempre se escutava, do fundo de um quintal, ser assobiado o hino peronista. Os mesmos policiais que reprimiam os tumultos populares, reprimiram primeiro o seu próprio sentimento peronista.

Contudo, foi Perón quem deu a ordem de votar em Frondizi. Então, quem o desacatou? De um lado, os ativistas da “Resistencia Peronista”, para quem o voto em Frondizi resultava uma imposição difícil e certamente afastada da luta tão cara dos seus militantes; de outro, os políticos de alguns dos partidos neoperonistas, que desejavam viabilizar suas candidaturas muito mais que a de Frondizi. Assim, muitos votos peronistas se transformaram em votos de desobediência à ordem de Perón.³⁰

As interpretações quanto à decisão de Perón de apoiar Frondizi se resumem em duas posições. A primeira é a de James, que considera que o que certamente teria conduzido a tal decisão foi o fato da “Resistencia Peronista” se encontrar num verdadeiro impasse: as forças não eram mais as do início do movimento e o governo e os militares (na verdade, um núcleo idêntico) teriam conseguido dificultar a continuidade da insurreição popular. O

³⁰ “Con el apoyo masivo del peronismo Arturo Frondizi ganó la presidencia, obteniendo 3.761.248 votos (41,8% del total). Aún así, los seguidores rebeldes del Partido Popular y del Partido Blanco, y probablemente los activistas de la Resistencia, depositaron 743.904 votos en blanco (8,3% del total).” ARIAS, M.F. & GARCIA HERAS, R. “Carisma disperso y rebelión: los partidos neoperonistas”, p. 100.

próprio Cooke participou das negociações com Frigerio, depois de ter manifestado a Perón suas preocupações quanto a continuidade do movimento de *resistência*.

A outra posição faz referência à presença dos partidos neoperonistas e à função desintegradora dos mesmos frente ao movimento peronista. Políticos peronistas havia e, em quantidade suficiente; o problema para o movimento peronista eram aqueles que, sendo peronistas, queriam fazer parte do restrito círculo da política oficial. O governo não estava disposto a aceitar, nesse jogo *sui generis* de eleições com censura, aqueles que estavam efetivamente comprometidos com Perón e que não buscavam, com a eleição, substituí-lo, mas, ao contrário, conseguir o retorno.

Muitos políticos peronistas, de fato, buscavam ocupar cargos como os de governador, prefeito, deputado, sobretudo no interior do país, mas o tempo passava e sempre as possibilidades de se candidatar esbarravam na sina peronista. Quando o governo começou a legalizar os partidos neoperonistas, deram-se as condições para manter Perón à distância. Robert Potash aponta, aqui, para o efeito desagregador dos partidos neoperonistas em relação ao movimento peronista.³¹ Arias e Garcia Heras, tomando a idéia de carisma, de Weber, analisam também a presença dos partidos neoperonistas, mostrando como eles poderiam dispersar o capital político do peronismo.³²

³¹ POTASH, R. *Ejército y política en la Argentina, 1945-1973*.

³² ARIAS, M.F. & GARCIA HERAS, R. Op. cit.

Tais partidos aprovavam a doutrina peronista e as políticas de Perón. Não seguiam, entretanto, suas diretrizes, descompromissando-se, assim, da situação de proscricção do peronismo e ajustando-se ao *Estatuto de los Partidos Políticos* de 1956. Na verdade, esta foi uma estratégia que surgiu no governo de Aramburu. A finalidade de Aramburu tinha sido fragmentar o tão temido voto peronista através da legalização dos partidos neoperonistas. A *Unión Popular (UP)* foi o mais importante e duradouro de todos eles.

Em todos os casos, a situação era de risco: para Frondizi, pela complicada trama de compromissos políticos que o sustentavam no governo; para o peronismo, pelo custo de uma espera por legalização, que poderia resultar em um grande fracasso. D.F.Bittel relata como – dentro do peronismo –, foi recebida a ordem de Perón para votar em Frondizi:

La orden de votar la fórmula de la UCRI llegó a Buenos Aires en la primera quincena de febrero, traída por Adolfo Cavalli, dirigente petrolero asesinado años después. Fue comunicada dicha orden al Comando Táctico, por primera vez, en una reunión que se efectuó en el departamento del doctor Cooke [...]. Ni qué decir que la orden produjo desconcierto y aun resistencias dentro de nuestras filas, que habían sido preparadas para el voto en blanco. Por eso hubo tiempo después algunas separaciones de quienes siendo integrantes del Comando Táctico, se mostraron disconformes con la medida. Es que para algunos, ella fue algo así como *tomar un purgante*.³³

³³ BITTEL, D.F. Op. cit., p. 121, [Grifo meu].

CRONOLOGIA III

1955	Golpe de Estado do General Eduardo Lonardi. <i>Revolución Libertadora</i> . É reestabelecida a Constituição de 1853. No mesmo ano, novo golpe militar depõe Lonardi e nomeia o General Pedro E. Aramburu presidente (1955-1958).
1958-1962	Presidência de Arturo Frondizi.
1962	Golpe de Estado, assume interinamente José M. Guido, presidente do Senado.
1963-1966	Arturo Illia é eleito presidente com o peronismo proscrito.
1964	Tentativa fracassada de retorno de Perón.
1966-1970	Golpe de Estado do General Juan Carlos Onganía.
1969-1970	Período de greves, violência e mal-estar político.

4. Frondizi, o movimento peronista e a esquerda

Tal como Frondizi se comprometera com os peronistas, houve aumentos de salário e legalização dos símbolos e das lideranças políticas e sindicais do peronismo. Isto em uma época em que a intolerância ao peronismo, por parte dos setores conservadores, se manifestava em contínuos golpes de estado. Para Frondizi, não foi fácil articular pressões tão díspares.

No final de 1958, Frondizi enfrentou uma crise de divisas que complicou os pagamentos externos do país. Condição secular da economia argentina. Logo vieram os planos de austeridade e privatização. Houve greves e repressão. Extinguiu-se nas fábricas, o sistema de *comisiones de fábrica*. Trabalhadores metalúrgicos, trabalhadores da indústria têxtil e vários sindicatos industriais tiveram que fazer concessões forçadas.

Os sindicalistas peronistas reclamavam a devolução da CGT. Frondizi restaurou a Lei 14455 de *Asociaciones Profesionales*, de 1945, que promoveu uma organização mais centralizada e hierárquica, do movimento operário, por reconhecer uma única entidade representando cada setor da indústria.³⁴

O governo de Frondizi acabou se voltando para o extremo liberal-conservador. Trocou o *desenvolvimento* por um “*Plan de Estabilidad y Desarrollo*”, através do qual foram eliminados os controles à exportação, à importação de bens de capital e aos preços dos produtos agropecuários. Ao mesmo tempo, foram extintos os subsídios ao consumo e convocados os investidores estrangeiros para participar da renovação do parque industrial da Argentina. Tais medidas deram a base para o chamado processo de internacionalização do capital externo na indústria.

Frigerio, do partido de Frondizi, tinha defendido, anteriormente, este tipo de medidas, considerando que era uma postura do país para “ponerse de acuerdo [...] para absorver la técnica moderna e incrementar el producto nacional”.³⁵ No período 1959-1962 autorizou-se a entrada no país de 500 milhões de dólares, através do estabelecimento de diferentes companhias estrangeiras, montante que duplicou a soma de todas as autorizações efetuadas entre 1954-58 e as que viriam no período 1963-70.

³⁴ MCGUIRE, J. Op. cit.

³⁵ FRIGERIO, Rogelio. *Crecimiento y democracia*. Buenos Aires, Losada, apud SOURROUILLE, A. et alii. *Transnacionalización y política económica en la Argentina*, p. 25.

As condições da economia internacional, na época, eram de abundante liquidez. O fluxo de capital financeiro internacional buscava mercados nos diferentes países de América Latina. Com isto, as agendas governamentais e os planos dos governos – na sua maioria ditaduras militares com discurso liberal no campo econômico –, redesenharam suas metas, em função da escassez de capital interno e da necessidade de capital financeiro para o desenvolvimento industrial.

Para isso, a Argentina precisou se mostrar como país organizado, disposto a se concentrar na produção, sem o conturbado efeito do movimento peronista. Foi necessário, na verdade, evitar os excessos, as pressões das bases, as greves nas fábricas. Em maio de 1960, Frondizi não pôde mais conter as pressões da sociedade, que vinham de todo lado. Implementou, então, o *Plan de Conmoción Interna del Estado* (Plan Conintes), que outorgou amplos poderes às forças armadas para o controle da sociedade. As forças armadas reafirmavam sempre seus amplos poderes de repressão, ao mesmo tempo o povo que reforçava os sentimentos de injustiça em relação à justiça social de Perón.

A abertura política para os peronistas tinha significado novas chances. Perón continuava no exílio. No entanto, mesmo sem Perón, era possível se fazer política peronista. Frondizi, pressionado, de um lado pelos peronistas e, de outro, pelos setores antiperonistas (dentre os quais se contavam os militares) foi articulando a estratégia, também antes tentada por Aramburu, de absorver os peronistas dos sindicatos e do partido, mediante sua legalização em organizações sindicais e em partidos “sem Perón”.

Com Perón longe, e os peronistas “integrados” à política oficial, o governo investiu na linha liberal-conservadora.

Frondizi autorizou (Decreto 254, do Poder Executivo) a instalação de empresas estrangeiras em praticamente todo o espectro industrial. A grande maioria se concentrou na indústria química, petroquímica e de derivados de petróleo. O censo de 1963 revelou que um quarto da produção total do país provinha de empresas estrangeiras, e, aproximadamente, 50% desse total, correspondia a estabelecimentos que haviam iniciado suas atividades a partir de 1958.³⁶

O'Donnell, em seu estudo sobre as alianças políticas e o ciclo econômico, mostra como estes capitais acabaram aumentando o peso da burguesia argentina, proprietária de grandes empresas e participante direta dos setores mais oligopolizados.³⁷ No caso dos capitais internacionais e daqueles nacionais, concentrados nas mãos de poucos, houve uma integração que definiu um poderoso bloco de interesses. O fácil acesso ao financiamento externo e as relações junto ao governo deram ainda uma margem maior de mobilidade dentro do mapa político argentino.

O'Donnell explica que este bloco oscilou politicamente entre duas alianças opostas, imprimindo um “movimento pendular” às alianças político-sociais na Argentina. De um lado, o capital oligopolizado se une à oligarquia ou, ao contrário, no outro extremo, se une ao setor popular e à pequena indústria nacional.

³⁶ SOURROUILLE, A. et alii. Op. cit., p. 26.

³⁷ O'DONNELL, Guillermo. Estado y alianzas en la Argentina, 56-76.

Na verdade, o estudo de O'Donnell mostra uma sociedade argentina dividida entre duas possibilidades de crescimento econômico: uma rejeita os setores populares e a outra não. Assim, durante a década de 60, na Argentina, se viabilizaram duas políticas alternativas. No caso da aliança oligopólios-oligarquia, o processo econômico (especificamente, a industrialização) é excludente e promove o consumo suntuoso das elites. No segundo (oligopólios, setores populares e pequena indústria nacional), a economia (especialmente, a indústria) se orienta pela produção e consumo popular.³⁸

Na década de 60, na Argentina, inclusive nos governos eleitos pelo voto (Frondizi e Illia), não se observou qualquer avanço político em relação ao peronismo. As limitações que impôs a tradicional forma de aliança excludente, entre oligárquica e oligopólios, buscaram, por todos os meios, eliminar o peronismo e os direitos civis. Paralelamente, as alianças mais conservadoras sempre necessitaram da proibição do peronismo (quando não da democracia) para se manter no poder.

Nesse contexto, o programa de Frondizi acabou contribuindo para o afinamento do capital oligopolizado. Uma lei preservou os investidores dos riscos da inconvertibilidade cambial e eliminou as restrições quantitativas ao comércio internacional de mercadorias e divisas. O Banco Central deu aval indiscriminado a importação de capital.

³⁸ AZPIAZU et alii. *El nuevo poder económico en la Argentina de los años 80*, p. 42.

A inflação é outra das características da época, embora este problema nunca tenha significado um obstáculo real para a oligarquia argentina. A desvalorização da moeda nacional, diante da pressão inflacionária, ao invés de comprometer, sempre favoreceu o valor interno das exportações rurais. À medida que o setor oligopolizado se consolida, política e economicamente, na Argentina, a desvalorização vai transformando-se num mecanismo adequado para a concentração de capital no interior do setor manufatureiro.

Peralta Ramos, em análise sobre a acumulação de capital na Argentina, vê, neste fenômeno de concentração de capital, a consolidação do capital internacional, e, paralelamente, o aprofundamento da “debilidade estrutural” da pequena indústria nacional, carente de poder político e financeiro:

La devaluación en el corto plazo, al incrementar las deudas que tienen en el extranjero las empresas menores con menor capacidad de financiación, se transforma en un mecanismo eficaz de liquidación de las pequeñas y medianas empresas industriales [...] esta liquidación pasa por el traslado de propiedad de empresas nacionales a manos extranjeras.³⁹

Tudo o que as pequenas empresas nacionais defendidas por Perón não podiam ter era esse tipo de eficiência. Na época, necessitava-se de investimentos elevados e de melhorias técnicas para produzir à altura dos padrões internacionais. A estratégia de internacionalização do capital, que possibilitou o desenvolvimento

³⁹ PERALTA RAMOS, Mónica. *Acumulación del capital y crisis política en Argentina: 1930-1974*, p. 110.

das atividades intensivas em capital, induziu também o incremento desigual da produtividade. A consequência foi a descontinuidade tecnológica entre a pequena indústria nacional e o setor oligopolizado. “Cada vez mais o Estado e o capital internacional começaram a aparecer como os únicos capacitados para iniciar as novas atividades econômicas.”⁴⁰

Os peronistas esperaram o primeiro ano de governo de Frondizi para ver cumprir os compromissos do acordo. A situação, contudo, superava qualquer tentativa de legalização do peronismo. Assim, as greves foram se multiplicando e Perón voltou a ordenar o voto em branco para novas eleições que aconteciam no país. O movimento peronista passava por uma fase complexa. Muitos peronistas começaram a dar seu voto a outros candidatos, de socialistas a conservadores, pondo em evidência o esgotamento da estratégia do voto em branco e o perigo de uma dispersão do movimento. Os peronistas continuaram a votar em branco em eleições provinciais, tipo de voto se manteve com certa estabilidade. Entretanto, a partir da etapa frondizista, se fez notório o sinal de atomização do movimento. O que manteve o nível dos votos em branco em todas as eleições da época de Frondizi, mais do que a unidade peronista, foi o fato de outros partidos, como o PCA, também enveredarem pela mesma estratégia, como rejeição ao governo de Frondizi.

Se o pacto entre Perón e Frondizi encontrou no *desenvolvimentismo* uma força ideológica para se ancorar em meio

⁴⁰ O'DONNELL, G. *Reflexões sobre os Estados burocráticos-autoritários*, p. 28.

a tantos limites políticos, as atitudes de Frondizi, na presidência, como a desnacionalização do petróleo e o favorecimento do capital internacional, foram uma afronta aos traços marcadamente nacionalistas do peronismo. Observe-se que, na Argentina, a exploração de petróleo constitui um dos mais importantes antecedentes dos interesses nacionalistas. Assim, quando Frondizi autorizou a privatização da exploração de petróleo, conseguiu ferir estes sentimentos que, também, estavam afincados no peronismo. Com isto, Perón declarou a ruptura. Para a esquerda, o pacto Perón-Frondizi e o fracasso do mesmo evidenciaram a impossibilidade de qualquer saída partidária para a luta popular. A esfera política estava esgotada.

Ainda em novembro de 1958, o próprio Perón comunicou a ruptura do apoio ao governo de Frondizi. Um membro peronista do *Comando Superior*, Alberto Manuel Campos, foi incumbido por Perón de denunciar publicamente o pacto com Frondizi e sua ruptura. Frondizi negou tudo. Um dos articuladores do pacto, do lado frondizista, era Frigerio que, em consequência da ruptura com o peronismo, saiu do governo. A tensão política aumenta e o peronismo passa por inúmeros problemas. Porém, o lado de resistência e rebeldia do movimento toma novo impulso.

Perón, numa mensagem dirigida ao povo argentino, um ano depois, fez seu balanço do governo frondizista:

Frondizi, un tanto deslumbrado por la posición que las circunstancias fortuitas le habían acarreado, a espaldas del pacto firmado com el Peronismo, aceptó outro com las fuerzas de ocupación, en la seguridad de que durante el camino podría deshacerse de ellas, pero se equivocó

y sucedió precisamente lo contrario: las fuerzas de ocupación se debicieron de él. ("El Gran Pueblo Argentino". Mensaje de Perón, out. de 1963.)⁴¹

Cooke também deu sua interpretação do apoio dado pelo peronismo a Frondizi:

en 1958 había para eso una razón, circunstancias propias de ese momento [...] Ahora, por las características que adquiere la lucha popular, se terminaron las conseciones [...] se fijó una línea programática que refleja fielmente la orientación y el sentido del Peronismo. A partir de eso, los desviacionismos no tienen justificación porque son un sabotaje directo a la línea trazada y [...] auxilian al enemigo. (La Habana, 1962.)⁴²

Cooke conhecia o movimento peronista. Sabia, como Perón, da força que se produz quando um mesmo sentimento se faz igual em todos os indivíduos. Cada indivíduo, movido por esse sentimento comum de rebeldia, se constitui em suporte das idéias revolucionárias. O sentimento adquire dimensão social. Cria-se uma rede de identidades que, quando organizada, pode articular ações, agrupar os indivíduos e pautá-los por objetivos. Pode se formar um movimento social que mude a sociedade. Uma organização revolucionária para o peronismo, que já estava unido pela identidade com Perón, era necessária para conduzir o movimento social em seu destino revolucionário.

⁴¹ BASCHETTI, Roberto. *Documentos de la Resistencia Peronista*, p.133.

⁴² Idem, op. cit., p. 111.

Por isso, depois da “traição de Frondizi”, Cooke está claramente decidido a promover a organização clandestina. O peronismo tinha que estruturar os inúmeros grupos, autores de milhares de ações que buscavam corroer o poder oficial. O da oligarquia imperialista. Perón, entretanto, sempre foi partidário de concentrar o poder em suas mãos. Método que em uma hora como aquela, significava autorizar um certo espontaneísmo no comportamento sindical e eleitoral. Diz Alejandro Horowicz:

En la discusión entre Perón y Cooke sobre organización, se ocultan los ecos de una polémica decisiva. Cooke proponía la organización celular del peronismo, con jefes salidos de luchas, derrotas, cárcel y victorias, con un programa que la Revolución Cubana se encargaría de dibujar de una vez y para siempre [...] Perón, en cambio, era defensor de centralizar políticamente lo que surgiera.⁴³

O final dos anos 60 e início dos 70 são os que, realmente, representam o desenlace dessas diferentes posições na condução do movimento. Uma avaliação do movimento peronista, depois da estratégia do voto frondizista, permite observar em que medida seu leque de abrangência é amplo e, por isso, complicado, em termos de unidade. O problema, na verdade, se vincula à quantidade e tipos de setores que, na época, integram o movimento. Dirigentes peronistas com Perón, dirigentes peronistas sem Perón e o povo, sempre com Perón.

O conjunto de dirigentes sindicais, que assumiu as posições mais radicais depois do golpe e que tinha relação direta com o

⁴³ HOROWICZ, Alejandro. *Los cuatro peronismos*, p. 164.

povo, estava ativamente empenhado na luta contra a ditadura. Sabiam do ritmo militante dos anos da “Resistencia Peronista”, das greves, da vida junto ao povo excluído e exigiam, muito mais do que o respeito por uma organização sindical ou um partido, a vazão da frustração dos anos posteriores ao peronismo. Eram, dentro do sindicalismo peronista, chamados de “duros”.

Por outro lado, no peronismo estavam também aqueles que, ao contrário, buscavam cargos e participação política. Queriam uma vida mais segura e oficial que a da resistência. A estes sindicalistas e políticos peronistas, Perón chama de *peronistas tibios* e, quando convém, de *traidores*. De fato, tendo os peronistas sido banidos da atividade partidária, e tendo havido a estratégia de integração, por parte dos governos da época, prevaleceu o sindicalismo dos “traidores” como organização oficial do movimento.

O povo peronista, enquanto isso, oscila entre conviver na exclusão da política modernizadora e liberar seu sentimento de rebeldia. Os pequenos produtores, comerciantes, artesãos da indústria, lavradores, a *pionada*, os mais pobres que, na época de Perón, recebiam pão e festa, ficaram intimidados a partir do golpe que derrubou Perón. Enquanto a organização política e sindical do movimento peronista era desestruturada, o temor à polícia ensinava a conveniência de optar pelo silêncio. Cooke tinha percebido o perigo de um movimento social sem organização. O peronismo se perdia em milhares de lares desprotegidos, que ocultavam seu sentimento peronista, outrora motivo de tanto orgulho. O bastão de ferro das forças armadas conseguia estilhaçar

o sentimento peronista. Era preciso organizar esse povo para superar o silêncio imposto pelas forças armadas.

Cooke, desde cedo definira o peronismo: “El Peronismo es un conglomerado de extraordinaria amplitud ideológica y humana, cuyo núcleo central está perfectamente caracterizado, pero cuyos márgenes son indistintos y se van desdibujando”. (Cooke, “Informe general y Plan de Acción”, 28 de agosto de 1957.)

Buscara reorganizar a estrutura originária do movimento, mas entrevedo sempre a possibilidade de transformá-lo num movimento verdadeiramente revolucionário. Cada *Comando* passou a depender da chamada *División de Operaciones*, à qual se subordinavam também o *Comando de Seguridad*, de *Comunicación* e de *Asuntos Militares*. Manteve-se o *Comando Táctico* que havia difundido, em 1957, a ordem de Perón de votar em Frondizi. Cooke não tinha desconsiderado a força “clandestina” do movimento, uma vez que ele mesmo achava que essa força era a verdadeira natureza de todo fenômeno popular. Neste caso, para a *División de Operaciones* foram reservadas as funções de coordenar todas as atividades do movimento peronista, tanto as da esfera legal (setores políticos e sindicais, como foram a *CGT Auténtica* e a *Comisión Intersindical*), quanto a dos grupos que trabalhavam na clandestinidade.

O sindicalismo e a política são duas esferas de notável importância na vida dos argentinos. Para o peronismo, que é um movimento social, esses constituem âmbitos fundamentais de ação. Como o peronismo tinha sido proscrito, a vida política dos dirigentes peronistas foi praticamente banida. Ao contrário, a

estratégia frondizista de atrair sindicalistas e políticos do peronismo serviu para devolver, a quem aceitava as regras desse jogo, as possibilidades de uma vida muito diferente da que levavam os militantes da resistência. Foi uma oportunidade, inclusive porque a estratégia integracionista promovia o trânsito dos sindicalistas para a política. Embora a política na Argentina possa ser vista como uma arena, contaminada por compromissos nunca resolvidos com a classe trabalhadora e por traições promovidas pelos interesses liberais, parece que tanto os sindicalistas quanto os militares se sentem atraídos por ela. É a figura de Perón, que vem “de fora” e se irradia, a tal ponto que mesmo os que o desprezam buscam, imitá-lo.

Os dirigentes sindicais, “integrados” ao governo frondizista, enquanto desfrutavam das prebendas oficiais, começaram a afiançar os “partidos neoperonistas”. O governo, a seu lado, deu claros sinais de legalidade para estes partidos. Os *integracionistas* ou *peronistas tibios* eram sindicalistas peronistas que logo estiveram dispostos a aceitar o convite de Frondizi. Este pretendia que a estrutura organizativa dos trabalhadores fosse patrocinada pelo próprio Estado. Parecido com Perón, mas sem ele. Os principais líderes “*tibios*” do sindicalismo eram Manuel Carullas (motoristas), Eleuterio Cardoso (carnes) e Pedro Gomis (petróleo estatal). O maior representante dos integracionistas foi Augusto Vandor. Junto a ele, um grupo, que incluía metalúrgicos, e sindicatos de trabalhadores do setor de alimentação, roupas e vidro, estava claramente decidido a aceitar os benefícios do poder. Defendia um certo nacionalismo, apoiava todo governo, especialmente se não

fosse democrático, e desprezava abertamente a esquerda. Apresentava-se como verdadeiro defensor do anticomunismo e tinha êxito em face do temor declarado das elites.

Perón, que vivia acuado entre uns e outros, simpatiza com os líderes sindicais combativos ou “duros”, porque eles, ao contrário, mantinham firme o desejo do seu retorno à Argentina. Entretanto, nesse contexto de rivalidades, recebia a uns e outros em Madri. Na medida do possível, Perón não perde o contato com todo o desdobramento do movimento peronista. A conjuntura lhe é difícil: está longe e proibido de voltar. Seu canal com a classe trabalhadora – antes reforçado pela máquina surpreendente da propaganda oficial – encontra-se usurpado por ditadores que, desesperadamente, tentam se manter no poder, buscando alguma forma de trânsito no aparelho sindical.

Ideologicamente, a partir do peronismo, tanto se pode argumentar em favor dos *tibios* – é necessário desenvolver o país e, por isso, aceitar a modernização e a contenção dos salários e mandar aos trabalhadores “de casa al trabajo y del trabajo a casa” – , como reviver o discurso crítico, no qual cabe o protesto popular e a denúncia dos privilégios do capital e do empobrecimento dos trabalhadores. Observe-se o comentário de McGuire:

Las opiniones de Perón acerca del tipo de transformación social adecuado para la Argentina estaban mucho más cerca de las de los vanderistas que de las de los duros, pero esta divergencia ideológica era oscurecida por el hecho de que Perón encontraba ventajoso favorecer a grupos e individuos cuyo *status* en el peronismo dependía excesivamente de su continuado apoyo personal. Los duros constituían uno de esos grupos, por lo que desde 1962 en adelante

Perón comenzó a utilizarlos contra los vandoristas, especialmente después que el jefe metalúrgico comenzó a hacer incursiones en UP.⁴⁴

Quando os vandoristas começaram a tomar parte dos partidos peronistas sem Perón – os chamados “partidos neoperonistas” – e a aparecer, definitivamente, como concorrentes do próprio líder no exílio, Perón decidiu enfrentá-los. Para isso, impôs significativos sacrifícios aos sindicalistas combativos. A tensão entre Vandor e Perón chegou a seu ponto máximo, em 1962, na eleição para deputados e governadores. Vandor trocou a máquina propagandista do seu sindicato, por cargos do partido na Capital Federal e na província de Buenos Aires. Perón, em resposta, confirmou seu apoio a Framini e, assim, ao lado esquerdo do sindicalismo peronista. As tensões se mantiveram, inclusive, até nos governos que seguiram ao de Frondizi, num jogo em que Perón ia impondo à esquerda sindical uma trama de complicados compromissos.

Por exemplo, as eleições para presidente, de 29 de março de 1962, o peronismo foi proibido, mas Vandor e a UP foram autorizados. Perón anunciou, contra poder de Vandor, seu apoio a um partido da direita, o *Partido Conservador Popular*, de Vicente Solano Lima, e ainda pediu a Framini que as 62 *Organizaciones* aderissem a essa aliança. Um partido conservador, desprovido de vínculos com os trabalhadores, não tinha chance de ser aceito pelo setor combativo de Framini. Não obstante, o pedido de Perón teve

⁴⁴ MCGUIRE, James W. “Perón y los sindicatos: la lucha por el liderazgo peronista”, op. cit., p. 187.

peso suficiente para colocar as 62 *Organizaciones* numa situação complicada, embora o problema tenha sido resolvido por outras vias. Antes de oficializar sua candidatura, Solano Lima reconheceu publicamente intenção de autorizar o retorno de Perón, caso fosse eleito presidente e, com isto, o governo acabou por vetar sua candidatura.

Durante a década de 60, enquanto a arena política foi favorável ao lado *tibio* do peronismo, a “linha dura” do sindicalismo peronista manteve sua posição combativa, transformando-se, assim, em um dos berços da nova esquerda argentina: a que uniu peronismo, problemas nacionais e socialismo.

Em 1960, o sindicalismo era integrado pela chamada 62 *Organizaciones*, mais o conjunto de sindicatos mercantil, ferroviário, eletricidade e construção. Não houve, inicialmente, oposição entre as agrupações, prevalecendo nelas, inclusive, uma aceitação generalizada dos peronistas. Os “duros” constituem uma formação de esquerda que surge nessa esfera sindical e a partir do peronismo. Eram líderes de sindicatos pequenos, nos quais se convivia com as idéias socialistas e comunistas. Suas propostas passavam pela nacionalização dos bens da oligarquia e pelo controle operário da produção. Dentre os principais nomes desta linha estão Amado Olmos (saúde), Roberto Garcia (coro), Jorge Di Pasquale (farmácia), Ricardo de Luca (navios), Andrés Framini (têxtil) e, mais tarde, Raimundo Ongaro.

Esta linha sindical, em 1957, realizou, na localidade de La Falda, uma plenária de centrais regionais da CGT e das 62

Organizaciones. O Programa que surgiu desse encontro é decididamente radical e foi antecedente para outras propostas nessa linha: liquidação dos monopólios estrangeiros, nacionalizações, controle operário da produção.⁴⁵ Em 1962, Framini e Olmos, das 62 *Organizaciones*, organizaram um novo encontro de trabalhadores e líderes sindicais, na localidade de Huerta Grande, também na província de Córdoba. A proposta para a Argentina, surgida do encontro e conhecida como “Programa de Huerta Grande”, tem posicionamento aberto, em favor de transformações sociais e econômico-estruturais. Termos como nacionalização e expropriação definem a tônica da proposta. A postura sindical, aqui, não só é declaradamente de esquerda, senão que se trata de uma esquerda que ultrapassa, em muito, as propostas sociais típicas de Perón. Ao mesmo tempo, Framini, que foi, sem dúvida, um dos dirigentes de maior destaque nesta linha, declarou publicamente sua lealdade a Perón, como princípio essencial para a luta sindical e revolucionária.

É claro que, nesse clima de oposição interna do movimento peronista frente ao integracionismo, o próprio Perón encontrava razões para se colocar em favor dos “duros” e defender tal programa.⁴⁶ Entretanto, essa atitude também foi possível, pelo

⁴⁵ “Programa de La Falda”. Córdoba, 1957, In: BASCHETTI, R. Documentos de la Resistencia Peronista: 1955-1970.

⁴⁶ McGuire e, especialmente, Lamadrid explicam a posição de Perón em relação ao Programa de Huerta Grande. O programa dos “duros”, contudo, foi mais longe do que Perón realmente desejava. A finalidade de Perón era, com isso, atacar a independência de Vandor, apoiando um programa claramente rejeitado pelo vandorismo. MACGUIRE, op. cit. e LAMADRID, Alejandro. El Frente Nacional y Popular y las elecciones del 7 de Julio de 1963.

fato de não ser estranha ao peronismo. Afinal, a variabilidade da ideologia peronista tem competência, também, para articular este tipo de formulações.

Mónica Peralta Ramos, em obra de impacto entre os intelectuais dos anos 70 e 80, diz: “o peronismo foi reinventado pela esquerda”.⁴⁷ Portantiero disse também: “Yo hablo de reinversión del peronismo, porque el lugar de la ideología peronista es reconstituído desde fuertes imaginários de izquierda; en este caso de izquierda nacional.”⁴⁸

Esta combinação entre esquerda e peronismo é um fato que se consuma nesta época e que é representado pela presença do sindicalismo combativo, dos grupos da juventude peronista e, nos anos 60 e 70, dos grupos armados da esquerda peronista. Entretanto, se essa combinação corresponde a uma reconstituição do peronismo, a partir do imaginário da esquerda (reinvenção), ou, ao contrário, se foi a esquerda que foi reinventada pelo peronismo, é o que ainda está em questão. Pelo menos para nós. Uma vez que visamos aqui entender como fez a esquerda para reverter seu divórcio das massas.

No caso do sindicalismo combativo, a formação ideológica, produto desta fusão, se expressa em enunciados que são próprios da esquerda e de elementos característicos do peronismo. Os documentos publicados pelos combativos são explosivos, em termos de críticas e de palavras de ordem. Nesta linha, no final dos

⁴⁷ PERALTA RAMOS, Mónica. *Acumulación del capital y crisis en la Argentina*.

⁴⁸ PORTANTIERO, J.C. *Fracasó la sociología en la Argentina?*

anos 60 e início dos 70, a associação do peronismo com o socialismo se fortalece. Mas também se fortalece a adesão ao peronismo. As pautas do que os combativos consideram uma política adequada à nação e ao povo, são sempre de viés declaradamente socialista e revolucionário. Todas passam pela estatização da economia.⁴⁹ Bancos, comércio exterior, frigoríficos e principalmente o solo. Embora, na maioria das vezes, isto se mantenha num plano enunciativo, sem, contudo, aprofundar questões, tais como a forma de implementação dessas medidas. Parece-nos que se deu assim, porque a finalidade sindical, naquele momento, era mais despertar a crítica e mobilizar o protesto que, sua efetiva implementação. Aliás, esta é uma questão que a esquerda peronista sempre deixou para a hora em que retornasse Perón.

Os elementos, próprios do peronismo, que figuram nesses documentos, ao lado dos enunciados revolucionários são, constantemente, a idéia de “justiça social” e o “sentimento peronista”. A primeira constitui um ponto forte da doutrina peronista, que Perón utiliza para fustigar o liberalismo das elites: pulveriza no indivíduo o interesse das classes. Entretanto, é um aspecto que não causa conflito nem para peronistas nem militantes

⁴⁹ Às declarações do “Programa de la Falda” (1957) e do “Programa de Huerta Grande” (1962) se juntam outros documentos e publicações, como os comunicados específicos relativos à atividade sindical: “La toma del frigorífico Lisandro de la Torre” (1959) e a Conferência de Andrés Framini, - na *Facultad de Filosofía y Letras da Universidad de Buenos Aires* -, que teve por título: “Los trabajadores y la invasión yanqui a Santo Domingo”, de 6 de maio de 1965. Acrescentem-se, também, a conhecida “Declaración de Tucumán”, do grupo sindical peronista “De pie junto a Perón” (março de 1966), de Amado Olmos e o “Programa del 1º de mayo de 1968” da *CGT de los Argentinos* e, ainda, o documento “Habla Ongaro”, sobre a situação da CGT, em 1969.

de esquerda. A justiça social é assimilável tanto a partir da esquerda, quanto do peronismo. O “sentimento peronista” é que é tópico exclusivo da ideologia peronista. Assim, a esquerda só poderia herdar um traço destes, via peronismo.

Como isso se revela nos enunciados dos sindicalistas combativos? Há uma série de documentos surgidos de encontros de representantes de diferentes agremiações e de militantes, discutindo sempre problemas argentinos e amarrando revolução social e peronismo. Vejamos: “esta mística de transformación social y de amor por el pueblo, por los humildes, fue la que encarnó la abanderada de los trabajadores, compañera Eva Perón.” (“Declaración de Tucumán”, março de 1966); “Esta síntesis donde confluyen el sentimiento nacional y social de nuestro pueblo, se la debemos a Perón” (Ibidem); “En nuestra patria, el movimiento que puede expresar el desarrollo y la ejecución de todos estos ideales de los católicos revolucionarios, es el peronismo”, “Si en 1955 hubiera estado Evita viva no hubiera pasado aquello y si hoy, en 1969, estuviera Evita viva, no estaría pasando lo que pasa. Esta es la voz y la interpretación del pueblo.” (“Habla Ongaro”, 1969.)

Nesse caso, podemos afirmar que o discurso da esquerda é que aparece sendo reconstituído (ou reinventado), a partir do imaginário peronista, e não o contrário. Aí está um custo ideológico que a esquerda teve que pagar no seu trânsito para as massas. Não foi o único. Entretanto, em nossa opinião, é o que reflete um importante movimento dos grupos, em sua maneira de ver a massa. A relação com as massas começava a ser concebida a partir da aceitação do que ela passou a sentir, mesmo que o povo se

encontrasse “de amor alucinado” por Perón, como disse Silvia Sigal. Bom indício da reversão do tom didático dos discursos tradicionais da esquerda, e, ainda, um sinal dos tempos: não mais seria possível pretender fazer política de massas, apenas “de fora” da massa.

Podemos observar, até aqui, a formação da esquerda nacional em relação ao peronismo. De modo algum são idênticos. Na esquerda nacional, uma linha vem do sindicalismo peronista, da juventude peronista e dos grupos clandestinos peronistas; outra, das dissidências do comunismo e do trotskismo, embora se produza, entre todos eles, um trânsito de militantes que passa, por exemplo, de um grupo de guerrilha marxista, para um peronista (carregando suas idéias e discursos), ou, do sindicalismo marxista para o peronismo. Todos eles são os que, pela primeira vez, reúnem idéias revolucionárias e peronismo e, ao mesmo tempo, se envolvem com o povo, base do movimento. Assumem, convictamente – no pensamento e na ação, no discurso e na prática –, a relação com as massas.

Acontece que, nesses anos, atividade militante, sindicalismo e grupos armados não eram realidades tão distintas. A Revolução Cubana, por exemplo, havia incentivado o surgimento das primeiras formações guerrilheiras peronistas. É o caso de *Uturuncos*, surgido em 1959, com jovens que se instalaram na província de Tucumán, no norte argentino, sob o comando de Enrique Manuel Mena. Tratava-se de um grupo de guerrilha rural, que exigia a renúncia de Frondizi e o retorno de Perón.

No final dos anos 50, surgiu o grupo *Tacuara*, de católicos nacionalistas. Adaptavam a teoria *foquista*, de Guevara e Debray, à luta do movimento peronista. Não se trata de um grupo propriamente da esquerda, pelo contrário, um importante setor do *Tacuara* deu origem à *Guardia Nacional Restauradora*, de católicos da ultradireita. O grupo tinha como objetivo a unificação de vanguarda e massas; entretanto, logo sofreu uma ruptura entre nacionalistas e peronistas. O *Movimiento Nacionalista Revolucionario Tacuara* se formou em 1962, com um setor do grupo anterior e com peronistas identificados com a questão nacional. Alguns não aceitavam o marxismo, como Rodolfo Galimberti, e outros sim, como José Luis Nell, ambos, depois, integraram Montoneros. O grupo tinha postura militarista e reclamava o fim da proscricção do peronismo. Aderira à proposta sindical de Huerta Grande.

Do lado da esquerda tradicional, dissidentes do PCA integraram, em 1963, o *Ejército Guerrillero del Pueblo*, dirigido por Ricardo Masetti e inspirado nas ações de Guevara na Bolívia. Não tinham um programa político definido, mas promoviam a luta de guerrilha, como fator de desgaste da estrutura social que suportava o capitalismo na Argentina. Ainda na etapa de preparação e treinamento, os militantes foram detidos pela polícia. Masetti, o “Comandante Segundo” (o Primeiro era Guevara), se perdeu para sempre, quando fugia das forças armadas.

Do lado da esquerda não-peronista, o grupo trotskista *Palabra Obrera* começou a defender uma certa filiação ao peronismo, paralelamente à guerra de guerrilha. Foi o chamado

entrismo. O PSRN também adotou a mesma estratégia vista no início deste capítulo: “entrar” em um partido de massas para produzir alterações ideológicas “desde dentro”. O *entrismo*, na verdade, teve entre seus primeiros formuladores teóricos, na Argentina, Nahuel Moreno, da corrente trotskista *Frente Proletario*. As bases da fórmula entrista, tinham sido elaboradas por Milciades Peña, que depois reviu criticamente sua posição, o que lhe custou severas polêmicas com outros autores da esquerda.⁵⁰ Angel Bengoechea também fazia parte deste grupo. Em 1964, a preparação de uma bomba caseira, que acabou explodindo, causou sua morte.

O próprio Cooke buscou a organização clandestina como um desenvolvimento do movimento peronista, uma vez que ficara esgotada a alternativa política de Frondizi. Acima disso, contudo, estava o fato dele acreditar ser essa a verdadeira natureza do movimento peronista de massas. No final dos anos 60, a *Acción Revolucionaria Peronista*, de Cooke, juntamente com outros grupos revolucionários, também elaborou seu programa, de tipo socialista. Em carta, diz ele:

Caerán las estructuras de la depredación imperialista y las estructuras del despojo de este capitalismo que está llegando al término de su ignominioso reinado. (Carta de J.W.Cooke, como secretário de *Acción Revolucionaria Peronista*, final de 1964.)

Nesse mesmo ano (1964), proferindo uma conferência em Córdoba, assim se refere ao movimento revolucionário:

⁵⁰ Ver TARCUS, H. Op. cit., p. 108-120.

En el partido revolucionario la historia se hace conciencia, la experiencia se transforma en teoría. Las voluntades dispersas se aúnan organizativamente. El peronismo es revolucionario, pero no está organizado adecuadamente para las tareas revolucionarias. Por eso sus mejores jornadas son producto del espontaneísmo, que la burocracia no há conseguido matar, pero que debe ser superado por la estrategia del partido revolucionario. (“Universidad y País”, conferência de J.W.Cooke, Córdoba, 4 de dezembro de 1964.)

Nesse caso encontramos uma formulação ideológica entre peronismo e esquerda, na qual o recurso ao sentimento peronista e à unidade Perón-povo é menos importante. Apesar de se tratar de uma linha peronista, pesam mais os elementos da ideologia de esquerda, que os apelos aos sentimentos feitos por Perón:

“apoyamos cada lucha por una conquista social o política, pero no una restauración democrático-burguesa”; “la única alternativa que podría existir sería la de la revolución, que implica la lucha armada”; “es preferible ser derrotado o muerto como el Che, que acertar y triunfar com Vittorio Codovilla” (“Documento interno para los compañeros peronistas”. *Acción Revolucionaria Peronista*, julho de 1967.)

Nesse momento, podemos observar fenômeno contrário ao do sindicalismo e da juventude peronista. É uma constante das cartas e conferências de Cooke: o peronismo é interpretado à luz da luta de classes, com base na teoria marxista. O peronismo é que é reinventado pela esquerda.

O peronismo, uma vez, excluído do poder em 1955, foi obrigado a sobreviver sem seu corpo burocrático, sem seus sindicatos, seus deputados e políticos. Com seu líder máximo no

exílio, e sem as prebendas do poder, a sobrevivência do movimento dependeu, então, de sua base social.

Da chamada “Resistencia Peronista”, aos anos 70, a sociedade argentina não pode ser completamente controlada pela força do Estado. A rebeldia popular vaza o controle oficial. Primeiro, com pequenos atentados, depois, com formas mais organizadas e, finalmente, com ações armadas. Neste processo, pudemos observar como se organizou e atuou a “Resistencia Peronista”. Como se desenvolveu a base popular do movimento peronista que, muitas vezes, está em contradição com a própria organização e mesmo com os líderes sindicais e políticos, também peronistas. E, finalmente, como a esquerda, que também vai passando por um longo processo de mudança, vai gestando uma nova forma de observar, interpretar e entender o peronismo e a própria massa. A verdade é que o peronismo sobreviveu, nesse período, pela mobilização popular. É bem por isso que, quanto a esses anos, se afirma que o peronismo foi reinventado pela esquerda, embora este tenha sido um processo de mão dupla. A esquerda mudou seus conteúdos e propostas, num processo de aproximação do peronismo e das massas, mostrando, assim, que ela, a seu lado, também foi reinventada pelo peronismo.

Capítulo III

Esquerda peronista e não-peronista

1. Illia, Onganía e a etapa final da proscrição peronista

A situação política argentina, à época, encontra no peronismo um fator que não consegue ser processado sem conflito. Sindicatos e militares, antigos suportes do poder de Perón, enfrentaram profunda crise, que sempre girava em torno do peronismo e do antiperonismo.

No caso dos militares, o conflito peronismo-antiperonismo toma conta de sua estrutura, pretensamente neutra à política. Todos se opõem ao peronismo. Entretanto, esta oposição se instala entre aqueles que, de um lado, aceitam incorporar o peronismo (com seus representantes sindicais e/ou partidários), dentro de um diálogo contido e controlado (integracionistas e neoperonistas), e do outro lado estão os que, decididamente, são antiperonistas, cuja ira só se satisfaz na aniquilação do peronismo. A crise nas forças armadas levou à divisão entre “azules” e “colorados”, nomes surgidos das cores utilizadas nos jogos de guerra. Os dois grupos eram de oposição ao peronismo, entretanto os segundos eram os mais reticentes. O grupo dos “azules” eram liderados por Onganía, o dos “colorados”, pelo Almirante Isaac Rojas.

No auge da crise política do governo de Frondizi, os chefes militares consumaram o Golpe de Estado que colocou J.M.Guido, até então presidente provisório do Senado, na presidência da República. Guido ocupou o cargo, enquanto a estrutura militar tentava encontrar

uma saída para o conflito entre “azules” e “colorados”. Sobre as trocas de presidentes, disse Cooke: “entre dos miserables les convenía el más opaco e inocuo: Guido.” (Cooke, carta “a un grupo de compañeros peronistas”, La Habana, 1962.)¹

O país, politicamente atravessado pela questão do peronismo, levava à troca de presidentes. Na política, de um lado estavam os setores dispostos a fazer alianças com o governo (dentre eles, os peronistas que desejavam a legalidade para candidatar-se e que, para isso, estavam dispostos a se apresentar como partidos peronistas, independentes de Perón) de outro, ficavam os peronistas fiéis a Perón, que reivindicavam a abertura política, sem restrições a Perón nem ao peronismo.

Quanto ao presidente que, através do golpe, substitui Frondizi, disse Perón:

El gobierno de Guido fue sólo la consecuencia de lo anterior, se produce en el momento en que las circunstancias demostraron que Frondizi podría malograr los fines y los planes de la dictadura militar, que practicamente venía gobernando desde 1955 [...] Guido fue aceptado de buen grado porque los “altos mandos” se persuadieron de que, por sus escasos valores y falta de personalidad, era el personaje que más se adaptaba a sus intenciones y designios”. (“El Gran Pueblo Argentino”, mensagem de Perón, outubro de 1963.)

Em julho de 1963, estando o peronismo ainda cassado, foi realizada uma nova eleição nacional para presidente. A diretriz do governo era proibir qualquer candidatura ou partido que tivesse a intenção de restaurar o peronismo (com Perón). O peronismo, do seu

¹ BASCHETTI, R. *Documentos de la Resistencia Peronista: 1955-1970*, p. 104.

lado “mais oficial”, tenta articular a chamada *Frente Nacional y Popular*, da qual participam os neoperonistas *UP*, o *Partido Laborista Nacional*, de Salta, o *Partido Blanco*, de Jujuy e Mendoza e o *Partido Tres Banderas*, de Entre Rios.

Como vimos no capítulo anterior (item 3), os partidos neoperonistas defendiam sua adesão à *Doctrina Peronista*, entretanto, não subordinavam sua candidatura à de Perón. Assim, a independência em relação a Perón permitia-lhes ganhar a legalidade necessária para se apresentarem como partidos políticos, em regimes repressivos e de mecanismos democráticos distorcidos e restritos. Na verdade, eram vistos como políticos que se integravam ao poder e “traíam” as causas populares.

O governo acabou por rejeitar não a *Frente Nacional y Popular*, de 1963, mas os partidos que a integravam, sempre com medo de estarem muito colados a Perón. Do lado peronista, retomou-se a estratégia do voto em branco. No entanto, vários partidos neoperonistas, que integravam a aliança, mantiveram seus candidatos a deputados e ao governo de algumas províncias. Na oportunidade, os neoperonistas ganharam 17 cadeiras de deputado, 9 de senadores nacionais e três cargos de governança.²

A saída eleitoral transformou-se num jogo complicado para o peronismo. Posições cindidas nos sindicatos. O grupo 62 *Organizaciones* mantinha o ataque ao governo e manifestava seu desinteresse eleitoral. Divergências nos setores do peronismo. O *Comando de Coordinación*

² ARIAS, María F. e GARCIA HERAS, Raul. “Carisma disperso y rebelión: Los partidos neoperonistas, In: AMARAL, Samuel e BEM PLOTKIN, Mariano. *Perón del exilio al poder*, p.108.

Superior – cúpula da organização do movimento –, estava intregado (cindido, na verdade) por políticos peronistas, que destacavam sua incondicional subordinação a Perón, e pelos neoperonistas.

Os primeiros eram subordinados a Perón, contudo, representaram a postura mais radical, e de esquerda. Eram incondicionais a Perón, uma vez que vinculavam a necessidade política de seu “retorno” com elementos da base ideológica da esquerda, dentre os quais a revolução. A figura de Perón, de autêntico condutor das massas, tinha, aí, um papel adequado e promissor. Para eles, o “Movimiento Peronista en el poder significa la Revolución Nacional” (“Violencia Revolucionaria”, *Movimiento Nacionalista Revolucionario Tacuara*, 1º de maio de 1967, *Militancia*, ano I, n. 6, 19 de julho de 1973.)

A eleição foi ganha, então, por Arturo Illia, da UCR. O governo que se seguiu foi tímido: teve que se equilibrar na corda bamba do antiperonismo e suportar as pressões desatadas pelo sindicalismo de Vandor. Perón, na época, disse:

Así se llega a la farsa de las elecciones del 7 de junio de 1963, que quedarán en la historia política argentina como un modelo de arbitrariedad y descarada simulación. En ellas se convirtió la mayoría en minoría y se obligó al pueblo a optar entre hombres repudiados, al tiempo que se proscribía, no a un hombre o a un partido, sino a toda la opinión pública nacional. Como consecuencia de este episodio, el país dispone hoy de un gobierno fantasma, cuya representatividad efectiva ni se acerca siquiera al veinte por ciento del electorado argentino. El “nuevo presidente” se há convertido en otro Frondizi. (“El Gran Pueblo Argentino”, mensagem de Perón, do exílio, out. 1963.)³

³ BASCHETTI, R. *Documentos de la Resistencia Peronista: 1955-197*, op. cit., p. 133.

O governo que cobre o período de 1963 a 1966 ficou conhecido pelo estilo acanhado de Illia. Na verdade, também para ele o contexto foi de pressões e dificuldades crescentes. Governo que errou em várias esferas: na política internacional; na política econômica, nas relações públicas. Contudo, um de seus maiores problemas foi o ataque constante do sindicalismo de Vandor, tradicional colaborador dos governos da ditadura.

Durante o governo de Illia, os sindicalistas, especialmente aqueles que tinham sido ordenados na linha da integração oficial, adotaram a postura contrária, começando a organizar greves e marcando sua oposição ao novo governo. As greves foram constantes e o desgaste da política oficial se evidenciou, nem bem o novo governo tinha começado. Os sindicalistas que, na ditadura, se integraram ao governo, e que batiam contra toda formação, que fosse de esquerda, durante o governo autoritário, pronto se dispuseram a adotar a posição contrária quando o governo foi de Illia. Um governo que, pelo menos, havia sido escolhido pelo voto direto, mesmo que com a proibição do peronismo. Assim, Vandor foi o líder sindical que mais se esforçou por desgastar essa limitada experiência democrática.

Nesses anos, o General Juan Carlos Onganía manteve firme sua posição contra o peronismo, declarando em várias oportunidades que não havia autorização para o retorno de Perón. O *Decreto/Lei 7165* proibia a exaltação do peronismo como nas piores épocas da “Revolución Libertadora”.

Em quanto isso, Perón recebia os peronistas em Madri. Finalmente, em 11 de setembro de 1964, a Câmara de Deputados aprovou o projeto de liberação da proscricção do peronismo e do

Partido Comunista. Depois disto, o líder sindical da esquerda peronista, Andrés Framini, de volta de Madri, confirmou publicamente que o retorno de Perón se daria ainda nesse ano.

As forças armadas, por seu turno, continuaram a se opor ao retorno de Perón. Na verdade, Illia não tinha uma relação de confronto com os militares. Onganía, no entanto, ocupava um lugar de importância na vida pública argentina, viajou para a China, Japão, Espanha, sempre investido de poder e atraindo a atenção da mídia.

Em 17 de outubro de 1964, na comemoração do Dia Peronista, em gravação reproduzida na *Plaza Once*, na cidade de Buenos Aires, se escuta a voz de Perón, prometendo seu retorno ao país. Contudo, a operação de Perón fracassa: o governo argentino impede que o avião que o trazia, e que tinha feito escala no Rio de Janeiro, continue o vôo para Buenos Aires. Em resposta, Perón mandou sua segunda esposa, Maria Estela Martinez (Isabel)⁴. Isabel visitou Mendoza, Chaco e Rosario, reunindo-se com líderes sindicais e políticos.

Não obstante serem tempos em que os militares dessem declarações dizendo que todos os problemas argentinos deviam ser resolvidos à luz da Constituição, o governo de Illia também acabou sendo deposto por um novo golpe, encabeçado pelo General Onganía.

⁴ Isabel Perón nasceu na província de La Rioja, em 1931, era bailarina. Em 1956 conheceu Perón em Panamá. Foi secretária de Perón antes de se casar com ele, em 1960. Em viagem à Argentina representando Perón, em 1966, conheceu José López Rega, agente de polícia que fez parte de sua segurança. Solícito e atencioso, López Rega conquistou a confiança de Isabel, que acabou incorporando-o ao grupo de domésticos a serviço de Perón, em Madri. Sua influência fez com que Perón o empregasse como seu secretário particular. Em 1973, quando Perón assumiu o governo na Argentina, López Rega foi nomeado *Ministro de Bienestar Social*. Organizou os grupos paramilitares, de direita, conhecidos como *Triple A* ou *AAA*, cuja função era perseguir e aniquilar militantes da esquerda. Em 1975, López Rega, sob fortes pressões, renunciou ao cargo, abandonando o país.

Quando do golpe que derrubou Perón, em 1955, a atmosfera foi tensa e explosiva. Quando caiu Frondizi, expectativas e incertezas também se fizeram sentir. Contudo, na derrocada de Illia, a Argentina parecia viver burocraticamente o processo de golpes e contragolpes que caracterizaram a época.

A este respeito, em obra que cobre o período 1943 – 1973, na Argentina, Felix Luna refere a situação: “El derrocamiento de Illia no estuvo enmarcado, ni remotamente, de circunstancias tan dramáticas. Mansamente, por vías casi burocráticas, se hizo efectivo el operativo de expulsarlo de la Casa Rosada.”⁵

As declarações de Perón, como a que vimos acima, sempre foram ríspidas em relação ao governo de Illia, devido ao fato de as eleições que o levaram à presidência terem sido realizadas durante a proscricção do peronismo. Quando do golpe que depôs Illia e empossou Onganía, pensou-se que Perón apoiasse o segundo. Contudo, Perón não o apoiou, simplesmente aproveitou o conflito para tentar, mais uma vez, articular o futuro do movimento peronista⁶.

Onganía assumiu o governo e proibiu tudo. Principalmente, a atividade política foi banida. Onganía era do grupo “azul”, dentro dos setores militares em rivalidade frente ao peronismo. Porém, no poder, sonhava com ser Perón. Dizia que o exército representa o povo, fazia discursos e aparecia junto ao povo sempre que podia. Anunciou um

⁵ LUNA, Felix. *Argentina, de Perón a Lanusse: 1943-1973*, p. 183.

⁶ A revista *Primera Plana*, de circulação corrente na época, havia publicado um artigo no qual Perón anunciava a iminência do golpe (*Primera Plana*, maio de 1966). Posteriormente, uma vez concretizado o anúncio de Perón, o jornal *La Razón*, de 29 de junho do mesmo ano, informou o desmentido de Perón acerca de possível apoio peronista ao governo de Onganía.

governo sem limite temporal, com uma agenda definida pela reestruturação econômica, social e política. Perón declarou o regime de Onganía como sendo reacionário e “gorila”⁷.

Onganía era um militar que projetou uma imagem de homem sóbrio, afastado da política e crente na tecnocracia. Em sua gestão – junho de 1966 – junho de 1970 –, conciliou modernização excludente com repressão. Nesses anos, ocorriam fatos surpreendentes para a Argentina. Paralelamente aos aspectos gerais da modernização, o clima de repressão e de desconforto ajudou a reforçar o sentimento de luta popular, de protesto e de organização. Sentimento que, pela primeira vez, reuniu grupos que, até então, tinham se mantido separados: caso dos intelectuais, estudantes e trabalhadores. A fase é de alta, em termos da produtividade simbólica dos discursos que buscam despertar o sentimento de rejeição a um governo imposto pela força. Onganía, enquanto beneficiava o grande capital, impunha pressões aos cidadãos, com quedas no nível dos salários, desemprego e controle permanente da polícia. O conflito social, nos anos de Onganía, é acirrado. Prova disto são a violência dos grupos armados e as greves do sindicalismo combativo.

Assim, num contexto social de relações de poder assimétricas e em confronto, o emprego de expressões lingüísticas, gestos, ações que compõem a ideologia e o “sentido das coisas” da época, configura fielmente a conjuntura estabelecida. À época, as revistas e jornais da esquerda tinham como receptores os próprios militantes, embora fossem de circulação corrente entre vários setores da sociedade. A

⁷ “Gorila” é um termo peronista usado para identificar todo aquele antiperonista.

linguagem, freqüentemente acessível, muitas vezes vinha carregada de termos que, por vezes, faziam um uso canônico de formulações teóricas, combinando aspectos diversos: da análise de um fato político ao último livro de Hernández Arregui. A produção escrita formava em seu conjunto, uma rede de formas simbólicas que, nesses anos se multiplicavam em escala inimaginável. Os sentidos, entretanto, se concentram em torno dos elementos que, adiante, descreveremos como compondo a dimensão ideológica básica, da esquerda dos 60 e 70.

Vários fatos acabaram por marcar o destino do governo de Onganía. Entre eles, o protesto generalizado, encabeçado por estudantes e trabalhadores, acontecido na cidade de Córdoba, em maio de 1969, conhecido como *Cordobazo* e a morte de Vandor, em 30 de junho de 1969, causada por grupos peronistas, contrários à burocracia sindical e ao peronismo sem-Perón⁸. Somou-se a esses fatos, no ano seguinte, o seqüestro e morte de um dos principais representantes da *Revolución Argentina* de 1956, o General Aramburu, que condenava o peronismo e também sonhava ser Perón. O general, em plena época da

⁸ Vandor era um típico representante da burocracia peronista. Tinha sido o principal líder sindicalista do peronismo “sem-Perón” ou “integracionista”. Dentro do movimento peronista, Vandor exercia influência, mas também era julgado negativamente por todos os que se alinhavam a Perón, no sentido de lutar pelo seu retorno. Esta situação, tinha colocado por vezes, Vandor em concorrência com Perón. Mesmo assim, Perón nunca desprezou ou rejeitou Vandor. No exílio, Perón preferia estar vinculado a uns e outros, para, assim, poder manter a liderança do movimento peronista. Entretanto, Vandor era rejeitado por muitos peronistas, especialmente pelos revolucionários. Recebia ameaças de vários setores sindicais e acabou sendo morto por uma ação do *Ejército Nacional Revolucionario* (ENR), em 30 de junho de 1969: “Por haberse confabulado com el integracionismo.” (“Declaración del ENR”, In: BASCHETTI, R. Documentos de la Resistencia Peronista: 1955-1970, p.384). Tempos depois, nos anos 70, quando a esquerda peronista declarava sua oposição aos burocratas do movimento peronista, costumava cantar para os líderes da direita peronista: “a vos te va a pasar lo mismo que a Vandor” (fazendo referência a que os sindicalistas burocratas teriam a mesma morte de Vandor).

didatura e repressão foi morto pelo grupo peronista Montoneros, que, com isso, fez sua primeira e explosiva aparição pública⁹.

Enquanto, de um lado, o governo de Onganía se disseminava como sendo o dono da ordem e da tranqüilidade social; de outro, os fatos evidenciavam em que medida a ordem social era capaz de produzir e organizar forças, que começaram a se manifestar de forma radical. As organizações armadas mostravam sua presença, enquanto Onganía pretendia evidenciar uma sociedade sem conflitos. Na época, disse Felix Luna,

Algún dia se podrá escribir la crónica de estos grupos que tienen nombres (Ejército Revolucionario del Pueblo, ERP; Montoneros; Fuerzas Armadas de Liberación, FAL; Fuerzas Armadas Peronistas, FAP), pero que actúan en el mismo plano de clandestinidad y com idéntica audacia [...] integram sus cuadros jóvenes de clase media o alta, técnicos y profesionales, muchachas que vienen de los orígenes mas diversos, desde la lucha de izquierda hasta el catolicismo “tercermundista.”¹⁰

⁹ No primeiro aniversário de *El Cordobazo*, em 1970, o General Aramburu foi seqüestrado pelo grupo Montoneros. Aramburu era um dos opositores de Perón. O grupo Montoneros organizou o seqüestro com extrema simplicidade e precisão. Dois militantes, vestidos de soldado, apareceram no seu endereço apresentando-se como segurança do General. Embora sendo alto representante do poder militar, o General mantinha sérias diferenças com Onganía, que desejava se tornar presidente da Argentina. Os Montoneros o consideravam como o principal inimigo do peronismo e dos interesses populares da nação. Aramburu foi levado para uma antiga residência de campo de um dos familiares do grupo, sendo submetido a julgamento por sua participação na “Revolución Libertadora” e condenado a morte, por fuzilamento. Aramburu deixou uma carta, na qual registrou seus últimos momentos (*La causa peronista*, 3 de setembro de 1974). As declarações dos Montoneros sobre o seqüestro e julgamento do General foram assunto nacional. Vários jornais da esquerda reproduziram as declarações (*Avanzada Socialista*, PST, n. 9, ano I, 3 de setembro de 1974).

¹⁰ LUNA, F. *op cit.*, p. 200.

Durante a radicalização do processo de contestação ao regime, numerosos setores da classe média, a maioria deles composta por jovens, tiveram um rápido influxo para o peronismo. Vinham das escolas, das fábricas e das universidades, todos impulsados pelo clima de oposição. Foi uma resposta rápida ao Cordobazo. Jovens das escolas secundárias, das universidades e da Igreja Católica do Terceiro Mundo mostraram seu interesse e sua capacidade surpreendente de organização. Perón, em duas cartas dissera a eles: “comienza la etapa de luchar disciplinadamente, cada uno en su puesto”. (*Carta de Perón a los compañeros peronistas*, 2 de dezembro de 1964.); “no olvidar jamás que los combatientes provienen de la masa y que sin el apoyo de la masa, es imposible la labor revolucionaria”; “Nos hemos planteado la tarea fundamental de triunfar sobre los explotadores, aún si ellos están infiltrados en nuestro movimiento político.” (*Carta de Perón a la Juventud Peronista*, 1965.)

A *Juventud Peronista* também manifesta objetivos paralelos aos da esquerda mais revolucionária: “socializar dietas y salarios de los militantes, trasladar decisiones políticas de la burocracia del estado a las bases populares”, e declara ainda: “Estas son conductas de todo aquel que se sienta un leal soldado del Movimiento Nacional Peronista.” (*Compromiso de la JP con el pueblo de la patria*. Comunicado 26 de maio de 1973.)

Surgem, no início dos 70, tentativas para unificar os grupos num mesmo corpo, conseguindo-se em 1972, definir entre eles uma organização com o nome *Juventud Peronista* (JP). Cria-se, ao mesmo tempo a *Juventud Peronista Universitaria*. Seu antecessor – o maior grupo universitário do momento – era a *Juventud Argentina por la Emancipación*

Nacional (JAEN), cujo líder, Rodolfo Galimberti, ex-MNRT, tornar-se-ia chefe e condutor da Juventude Peronista, com acesso direto a Perón, em Madri. A Juventude Peronista foi, de fato, a responsável pela mobilização social e pelas operações para o retorno de Perón.

Paralelamente a esta formação aparecem, no seio do movimento peronista, os grupos de guerrilha, do mesmo modo que, nos primeiros anos do golpe antiperonista, surgiram os grupos de natureza espontaneísta da *resistência*. A diferença é que, nos 60, os grupos apresentavam uma organização, contavam com referências ideológicas mais elaboradas, tinham identidade histórica. Não obstante pequenos, em número de militantes, eram promissores em termos da capacidade de adesão de diferentes setores da sociedade argentina a uma tendência de radicalização, de esquerda, que funciona, como zona, declaradamente progressista, das reivindicações emancipatórias do povo.

As *Fuerzas Armadas Revolucionarias* (FAR) surgiram em 1966, as *Fuerzas Armadas Peronistas* (FAP), em 1968 e os *Montoneros*, em 1970. As FAR eram compostas originariamente por marxistas afastados dos partidos da esquerda tradicional, dentre eles Roberto Quieto e Marcos Osatinsky, que buscavam implementar um grupo de ação, baseado na experiência de Che Guevara. Ainda que de argumentos e idéias marxistas, as FAR reivindicavam o retorno de Perón. As FAP foram criadas como braço armado do movimento, diretamente dentro do peronismo. Tinham como antecessor um grupo de guerrilha chamado *17 de Octubre*, que se tornou conhecido pelo local onde se instalou para começar suas ações, *Taco Ralo*, mas que logo foi desintegrado pelas forças armadas. Também exigiam o retorno de Perón. Os Montoneros

são uma decorrência das idéias da Igreja Católica do Terceiro Mundo, combinadas com as idéias de esquerda e do peronismo. As FARs e Montoneros, a partir de março de 1973, se uniram num mesmo grupo, com o nome do último.

A ação política da *Juventude Peronista* coincide, em muitos aspectos, com a dos Montoneros. Sua origem e seus membros têm, inclusive, características similares. A oposição ao governo militar havia conseguido reunir, durante os anos 60, estudantes e trabalhadores, em luta contra a repressão, junto àqueles que se desvinculavam da esquerda mais tradicional, no estilo do Partido Socialista e dos comunistas.

Nesse sentido, os anos 60 representam uma mudança em termos das interpretações da esquerda tradicional. A nova esquerda redefine Perón. Ele não só passa a ser aceito, mas também se coloca como líder legítimo da revolução. Nessa interpretação que a esquerda peronista fez de Perón, se integraram os elementos próprios da ideologia da esquerda nacional: a transformação da Argentina num país socialista significava começar em casa uma tarefa que envolveria toda a América Latina. Perón, por outro lado, gostava de manifestar adesão aos projetos políticos populares, sobretudo nos anos 60, quando ainda estava no exílio, e costumava analisar a realidade das ditaduras militares de América Latina, como uma forma de contenção de um projeto libertário que se gestava. Aos aspectos ideológicos que figuram na trama da relação entre os jovens da esquerda peronista e Perón junte-se o próprio fato dos militantes serem jovens, aspecto que tomou conta das primeiras análises do fenômeno peronista dos 60 e 70. Conforme James, "Having no previous experience or history in the Peronist

movement, they had an idealised vision of the Peronist past, of the movement and, of course, of de Perón himself.”¹¹ A Juventude Peronista e os Montoneros encarnaram, nesse sentido, a ruptura com o passado peronista mais ortodoxo – o do discurso oficial e da burocracia partidária e sindical do peronismo – e viram em Perón um líder, não só popular, mas, sobretudo, revolucionário.

Crise das Forças Armadas, fracasso da política econômica, reforço da postura anticomunista das elites e dos militares, manifestação da violência armada, foram fatos que acabaram por desqualificar o governo e a figura do General Onganía. Interessante observar que foram os mesmos fatos que também serviram para afirmar o vazio do poder político na Argentina, que os militares tentaram, sem êxito, preencher durante os anos de ditadura.

Em junho de 1970, o General Lanusse difundiu um comunicado retirando o apoio das forças armadas ao governo do General Onganía. Este, por sua vez, determinou a retirada de Lanusse que, em resposta, comandou outro golpe. O novo presidente, escolhido por um grupo de comandantes, foi o General Roberto Marcelo Levingston, que nem mesmo se encontrava na Argentina quando da designação.

Embora o governo de Levingston tenha sido sucedido pelo de Lanusse, a curta permanência do primeiro constituiu-se, realmente, na última tentativa de recriar uma Argentina sem-Perón e sem política. Levingston tentou fazer reviver um projeto já fracassado. A violência com que os governos eram contestados como sendo apócrifos, falsos,

¹¹ JAMES, D. “The peronist left, 1955-1975”, p.283. “Não tendo nenhuma experiência ou história prévia no peronismo (os jovens) idealizaram uma visão do passado peronista, do movimento, seu curso, e do próprio Perón.” [Parênteses meus]

denunciava que a fórmula das elites não mais convencia nem mesmo aos setores da sociedade que partilhavam dela. As críticas básicas apresentadas nos documentos da esquerda peronista tinham efeitos multiplicadores na sociedade argentina, na medida em que denunciavam estes governos porque evadiam o veredito popular apelando para a força do cacete. Os setores médios e populares sofriam com os arrochos salariais e com o controle de sua vida civil. Um governo que não outorga por via econômica o que restringe da vida política corre alto risco de se depreciar. Diante disso, a violência dos grupos armados podia granjear certa simpatia da parte da sociedade. Levingston ficou no poder de junho de 70 a março de 71, quando foi substituído pelo General Lanusse. Levingston também se entregou mansamente.

O governo de Lanusse teve que se defrontar com a violência dos grupos armados e com a crise interna das forças armadas. Estas, também divididas quanto ao “o-que-fazer” com o peronismo. Ganhava vulto a idéia de que Perón seria o único articulador político capaz de resolver a questão da relação entre partidos políticos e forças armadas. A classe política, diante da decadência dos militares, começou a vislumbrar a saída eleitoral, com mais otimismo do que em todos os anos da proibição.

O que teria então, produzido tal reversão, após 18 anos da proscricção do peronismo? Como, depois de tantos anos, se chega a abertura política? Como, passado tanto tempo, os militares perderam um lugar que não lhes correspondia? Como, na Argentina, se esgotou esse longo ciclo de “governos sem-povo”?

Lanusse foi responsável pela última fase do governo militar, que passou de Onganía para Levingston. Ele também queria ser presidente! De tanto as forças armadas se colocarem como instrumentos de correção-intervenção na vida política e civil argentina, como Perón, passavam os militares, agora, nos anos 70, a almejar o poder de uma presidência ganha na arena política? Não! Na verdade, a configuração do poder militar se desagregava e, também, suas estratégias. De um lado, o desgaste dos “integracionistas”, dada a perda de função das burocracias envolvidas no peronismo-sem-Perón. E de outro lado uma vez que se tornara realista esperar o retorno de Perón e a abertura política, os neoperonistas e integracionistas se viram na contingência de ter que dar um passo atrás e devolver a Perón cadeira de chefe. Entretanto, Perón manteve esses setores como componentes legítimos e oficiais do peronismo. No avião que o trouxe definitivamente para a Argentina, em 1973, havia mais burocratas e antigos peronistas do que líderes populares e militantes.

Nos governos militares, a interdição dos demais partidos políticos era a justiça feita (às avessas) em relação à necessidade de proibir o peronismo. De modo que, para os partidos políticos, nos anos 70, a volta de Perón representava uma condição para a própria abertura política. Uma importante força que passa, também, a compor o apoio a Perón.

Os políticos articularam vários foros e declarações para reforçar a saída política. No governo de Levingston foi formada a chamada *Hora de los Pueblos* e, depois, o *Encuentro Nacional de los Argentinos*. Ambos eram encontros multipartidários, que se declararam em favor da

democracia. Quando Lanusse chegou ao governo lançou sua proposta de abertura política – controlada, na verdade –, sob o nome de *Gran Acuerdo de los Argentinos*, que tentava compor um pacto com vários políticos.

Perón dava ouvidos a todos, sabendo da ruína dos governos sem-Perón. A possibilidade de legalização do peronismo era manejada por Perón com amplos critérios, envolvendo todos os diferentes âmbitos do movimento: o partido, os sindicalistas, a juventude, os grupos armados. Após um jogo de pressões entre peronistas, antiperonistas e a crescente luta armada, Lanusse teve que declarar aberto o processo político que permitiu convocar o povo para eleições em março de 1973. O retorno de Perón era iminente!

2. Montoneros: intelectuais e obras formativas. Hernández Arregui e o “ser nacional”

Foram vários os intelectuais argentinos que contribuíram para o desenvolvimento do pensamento dos Montoneros. Nos anos 60, Arturo Jauretche, Hernández Arregui e Rodolfo Puiggrós participaram de reuniões regulares com os fundadores do grupo. Elaboraram documentos para a condução dos Montoneros e ajudaram a definir as estratégias e as táticas do grupo. Os três autores carregam a experiência de ter sido parte da esquerda tradicional que, contudo, a desenvolveram em busca de uma nova esquerda, daí sua contribuição efetiva na reinvenção do peronismo.

Jauretche (1901-1974) era advogado, escritor, político e militante. Iniciou na *Unión Cívica Radical*, teve participação na reforma universitária de 1918, tendo sido um dos fundadores do grupo *Fuerza Orientadora Radical de la Joven Argentina* (FORJA), que, na década de 30, reunia a juventude descontente com as fraudes e o desgaste da política argentina. Eram a favor de um socialismo democrático, antiimperialista e, principalmente, contra os EUA. O grupo encabeçou várias tentativas frustradas, de revolução. Quando o FORJA foi dissolvido, Jauretche uniu-se ao peronismo. Destacam-se entre suas obras: *El Plan Prebisch, retorno al coloniaje* (1956); *El medio pelo en la sociedad argentina* (1966) e *Los profetas del odio* (1967). Em 1973, Jauretche foi nomeado Diretor do Departamento Editorial da *Universidad de Buenos Aires* (EUDEBA), embora sua gestão tenha durado apenas até maio de 1974, quando morreu, de morte natural aos setenta e dois anos.

Puiggrós nasceu em Buenos Aires, em 1906. Foi líder do PCA, nos anos 40, e, na mesma década, percorreu o caminho do comunismo para o peronismo. Converteu-se num dos principais intelectuais da esquerda argentina. As massas populares, conscientes de seu papel histórico e social, tornar-se-ão protagonistas da história nacional. Rosas, Yrigoyen e Perón são, para ele, os líderes de um processo progressivo em direção à liberação nacional. De maio a outubro de 1973, no governo peronista, Puiggrós foi Reitor da *Universidad de Buenos Aires*. Aderiu ao movimento Montoneros. Em 1977, foi designado Primeiro Secretário da *Rama de Profesionales, Intelectuales y Artistas del Movimiento Peronista Montonero* (MPM). Morreu em La Habana, em novembro de 1980, vítima de um ataque cardíaco.

Outro autor militante – mas, não Montonero – é Jorge Abelardo Ramos. Trotskista, é um dos personagens da história da esquerda argentina do século XX. Nos anos 40, integrara o grupo *Frente Obrero*, surgido da polêmica trotskista sobre a questão nacional, com Alberto Belloni, Cooke e Hernández Arregui. Promove, nos anos 50, uma série de obras que destacam a questão nacional e criticam a esquerda do PCA e do PSA. Para Ramos, a história da esquerda argentina é a história do estalinismo. Forma na década de 60, o PSRN, pró-peronista, embora tente manter uma certa independência como partido de esquerda. Nos 70, organiza a *Frente de Izquierda Popular* (FIP), a qual também apoiou Perón em sua última eleição. Ramos constitui-se num dos representantes da esquerda que inicia a valorização do peronismo. Não obstante foi, entre os Montoneros, um autor impopular, devido sua crítica à guerrilha urbana, que considerava como sendo uma forma de “terrorismo individual”.

Juntos, Jauretche, Puiggrós e Hernández Arregui deram as pautas para a composição do quadro teórico-interpretativo dos militantes da esquerda, dos anos 60 e 70. A chamada “esquerda nacional”¹², nutriu-se das obras e conferências desses autores. Contudo, foi Hernández Arregui quem mais se dedicou aos estudos e definições que inspiraram as gerações de jovens, que se formaram à luz desse revisionismo histórico que serviu de fundamento para a integração de esquerda e peronismo. Observemos aqui, mais detidamente, a obra de Hernandez Arregui, destacando seu conceito de

¹² Hernández Arregui se auto-atribuiu a paternidade da expressão, embora, Gillespie mostre que o PSRN a havia usado dois anos antes de Hernández Arregui. GILLESPIE, R. Soldados de Perón, op.cit, p. 32.

“ser nacional”, o qual atravessa os argumentos da esquerda peronista dos 60. Tal conceito encontra paralelo no conceito de “*hombre indoamericano*”, da esquerda marxista não-peronista.

Um dos autores mais lidos pelos grupos de oposição e resistência ao regime militar dos anos 60 foi, sem dúvida, Juan José Hernández Arregui. Tinha publicado *Imperialismo y Cultura* (1957), *La formación de la conciencia nacional* (1960) e, em 1963, o mais lido de seus livros: *Qué es el ser nacional?*, surgido das principais idéias de suas obras anteriores e dos rascunhos de uma conferência que proferira em 1961, na cidade de *Resistencia*, no norte argentino. A conferência havia sido organizada por um grupo chamado *Movimiento de Estudiantes Reformistas de la Universidad del Nordeste*, depois reproduzida, com grande êxito, na *Facultad de Ciencias Económicas* da *Universidad Nacional de Tucumán*, também no norte da Argentina.

Na obra escrita sob forma de ensaio, Hernández Arregui retoma e aprofunda seus temas prediletos: a nação, a luta de classes nos países da América Latina e o momento atual, na Argentina, de conscientização crescente das massas e do povo.

Ser nacional é uma das peças fundamentais do quadro interpretativo de Hernández Arregui, que se desenvolve entre a história e a política. Como é de praxe para o revisionismo argentino. Embora o “ser nacional” seja um conceito geral, quase metafísico, para o autor, não carece de correlatos objetivos, concretos, reais e, por isso, verdadeiros. O primeiro é o de “pátria”: “una categoría histórico-temporal experimentada como la posesión en común de una herencia de recuerdos”.

Segundo Hernández Arregui:

En la base, pues, del “ser nacional” se encuentran las clases sociales, y dado que la actividad del hombre en comunidad es un proceso que se anuda en las tempestades de la vida colectiva, el “ser nacional” manifiesta su diversidad, en la lucha política de una nación, ya que la política es la actividad práctica del hombre histórico, del hombre vivo.¹³

O estilo da obra é abertamente debatedor, polêmico, carregado sempre de termos efusivos. Tem um caráter que é, diga-se logo, moda da época. Hernández Arregui – na reedição de 1973, de uma versão em português (1971), publicada no Brasil pela editora Paz e Terra, avisa – : “Quizá, en los momentos críticos de un país, los únicos libros objetivos son aquellos escritos con la sangre caliente”; “mis libros no son de investigación sino de lucha”; “libros del orden de éste sólo pueden surgir como efecto de la lucha patriótica por la liberación histórica que há dejado como herencia el peronismo, ese gigantesco movimiento nacional de masas, al cual pertenezco”.

As relações conceituais seguem a linha nação-pátria-classe social, para apontar, finalmente, para a condição estruturante da luta de classes na Argentina (e em toda América Latina): o “ser nacional”. Ser nacional é, simultaneamente, consciência antiimperialista e vontade de construir uma nação. Está implícito, nessa construção, o confronto com as elites assimiladas ao imperialismo. Assim,

el “ser nacional” se convierte en algo inteligible, o sea, en una comunidad establecida en un ámbito geográfico y económico, jurídicamente organizada en nación, unida por una misma lengua, un pasado común, instituciones históricas, creencias y tradiciones también comunes conservadas en la memoria del pueblo, y amuralladas, tales

¹³ HERNÁNDEZ ARREGUI, J.J. *Qué es el ser nacional?*, p. 19.

representaciones colectivas, en sus clases no ligadas al imperialismo, en una actitud de defensa ante embates internos e externos, que en tanto disposición revolucionaria de las masas oprimidas se manifiesta como conciencia antiimperialista, como voluntad nacional de destino¹⁴.

A fórmula: “ser nacional-pátria-classe”, decifra o imperialismo e remete, obrigatoriamente, ao passado. A história funciona como denúncia do passado, num país adulterado pelos interesses das elites “vendidas” aos países dominantes. “Es obligatorio buscar sus orígenes en la historia”, diz Hernández Arregui.

A visão é comum às concepções da esquerda nessa época e, também, é própria do nacionalismo, seja este de esquerda ou de direita.¹⁵ O processo é sempre o mesmo: aponta-se para os fatos que mostram a invasão de países estrangeiros e denuncia-se a versão interesseira daqueles que escreveram a história do país, que é, na verdade, uma história antinacional; dissimula-se a dependência do imperialismo: “Todo esto exige una revisión de la historia. Revocar la imagen aceptada sin crítica sobre España y sobre la América Hispánica, es romper con falsos nacionalismos que han marcado nuestra servidumbre material y cultural”.

¹⁴ Idem, op. cit., p. 22.

¹⁵ O pensamento nacionalista argentino surgiu como resultado da reação frente ao imperialismo do séc. XIX. Embora o “termo” seja usado frequentemente sem precisão, sempre aponta para uma nova forma de organização econômica, social, política e cultural, baseada na recuperação dos elementos (indígenas e espanhóis) que estão na raiz da formação da sociedade argentina. No séc. XX, o nacionalismo, na Argentina, continuou a se manifestar chegando, as vezes, ao extremo de promover a xenofobia. Esta linha de pensamento reúne tanto autores e militantes da esquerda quanto da direita política. Ver, dentre outros, DEUTSCH, K. *El nacionalismo y sus alternativas*; NAVARRO, Marisa. *Los nacionalistas* e WHITAKER, Arthur P. *Nationalism in Latin America*.

No esforço por revelar um passado argentino em sintonia com a verdadeira nacionalidade, Hernández Arregui deve, obrigatoriamente, se posicionar sobre a América colonial e hispânica: a Espanha que colonizou estas terras não teria sido também um país imperialista? Tal como defendem os revisionistas, a colônia espanhola, a partir da qual se formou a Argentina, não foi um processo de submissão a um império e, sim, um momento de integração a uma comunidade maior, que deu substância a nossa formação como argentinos: “España trajo a estas tierras una de sus virtudes más grandes, el espíritu de independencia y las instituciones que lo resguardaron.”¹⁶

Quattrocchi-Woisson estudou o revisionismo histórico na Argentina, acompanhando sua formação desde o século XIX. No século XX, o revisionismo argentino se transformou na “morada intelectual” do peronismo.¹⁷ Observe-se que, tanto o peronismo quanto o revisionismo são nacionalistas. Assim, o que fizeram os autores revisionistas, foi elaborar uma interpretação da história argentina, que deu lugar a *criollos* e *gauchos* e revalorizou eventos e personagens desprezados pela tradição dos historiadores liberais. Nesse desenvolvimento do revisionismo, encontramos a direita e a esquerda política disputando posições. Quattrocchi-Woisson mostra como o *revisionismo* obteve a adesão de muitos autores da esquerda: a sede de passado, na cultura argentina; a relação entre política e história, nos debates ideológicos; o sentimento antiimperialista; o nacionalismo; a

¹⁶ HERNÁNDEZ ARREGUI, J.J. *Qué es el ser nacional?*, op. cit., p. 40.

¹⁷ QUATTROCCHI-WOISSON, Diana. *Los males de la memoria; historia y política en la Argentina*.

revalorização espanhola; a cultura do interior *criollo*, todos são elementos que permitem fusão entre esquerda e peronismo, no campo delimitado pelo revisionismo histórico argentino.

O resgate dos povos indígenas é outro dos temas do revisionismo. Tema caro, dado terem sido os povos indígenas submetidos, quando não, dizimados pelos colonizadores espanhóis. Quanto ao sistema de sujeição, imposto pelos espanhóis aos habitantes indígenas, diz Hernández Arregui: “En contraposición, es también ilícita la tesis calumniosa por exagerada, sobre el trato a los indios y los negros. La esclavitud en América fue benigna – lo mismo que el estado servil de los indios – en comparación con la barbarie rubia de los colonizadores holandeses e ingleses.”¹⁸

Hernández Arregui mantém uma linha de resgate dos povos autóctones da América, própria da fórmula revisionista, que busca, em toda parte, raízes num continente em que “hasta los animales y las plantas son europeos” – segundo expressão do liberal Juan Bautista Alberdi.¹⁹ Explica ele que, sobre a cultura dos índios, a língua espanhola (assim como a portuguesa, no caso do Brasil), atuou como um elemento aglutinador, uma ligação não contaminada de imperialismo: “Las semejanzas mentales de estos pueblos son

¹⁸ Idem, op. cit., p.44.

¹⁹ J.B.Alberdi é um personagem muito conhecido na história argentina. Advogado, escritor, intelectual e um dos mentores da Constituição de 1853. Graduou-se em Direito na *Universidad Nacional de Córdoba*, foi perseguido pelo governo de Rosas, viajou pela Europa, atraído pelas idéias de Augusto Comte. Na Argentina, Alberdi foi o precursor do positivismo. Sua mais famosa obra: *Bases y puntos de partida para la organización política de la República Argentina* (1853), temática que, de fato, interessava Alberdi, motivado que sempre esteve em fazer da sociedade argentina uma unidade de civilização e cultura, à semelhança dos países da Europa. Morreu em Paris em 1880.

irrecusables. Todo individuo transpira la atmósfera de la comunidad cultural. Aún los inmigrantes son absorbidos y modificados por ella. El arte hispanoamericano es uno, desde Córdoba a México.”²⁰

Nesse “resgate” das massas, o posicionamento de Hernández Arregui retoma a linha antiliberal. Aqui reside o paralelo com a ideologia peronista. Apontamos tal traço, quando tratamos das duas dimensões da ideologia peronista e do papel do discurso de Perón. “Los movimientos democráticos de las masas hispanoamericanas, ayer como hoy, fueron antiliberales. Antiliberalismo instintivo que les viene de un pasado entenebrecido en su verdad por las oligarquías y que recién en nuestro siglo devela su potencial revolucionario.”²¹

A reivindicação do período hispânico, por sua vez, questiona a ruptura provocada pela *Independência* das “*provincias del Rio de la Plata*”, embora seja a mesma um momento necessário na formação da pátria argentina. Não obstante, a explicação revisionista remete ao fato da *Independência* ter desviado para uma sujeição lamentável ao imperialismo inglês.

Para Hernández Arregui:

Es falso que el sentimiento antiespañol haya sido el factor desencadenante de la emancipación. Tampoco las masas fueron separatistas. Son las capas altas, tanto españolas como criollas, las que habrán de sacrificar la unidad de América, al entrar como clases subordinadas en el comercio mundial.²²

²⁰ HERNÁNDEZ ARREGUI, J.J. *Qué es el ser nacional?*, op. cit., p. 171.

²¹ Idem, op. cit., p. 71.

²² Idem, op. cit., p. 72.

A explicação-defesa da origem hispânica fica completa com a crítica às elites. No caso da Argentina, a oligarquia que, em parte, se forma com os próprios espanhóis, foi o pivô das relações de dependência ao capital inglês e americano.

Frisa Hernández Arregui:

En lugar de una burguesia emprendedora, la conquista de América alimentó a una burguesia parasitaria, sin iniciativa nacional ni poder político. La expulsión de los moros y la conquista de América contuvieron el desarrollo fabril de España y en estos hechos estaba ya incluida la pérdida final de las colonias, cuyos productos servían, no a la industria española, sino a la de los países europeos en pleno período mercantil y manufacturero.²³

Elites parasitárias, imperialismo estrangeiro, massas autenticamente nacionais.²⁴ Quattrocchi-Woisson afirma que a corrente *revisionista* foi a que facilitou a circulação entre nacionalistas de esquerda e de direita. Desde as décadas de 30 e 40, no debate com os comunistas, os historiadores revisionistas destacavam à questão nacional. A *nação*, por sua vez, se transforma em tema cada vez mais importante nos meios políticos da esquerda, na segunda metade deste século.

²³ Idem, op. cit., p. 45.

²⁴ Crítica a burguesia por sua falta de projeto, pela subordinação ao imperialismo é, também, comum no Brasil. FERNÁNDES, Florestan. *A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica*; DRAIBE, Sonia. *Rumos e metamorfoses; un estudo sobre a constituição do Estado e as alternativas da industrialização no Brasil: 1930-1960*. Com relação à visão da dependência dos países de América Latina, a literatura é extensa. Ver, dentre outros, FRANK, Gunder. *Acumulação dependente e subordinação: repensando a teoria da dependência*; CARDOSO, F.H. *Empresariado industrial e desenvolvimento econômico no Brasil*; FURTADO, Celso. *Desenvolvimento e subdesenvolvimento econômico*; MARINI, Ruy Mauro. *La dialéctica de la dependencia*; PREBISCH, R. *Dinámica del desarrollo latinoamericano*.

Quattrocchi-Woisson salienta:

No es casual que los dos historiadores más reconocidos del Partido Comunista argentino de esta época, Rodolfo Puiggrós y Eduardo Astesano, desarrollen años más tarde una visión del pasado cercana a la versión revisionista. El revisionismo histórico obtendrá la adhesión intelectual de muchos hombres de izquierda.²⁵

Do lado do *Partido Socialista Argentino*, ao contrário, a oposição ao revisionismo é contundente. Segundo a visão do partido, *gauchos* e *montoneros* (como eram denominados, no século passado, os grupos liderados por caudilhos do interior) não eram mais do que a expressão da “barbárie”. Rosas e Perón, seus continuadores. Já a esquerda nacional, que busca, no contexto da nação, equacionar o esquema teórico da luta de classes, tomando como referência os estudos de Lenin – que diz, numa passagem, ser a Argentina um caso de submissão às necessidades do capital inglês –, chega, por esta via, às mesmas conclusões do revisionismo. Contudo, há um setor da direita, também antiimperialista e antiliberal, que pensa ser necessário revisar a história para produzir uma outra versão. Uma versão que permita despertar a consciência nacional do povo. A doutrina peronista: nacionalista, antiimperialista e antiliberal reinventada em meio aos conflitos políticos dos anos 60, adquiriu, em consequência desse movimento de reinterpretação da história argentina, toda sua plenitude, dado a ideologia peronista ter se convertido no ponto de chegada de setores inimigos (direita e esquerda) que, no entanto, coincidiam na busca de uma nova história.

²⁵ QUATTROCCHI-WOISSON, Diana. Op cit., 198.

Os elementos do revisionismo acabaram se mostrando eficazes na constituição do imaginário dos grupos ideológicos dos 60, tendo impacto real nas representações coletivas da época sobre o país, sobre os argentinos, sobre as elites.

Retomemos, agora, as expressões de Hernández Arregui, tendo presente que ele foi referência na formação teórico-política de Montoneros: “Pátria” – para o autor-ideólogo que escreve livros “com sangre caliente” – é “poseción en común de una herencia de recuerdos” e “en las tempestades de la vida colectiva, el ‘ser nacional’ manifiesta su diversidad, en la lucha política de una nación.”

Na revista peronista montonera, *Militancia*, surgida em 1973, podem ser observadas expressões paralelas às de Hernández Arregui.

El siglo XIX fué el de la segmentación latinoamericana por la acción de Inglaterra fundamentalmente. Esa segmentación frustró el sueño de Bolívar de hacer la Patria Grande y la consecuencia fué nuestra América Latina dependiente y explotada. Aquella unidad que ayer fué imposible, talvez no lo sea hoy si es realizada por quien tenga, como Bolívar, indiscutida autoridad continental para realizarla [...] Ningún líder americano después de Bolívar, há tenido la oportunidad que hoy se le presenta al General Perón, él lo sabe y acepta el desafío [...] Perón demuestra su coraje político, su verdadera dimensión histórica y en definitiva su grandeza clásica. (*Militancia*, ano 1, n. 9, 09 ag. de 1973.)

A revista tem por escopo informar e formar quadros militantes do movimento peronista. Publica, em vários números consecutivos, uma seção destinada à discussão do socialismo nacional. “Yo considero que así como el Peronismo fue la continuidad histórica del Yrigoyenismo” – disse o ensaísta político montonero, Ricardo Carpani,

em 22 de setembro de 1972 – “el socialismo es la continuidad histórica del Peronismo.” (*Militancia*, ano 1, n. 20, 25 de out. de 1973.)²⁶

Mario Aguirre complementa: “Pero como dice Perón, si en 1945 la denominación socialista no fue puesta al movimiento peronista, fue porque precisamente esse nombre lo habían usurpado aquellos ‘izquierdistas’ que estaban ligados directamente a la oligarquía nativa y por ende al imperialismo.” (*Militancia*, ano 1, n. 24, 22 de nov. de 1973.)

Hernández Arregui realizou o trabalho que cimentou a ideologia *montonera* dos 70, voltando sua análise para a cultura nacional. São palavras dele: “El arte hispanoamericano es uno, desde Córdoba a México.” A nacionalidade se torna prioridade absoluta. Nos 60 e, sobretudo, nos 70, a moda é viver como argentino, sentir como argentino. A fórmula faz pressupor que a argentinidade encontre sua “marca de origem” nas massas. “Tener valentia de hablar com un lenguaje muy, muy claro, para que nos entiendan, en primer lugar nuestros hermanos los trabajadores, y en segundo lugar, el pueblo.” – diz um editorial da revista *Militancia*. (Ano 1, n. 24, 22 de nov. de 1973.)

Afinal, o revisionismo desvenda a cultura imperialista e as falsas crenças e ilusões criadas para atender os interesses externos. Nesse mesmo exercício ideológico, o revisionismo revela que a presença essencialmente esquecida na Argentina é a da massa e do povo. O mesmo sentido que teve o percurso discursivo de Perón, que apontou os setores populares como base para sua carreira política. A direita e a esquerda tradicionais adotaram, ao contrário, uma posição liberal,

²⁶ Mesa redonda sobre “Socialismo Nacional”, realizada na *Federación de Obreros y Empleados Telefónicos* (FOETRA), em 22 de setembro de 1972 e publicada na revista *Militancia*, ano 1, n. 20, 25 de out. de 1973.

contribuindo, assim, para o esquecimento histórico das massas. As conseqüências políticas de tal postura podem ser vistas no seu divórcio das massas. O “ser nacional” não é, então, uma referência puramente abstrata de qualidades gerais, mas uma caracterização empírica, que poderia ser comparada ao tipo ideal weberiano. Busca representar os indivíduos do povo, da mesma forma que o conceito de “hombre indoamericano”, enunciado por Santucho, no PRT.

De um lado, isto significou voltar ao passado para legitimar a luta popular. Como observa Quattrocchi-Woisson as derrotas do passado servem, nesta busca, para legitimar outra ordem de coisas no presente. De outro, o peronismo dos 60 fez com que voltassem a superfície os ressentimentos dos anos 40, quando a sociedade “branca” – com a ascensão estrondosa e confusa do povo do interior, dos pobres, dos “cabecitas negras” que seguiram a Perón –, viu desfeito seu mito de “européia”.

3. A esquerda marxista do PRT

3.1. Breve história do PRT

O *Partido Revolucionario de los Trabajadores* (PRT) surgiu em 1965, mas só se tornou conhecido depois de 1969, por ocasião do protesto social generalizado, conhecido como “El Cordobazo”. Os membros do PRT se organizavam em torno de um comitê executivo e um aparelho militar que coordenavam as atividades de vários comandos, distribuídos em Rosário, Salta, Tucumán, Córdoba e Buenos Aires. Roberto Santucho, um dos principais dirigentes do Partido, pertencia a

uma família de Tucumán. Era uma família numerosa, que cultivava a leitura e os debates sobre política. Tucumán é uma província situada no interior, ao norte da Argentina, e a única região argentina dedicada ao cultivo de cana-de-açúcar.

Antes do PRT, Santucho havia fundado o *Movimiento Independiente de los Estudiantes de Ciencias Económicas de la Universidad de Tucumán*. O grupo tinha um programa que se definia como sendo democrático e antiimperialista, voltado para o interesse nacional. Em 1961, Santucho visitou Cuba e, quando de seu retorno, participou da *Frente Indobamericana Popular Revolucionaria (FRIP)*, outra organização de estudantes, desta vez na província vizinha de Santiago del Estero.

No jornal *Norte Revolucionario*, da FRIP, em 1962, Santucho publicou o documento: “4 tesis sobre el norte argentino”. Nele, considera que a indústria do açúcar, era o setor fundamental para formar um partido revolucionário. O conjunto dos operários do açúcar era visto como a vanguarda necessária para iniciar e conduzir um processo revolucionário, devido à consciência que tinham da região e por sua forma de organização.

Em Tucumán, Santucho conheceu os militantes do grupo *Palabra Obrera*, organização trotskista que tinha relação com o sindicalismo peronista. Seu líder, Hugo Miguel Bressano, era um herdeiro da tradição trotskista, que conhecia de perto as discussões em torno da nação e as possibilidades de alianças revolucionárias. Liborio Justo deu-lhe o nome de Nahuel Moreno, com o qual ficaria conhecido na história da esquerda argentina.

Os pontos em comum entre FRIP e *Palabra Obrera* levaram-nos à união, em 1963, sob o nome *Frente Única*. Em 1965, a frente fundou o

PRT. Dentro do partido, no entanto, FRIP e *Palabra Obrera* mantêm diferenças, especialmente quando a questão diz respeito ao momento apropriado para que se inicie a luta armada na Argentina.

Dentro do PRT se instalam três tendências em torno desse assunto. A passagem é lembrada como o processo de “luta de classes no interior do partido” – a tendência “proletária” (ou a “direita” do partido, segundo expressões veiculadas no *V Congresso*), a “comunista” (ou “centro”) e a “leninista” (ou “esquerda”).²⁷

No *IV Congresso* do PRT, em 1968, o líder do grupo *Palabra Obrera* apresentou um documento chamado “CGT-Partido Obrero”, culpado pela tendência de “esquerda” de criar confusão entre partido e sindicato e de ter abandonado a idéia de partido de vanguarda.

Em junho de 1966, se dá o Golpe de Estado do General Onganía. Nahuel Moreno defendeu uma atitude de espera, num documento que tem por título “La lucha recién comienza”. Enquanto isso realizaram-se protestos, mobilizações e greves na Argentina.

Santucho, como estratégia de luta armada e popular, elaborou um documento: *El único camino*, orientado pelo antiimperialismo e pelo socialismo. Diante das diferenças sobre que atitude tomar, Moreno deixou o PRT. No *V Congresso*, realizado em 1970, aprovou-se a proposta de Santucho de criação de um exército popular. Surge, então, o *Ejército Revolucionario del Pueblo* (ERP), com a intenção de integrar, nos seus quadros, operários e estudantes, para lutar contra o capitalismo. O ERP realizou várias operações armadas: assaltos a bancos; ataques a bases militares; guerrilha rural; seqüestros, etc. Saques em

²⁷ MATTAROLLO, R. *La proletarianisation dans le mouvement revolutionnaire argentine en 1970*.

supermercados, seguidos das chamadas “operações de reparto”, nas quais as mercaderias roubadas eram distribuídas nos bairros pobres.

3.2. A situação argentina em 1970, segundo o PRT

No âmbito do pensamento marxista da esquerda, a situação argentina passou a ser concebida, cada vez mais, como um estágio pré-revolucionário. Na época, Portantiero tinha publicado uma interpretação da situação argentina, posterior ao “El Cordobazo”, sob o título *Clases dominantes y crisis política en la Argentina* (1973). Era otimista, em relação ao grau da consciência popular revolucionária. Mónica Peralta Ramos, em *Acumulación del capital y crisis política en la Argentina* (1978), também associava o desenvolvimento da luta de classes da época ao impulso de um sindicalismo combativo da resistência, indicando, ainda, como, nesse processo, aparecem organizações armadas, que defendem a causa dos trabalhadores.

As análises sobre “El Cordobazo”, surgidas nesses anos, e as da sociedade Argentina, num plano mais amplo, mostram como as condições daquele momento propiciavam a ação revolucionária. A concepção era corrente naquela época. Para o PRT, a burguesia argentina tinha se defrontado com sua incapacidade de desenvolver as forças produtivas, enquanto as massas irrompiam na cena política. O PRT acentua, com certo voluntarismo, esta interpretação, destacando o caráter catastrófico da contradição burguesa no capitalismo argentino.

Oscar Braun, em *Desarrollo del capital monopolista en Argentina* (1973), também apresentou uma análise indicando que – estagnação relativa –, não queria dizer crise catastrófica do sistema. Para o PRT,

no entanto, tratava-se de uma crise objetiva do sistema, à qual se somava o aumento do grau de consciência, de organização e de combatividade da massa popular.

Santucho, na época, fazia referência à obra: *História da Revolução Russa* (1932), de Trotsky, para diferenciar situações insurrecionais de situações revolucionárias. Nas primeiras, as forças revolucionárias estão dispostas a lutar pelo poder; nas segundas, o poder é diretamente disputado com a burguesia. Segundo o documento de Santucho, apresentado no *V Congresso*, as condições objetivas para que o poder fosse tomado na Argentina, estavam dadas desde 1968. Entretanto, Santucho indaga sobre qual seria a classe, capaz de tomar o poder e conduzir a luta revolucionária.

O capitalismo argentino tinha desenvolvido, segundo o PRT, uma classe operária numerosa, com tradição de luta econômica, organizada em sindicatos que tinham passado pela experiência do peronismo. Porém, quanto a ela, resta saber em que medida teria condições de conquistar o poder. A resposta do PRT é, nesse ponto, essencialmente voluntarista. A classe operária tinha mostrado ter “compreendido e superado” a experiência peronista. Havia sido conduzida pela burocratização, mas, nesses anos, passou a vivenciar um intenso processo de renovação ideológica, iniciado a partir do golpe que derrubou Perón, em 1955.

Ainda, na visão do PRT, o movimento operário seria, dali em diante, impulsionado por uma tendência revolucionária que abrangia não um único país, senão a América Latina. Nesse processo se reforça a crise entre peronismo e sindicalismo (integracionismo, burocratização, neoperonismo). Poderia, assim, ser decretado o fim do

risco de integração da classe trabalhadora, tal como tinha acontecido nos primeiros tempos do peronismo.

Para o PRT, a classe trabalhadora estava pronta para iniciar a luta na Argentina. Em parte, não só pelas condições objetivas que o país atravessava, mas também porque houve um princípio de confiança, quase um ato de fé, no imaginário dos dirigentes do PRT, que os levou a pensar que a consciência revolucionária se ampliaria e se difundiria na própria luta. A aliança entre o FRIP, de Santucho, e *Palabra Obrera*, de Moreno, que fundou o PRT, tinha, na verdade, a idéia de estender a luta rural, de Santucho, para a urbana, de Moreno.

Nesse ciclo da relação: esquerda e massa, muitas vezes se coloca o problema da forma como os dirigentes interpretam, ou assimilam, o pensamento da massa. Em certas situações, dirigentes e massas se encontravam sintonizados; noutras, as massas se manifestavam, todavia para seguir um discurso e uma ideologia que não eram os dos dirigentes da esquerda. Foi o caso dos primeiros tempos de Perón. Outras vezes, a massa entra em estado de protesto e reação, ao mesmo tempo em que surgem partidos e grupos ideológicos, dispostos a reforçá-la neste processo. Por conseguinte, ainda que existisse unidade entre representados e representantes, a conjunção sempre resultaria difícil, porque os fenômenos, insurreição e organização popular, devem se dar profunda e sincronicamente relacionados, a fim de lograrem produzir a revolução. Este era também um dos assuntos de reflexão da esquerda da época.

Na a opinião de Santucho,

[...]. Es decir, en aquellos momentos en que un fenómeno cualquiera, económico o social, hace entrar violentamente en crisis las viejas

estructuras de la sociedad capitalista, enfrentando a los distintos sectores de la sociedad unos com otros. Cuando estas crisis están acompañadas por la madurez de la clase revolucionaria, manifestada por la existencia de un fuerte partido proletario y de fuerzas obreras y populares de combate, se produce la revolución. (*El Combatiente*, agosto de 1971.)

Contudo, nem sempre há concordância entre dois fenômenos, igualmente importantes, que devem concorrer quando da emergência desta força ideológico-popular. A insurreição, para se concretizar como processo revolucionário, para se tornar um movimento duradouro, e não apenas circunstancial, precisa de organização, de lideranças, de alguma forma de coordenação, direção ou comando. Para tanto, os partidos de esquerda têm que vincular-se à massa, e, melhor ainda, se o partido ou grupo de esquerda surgir da própria massa. Porque, assim, se favorece a coincidência entre a ação e a condução revolucionária. Pela simples coincidência discursiva entre quem pertence à massa e está ideologicamente preparado para conduzi-la.

3.3. Suicídio burguês, renascimento proletário

O itinerário teórico dos fundadores do PRT tem início na concepção marxista da consciência como produto da existência. Marx e Engels, na obra *A Sagrada Família* (1845), denunciam o culto ao homem abstrato e a maneira de conceber o mundo como forma fenomênica das idéias. Dessas noções decorrem os fundamentos da atividade “crítico-prática” real e não “contemplativa”, que promove o PRT. Geralmente, essas idéias se disseminam no pensamento da esquerda da época, peronista e não-peronista. São inúmeras as expressões nos documentos dos grupos, por meio das quais é apontada

a necessidade de concretude na análise da sociedade argentina, em oposição à “abstração” dos conceitos e das idéias, próprias tanto da análise burguesa como da esquerda tradicional.

Para explicar o que é, de fato, “mundo real”, e quais as atividades práticas associadas a ele, Santucho e seu grupo discutiam as obras de Lukács e Gramsci. Com Lukács, a consciência de classe é entendida como a “reação racional a uma situação típica de determinações do processo de produção”, trata-se, portanto de um tipo de consciência que se ajusta à experiência de classe. No caso argentino, a experiência da classe operária, segundo a elaboração do PRT, não é outra coisa senão a experiência de uma classe subordinada à empresa populista do peronismo. O peronismo é visto, então, como um obstáculo no caminho da consciência proletária.

Para a esquerda, a consciência dos trabalhadores é a consciência de classe socialista. No entanto, isto coloca um novo problema para o quadro teórico do PRT. A classe operária poderia alcançar, espontaneamente, tal grau de consciência socialista? Ou poderia ele ser aportado, “de fora”, por intelectuais revolucionários?

O partido é pensado, no interior do PRT, como educador ou produtor de consciência do proletariado. Idéia de Lenin, que o PRT adotou. O partido tem o imperativo de contribuir com a formação de revolucionários-operários, que estejam no mesmo plano que os revolucionários-intelectuais. Assim, considera que os operários devem participar da elaboração teórica no interior do partido, não em sua qualidade de operários, mas na de teóricos do socialismo.

Contudo, a discórdia se centra mais em torno do descompasso entre conteúdo de classe da atividade partidária e a situação (ou

origem) de classe dos militantes. Debray opinava que, no caso de Cuba, tinha se produzido exatamente a situação contrária, isto é: havia harmonia e coincidência entre conteúdo e origem de classe dos militantes.²⁸ Embora essa harmonia seja questionada ela, constituiu uma referência importante para o PRT que adotou, então, a estratégia da *proletarização* de seus membros, como forma de promover essa coincidência entre existência social e consciência social dos militantes.

Segundo Rodolfo Mattarollo, o PRT não concordava exatamente com a observação de Debray quanto ao caso cubano.²⁹ Na verdade, houve em Cuba um primeiro momento, marcado pelo foquismo, e, um segundo, caracterizado por uma combinação de fenômenos complexos como luta armada, sectarismo e partido, em que se perdeu a harmonia entre origem de classe e conteúdo de classe. Entretanto, restava ao PRT o déficit proletário de sua organização e a presença de uma vanguarda constituída por “pequenos-burgueses”. De fato, Santucho tinha a seu lado alguns militantes que vinham dos engenhos de açúcar. Eram marxistas e se movimentavam no sindicalismo. Poucos, na verdade, e não representavam o perfil da maioria dos operários que atuavam nos sindicatos e partidos de esquerda.

No caso do PRT, seu surgimento e formação se dá no contexto da insurreição popular. Neste clima, setores da burguesia, em confronto com a cultura e os costumes tradicionais que dominaram a Argentina conservadora, se aproximam do PRT, da mesma maneira

²⁸ DEBRAY, Régis. *La critique des armes*.

²⁹ MATTAROLLO, R. Op. Cit.

que acontece com a atração da juventude pela esquerda peronista. Entretanto, o componente operário do PRT se reduz aos trabalhadores da cana-de-açúcar e da indústria florestal do norte argentino.

O PRT (especialmente na linha de Santucho) não aceitava o peronismo, a não ser como desvio da verdadeira consciência trabalhadora. Assim, não podia chegar às massas com os jogos do sentimento peronista ou a unidade Perón-povo. Diante deste quadro, optou pela estratégia da “proletarização”. Foi seu método por excelência.

Os estudantes, em razão de suas vantagens culturais, rapidamente se tornavam delegados sindicais das fábricas. A proletarização não era novidade para alguns componentes do partido. O grupo *Palabra Obrera*, de Nahuel Moreno, mantinha a prática como ritual obrigatório dos militantes pequeno-burgueses e, de modo geral, de todos aqueles que chegavam ao grupo. Muitos deles também se transformaram em delegados das comissões de fábrica.

O FRIP – a corrente de Santucho no PRT –, tinha visão ainda mais radicalizada da proletarização. O militante devia engajar completamente sua personalidade, no modo de existência operário. Tratava-se de ato integral: mudar para o bairro operário e construir relações sociais junto aos trabalhadores. Envolver-se com o universo da fábrica, da vila operária, do jogo de bola aos domingos.

O PRT elaborou o substrato teórico de tal concepção, a partir das idéias de Marx sobre a relação entre consciência e ser. Para o PRT, uma vez superados os obstáculos materiais para a tomada de consciência, isto é, uma vez vivendo o militante uma existência

operária, as condições para alcançar a consciência objetiva dos compromissos históricos do proletariado estavam dadas.

A estratégia em questão foi articulada em dois níveis. De acordo com a hierarquia dentro do partido, a direção se proletarizava de modo rotativo, já os militantes, a seu lado, o faziam de modo permanente. No interior do partido, os conflitos em relação à interpretação da realidade argentina e, sobretudo, em relação ao “o-que-fazer” leninista foram, supostamente, dirimidos por esta via. As diferenças entre os membros levaram a que a proletarização fosse implementada mais como sanção do que como mecanismo de transformação. Pela via da proletarização eram penalizadas as posições em confronto. Primeiro, nesse processo de “luta de classes no interior do partido”, os opositores recebiam a desqualificação da posição burguesa na qual se encontravam. Depois, a direção do partido encaminhava o militante à proletarização. Assim, a vida proletária surgiria como recurso inevitável para a libertação do estigma burguês. Diz Horacio Tarkus:

El ideal militante rayano en el despojo absoluto de bienes y hasta de la vieja identidad “pequeño-burguesa” era pues, el de la proletarización. Si bien esta táctica de penetración en la clase obrera significó una dura escuela para toda una generación, la posibilidad por parte de la dirección de disponer qué militante debían pasar a “trabajar en fábrica” era también una forma de control sobre la base por parte de una dirección que establecía la división del trabajo dentro del partido, el modo en que “ponía a prueba” la vocación de los militantes (y también la fidelidad a la “línea” de la dirección), una forma de dirimir debates políticos a través de la reestructuración de las células.³⁰

³⁰ TARKUS, H. *El marxismo olvidado en la Argentina*, 1997, p. 103.

4. Dimensão ideológica básica I

A partir do golpe de 55, que pôs fim à primeira era de governos de Perón, a situação, para o movimento peronista, é de perseguição. Neste contexto, como vimos, o peronismo sobreviveu na dimensão popular que encabeçou a chamada luta de resistência. Como os integrantes deste movimento são múltiplos e compõem diferentes setores da sociedade argentina, há um esforço permanente, quase obsessivo, por parte dos dirigentes peronistas, de avaliar a composição das forças do peronismo. Cooke tinha enviado a Perón um informe, no qual detalhou a composição do movimento peronista. Nele, definiu o movimento peronista como sendo a síntese das correntes progressistas da Argentina. (“Informe General y Plan de Acción”, 1957)³¹

Os documentos do primeiro período de proscrição do peronismo apareceram na fase inaugural da longa quadra de ditaduras antipopulares. Neles, figuram já os principais elementos que permitem descrever as idéias e posições dos grupos. A luta popular, como força progressista para a transformação da sociedade; a organização dessas forças progressistas e populares; a análise que aponta a subordinação dos países latino-americanos ao imperialismo são, todos, elementos que compõem um enquadramento ideológico, que se aprofundará na década seguinte.

³¹ COOKE, J.W. Carta de Cooke a Perón, 28 de agosto de 1957, In: *Perón-Cooke; correspondencia.*

O peronismo integra os setores que, por serem opostos aos governos militantes, representam o feixe de forças progressistas da Argentina. A dominação fica por conta da estrutura imperialista, da qual o sócio menor é a oligarquia argentina e, finalmente, esse conglomerado de forças progressistas a requer necessariamente uma organização. O peronismo surge, então, como um movimento social, capaz de integrar as forças na luta contra o governo imperialista.

A luta pelos interesses populares teve, entretanto, uma evolução que muito influenciou o peronismo. Apesar da associação ideológica que, na época, foi feita entre peronismo e socialismo nacional,³² a esquerda peronista teve uma evolução marcada, em boa medida, pelos enfrentamentos produzidos no interior do peronismo. Cada vez mais, os enunciados passam da luta de classes para a luta interna do peronismo. Eva Perón havia usado termos como “vingança” e “traição” sempre referindo-se àqueles opositores que desqualificavam a “justiça social peronista”. A esquerda peronista, que reinventara o peronismo, estendendo suas fronteiras ideológicas para o socialismo nacional, também se deixou reinventar, sintonizados que estavam os militantes com o personagem político representado por Eva. A esquerda peronista passou a usar, de bom grado, as expressões de Eva que, “casi visionariamente, había advertido que, dentro y fuera de

³² Tomemos, por exemplo, algumas das expressões dos segmentos da esquerda peronista: Sindicatos Combativos, FAR e Montoneros e *Juventud Peronista*. – “solamente habrá justicia cuando se destruya el sistema capitalista”. (*Organizaciones Sindicales Combativas y Revolucionarias*, julho de 1973.); “la actualización doctrinaria señala que el contenido de las tres banderas justicialistas se expresa a través de la necesidad del trasvasamiento generacional, la construcción del socialismo nacional”. (Conferência de Imprensa, FAR e Montoneros, junho de 1973); “atendiendo especialmente las propuestas programáticas surgidas del seno de la Clase Trabajadora en La Falda, Huerta Grande”. (*Juventud Peronista*, comunicado, 26 de maio de 1973.)

nuestro Movimiento conspiraban los cómplices de la traición.” (*Solicitada de la Federación Gráfica Bonaerense*, junho de 1973.) Uma revista de atualidade assim observa: “Entre la retórica de sus discursos (os de Eva Perón) y las expresiones [...] surgen, de pronto, frases con resonancia asombrosamente actuales [...]. Las Fuerzas Armadas Peronistas (FAR), Montoneros y hasta la guerrilla marxista incorporaron algunas a su literatura panfletaria.” (“Eva Perón: 20 años después”, *Panorama*, ano X, n. 273, 20 de julho de 1972.) [Parênteses meus.]

Como o movimento peronista era composto tanto pela direita quanto pela esquerda, termos como “traição” e “lealdade” adquiriram importância, na medida em que a luta – mais do que em uma luta de trabalhadores contra oligarquia –, se transformou em uma luta de grupos de esquerda (que entendiam o peronismo como força revolucionária e inovadora) contra os da direita (representados pelos burocratas do sindicalismo peronista e os políticos neoperonistas). Assim, uma vez que, na Argentina, a luta de classes passa pela luta interna do peronismo, os termos de Eva, nessa batalha, se mostraram mais eficazes que os de Marx. São palavras de Eva: “Posiblemente el enemigo no se presente hoy como gorila: prefiere ponerse la camiseta peronista. Pero sus intenciones son siempre las mismas: frenar el proceso revolucionario, no dejar que el pueblo conquiste definitivamente el poder.” (*Organizaciones Sindicales combativas y revolucionarias*, julho de 1973.)

Quanto maior a intensidade da oposição, quanto mais próximas as possibilidades de legalidade do peronismo, quanto maiores as chances de eleições com o peronismo legalizado, maior foi, no

movimento, o grau de confronto interno. Assim, a luta não mais consistiu na oposição fundamental entre classes, nem mesmo entre repressão e resistência (como nos primeiros anos da proscricção), mas na divisão dos indivíduos entre “leais e traidores” de Perón, tal como Eva gostava de se expressar sobre os conflitos peronistas, nas épocas de glória. Entretanto, este foi um critério de aplicação incerta. O mais convencional dos *slogans* da época – “Perón o Muerte” –, que encabeçou a posição de Montoneros e da Juventude Peronista, revela precisamente até que ponto a dicotomia interna do peronismo ocupou lugar dominante no pensamento social.

O problema do peronismo, entretanto, tem a ver, nos anos 60 e 70, com os tipos de forças que tenta unificar. De um lado, estão as bases populares do movimento, próximos delas, os militantes da esquerda peronista, que declaravam seu compromisso com o povo e, do outro, os setores mais oficiais que, agora, “se vendiam” para os governos repressores, dentre os quais figuram vários sindicalistas e políticos, buscando alguma forma de integração no novo governo. Perón os chamava de “reptiles de la política”.

Desde o marxismo, os militantes do PRT, sem ter que se envolver com a complicada trama peronista, puderam observar, claramente, as limitações revolucionárias do peronismo: “Por qué no realizó Perón la reforma agraria, la nacionalización de la industria, el armamento del proletariado? Ciertamente, no fue por la falta de apoyo popular.” (“El peronismo. Pequeña burguesía y Revolución”, *El Combatiente*, n. 54 e 55, agosto de 1971.)

A década de 60 e 70 significou, para o peronismo, um dos momentos aos quais mais claramente se ajusta a expressão de James:

“cavalgar num tigre”. Tal expressão evidencia a dificuldade, dentro do movimento peronista, de se lidar com forças realmente opostas.³³ – as revolucionárias (esquerda peronista) e as conservadoras (burocracia sindical e neoperonistas).

A luta de classe é substituída pela rivalidade entre peronistas integracionistas e combativos. Direita e esquerda dentro do movimento. A burocracia toma o lugar oficial, os combativos, o contradiscurso. Isto coloca o movimento diante de duas saídas: ou se impõe a esquerda e o movimento encarna sua natureza revolucionária de forma organizada, ou se impõe a burocracia, com o peronismo oficial. Como disse Eva, e os jovens peronistas dos 70 gostavam de lembrar, “o peronismo será revolucionário o no será nada.”³⁴ No segundo caso, as lideranças sindicais se divorciam do seu compromisso com os trabalhadores que representam. Se “autonomizam” da base social. O movimento peronista, por esta via, se transforma em uma estrutura verticalizada, conveniente para fazer a política do “curral”, uma vez que se afasta dos interesses do povo, mas o faz levando consigo o voto popular.

³³ Cooke descreveu o Movimento como sendo constituído por uma linha combativa que “está por ‘Perón o muerte’ e uma linha que “simula la representación de líder”, mas que destrói “la potencialidad del peronismo y lo encarrilan por la legalidad ficticia que maneja el gobierno” (“Informe y Plan de Acción, 1957.)

³⁴ No peronismo revolucionário sempre se fez referência a essa frase de Eva, para mostrar que o peronismo representava a grande oportunidade de se transformar em revolucionário. Quanto maior o enfrentamento interno em termos de “Leales y traidores”, a frase voltava à tona. “Análisis Coyuntural”, *Agrupación Lealtad y soberanía del Peronismo Revolucionario, Militancia*, n. 20, 25 de outubro de 1973; “Acta de Unificación”, *Frente Revolucionario Peronista*, Córdoba, 19 de novembro de 1973; “Eva Perón: 20 años después”, *Revista Panorama*, ano X, n. 273, 20 de julho de 1972.

Por isso, Cooke buscava reforçar a linha combativa e ampliá-la, mediante um aparato organizacional que reunisse os grupos combativos, “para que estén en condiciones de cumplir acciones de mayor envergadura”, porque vislumbrava que no movimento peronista “falta orientación en las relaciones entre el campo político y sindical”; “La masa es peronista. Una parte de ella, sin embargo, puede ser arrastrada a posiciones antiperonistas mediante maniobras que se presenten como ortodoxamente peronistas.” (“Informe General y Plan de Acción”, 1957.)

Por tudo isso, nos anos 60, a questão da “organização” passa a se colocar como prioridade do peronismo à esquerda. Porém, a idéia que os peronistas têm de organização é variável. Em princípio, tal como observou Cooke, a organização teve um sentido geral de adequação para, assim, garantir o comando de Perón no movimento.³⁵ Depois, Cooke passou a falar abertamente da organização, como sendo uma peça central para o sobrevida e para fortalecimento do movimento. Com o tempo, passa-se da idéia de “organização”, como um instrumento restrito apenas à difusão das ordens de Perón, para uma forma de organização bem mais abrangente e radical, mais identificada com a noção que a esquerda marxista tem de uma organização operária e popular. Consiste em estruturar e dirigir a classe trabalhadora no curso da sua luta libertária.

³⁵ “El pueblo a resignado la conducción partidaria en manos de Perón, unipersonalmente, porque entiende que Perón, [...] y no cualquier otro, interpreta la Revolución que el pueblo comprende y puede realizar. [...]. Ahora la conducción debe ejercerla el general Perón por medio de una *organización* que asegure la difusión de sus órdenes. La conducción debe responder, por lo tanto, al pensamiento de Perón. Debe ser una conducción doctrinariamente peronista, es decir, no radical, no ultranacionalista, no ultraizquierdista.” (Cooke, “El caso Nell, clave para el proceso político argentino”, aproximadamente 1967) [Grifo meu.]

Perón, por sua vez, sente que tem que se cuidar para manter sua liderança histórica. O clima é de total perseguição ao peronismo. Assim, conseqüentemente, Perón precisa manejar sua liderança, pensando nas possibilidades de manter acesa a chama do peronismo, enquanto permanece isolado na Espanha, pois sabe que os inimigos são muitos e fortes. Isso explica porque estava decidido a insuflar o movimento e a não descartar nenhum componente, de direita ou de esquerda, que pudesse lhe garantir seu comando. São dele as palavras: “Yo hago de Padre Eterno, que bendigo a unos y bendigo a otros”³⁶. Perón, decido que estava a não perder militantes, abençoa a juventude:

No intentamos de ninguna manera sustituir un hombre por otro; sino un sistema por otro sistema. No buscamos el triunfo de un hombre o de otro, sino el triunfo de una clase mayoritaria, y que conforma el pueblo argentino: la clase trabajadora [...] Es fundamental que nuestros jóvenes comprendan, que deben tener siempre presente en la lucha y en la preparación de la organización que: es imposible la coexistencia pacífica entre las clases oprimidas y opresoras. Nos hemos planteado la tarea fundamental de triunfar sobre los exploradores, aun si ellos están infiltrados en nuestro propio movimiento político. (*Carta de Juan D. Perón a la Juventud Peronista*, oct. 1965.)

A partir da queda do governo de Perón, o peronismo passou por várias fases que serviram de experiência na formação dos grupos mais radicais. O sindicalismo, como vimos, se viu obrigado a trocar as conduções, devido ao fato dos dirigentes de 1955 terem sido perseguidos e encarcerados, o que deu espaço para que novas gerações de sindicalistas ocupassem os altos comandos do movimento e, assim, aprofundassem o sentimento de rejeição à ditadura, mediante greves e

³⁶ PAVÓN PEREYRA, E. *Perón tal como es*.

declarações explosivas. O período da “Resistencia Peronista” – que caracterizou essa primeira fase de proscricção e repressão do movimento peronista –, conquanto tenha sido a fonte que fortaleceu o lado popular e crítico do peronismo, se encontrava praticamente esgotado, após a experiência de Frondizi.

Depois da frustrada tentativa peronista de votar por Frondizi, vários setores do peronismo começaram a adotar a luta armada, como forma de responder ao poder estabelecido. O grupo *Tacuara*, inspirado na Falange Espanhola, sem ser de esquerda, e tendo como aporte fundamental a formação católica de seus militantes, adotou a teoria do “foco”, almejando atuar como vanguarda das massas. Vários dos seus componentes aderiram ao peronismo. Produziram-se, mais tarde, dissidências dentro do *Tacuara*, marcadas pelas diferenças entre correntes de esquerda e de direita. Surgiu, então, o *Movimiento Nacional Revolucionario Tacuara*, (MNRT) que se declarou peronista e revolucionário. Fernando Abal Medina e Carlos Alberto Ramus, ambos integrantes do *Tacuara*, são alguns dos dissidentes fundadores de Montoneros. Rodolfo Galimberti, ex-tacuara, se transformará em líder da *Juventud Peronista*.

São vários os grupos surgidos nos primeiros anos da década de 60, que buscaram agitar as massas e se colocar na vanguarda da luta operária. Nenhum deles, entretanto, conseguiu adesões populares importantes: *Uturuncos*, 1959-60, que Cooke influenciara; *Ejército Guerrillero del Pueblo*, de Masetti, 1963-64; *Destacamento 17 de Octubre das Fuerzas Armadas Peronistas*, em 1968, todos convencidos de que deviam iniciar a luta armada, diante das condições gerais de opressão e exploração da Argentina.

A juventude, em sua grande maioria, participa ativamente destes movimentos da sociedade. Criam-se inúmeros grupos nos bairros, nas escolas, nas fábricas e na universidade que adotam o nome *Juventud Peronista* (JP). A Juventude Peronista, estando seu líder no exílio, teve um papel importante na estratégia de sobrevivência do peronismo. Todas essas forças vão modificando, ainda na década de 60, o conceito de “organização”, do movimento peronista. Isto é reinvenção do peronismo pela esquerda, dado que, os grandes lineamentos teóricos (para a crítica do capitalismo) e as principais táticas de guerrilhas (organização na clandestinidade) vêm da trajetória da esquerda. Perón, do seu lado, reforçou esta “tendência” com as cartas que enviava aos diferentes grupos.

Foi criado, em agosto de 1964, o chamado *Movimiento Revolucionario Peronista* (MRP), que reuniu os militantes mais radicais do peronismo. Perón, na ocasião, também tinha enviado sua mensagem de apoio. Villalón foi quem leu a mensagem do líder, em reunião com dois mil delegados. Na época, o fato representou o sinal da virada “à esquerda” de Perón. Os peronistas “integracionistas”, liderados por Vandor (da burocracia sindical), foram a Madri imediatamente, a fim de mostrar que, para eles, essa atitude de Perón se constituía num verdadeiro “desvio” do movimento peronista de seus reais interesses. Voltaram satisfeitos. Perón, desta vez, tinha virado “à direita”, declarando que o *Partido Justicialista* e o *Comando Superior Peronista* eram os autênticos condutores táticos do peronismo. Quando, no ano seguinte, o MRP organizou outra conferência, o movimento estava praticamente esvaziado: apenas cem delegados estavam presentes.

Cada vez mais, a luta dentro do movimento peronista se transformou na luta dos grupos de esquerda contra os setores burocratas do sindicalismo. Os vandoristas, por vezes, conseguiram avançar sobre a esquerda peronista, anunciando seu peronismo sem-Perón. Isto é, os peronistas da linha de Vandor buscavam também que o peronismo fosse legalizado, porém seu interesse não era a legalização do movimento peronista e sim do partido peronista (e sem-Perón). Dado Perón ser abertamente questionado pelo governo militar, buscaram, então, alguma forma de oficialização de partidos que reunissem líderes peronistas sem, contudo, incluir Perón.

A reação de Perón diante desse fenômeno, lembrado depois, como neoperonismo, consistiu em atrair a simpatia da esquerda peronista. Primeiro, o grupo *62 Organizaciones de Pie Junto a Perón*, depois à *CGT de los Argentinos* e seu principal expoente, Raimundo Ongaro, que recebeu de Perón cartas de admiração e apoio, diante de sua postura de luta revolucionária e claramente definida pelo socialismo.³⁷

A Ongaro, Perón disse: “Usted es el primer dirigente contemporaneo que puede conseguir movilizar la masa hasta ahora inactiva y perezosa [...] persista sin desmayos en ello y realizará lo que los peronistas venimos anhelando desde hace ya más de doce años.” (Carta de Perón a Ongaro, 27 de junho de 1968.)³⁸

³⁷ Raimundo Ongaro foi um militante sindical excepcional em sua época, quando se leva em conta sua postura crítica e inquebrantável. Sua afinidade com o peronismo se deu pelo entendimento de que esse era um movimento realmente popular e pela sua percepção do socialismo como forma de liberação e de organização mais justa da sociedade. Foi perseguido pelos governos militares tendo, várias vezes, ido parar na prisão, onde foi torturado.

³⁸ BASCHETTI, R. *Documentos de la Resistencia Peronista: 1955-1970*, op. cit., 285.

Em ocasiões de importantes greves, Perón também aproveitou para incentivar a luta. Aos operários portuários, disse: “no puede quedar otra solución que prepararse de la mejor manera para derribar semejante estado de cosas aunque para ello deba emplearse la más dura violencia.” (“Mensaje de Perón a los obreros portuarios”, junho de 1969.)

A linha revolucionária foi também reforçada por Perón, em carta a Garcia Elorrio, importante ativista e diretor da revista católica radical *Cristianismo y Revolución*. Nesse caso, Perón citou uma frase, cunhada, em 68, “no maio francês”: “Ustedes son la guerrilla contra la muerte climatizada que ellos quieren vendernos en nombre del porvenir.” (Carta de Perón, 20 de julho de 1969.) Na mesma carta, Perón fala dos Sacerdotes do Terceiro Mundo, manifestando sua adesão aos mesmos: “Como puedo yo estar en desacuerdo con la actual revolución, si es lo que vengo pensando y tratando de hacer, hace más de veinticinco años de lucha ante la incomprensión.”

Em setembro de 68, Perón enviou à Argentina uma fita gravada, que circulou entre os militantes. O título da fita era – “Perón a su Pueblo: la lucha por la liberación”. Disse Perón nesse documento:

La incorporación de hombres y organizaciones há de hacerse indiscriminadamente en tanto pueda considerarselos como agentes directos y exclusivos del Peronismo, sin otros aditamentos. Si se logra alcanzar esta organización y se la mantiene limpia de infiltraciones contrarias, será posible impedir la disolución que nos amenaza.

As Forças Armadas Peronistas, quando de seu surgimento, em novembro de 1968, declararam:

Pertencemos a la nueva generación peronista nacida a la lucha [...] decidimos [...] igual que nuestras montoneras gauchas y los descamisados que hicieron posible el 17 de octubre de 1945, iniciar la guerra revolucionaria como forma de señalarle al pueblo el auténtico camino hacia su propia liberación. (*Destacamento guerrillero "17 de octubre" de las Fuerzas Armadas Peronistas*, Comunicado, 1968.)

E ainda:

como jóvenes argentinos y peronistas convocamos, sin sectarismos, a que se sumen a nuestra lucha a todas las organizaciones del Pueblo. (*"A un año de Taco Ralo"*, set. de 1969.)³⁹

Encontramos, no clima da segunda metade dos anos 60, a mesma formulação, cada vez mais aberta às posições da esquerda. Ongaro, o líder combativo da *CGT de los Argentinos*, em documento sobre a crise argentina considera:

El peronismo es la corriente básica que tiene el país para producir los hechos de liberación. Y así como no podemos descartar la participación de los cristianos revolucionarios que por distintos motivos no habían participado en el peronismo, así tampoco podemos olvidar a los hombres, especialmente a los jóvenes que militan en otras agrupaciones o en los medios culturales, gremiales y políticos y que siempre han luchado por una revolución social. Estos compañeros cuyo denominador común es la corriente que está por la Revolución Socialista, son también parte activa de la lucha de liberación. (*"Habla Ongaro"*, 1969.)⁴⁰

³⁹ As FAP foram criadas em 1968 para atuar na guerrilha rural. A primeira e única experiência neste sentido, foi realizada na localidade de Taco Ralo, ao norte da Argentina. O grupo instalou-se para iniciar seu treinamento. Poucos dias depois, foram capturados pela polícia. Apesar das detenções, em 1970, o grupo conseguiu se reestruturar para a luta urbana.

⁴⁰ BASCHETTI, R. Op. cit., p. 362.

Na “Declaración del Bloque de Agrupaciones Gremiales y Organizaciones Políticas Peronistas”, que surgiu do *Plenario Nacional del Peronismo*, em janeiro de 1969, as palavras da carta de Perón à juventude, de 1965, são reproduzidas fielmente:

es fundamental organizarse para la toma del poder, ya que es imposible la coexistencia entre las clases oprimidas y las opresoras, conscientes de nuestra responsabilidad histórica, y de que la toma del poder *no significa en manera alguna, sustituir un hombre por otro, sino un sistema por otro*; ya que buscamos el triunfo de una clase mayoritaria y que conforma el pueblo argentino: la clase trabajadora. (1969) [Grifo meu.]

Entretanto, a variabilidade ideológica do peronismo e de Perón se prolongam até 1973, quando as eleições e seu retorno modificam os interesses táticos e a natureza política do movimento peronista. Nessa luta interna do movimento peronista, finalmente, prevalecerá o setor burocrático, que é o que mais facilmente se acomoda à “legalidade” da política argentina. Ao mesmo tempo, os “burocratas” do peronismo se afastaram dos setores populares. A adaptação à legalidade foi uma constante na trajetória dos integracionistas. Com o peronismo no governo, então, reforçaram-se as chances. Perón se volta para aquilo que, dentro do movimento, possa ser visto como oficial. Um líder sindical da estrutura burocrática do peronismo, por exemplo.

5. Dimensão ideológica básica II

O PRT é o partido da linha marxista-leninista. Surgiu, em 1965, da fusão de um grupo trotskista e de outro da esquerda peronista. Roberto Santucho, do FRIP, era o líder da primeira, e Nahuel Moreno, o do *Palabra Obrera*.

Em fevereiro de 1965, o jornal *Norte Revolucionario*, publicado por Santucho, anunciou a união das linhas *Palabra Obrera* e FRIP, constituindo um partido político que, no início, levou o nome de *Partido Unificado*. Depois, receberá o nome de PRT. Nos enunciados de *Norte Revolucionario*, o grupo se apresenta como sendo a “culminación del trabajo de Frente Único entre ambas organizaciones”. O objetivo do novo partido revolucionário foi o de dar conteúdo de classe à luta política na Argentina. A organização busca se converter também em vanguarda dos trabalhadores nessa luta.

Noutro dos documentos do PRT, de março do mesmo ano, “Declaración y Programa de San José”, inclui-se um chamado de união a vários setores, “sin limitaciones de ninguna especie ni de Partidos, ni de personas incluyendo el Gral. Perón para determinar quién dirige al país y quién lo va a gobernar”.

No caso do PRT, o quadro ideológico é bem mais elaborado do que no caso da esquerda peronista. A análise consiste num estudo dos fatores políticos e econômicos, “combinaciones concretas de factores”, nos termos do PRT, para identificar a situação mundial, nacional e regional, observando quais são as forças verdadeiramente revolucionárias e definindo as tarefas e instruções apropriadas à revolução. As *Tesis sobre el Norte Argentino*, que servem de fundamento

para esta organização, são de Santucho. Nelas, se definem posições a partir da análise das classes sociais na Argentina, da conclusão (típica da esquerda tradicional) da impossibilidade de contar com a burguesia nacional para a luta revolucionária e da caracterização da luta proletária argentina como operária, popular, permanente e engajada no marco maior da luta revolucionária dos países da América Latina. As teses são quase idênticas às que Santucho apresentou no Congresso do FRIP, em 1964, em Tucumán. Os membros achavam que essas teses “expresam racionalmente el punto de vista de los obreros del interior sobre los problemas fundamentales de la revolución argentina.”

Desde a época do FRIP, Santucho apontava a ausência de uma revolução burguesa na Argentina, e atribuía ao capitalismo imperialista a existência de uma industrialização que não era senão uma “pseudoindustrialização”. Na esquerda destes anos, esta idéia se generaliza. Frigoríficos, curtumes, refinarias de petróleo, moinhos, todos surgiam beneficiados por seu vínculo com o setor primário. Contudo, era essa uma forma de expansão econômica limitada, que em nada favorecia a autonomia do país. Assim, mais do que industrialização, o fenômeno, no caso argentino, foi qualificado como *pseudoindustrialização* ou semi-industrialização ou industrialização dependente.

De forma que a burguesia nacional, no caso argentino, aparece como “sócio menor” do imperialismo. A burguesia é caracterizada pela sua incapacidade de promover a luta e de lutar pela independência nacional. Seu segmento mais alto é incondicional ao imperialismo, pela identidade de interesses entre burguesia nacional e internacional. (*Documento Político aprobado por el Congreso del FRIP*, janeiro de 1964.)

Contudo, os setores médios e inferiores da burguesia nacional, não estão atrelados aos objetivos estrangeiros, da mesma forma que o está a alta burguesia nacional. Por isso, segundo o FRIP, as atividades econômicas dos setores de menor poder, para prosperar, necessitam ampliar os mercados, o que depende do aumento do poder aquisitivo da população. Neste sentido, os setores médios e mais baixos da burguesia nacional têm um interesse que se sintoniza muito mais com os interesses do povo, por isso, serviriam como “aliados circunstanciales del proletariado”, na luta revolucionária.

Nos anos 60, as políticas de promoção do capital internacional levaram à concentração de renda. Bairros pobres e sem urbanização surgem em torno das grandes cidades. O desemprego se oculta nas atividades informais e nos pequenos comércios. O país continuava numa *pseudoindustrialização*, que combinou o crescimento dos setores oligopolizados, com restrições econômicas e políticas à cidadania. O PRT entendia que a diferença social gritante se dá entre Buenos Aires e a realidade das províncias do interior, onde a classe trabalhadora é submetida a uma forma de superexploração.

A posição de denúncia dos problemas do interior em relação à capital, nesses anos, é comum tanto à esquerda peronista quanto à não-peronista. Alguns títulos de documentos peronistas assemelham-se aos do PRT: “Corrientes: por cada millón de pesos que aprovecha la oligarquia, nos queda un niño muelto” (JP, set. de 1968); “Tucumán: jardín de la miseria” (*Unión Nacional de Estudiantes (UNE)* –, dez. de 1970.)

O FRIP e, depois, o PRT, entendiam como sendo uma situação, na qual os setores mais explorados de certas regiões do interior do país,

especialmente o norte argentino, desenvolveriam com mais vigor a tendência revolucionária. Diferentemente da região mais avançada do capitalismo argentino, Buenos Aires, na qual se criaram as capas médias da sociedade, com um certo conforto e segurança, não gozados pelos trabalhadores dos canaviais e dos engenhos açucareiros do noroeste argentino.

Os anos 60 foram, também, a fase dos meios de comunicação. Embora mais limitada, se comparada com a dimensão atual, entretanto de enorme impacto, dada a novidade. A televisão se impõe. As elites se mantêm firmes na busca do *status*. O impacto das empresas multinacionais se manifesta, no topo da burguesia argentina, via consumo.⁴¹ Os herdeiros das grandes famílias abandonam a direção dos negócios, para serem substituídos por profissionais que ganham bem e sonham com os produtos importados. A Argentina não tarda em ostentar os ganhos, com uma atitude passiva, quase ingênua, de difusão da modernidade. Nesse contexto, passar da condição popular para uma de maiores ganhos, significou uma alteração no meio e no dia-a-dia dos indivíduos que passavam por esse processo, que acabava por favorecer o afastamento do passado popular. Por exemplo: os que vinham da vida operária e pela via da carreira sindical e política tinham que se estabelecer em Buenos Aires, vestir um terno e ganhar mais.

O PRT considerava que essas desigualdades, urbanas e regionais, acabaram produzindo as condições para a “burocratização” do movimento operário. Esse era o “desvio burguês”. Perón sabia

⁴¹ ROMERO, Luis Alberto. *Breve História Contemporânea de la Argentina*.

disto tão bem quanto o PRT, pois convivia com a burocratização do seu movimento. Perón refere a respeito:

Estos dirigentes sindicales deben darse cuenta que proceden de la fábrica. Llegan allí (se refiere à política), tienen un buen escritorio, un auto en la puerta, un buen sueldo, dinero para disponer, una secretaria buena moza a lo mejor, entonces, se agarran con uñas y dientes a ese cargo que tienen y no lo quieren perder [...] Ya no quieren pelear, ya no quieren luchar. Se burocratiza y se aburguesan sin darse cuenta que ellos representan los intereses profesionales de los sindicatos.⁴²

Nas províncias, o capitalismo se desenvolvia com outro ritmo. Segundo o PRT, ainda não se registrava, por exemplo, a presença de camadas médias da sociedade. Conseqüentemente, a diferença social entre ricos e pobres, era mais gritante. Por isso, achava-se também que as instituições capitalistas, que habitualmente surgem para amenizar a exploração, estavam ausentes. No interior, segundo o PRT, tudo isso favorecia o protesto e o clima de luta dos explorados dos canaviais e da indústria florestal. A análise do FRIP já contemplava essas idéias: a força “contrarrevolucionária” das camadas médias era menor no noroeste argentino, o que dava maiores chances para a atuação de um partido revolucionário, “poniendo a las masas en combate, haciendo funcionar el motor humano de la revolución.” (*Tesis VI del FRIP.*)

Santucho vivia e conhecia profundamente a realidade das províncias do norte argentino. Tinha uma personalidade incansável. Viajava sem nenhum conforto e sem medo das distâncias a fim de organizar um grupo de operários, uma greve ou um protesto. Sua

⁴² PAVÓN PEREYRA, Enrique. *Conversaciones con Juan Domingo Perón*, p. 263-264
[Parêntese meu.]

leitura marxista o fazia pensar que o proletariado rural açucareiro seria o detonador da massa trabalhadora do interior e que, por extensão, se irradiaria ao resto dos trabalhadores do país. Faltava, porém, criar um partido revolucionário e se integrar com a guerrilha urbana. O papel do FRIP, nos anos que precederam a criação do PRT, era pensado como sendo o de organizar e dirigir o movimento de massas para a tomada do poder: “consolidarse organizativamente entre el proletariado rural, fundirse com él y com el resto de la clase obrera, ponerse a su cabeza, y señalarle el camino de la lucha, el camino de la toma del poder.” (*Tesis X del FRIP.*)

Estas idéias reaparecem no quadro teórico-interpretativo do PRT, em 1965: os trabalhadores da indústria do açúcar, como mobilizadores do movimento revolucionário; o imperialismo, na Argentina, e suas classes subordinadas; a situação atual da Argentina e as possibilidades da luta revolucionária, inclusive armada. Assim, “Toda la concepción estratégica y táctica del leninismo [...] se reveló correcta en la práctica [...] porque partía de una caracterización justa de la dinámica de la revolución y del nivel de la técnica militar de su época.”; “Nuestro movimiento surge luchando por mantener vivas las concepciones revolucionarias del marxismo-leninismo” e suas instruções são “revolución agraria, independencia nacional, asamblea nacional”.

Não obstante, só após certo tempo o PRT se voltou para a luta armada, declarando abertamente a necessidade de armar o proletariado. Quando Santucho, dentro do PRT, assumiu essa opção, considerou que era o mais certo a fazer, e lamentou ter perdido tempo com as expectativas da guerrilha urbana do grupo de Moreno. A culpa era de

Nahuel Moreno (*Palabra Obrera*) que, com suas veleidades burguesas, tinha obstaculizado o desenvolvimento normal do partido marxista. A ordem, a partir desse momento, foi “educar destacamentos de heroicos combatentes, capaces de dar el ejemplo a todos los trabajadores” (“El único camino hasta el poder obrero y el socialismo”, PRT, fev. de 1968.)

De fato, aqui estão dadas as razões, paralelas às da esquerda peronista, para considerar o PRT como força progressista e antiimperialista. Neste caso, a questão da “organização” também se torna fundamental. Tem-se, então, os mesmos elementos da ideologia básica da esquerda peronista. A profundidade da análise é que faz uma das diferenças entre o PRT e a esquerda peronista.

No caso peronista, pode-se dizer que o espontaneísmo é mais marcado. Mais do que às razões estratégicas, é o resultado de promover uma relação com as massas que dá destaque à esfera emocional, própria do peronismo. Assim, “ser peronista es una manera de pensar y actuar en función del destino histórico de las masas populares”. (“Plenario Nacional del Peronismo”, 1969.) Os setores populares, nos países coloniais, têm outra experiência e outros valores: com eles se sintoniza o peronismo. Uma militante da JP, dos anos 70, disse em entrevista: “la gente no entendia el marxismo, ahí la masa se nos iba de las manos. La que contribuyó en el peronismo combativo fue Eva que hablaba de pobres y descamisados y no de clase trabajadora.”(R.H., Paris,1997.)

As expressões de um documento de discussão interna, da *Acción Revolucionaria Peronista*, completam esta posição: “Nosotros confesamos que vamos perdiéndoles confianza a estos sabios de la historia (se

refere a Marx e Lenin) que nos adelantan el final pero nunca han entendido lo que pasó ayer y están enredados en la realidad de hoy.”(1967) [parênteses meus.]

O peronismo sempre desprezou a postura intelectual, por considerá-la associada às elites. Cooke disse: “en los países coloniais son las oligarquias las que manejan el diccionario.” (“Proclamación de la huelga del frigorífico Lisandro de la Torre, 1959.) Nos anos 60, a essa crítica se soma outra: a crítica do pensamento sem ação. Ongaro aponta essa mesma linha: “es hora de que las letras anden, caminen, se encarnen, se hagan sangre.” (1969.)

No PRT, a idéia de organização consistiu na criação de um partido e de um exército revolucionário, uma vez estar configurada a situação histórica de luta revolucionária. Foi o que certamente, se pretendeu com a união entre as correntes *Palabra Obrera* e FRIP que conduziram, em 1965, à fundação do PRT e, em 1970, depois do afastamento da linha *Palabra Obrera*, levou à criação do *Ejército Revolucionario del Pueblo*, como braço armado do PRT.

A partir da queda do governo de Frondizi, pode-se dizer que as expectativas de uma saída eleitoral se esvaeceram. Porém, a democracia, para o PRT, da mesma maneira que para a esquerda peronista, era apenas uma tática, dentro de uma estratégia maior. Uma via para tomar o poder, na luta pelo socialismo. Em Perón, e nas organizações de esquerda, há um desprezo generalizado pela tradição liberal e suas instituições. Diante do fracasso do acordo peronista com Frondizi, o descrédito na democracia se generaliza, especialmente na juventude, principal força militante da esquerda peronista e do PRT.

A possibilidade da luta armada, cada vez mais era cogitada pela esquerda. O fenômeno foi reforçado pela posição dos setores sindicais, agrupados no grupo *62 Organizaciones* e pelo seu *Programa de Huerta Grande*.

O clima de repressão do governo militar incentivou mais ainda estas posições. Greves se sucedem, os estudantes secundaristas e universitários radicalizam. Quando ainda na FRIP, Santucho avaliava tanto a possibilidade da tática eleitoral quanto da via armada. Foi nesses anos que tinha se dado seu encontro com os militantes do grupo *Palabra Obrera*. Angel Bengoechea tinha voltado de Cuba – onde dominavam as idéias de Abraham Guillén, anarquista da Guerra Civil Espanhola e de Che Guevara e Debray, sobre a “guerra de guerrilha” como método de luta revolucionária. Alguns anos antes da criação do PRT, o encontro com Nahuel Moreno, do *Palabra Obrera*, permitiria, junto à criação do partido revolucionário, a irradiação da luta, do campo para a cidade.

Na verdade, para o grupo *Palabra Obrera*, essencialmente urbano, Santucho era uma figura diferenciada: seu estilo, acanhado e simples, surpreendia, pois era dono de um discurso afinado, em defesa do homem “indoamericano”. Um conceito similar ao “ser nacional”, de Hernández Arregui. Em relação à “guerra de guerrilha”, as interpretações diferem. Enquanto Guillén e Bengoechea, mais próximos das idéias da esquerda peronista, aceitavam a guerra de guerrilha, mais como uma força espontânea, que irradiaria a luta popular, Santucho pensava que a estratégia não deveria ter nada de espontaneísta. Não aceitava a teoria do foco, pelo menos no padrão de interpretação dos militantes do *Palabra Obrera*. Para Santucho: “De

todos sus elementos (castrismo), el menos importante, el que tiene carácter mas táctico, es la teoría de la construcción del ejército a partir del foco.” (“El único camino hasta el poder obrero y el socialismo”, PRT 1968.) [Parênteses meus.]

Por que, nesta visão, a revolução tem caráter prolongado e, não, “foquista”? Porque a luta se dá nos domínios do imperialismo. As forças imperialistas tornam mais difícil qualquer tentativa de revolução isolada. Quanto mais aguda a crise regional, mais imediata se torna a necessidade da luta operária, embora não haja possibilidade de vitória rápida.

A luta revolucionária era, para Santucho, um problema do “dia a dia”, que se estendia para o longo prazo. No caso argentino, a classe trabalhadora era sindicalizada e tinha experiência de luta. Porém, para o PRT, tratava-se de uma experiência que se esgotava na natureza reformista do peronismo. Como o controle “de cima”, da classe operária, era articulado pela burocracia sindical peronista, havia neste movimento mais forças de reação do que de progresso revolucionário. As forças da reação são grandes, as da revolução, muito frágeis, dado ser o partido peronista, um partido burguês. Assim, na Argentina: “sólo existe un pequeno partido revolucionario sin mayor influencia de masas, el conjunto de la clase está en retroceso, no existe siquiera un embrión de ejército revolucionario.” [Ibidem].

Por tudo isso, a guerra, na visão do PRT, era uma “guerra prolongada” e, seu caminho, “do pequeno ao grande”. Isso, de fato, se tornava possível com a união entre *Palabra Obrera* e FRIP: do campo à cidade. Entretanto, as diferenças estavam centradas no problema do peronismo. O grupo de Nahuel Moreno aceitava o peronismo,

enquanto que, para o grupo de Santucho, a interpretação do peronismo envolvia importantes reservas:

Nosotros creemos que el peronismo fue un movimiento histórico que intentó un proyecto de desarrollo capitalista independiente, a través de un gobierno bonapartista que controlara a la clase obrera para apoyarse en ella. (*El Combatiente*, agosto de 1971.)

E mais adiante no mesmo documento:

La crisis de la concepción peronista en la clase obrera, su “revolución ideológica”, y la experiencia de métodos revolucionarios-terroristas realizada por sectores de vanguardia (sobre todo en el interior del país) de 1956 a 1961, a la par de tomar más permeable a la clase obrera para nuestra propaganda socialista y revolucionaria, posibilita que nos apoyemos en la tradición revolucionaria de sectores de vanguardia, para combatir la tradición economico-reformista del conjunto.

Nos últimos anos da década de 60, as condições imperialistas pareciam ter reforçado a decomposição do sistema. A classe trabalhadora percebe os interesses contrapostos da burocracia sindical e, ainda, toma as referências da revolução cubana e do castrismo. A tática, segundo Santucho, era a de contar com um pequeno partido revolucionário, iniciar a luta no campo e, depois, ganhar a cidade. Os documentos do PRT, dos anos 70, reforçam a crítica do peronismo:

Nos hemos propuesto, simplemente, efectuar un análisis político del peronismo en cuanto corriente [...] que aún cuenta con el apoyo de importantes sectores de masas. (*El Combatiente*, agosto de 1971.)

Es decir, en aquellos momentos en que un fenómeno cualquiera, económico o social, hace entrar violentamente en crisis las viejas estructuras de la sociedad capitalista, enfrentando a los distintos sectores de la sociedad unos con otros. Cuando estas crisis están acompañadas

por la madurez de la clase revolucionaria, manifestada por la existencia de un fuerte partido proletario y de fuerzas obreras y populares de combate, se produce la revolución. Cuando esas crisis sorprenden al proletariado aún inmaduro, sin haber logrado construir aún su partido y su ejército, se produce un reacomodamiento de la sociedad burguesa. Esto es lo que hizo el general Perón en la Argentina de 1945.

Essa tese segue a linha da interpretação do fracionamento da classe dominante argentina, contraposta à tese de Milciades Peña, que é quem, na verdade, observa que a classe dominante argentina é muito mais unida e contínua do que fracionada, tal como apresentado na Seção 3, do Capítulo I. Entretanto, a visão do fracionamento dos dominantes é comum à esquerda tradicional e a alguns setores da nova esquerda: PRT, J.A.Ramos e, em geral, a esquerda nacional desses anos. Observe-se colocação de Santucho, nos anos 60: “El grupo de altos oficiales dirigido por Perón se planteará entonces ganarse el apoyo de los obreros, otorgando a los mismos sentidas conquistas, pero estructurando al mismo tiempo un tipo de movimiento obrero que le permita organizar a la clase” [Ibidem]

Nesse momento, a referência feita pro Santucho desmascara Perón. Trata-se da mesma referência usada por Milciades Peña, quando apontou a natureza bonapartista do peronismo, mostrando o famoso discurso de Perón, na Bolsa de Comércio de Buenos Aires, em 25 de agosto de 1944. É um discurso no qual Perón é flagrado, disposto a fazer todos os arranjos possíveis para desenvolver o capitalismo argentino:

Se imaginan ustedes que yo no soy comunista ni mucho menos [...] Y la solución de este problema hay que llevarla adelante haciendo justicia social a las masas. Ese es el remedio que al suprimir la causa suprime también el efecto.

CAPÍTULO IV

A esquerda reinventada

1. O-que-fazer

Os anos que antecederam o “retorno” foram aqueles que viabilizaram a formação do lado esquerdo do peronismo. Sim, a ditadura, com seus mecanismos restritivos de várias formas de liberdade, não fez mais do que promover, nas novas gerações – que liam Marx, observavam os fenômenos político-sociais da Argélia, Vietnã, China, e, bem de perto, o de Cuba –, os sentimentos de oposição e o interesse pela transformação radical da sociedade. O âmbito das preocupações dos jovens argentinos das décadas de 60 e 70, marcado, de certo, pelo interesse moral e por profundas convicções, viu-se limitado, entretanto, pelo sistema de idéias que tiveram como suporte, e que os levou, definitivamente, a associar liberação nacional com Perón, e Perón com a luta antiimperialista. Descobrimos os circuitos que conectam o imperialismo americano com os setores da sociedade argentina que mais se beneficiavam dos governos militares, desenvolveu-se, no peronismo de esquerda, um quadro analítico que entendia que a luta dos trabalhadores, mediatizada pela experiência do peronismo, era o ponto de partida para uma luta ainda maior contra os países imperialistas, principalmente os EUA.

A luta, para Perón, pode, ao contrário, ter significado, a luta pelo poder na Argentina e, neste sentido, uma luta em várias frentes, mas apenas contra os que o haviam expulsado do governo e do país.

CRONOLOGIA IV

1969

- 29 de maio Manifestação popular em Córdoba: *El Cordobazo*.
30 de junho Morre, assassinado, Vandor, da burocracia sindical peronista.

1970

- 29 de maio Sequestro de Aramburu, por Montoneros. Primeira aparição pública do grupo. O cadáver de Aramburu só é encontrado em outubro de 1970.
8 de junho Onganía é substituído por Levingston na presidência.
18 de setembro 1º ação armada do ERP, Comissaria 24, de Rosario.

1971

- 26 de março Lanusse substitui Levingston na presidência.
abril Lanusse autoriza a atividade dos partidos políticos. Começam as negociações com Perón, em Madri.
6 de setembro O cadáver de Eva é restituído a Perón.

1972

- fevereiro Primeiro ato público da *Juventud Peronista*.
15 de março É anunciada a compra de uma casa, em Buenos Aires, para Perón.
7 de abril Fim dos mandatos, contra Perón, sobre contrabando e traição à pátria.
11 de maio Sílvio Frondizi é detido. Sua revista: *Nuevo Hombre*, é confiscada.
7 de junho Julgamento da jornalista Casiana Ahumada, diretora da publicação *Cristianismo y Revolución*.
9 de junho Congresso da *Juventud Peronista*, na *Federación de Box*, Buenos Aires.
14 de junho Desemprego em Buenos Aires: 7,4% da PEA.
6 de julho Rucci é reeleito Secretário Geral da CGT.
7 de julho Lanusse fala às Forças Armadas: "Perón não mais será proscrito como candidato".
26 de julho Atentados. 20º aniversário da morte de Eva.
1 de agosto Bustos de Perón e Arturo Frondizi são instalados na Casa de Governo.

Por sua vez, a esquerda peronista, entendia que a luta iria bem além disso, dado que Perón, como líder dos trabalhadores, estava obrigado a seguir o curso natural de toda luta verdadeiramente operária, que consiste na abolição do capitalismo. Assim, os jovens que Perón atraía, com mensagens incendiárias, resolveram por essas vias um enigma estabelecido na história argentina, desde que os primeiros partidos de esquerda surgiram no seu solo: o divórcio das massas.

Se comparado com a visão da esquerda não-peronista, dos anos 70 o ponto de vista da aceitação de Perón e do peronismo (das FAR, FAP e dos Montoneros, dentre os principais grupos da esquerda peronista) não seria outra coisa, senão um desvio burguês, da trajetória de libertação que se destina ao proletariado. O ERP e seu partido, o PRT, sempre viram em Perón um líder burguês e bonapartista. Alguém, de capacidade diferenciada, que buscava articular um arranjo entre capital e trabalho, que permitisse dar continuidade ao capitalismo argentino. Porém, para os grupos da esquerda peronista, rejeitar o peronismo não era mais do que voltar às posições da esquerda argentina dos começos do século XX, responsáveis pelo divórcio das massas. Era, também, coincidir com as atitudes do Partido Comunista quando, apenas ocorrido o golpe de 1955, passou a achar que a experiência histórica da classe trabalhadora, sob o peronismo, tinha se limitado a um desvio populista.

Cooke fora claro nesse sentido.¹ Vários anos depois, esta mesma formulação se torna corrente no sindicalismo combativo peronista.

¹ “lo que no admitimos es el progresismo de intelectuales que prescinden de las masas y del peronismo como expresión de ellas”; “el peronismo no es una alienación de la clase trabajadora sino el nucleamiento donde esta confluye y se expresa, la organización através de la cual hace sus experiencias y da sus batallas.” (*Informe y Plan de Acción*, 1958)

“Nuestro análisis”, disse Carlos Olmedo, das FAR, em polêmica com as posições marxistas do ERP, em maio de 1971:

está situado en la sociedad argentina, real y concreta [...] la izquierda sólo há tenido dos caminos: negar o ignorar el Peronismo, negar o ignorar la Historia Nacional [...] La posición anterior (a do ERP) implica la deliberada ignorancia de que el Movimiento Peronista há generado en su seno a las Organizaciones Peronistas Revolucionarias que encaran las tareas actuales de la liberación nacional con la vista puesta en el socialismo. (“Aporte al proceso de confrontación de posiciones y polémica pública que abordamos com el ERP”, *Militancia*, ano 1, 4, 5 de julho de 1973, paréntese meu.) [Parênteses meus.]

A resposta, do lado peronista, à crítica feita sobre Perón e o movimento peronista, por parte do PRT, é sustentada pela idéia de reconhecer a legitimidade popular do peronismo, como experiência histórica da classe trabalhadora argentina. Essa era a argumentação mais conhecida nas fileiras da juventude,² muito embora, em certas ocasiões, quando se fala em “sentimento peronista”, a adesão ao peronismo se torne um verdadeiro apelo afetivo: “como peronistas encaramos el sentimiento de ese Movimiento que nuclea en su seno al sector mayoritario del Pueblo”. (“A un año de Taco Ralo”, FAP, novembro de 1968.) No entanto, o apelo afetivo às massas constituiu também um recurso fundamental de organização, uma peça importante

² Não obstante partilharem a mesma realidade nacional, os militantes dos Montoneros e do PRT-ERP nunca se reuniram para esses debates. Seus encontros se produziram no cárceres. Entretanto, a abundante documentação e literatura panfletária da época deu oportunidade para que se publicassem os debates entre os grupos. Dentre eles, destacamos: “FAR; Aporte al proceso de confrontación de posiciones y polémica pública que abordamos com el ERP”, (*Militancia*, ano I, n. 4, 5 de julho de 1973.) Como surgiu, na época, o interesse de parte da sociedade por tais questões, as revistas partidárias publicavam entrevistas de jornalistas sobre as diferenças ideológicas entre Montoneros e PRT. Ver, por exemplo: “Respuestas de los compañeros Quieto y Firmenich a los periodistas” (*Militancia*, ano I, n. 1, 14 de junho de 1973.)

CRONOLOGIA V

1972

- 15 de agosto Em Madri, Cámpora anuncia o retorno de Perón, ainda antes do final do ano.
- 22 de agosto Fuga da Penitenciária de Rawson: 16 mortos, militantes de esquerda.
- 14 de outubro Cámpora retorna de Madri com dirigentes das *62 Organizaciones*.
- 19 de outubro É lançada uma bomba na casa de Hernández Arregui.
- 22 de outubro Massacre de Trelew.
- 5 de novembro Cámpora, quando de outro retorno de Madri, garante que Perón voltará em novembro.
- 17 de novembro Perón retorna à Argentina e, pouco depois, volta a Madri.
- 20 de novembro Perón preside uma reunião "multipartidária", na sua residência de Vicente López, Buenos Aires.
- 25 de novembro Conferência de Perón à imprensa estrangeira.
- 3 de dezembro Comemoração tumultuada, em William Morris, na qual morreram F.L. Abal Medina e Gustavo Ramus.
- 15 de dezembro A FREJULI proclama a fórmula Cámpora-Solano Lima.
- 18 de dezembro Guerrilheiros atacam e incendeiam o *Tortugas Country Club*. Um cálculo extra-oficial indica que desde 1969 morreram 40 funcionários da Polícia Federal e 63 da Polícia de Buenos Aires de forma violenta.

1973

- 5 de fevereiro A "*Junta de Comandantes*" pleiteia a dissolução da FREJULI por seu lema: "Cámpora al gobierno, Perón al poder" e, também por manifestações que considera subversivas.
- 6 de fevereiro A "*Junta Militar*" proíbe o retorno de Perón, antes de ser eleito o novo governo. Fator de perturbação.
- 8 de março Encerra-se a campanha eleitoral de Cámpora, com 100.000 pessoas.
- 10 de março Lanusse recomenda não votar pela "volta" ao passado.
- 11 de março Eleições Gerais em todo o país após dez anos. A última se deu em 7 de julho de 1963. Manifestações espontâneas.
- 12 de março Lanusse anuncia que pode se considerar ganhador a FREJULI, Cámpora é eleito com 48,7% dos votos. Festa popular.
- 13 de março Mensagem de Perón, difundida por Cámpora.

da estratégia de subsistência do peronismo, que as novas gerações tomaram como desafio.

O próprio Perón gostava de exibir, sempre que podia, seus sentimentos populares e, sobretudo, sua influência única sobre os trabalhadores, num jogo discursivo em que, ora o povo se expressa por Perón, ora Perón pelo povo. Não se pode negar que esse era um jogo exclusivo de Perón, entretanto, sempre que necessário, Perón mandou a seus seguidores recados eficientes, para que, de um lado, se organizassem – condição fundamental para que o movimento peronista, mesmo sem seu líder, pudesse manter a unidade – e, de outro lado, para que os jovens criassem vínculos com o povo: “hay que vivir junto a la masa, sentir sus emociones y entonces recién se podrá unir lo técnico a lo real: lo ideal a lo empírico.”³

Negar isso, do ponto de vista do PRT, poderia ser interpretado como um passo adiante, em direção à libertação das amarras ideológicas do peronismo. Para os grupos do peronismo revolucionário, significou, bem mais uma instrução estratégica, que fez com que se criassem relações entre os jovens da burguesia e as bases, para, assim, possibilitar o lançamento de uma âncora para o movimento. Isto o manteria vivo por mais um tempo. A *Juventud Peronista*, que foi um verdadeiro fenômeno organizativo, se levarmos em conta sua diversidade e distribuição ao longo país, se formou em 1958, com a união do ramo feminino, dos estudantes universitários e secundaristas e dos trabalhadores peronistas. Em entrevista, R M, ex-militante da *Juventud Peronista*, conta que:

³ PAVÓN PEREYRA, E. *Op. Cit.*, p. 305.

en una actitud de guerrilla no se debe dispersar la estrategia de la táctica [...] varios militantes cumplen el rol de logística militar en el campo popular y colaboran de distintas formas, con informaciones del pueblo sobre como se puede estructurar la resistencia. Este es el rol político de base. Sin esto no se puede actuar. Estos movimientos no surgieron de las bases, eran de origen burgués. En las escuelas privadas se pedía que fuéramos a trabajar en las villas, se formaban grupos de trabajo y así fuimos asimilando una conciencia que después tomo fuerza de ideología.

2. Identidade peronismo-socialismo e “o-que-fazer”

Toda a diversidade ideológico-política dos grupos de esquerda, dos anos 70, se encontra atravessada pela combinação de socialismo e peronismo, seja por rejeição, seja por aceitação. Pode-se dizer, no entanto, que surgiu uma combinação da *Tercera Posición*,⁴ de Perón, com a visão de uma esquerda que busca, mais que a derrota dos governos da ditadura, a derrota do regime capitalista. Tomemos, por exemplo, a declaração de Cooke, em Cuba, em setembro de 1961. Nela, estão dadas as tarefas do movimento revolucionário:

No es posible enunciar aquí todas las cosas que debemos hacer, pero para terminar con el drama argentino hay algunas que son ineludibles, como ejemplo: dejar sin efecto convenios petrolíferos, eléctricos, etc.; denunciar tratados militares y compromisos belicistas; expropiar las instalaciones petrolíferas y demás bienes de los monopolios; expropiar a la oligarquía latifundista y a los grandes empresarios industriales; expropiar los bancos,

⁴ A chamada *Tercera Posición* era uma das bandeiras de Perón. Primeiro, porque ele anunciava que, diante dos impérios, deveria se criar uma outra alternativa. Alternativa essa que não implicasse na subordinação a nenhum deles. Com relação à oposição capitalismo e comunismo da guerra fria, a Terceira Posição também serviu a Perón como de resposta. Já nos anos 60, a *Tercera Posición* permitiu à esquerda elaborar uma combinação, de posição intermediária, entre a URSS e os EUA. Assim, a elaboração dos grupos permitiu vincular tal posição com a luta antiimperialista.

puertos, servicios públicos; socializar grandes ramas de la producción, hacer una reforma agraria que respete las características de nuestro agro pero que elimine muchas de las formas empresarias de explotación; planificar la economía en escala nacional; nacionalizar la gran industria pesada; controlar los sectores de la economía que deban mantenerse bajo el régimen de propiedad privada, etc, etc. Eso significa terminar con la democracia capitalista y sustituirla por nuevas estructuras que reflejen el predominio de las fuerzas del progreso, dirigidas por el proletariado. (“Reportaje a J.W.Cooke desde La Habana”, 1961.)⁵

As mesmas “propostas” se reproduzem em carta de Cooke a Hernández Arregui, no mesmo ano, acentuando sempre que a luta é essencialmente revolucionária, que não adianta esperar influir no Exército e na Igreja para conseguir concretizar tais mudanças, e que a unidade da classe trabalhadora é indispensável para a liberação da “coloniagem” capitalista.

Uma referência fundadora dos peronistas revolucionários sobre “o-que-fazer” leninista, na Argentina, é o “Programa de La Falda”, de 1957, surgido da plenária de delegados regionais da CGT e das combativas 62 *Organizaciones*. As propostas exigem controle estatal do comércio exterior, liquidação dos monopólios estrangeiros radicados no país, junto a uma política interna de altos salários, consolidação de diversos setores da indústria, controle operário da produção, nacionalização dos frigoríficos estrangeiros e expropriação de latifúndios (“Programa de La Falda”, Córdoba, 1957.)

Na mesma ordem de importância, o “Programa de Huerta Grande”, surgido também de uma plenária das 62 *Organizaciones*, em 1962, lista, novamente: nacionalizar bancos e setores estratégicos da

⁵ BASCHETTI, R. *Documento de la Resistencia Peronista: 1955-1970*, p. 94-95.

economia, não reconhecer os compromissos financeiros do país, expropriar à oligarquia e planificar a produção. (“Programa de Huerta Grande”, Córdoba, 1962.)

Na “Declaración del Primer Congreso de la Juventud Peronista”, documento de outubro de 1963, e no programa elaborado e redigido por Gustavo Rearte, de agosto de 1964, as medidas são idênticas, com expressões como: “nos comprometemos a construir una nueva Argentina”.

Na “Declaración de Tucumán”, dos sindicalistas agrupados nas 62 *Organizaciones*, de 1966, se apresentam as transformações conquistadas pelo peronismo, na história argentina, sobretudo destacam-se aí a política nacionalista e a ruptura com a tradição oligárquica. Isso é considerado, pelo documento, como sendo um verdadeiro deslocamento das classes que, tradicionalmente, dominavam o Estado. Propõe-se, quase nos mesmos termos dos documentos anteriores, a nacionalização e a defesa da classe popular. Nesse caso, a novidade fica por conta das observações sobre instrumentos da política econômica, que devem ser implementados. A reforma tributária, por exemplo, será feita mediante a incorporação de impostos diretos e eliminação dos indiretos, que são mais injustos; a reforma agrária também se baseia na tributação às terras não produtivas, e, na educação, uma reforma que busca desenvolver novos valores morais, “quitándole el sentido del lucro” (“Declaración de Tucumán. Plenario del Peronismo De pie junto a Perón”, marzo de 1966.)

Na maioria dos documentos peronistas, dos anos 60 e 70, o diagnóstico que se faz da Argentina tem como referência o golpe de 55, a “traição” de Frondizi, uma vez que o mesmo ganha as eleições, com os votos peronistas, e não legaliza o peronismo, e a submissão histórica do país a uma oligarquia, por sua vez, comprometida com o imperialismo internacional. A definição do peronismo, é sempre, nos documentos dos revolucionários, a de verdadeiro movimento das massas.

A “CGT de los Argentinos”, em 1968, no Congresso em que homenageou “Amado Olmos” – outro importante sindicalista da linha combativa ou revolucionária –, fez o mesmo diagnóstico da Argentina (com detalhe sobre o aumento da fome em Jujuy e Tucumán, ambas províncias do norte argentino). Falou sobre a estrangeirização da economia, o poder do FMI e Banco Mundial, e se posicionou contra a propriedade privada, em favor da nacionalização dos setores básicos da economia, contra os monopólios e os contratos financeiros dos governos e, também, ofereceu aos trabalhadores, para atacar esta situação, “un puesto de lucha”. “El movimiento obrero es la voluntad organizada del pueblo”, dizem os sindicalistas, convocando diversos setores da sociedade argentina (pequenos comerciantes, universitários, intelectuais, “militantes por oficio”, empresários nacionais) para a luta, que visa “combatir de frente al imperialismo, los monopolios y el hambre”. (“Programa de la CGT de los Argentinos”, 1º de maio de 1968.)

No final dos anos 60, uma comissão do peronismo, a *Comisión Interventora Nacional*, ficou incumbida, pelo “Consejo Superior Peronista” – órgão institucional máximo do movimento –, de elaborar

as pautas para a reorganização do Partido Justicialista. O documento oriundo dessa comissão teve por título: “Partidos de opinión y partidos de masas. Fundamentos teóricos de la reestructuración del movimiento”, e contém a seguinte tese política: há uma distinção entre partidos de opinião (burgueses, interessados apenas no voto) e partidos de massa (revolucionários):

Los partidos de masa nacen como consecuencia del fracaso de los partidos liberales. Se constituyen para dar a las masas populares un instrumento idóneo que organice y canalice sus fuerzas contra la opresión que sobre ella ejercen los grupos del privilegio.

Em documento posterior, a Comissão reafirmou a mesma tese, destacando que o peronismo não é, nem será, um partido político de opinião, daqueles que buscam votos e bancadas, e que a sua verdadeira missão é transcendente, porque é revolucionária. Este mecanismo de afirmação do peronismo contra a democracia liberal é quase permanente, na visão peronistas de esquerda, da época.

Na verdade, a *Doctrina Peronista*, que é da fase do surgimento do peronismo, tem como pressuposto a crítica da concepção liberal, e este é um tema retomado na posição dos peronistas de esquerda. Perón expressava abertamente seu desprezo por várias instituições oficiais. Tomemos, por exemplo, as mais tradicionais, FMI e OEA:

es el órgano desde el cual salen las disposiciones que así en el orden económico-financiero como en el político há de acatar el gobierno argentino. Fuera esta, que ya es bastante, funciona una armazón burocrática llamada Naciones Unidas, ineficaz para las funciones que le encarga su carta pero altamente eficiente para los fines ocultos que maneja la sinarquía internacional. Y la Organización de los Estados Americanos, la OEA [...] que con insidiosos nombres de encubrimiento

CRONOLOGIA VI

1973

- 16 de março A guerrilha montonera toma, em Rosario, um caminhão de carregamento industrial. Mais atentados e assaltos, organizados pelo ERP.
- 6 de abril Cámpora visita as províncias.
- 12 de abril Fim da campanha para segundo turno das eleições, que se realizam em alguns distritos e províncias.
- 13 de abril O ERP emite comunicado informando que não atacará o governo de Cámpora, e, sim as Forças Armadas e as empresas estrangeiras.
- 15 de abril Chile: *Primera Asamblea Sindical Mundial* – documento contra as empresas multinacionais. Segundo Turno das eleições nas províncias. Vence o peronismo.
- 18 de abril Rodolfo Galimberti, dirigente da *Juventud Peronista*, esclarece o conceito de “milícias populares”.
- 19 de abril Plan de Acción da *Juventud Peronista*.
- 26 de abril O Exército declara não admitir as “milicias populares”.
- 29 de abril Perón substitui Rodolfo Galimberti na condução da *Juventud Peronista*.
- 8 de maio Cámpora anuncia um “programa de reconstrucción nacional”, buscando uma “trégua” política e social.
- 13 de maio Solano Lima, vice-presidente, fala sobre socialismo nacional.
- 15 de maio Confirmada a visita de Salvador Allende, do Chile, e de Osvaldo Dorticós, de Cuba, para 25 de maio: posse de Cámpora na Presidência.
- 22 de maio Manifestações de apoio ao novo governo. Choque entre peronistas de esquerda e direita na Av. Libertador. Sai o primeiro número de *El Descamisado*.
- 24 de maio Último discurso de Lamusse: “ofrecí la posibilidad de votar”.
- 25 de maio Cámpora é eleito presidente Concede indulto a todos os presos políticos (371 pessoas), abole os mecanismos repressivos (“lei anticomunista” e “fuero antissubversivo”).
- 29 de maio Dorticós em Córdoba, comemora o aniversário de *El Cordobazo*. Rodolfo Puiggrós é nomeado, por Perón, Reitor da Universidad de Buenos Aires.
- 4 de junho Esteban Righi, discursa na Polícia Federal: “terminó la época de reprimir al pueblo”.
- 5 de junho Perón recebe o passaporte argentino.

se encargan de realizar las diversas medidas tendientes a hacer efectiva la total dominación imperial. (“Mensaje de Perón a los obreros portuarios”, junho de 1969.)

Em geral, nos documentos dos 60 e 70, a esquerda peronista desvaloriza a democracia, pelo menos pela forma restrita e proibitiva como se apresentava nesses anos, se inscrevendo com isto na tradição de criticar o liberalismo, que Perón promovera desde os anos 40. Democracia é rejeitada junto com liberalismo. No documento da *Juventud Peronista*, de julho de 1967, “Acción Revolucionaria Peronista”, o confronto com os governos militares é explícito. A *Juventud Peronista* passa, então, a declarar luta armada contra os governos que considera continuadores dos arranjos, cada vez mais gastos, da oligarquia e do imperialismo internacional. A democracia, aqui, é desqualificada abertamente:

no una restauración democrático-burguesa, aparentemente mucho más factible que la revolución popular, pero en realidad mucho más utópica e irrealizable; miserable retaceo de democracia y semilegalidad; libertades democráticas tal como están inventariadas como curiosidad turística en nuestra Constitución; única expresión de libertad que se puede ejercer desde el 55. (*Acción Revolucionaria Peronista*, julho de 1967.)

Vários dos enunciados que desqualificam a democracia surgiram no debate da luta armada. Veja-se este documento da Juventude Peronista:

la única alternativa que podría existir sería la de la revolución, que implica la lucha armada. No tememos que seamos los tan denunciados y típicos provocadores que causen perjuicio a las actividades democráticas [...] porque, efectivamente, buscamos provocar que la violencia potencial de

la dictadura se desate como violencia real y se envuelva [...] y pisotee las esperanzas falsas.

Vemos, aqui, como o desprezo da política argentina é ponto de partida para justificar a luta armada. Na época, e diante da difusão que a mídia fazia dos atentados armados, promovidos pelos grupos, a legitimidade da luta armada exigia uma explicação. Críticas eram colocadas publicamente para os grupos, que do outro lado da sociedade, eram vistos como violentos. As críticas, nesse sentido, são basicamente as seguintes: 1) a violência é desnecessária, uma vez que há democracia e 2) como identificar se era o momento certo, ou não, para empreender a luta armada, noutros termos: se estavam dadas ou não as condições de que falam os teóricos da guerra de guerrilha. Esta última é uma crítica, cuja origem está no seio da mesma esquerda, só que se trata da esquerda não peronista. A resposta peronista a estes questionamentos é, geralmente impulsiva:

quien fija esas condiciones? [...] Marx, Lenin, [...] la representación del proletariado?; Nosotros confesamos que vamos perdiendo confianza en estos sabios de la historia; Contra los eruditos y académicos, el que empuña las armas apuesta a favor de la revolución; preferible ser derrotado o muerto como el Che, que acertar y triunfar com Vittorio Codovilla. (*Acción Revolucionaria Peronista*, documento interno, julho de 1967.)⁶

O PRT, por sua vez, depois do *V Congresso*, também partiu para a luta armada, com a criação do ERP. A idéia que vem do peronismo, em relação à luta armada, é que ele encerra uma gravíssima

⁶ Idem, op. cit., p. 242.

contradição: articula um movimento de base operária com uma condução burguesa. Entretanto, considera também, junto com o lado mais combativo do movimento peronista, que, para o caso da Argentina, a luta tinha de ser revolucionária e armada.

Peronistas revolucionários e PRT-ERP adotam a saída armada. Entretanto, as diferenças dizem respeito ao espontaneísmo que os marxistas atribuem ao peronismo. O PRT-ERP era contra a estratégia do “foquismo”, por considerá-la arriscada e voluntarista. Vislumbrava-se um futuro melhor para as organizações armadas, sempre que a estratégia de luta tivesse desígnios claros e táticas oportunas:

Si consideramos las expresiones armadas del primer peronismo en los 16 años transcurridos desde su caída del poder, aparentemente hay una continuidad! Pero esta continuidad es sólo aparente [...] hay una fractura [...] la vieja Resistencia peronista y las actuales organizaciones armadas peronistas son fenómenos, cualitativamente distintos! En el peronismo hay una contradicción [...] entre el carácter predominantemente obrero de su base y su ideología burguesa. En el caso de la lucha armada se manifiesta como la contradicción entre los métodos revolucionarios empleados y la ideología burguesa a cuyo servicio se emplean los métodos. (*El Combatiente*, n. 56 a 59.)⁷

O ponto principal das diferenças entre peronistas revolucionários e a esquerda marxista do PRT está centrado, sobretudo, no fato dos peronistas assumirem o retorno de Perón, como condição inevitável para o avanço do processo revolucionário:

En consecuencia, los militantes peronistas al hacer uso de la violencia, están utilizando el método más revolucionario posible, pero en función de un objetivo que no tiene nada de revolucionario, como es la vuelta de

⁷ DE SANTIS, Daniel. *Vencer o morir; PRT-ERP; documentos*, p. 249.

Perón y la reconstrucción de su gobierno burgués que intente la conciliación de clases [...] independientemente de su grado de claridad y sus matices todas esas propuestas plantean la vuelta de Perón como parte fundamental de esse proceso de cambio revolucionario [...] Y ahí está nuevamente, agudamente, la contradicción señalada [...] Los militantes de la vieja resistencia no lograron romper jamás con el chaleco de fuerza de su ideología. Porque la violencia por si sólo no es revolucionaria [...] De esa nueva situación histórica son hijas las actuales organizaciones armadas peronistas: FAP, FAR y Montoneros. (*El Combatiente*, n. 56 a 59)⁸

Mesmo com as críticas do PRT-ERP aos grupos peronistas armados, a identificação, no terreno da discussão ideológica, se produz em torno do grande objetivo que persegue tal luta: o socialismo.

Pero el aspecto dominante de esta contradicción há cambiado [...]. Esto se expresa a través de la independencia que muestran en su accionar las organizaciones armadas com respecto a la conducción oficial [...] Esto se expresa en los objetivos políticos que fijan a su lucha, en que aunque no de una manera totalmente clara plantean la necesidad del *socialismo*. (*El Combatiente*, n. 56 a 59)⁹ [Grifos meus.]

Devemos destacar, quanto ao pensamento da esquerda, peronista e não-peronista, da época, que, mais do que os objetivos estratégicos e o “o-que-fazer” leninista, o centro das atenções militantes se voltou para aspectos morais da luta antiimperialista. Isso porque, em boa medida, a utopia da esquerda se funda, sobretudo, na construção de um “homem novo”, nos termos guevaristas. Sobre esse “homen novo”, diz Ongaro: “el mejor programa que podamos elaborar, las mejores estructuras regionales, tener la ideología correcta [...] no es todo ni sería importante, si fundamentalmente no tuvieramos

⁸ DE SANTIS, D., op. cit., p. 249.

⁹ Ibidem. [Grifo meu.]

un mínimo de esa vocación de *hombre nuevo*, del amor revolucionario a nuestros semejantes” (Ongaro, discurso no *Congreso del PB*, Córdoba, outubro de 1973.)

Na visão dos militantes, a revolução passa, principalmente, pelo estabelecimento de condutas completamente diferentes daquelas que compunham uma personalidade tradicional. Os jovens da época entenderam isto como um fato fundamental de ruptura com a Argentina burguesa. “Lo primero que buscábamos era diferenciarnos de nuestros padres.” (Mercedes Depino, FAR/Montoneros, entrevista, Paris, 1997.)

É verdade que, do lado das propostas políticas da esquerda, da época, o quadro ficou incompleto. Não se definiram as questões vinculadas à implementação dos grandes objetivos socialistas e revolucionários. Isso sempre ficou a espera do “retorno” de Perón. No caso da esquerda peronista, por convicção; por condição, no caso da esquerda não-peronista. Entretanto, esse vazio foi preenchido por uma justaposição de valores, sentimentos e moral: solidariedade, justiça social, lealdade, altruísmo que os militantes, decididamente, buscavam afirmar.

Todo pensamento socialista, revolucionário e de esquerda, pelo fato de objetivar a mudança das estruturas da sociedade, busca a criação de uma nova sociedade. No caso da esquerda argentina, desses anos, junto a isso, se buscou também cultivar e desenvolver coletivamente valores opostos aos do capitalismo. Em primeiro lugar, há – nos documentos dos grupos – uma verdadeira desqualificação do conceito de indivíduo, pela sua associação com tudo o que é burguês.

Perón havia ensaiado, com eficácia, essa mesma crítica, para demolir o liberalismo das elites.

No caso argentino, marxistas, peronistas de esquerda, católicos de esquerda, terceiromundistas têm em comum essa rejeição pelo individual: ápice do egoísmo, semente humana do capitalismo. Contra o individual é que emergem os homens e mulheres preocupados com os pobres. Em segundo lugar, coloca-se a necessidade de atuar, ao invés de ficar somente no plano das idéias: “No ven que la acción y la práctica no son categorías independientes sino partes indivisibles de la lucha revolucionaria.” (Cooke, *Universidad y País*, conferência, Córdoba, 1964.)

Os militantes, combinando organização com discussão teórica, criam sua relação com as massas: “Debemos ponernos a la par de los compañeros, vivir su hambre, compartir sus sacrificios.” (Ongaro, discurso no “Congreso Nacional del Peronismo de Base”, 1973.) Gastam seu dinheiro comprando materiais para construir bombas, desafiam a legalidade burguesa, assaltando supermercados para repartir o saldo nos bairros populares.¹⁰ Dormem nos cárceres envolvidos em colchas de piolhos. Enfrentam situações de dificuldade extrema: nem bem soube da morte de Enrique Grinberg (*Juventud Peronista*), que tinha acontecido em enfrentamento armado, sua companheira escreveu num muro: “Tu sangre derramada no será negociada. Hasta la victoria siempre. Viva Perón.” (*El Descamisados*, ano I, n. 20, 2 de outubro de 1973.) Graciela Daleo é outro exemplo: milita, sem descanso e sem medo, culpada de ser comunista, de namoro militante, de adultério e

¹⁰ Estas “operações” eram típicas do ERP, que as denominavam: “operaciones Robin Hood”.

CRONOLOGIA VII

1973

- 8 de junho Conferencia de Imprensa com Santucho, FAR e Montoneros. Assinada ata do acordo nacional, "pacto social", CGE e CGT. Através de declaração de Santucho, o ERP não aprova o programa de governo, "sus medidas no van contra el sistema".
- 9 de junho Congelamento de preços. Assinatura do "Pacto Social", discurso de Cámpora.
- 12 de junho Cámpora almoça com altos oficiais do Exército. Começa a organização para o "retorno" de Perón.
- 13 de junho É restituído a a Perón o grau militar.
- 14 de junho Surge o 1º número de *Militancia*.
- 16 de junho Boatos sobre divergências entre Perón e Cámpora.
- 20 de junho Segundo "Retorno" de Perón. Conflitos em Ezeiza. Comunicados FAP, FAR-Montoneros, discurso de Perón na TV.
- 23 de junho Cámpora visita Perón em Gaspar Campos. O PCA emite documento de apoio ao governo.
- 24 de junho Declaração das FAP atribuindo responsabilidades sobre os incidentes em Ezeiza a Alianza Libertadora Nacionalista, Juventud Sindical Peronista, Comando de Organización, Concentración Nacionalista Universitaria, burocratas sindicais e grupo do Coronel Osinde.
- 27 de junho Fernando Nadra, do PCA, apóia o novo governo. O Episcopado apóia discurso de Perón.
- 28 de junho O Ministro do Interior, Righi, desmente sua demissão. Canais de TV são punidos por emitir comunicados do ERP, com críticas a Perón e a López Rega, Ministro de Bienestar Social.
- 29 de junho Outra visita de Cámpora a Perón. Sai o 1º número de *Ya*.
- 30 de junho É difundido o projeto de imposto sobre a renda potencial da terra.
- 2 de julho Enterro de Gustavo A. Rearte, dirigente do *Movimiento Revolucionario 17 de Octubre*. Morreu no dia anterior.
- 11 de julho Restitui-se o grau e o uniforme a Perón, agora *Teniente General* novamente. Decretos 503 e 504. Morre J.L. Baxter (Tacuara/ERP), em acidente de avião em Paris (11 de julho).
- 12 de julho Comentários sobre a renúncia de Cámpora. Senado aprova a nacionalização dos depósitos bancários.

culpada também de criticar à condução revolucionária.¹¹ Vitória Walsh gritou, da sacada de um apartamento, para a multidão de policiais que atiravam: “ustedes no nos matan”.¹² Junto ao plano político e ético surge o elemento Heróico. Foi a consequência do caráter autocrítico e dos valores morais que se promoviam (às vezes com mão de ferro) na convivência militante dos grupos.

O quadro ideológico da esquerda, rejeitando o individual, saltou para o coletivo:

Cada militante y cuadro debe estar verdaderamente imbuido de las virtud revolucionarias; debe practicar de verdad la economía, la integridad, la rectitud y la total entrega a lo colectivo y el desinterés por lo individual. Hay que preservar la pureza del Partido.(Ho-Chi-Minh, *Estrella Roja*, n. 25, 21 de setembro de 1973.)

Total entrega ao coletivo e desinteresse pelo individual. Veja-se esta passagem: “te digo nosotros porque hace muchos años me olvidé de hablar en forma individual porque todo lo que hicimos lo hicimos juntos”. (“Homenaje a Enrique Grimberg”, *El Descamisado*, ano I, n. 20, 2 de outubro de 1973.)

Dentro dos grupos, as reuniões eram fundamentais para a organização e para a tomada de decisões. As pautas incluíam a análise da conjuntura, documentos de discussão e assuntos vinculados à própria vida dos militantes e das relações dentro do grupo. As reuniões serviam para processar, em público, a vida privada. Todas as questões eram discutidas, e os valores internos postos “para fora”,

¹¹ CAPARRÓS, Martín & ANGUITA, Eduardo. *La Voluntad; una historia de la militancia revolucionaria en la Argentina: 1966-1973*, tomo I.

¹² WALSH, Rodolfo. *Los Papeles de Walsh*.

manifestados.¹³ A moral da esquerda da época é, por conseguinte, uma moral antiburguesa. Não só pela diferença de valores entre os militantes e a elite, mas também porque condutas pautadas pela moral resultam estranhas às elites. Na ideologia dominante, se possível, os valores devem ser guardados. Porque toda conduta burguesa deve se render às imposições externas do imperialismo.

É feito um paralelo entre a conduta militante dos 60 e 70 e a trajetória das lutas populares. Na Argentina, tradicionalmente, toda vez que os setores populares se manifestaram por meio de greves e reclamações, foram acusados pelos governos militares de serem portadores de valores e idéias de “fora”. Quando reprimiu as manifestações dos trabalhadores, em 1º de maio de 1910, o governo disse que se tratavam de “elementos disolventes y extranjeros”.¹⁴ Enquanto a elite assimilava, rapidamente, os costumes da aristocracia européia, castigava os *criollos* do interior (ninguém mais distante do que eles de tudo o que fosse forâneo) chamando-os de *desclassados* e dizendo que estavam fora de qualquer ordem civilizável.

¹³ Veja-se o comentário de uma militante, esposa de um integrante dos Montoneros: “hay un período importante de su vida que coincide cuando yo estaba presa. En esa oportunidad él se comporta libremente en relación con otras compañeras. Planteó la situación en la conducción nacional de las FAR a las que pertenecía y se lo suspendió como miembro de la conducción por un tiempo. Hay ciertas debilidades político ideológicas que no son admitidas en un cuadro montonero”. (Apud MÉNDEZ, Eugenio. *Confesiones de un montonero e Evita Montonera*, ano 1, n. 5, jun./jul. de 1975.)

¹⁴ Quando, em 25 de maio de 1910, se cumpria o primeiro centenário do governo da pátria que tinha desalojado os espanhóis, vários segmentos vinculados à esquerda prepararam diversas manifestações, principalmente os anarquistas. Os socialistas não aderiram, questionando os interesses e o momento em que se produziam. O governo, a seu lado, com a desculpa de que eram necessárias segurança e tranqüilidade nos festejos da pátria, declarou o Estado de Sítio. Foram assaltados os locais de reunião dos operários e as oficinas em que se editava a revista socialista *La Vanguardia* (fundada por Justo). Ver ODDONE, Jacinto. *Historia del socialismo argentino*, v. I, p.120-130 e RAMOS, Jorge Abelardo. *Breve historia de las izquierdas en la Argentina*, vol. I, p. 9-27.

Nos anos 60, quando se organizaram os grupos armados, também eles foram denunciados como portadores de idéias importadas. Quando Perón rompeu com a juventude – depois dos jovens tanto terem lutado pelo seu retorno –, também nesse momento a culpou de constituir “formações especiais”, externas à natureza do peronismo. Disse M.M. Ollier, em reflexão sobre a violência armada da época:

Podemos admitir que la guerrilla equivocó el camino en su esfuerzo por convertir el descontento en rebelión total, pensando que el Cordobazo iniciaba la inevitable, latente, revolución. Pero de ahí pretender presentar a las conductas y valores de los grupos armados como extraños al “ser nacional”, resulta francamente cínico.¹⁵

3. Combatentes desesperançados

Apesar das diferenças, peronistas e militantes de esquerda, [...] logo entraram em concordância quanto ao plano da ação armada. Os documentos – que estabelecem linhas de ação para os grupos –, observam uma identidade que contrasta com o pano de fundo das discussões ideológicas dos anos 60 e 70. Muitas vezes, a vida no cárcere e as perseguições que se tornavam conseqüências rotineiras da vida militante, levaram líderes e ativistas de diferentes grupos a combinar ações conjuntas. Assim, na prática cotidiana, do ponto de

¹⁵ OLLIER, María M. “Entre la memoria y el olvido”, *La Ciudad Futura*, n. 3, dezembro de 1986, p. 20.

vista da discussão teórica, relações e uniões, impensáveis, foram facilitadas.

No âmbito da prática, a combinação se deu, sobretudo, com base em objetivos estratégicos, o que põe em relevo a preocupação eminentemente pragmática dos grupos: ajuste de contas com os inimigos, seqüestros, assaltos a delegacias de polícia, num processo que, tal como adiantara Perón na ocasião, equivale a uma “gran batalla”.

O contexto da época propiciava notavelmente a preocupação da juventude com a “ação”. Em declaração conjunta de integrantes das FAP e do grupo *Montoneros* “17 de Octubre”, dirigida de uma prisão da cidade de La Plata (Buenos Aires), “ao povo”, se declara: “solo resta un lenguaje: el de la acción.” (“A un año de Taco Ralo”, FAP, nov. de 1968)¹⁶

A firmeza da decisão contrasta com a decepção que permeia as declarações da época, nas quais a maioria dos grupos se decide pela luta armada. Tais declarações, ao mesmo tempo que assumem a violência armada em defesa do povo, carregam o lamento da frustração com as instituições políticas da Argentina. Observe-se a seguinte expressão do peronismo revolucionário:

Pero nosotros, quienes hemos asumido la responsabilidad y el riesgo de engrosar la tendencia revolucionaria del Peronismo, no podemos admitir que la palabra democracia, utilizada para encubrir la dictadura de las clases explotadoras, pierda su profundidad y concepto y adquiera el de ciertas limitadas libertades dadas como gracia al ciudadano. (“Estrategia y táctica revolucionarias. Documento presentado al Congreso de Córdoba

¹⁶ BASCHETTI, R. Op. cit., p. 315.

por la tendencia revolucionaria del peronismo”, 11 a 12 de janeiro de 1969.)

Em documento publicado por vários grupos, em solidariedade aos militantes presos, a desesperança em relação às instituições reaparece:

No recurrimos a la justicia, a la que ya recurrimos infructuosamente, tampoco a los poderes constitucionales ni a las FFAA, en las que hemos perdido las esperanças. Denunciamos los hechos frente a la opinión pública para que sirvan de antecedentes para la oportunidad del juicio del pueblo. (“Solidaridad Revolucionaria. Contra las torturas a militantes peronistas encarcelados”, 12 de mayo 1969. *Comandos Peronistas de Liberación, Juventud Peronista de Capital, Juventud Revolucionaria Peronista, Movimiento de la JP, Organización Revolucionaria Peronista e Rama Femenina.*)

Assim, a opção pela luta armada é, de um lado, um fenômeno que faz parte de uma estratégia organizativa dos grupos e, de outro, é a expressão da frustração das novas gerações, da Argentina de 60 e 70, com a política tradicional. O desgaste da vida política argentina, com as fraudes e os Golpes de Estado, também foi a marca registrada do surgimento de Perón e do peronismo, nos anos 40. Os jovens dos 60 encarnaram, nesses anos, a decepção com o poder tradicional que, repetidamente, desgastava as instituições, segundo o jogo do imperialismo.

Retomemos, agora, os pontos de vista que sustentam a luta armada dentro do peronismo:

1. Identidade latino-americana. As peculiaridades determinam diferenças táticas, mas o destino da América Latina é um só. Suas condições também: caráter classista dos regimes estabelecidos e dominação imperialista;

2. Não existe outro caminho;
3. A guerra cria as condições que faltam para mudar a sociedade;
4. Distinção entre política revolucionária e momento insurrecional;
5. Não se desconhece o movimento operário, sua organização e sua luta (“*Resistencia Peronista*”), mas considera-se necessária a formação de um *ejército revolucionario* para a tomada do poder político. Esse exército opera se contrapondo ao exército oficial (e legal), que se considera como sendo a base de sustentação da dominação estrangeira;
6. Uma estratégia conjunta na América Latina, é *posível e necessária*.

Esses pontos permitem deduzir a composição de lugar que fazem os peronistas de esquerda: não são os teóricos da sociedade que eles mesmos desprezam; não são os representantes da classe operária (o único legítimo é Perón). São, na verdade, seu exército autêntico, uma vez que o exército oficial pertence à oligarquia. Entretanto, esses militantes que se voltam para as massas, não se esquecem de reservar um lugar na condução do movimento: “Planteada la lucha en términos de violencia, en el movimiento [...] la conducción estratégica de todas las formas de lucha debe estar en manos de la dirección combatiente.” (*Acción Revolucionaria Peronista*, julho de 1967.)

O ERP também se considera um exército, em defesa dos interesses operários. Considera, também, que a condução do movimento revolucionário e o exército devam andar junto. A característica militarista dos grupos da época, chama a atenção: responde ao fato dos governos serem, em sua maioria, representados por militares que faziam uso permanente da violência.¹⁷

¹⁷ Veja-se a afirmação de Perón: Nesse sentido, “Todo esto demuestra de una manera elocuente que existe un plan contra el poder civil, encaminado a mantener la supremacía militar en todos los aspectos de la vida nacional, cosa que parece ser una consigna continental.” (*El Gran Pueblo Argentino*. Mensagem de Perón, out. de 1963.)

CRONOLOGIA VIII

1973

- 13 de julho Renúncias de Cámpora e de Solano Lima. O presidente da Câmara de Deputados, Lastiri, assume provisoriamente. Cámpora, anuncia mensagem ao país. Comunicado FAR-Montoneros. Discurso de Perón por TV, 15 de julho, a respeito da situação do país.
- 16 de julho Declaração da *Juventud Peronista*: Cámpora – exemplo de lealdade peronista.
- 20 de julho Convocadas eleições para 23 de setembro. Mudança do governo para 12 de outubro.
- 21 de julho Perón recebe, pela primeira vez, delegados da *Juventud Peronista*, em Olivos (Gaspar Campos). López Rega anuncia-se como intermediário entre Perón e a *Juventud Peronista*. Grande manifestação para “quebrar el cerco”.
- 22 de julho Comunicado da Presidência da Nação: López Rega intermediário da juventude. Jornal *La Nación*.
- 23 de julho *Juventud Peronista* nega que López Rega seja seu intermediário com Perón.
- 26 de julho Ato da *Juventud Peronista* em homenagem a Eva.
- 29 de julho Perón decide-se pela reorganização do Movimento e designa os membros do novo Consejo Superior Peronista.
- 30 de julho Discurso de Perón na CGT.
- 1 de agosto Reunião de segmentos da juventude de diferentes partidos para se posicionarem pela luta contra o imperialismo e a oligarquia.
- 2 de agosto Perón fala aos governadores: “no admitimos la guerrilla”.
- 3 de agosto Perón reúne-se com os integrantes da “Hora del Pueblo”. Comunicado das FAP.
- 4 de agosto O *Partido Justicialista* define a fórmula Perón-Isabel.
- 6 de agosto Deputados aprovam o projeto sobre a renda potencial da terra. Cámpora terá missão diplomática: Embaixador no México.
- 9 de agosto 1500 estudantes da *Universidad de la Plata* fundam *Juventud Universitaria Peronista* (JUP).
- 10 de agosto Argentina ingressa no bloco de países não-alinhados. Anistia aos condenados pelo caso Aramburu.
- 20 de agosto População toma a Prefeitura de Escobar. Populares tomam um bairro de Córdoba. IV Congresso do PCA. Continuam as visitas de políticos a Perón.

Duas outras idéias quanto à estratégia armada são, de um lado, o fato de se pensar que a mesma vai, aos poucos, envolvendo diferentes setores da sociedade. Do campo às vilas do interior, do deserto às cidades, o movimento operário se acende nesse fervor da luta popular. De outro lado, dá-se o caso de que se considerava que qualquer falha neste processo estratégico era devida a erros táticos, não a erros de concepção. O problema, porém, é que a concepção está sujeita a certos enigmas que parecem irresolúveis, como a reconhecimento das condições para o momento insurrecional e a falta de definições sobre o “o-que-fazer”, uma vez tomado o poder político. Nesse sentido, as propostas são apenas enunciados de impacto, muito longe de qualquer ordem de medidas para a administração do governo revolucionário, uma vez “empossado”.

No “Plenario Nacional del Peronismo”, realizado em janeiro de 1969, integrado centralmente pela “CGT de los Argentinos”, também se oficializou a via da luta armada, a partir do mesmo diagnóstico da situação argentina. No documento se usam as palavras de Perón: “es imposible la coexistencia entre las clases oprimidas e las opresoras”; “la toma del poder no significa de manera alguna, sustituir un hombre por outro, sino un sistema por outro sistema”, como forma de sustentar a luta armada. A luta armada deve, ao mesmo tempo, “producir acontecimientos político-militares que hagan poco a poco reaccionar a las grandes masas y que consiga la incorporación del pueblo como ejército, como Pueblo en Armas”. E segue:

Para vencer en una guerra revolucionaria no es necesario destruir totalmente, desde un punto de vista militar, a las fuerzas adversarias, hay que ganar a la población, a las masas populares, mediante una correcta

estrategia de masas y la acción de vanguardias operativas en la ciudad y en el campo. (“Estrategia y Táctica Revolucionarias”, documento apresentado no Congresso de Córdoba pela “*Tendencia Revolucionaria del Peronismo*”, 11 e 12 de janeiro de 1969”.)

O PRT, por sua vez, partia da idéia de que o peronismo se defrontava com a gravíssima contradição de dirigir um movimento de bases operárias com uma condução burguesa. Considerava também, a partir do seu V Congresso, que, no caso da Argentina, a luta era revolucionária e armada.

Neste ponto, entre grupos peronistas revolucionários e o PRT-ERP é que reaparecem as diferenças a respeito do espontaneísmo. O PRT criticava justamente o espontaneísmo de Che Guevara – pelos menos na versão da linha do *Palabra Obrera*, de Nahuel Moreno e Bengoechea –, e o espontaneísmo, próprio do peronismo: impulsivo, desorganizado e sem objetivos que fossem além do economicismo. O retorno de Perón à Argentina, evento que acabou se transformando em uma importante tática dos grupos para reforçar a relação com as massas, dentro do PRT recebeu os seguintes questionamentos:

los militantes peronistas al hacer uso de la violencia, están utilizando el método más revolucionario posible, pero en función de un objetivo que no tiene nada de revolucionario, como es la vuelta de Perón y la reconstrucción de su gobierno burgués que intente la conciliación de clases;

independientemente de su grado de claridad y sus matices todas esas propuestas plantean la vuelta de Perón como parte fundamental de esse proceso de cambio revolucionario [...] Y ahí está nuevamente, agudamente, la contradicción señalada;

los militantes de la vieja resistencia no lograron romper jamás con el chaleco de fuerza de su ideología. Porque la violencia por si sólo no es revolucionaria;

de esa nueva situación histórica son hijas las actuales organizaciones armadas peronistas: FAP, FAR y Montoneros. (*El Combatiente*.)

A distância que separava marxistas e peronistas de esquerda continuou a ser a concepção de Perón e do peronismo. Um problema conceitual que é, também, um problema de interpretação da história argentina. Um problema que diferencia o pensamento do PRT, daquele da esquerda peronista que, entretanto, como modo de ação, não estabelece grandes distinções, a não ser no plano da inserção popular do PRT e a do grupo Montoneros.

Em 1970, o grupo Montoneros começou, com menos de vinte militantes. Porém, em dezembro de 1972, em ato Montonero realizado em um campo de futebol, em Buenos Aires, se reuniram mais de cinco mil militantes. No ano seguinte, em outro ato convocado pelo grupo, que homenageava os militantes mortos em Trelew, juntaram-se mais de 45 mil pessoas. Também no plano das táticas de cada grupo há diferenças. Porém, aqui, a coincidência nos grandes objetivos supera as diferenças quanto à forma da luta revolucionária. Vejamos:

Esto se expresa a través de la independencia que muestran en su accionar las organizaciones armadas con respecto a la conducción oficial [...]. Esto se expresa en los objetivos políticos que fijan a su lucha, en que aunque no de una manera totalmente clara plantean la necesidad del socialismo. (*El Combatiente*)

Quando, durante o ano de 1975, o último governo de Perón, depois do exílio, se transformou na arena de conflito entre grupos de

CRONOLOGIA IX

1973

- 22 de agosto Ato da *Juventud Peronista*, em memória dos mortos em luta nos últimos 18 anos. Aniversário de Trelew, em Atlanta, Buenos Aires. Promulgação da lei relativa à nacionalização dos bancos estrangeiros.
- 26 de agosto Mobilização da *Juventud Peronista* em homenagem a Eva. O governo de Córdoba é culpado de infiltração de esquerda.
- 27 de agosto Em plenário das 62 *Organizaciones*: unificação do sindicalismo em Córdoba. Novas ações armadas do ERP.
- 29 de agosto Deputados aprovam a restituição dos bens de Perón. Conferencia de Imprensa, FAP, 17 de octubre.
- 30 de agosto Lastiri repudia a guerrilha.
- 31 de agosto CGT (60 mil pessoas) e JP (120 mil pessoas) realizam manifestação em apoio a Perón.
- 7 de setembro Enterro de Baxter, no cemitério britânico, em Buenos Aires. Dia do Montonero. Começam a se constituir, formalmente, juventudes peronistas, assembléias de "villeros".
- 8 de setembro Perón reúne, em Vicente López, dirigentes juvenis do peronismo.
- 11 de setembro O jornal *El Clarín* publica declarações do ERP. Greves. Detenção de Pedro L. Cazes Camarero, diretor de *Estrella Roja* e *El Combatiente*, PRT/ERP. Golpe de Estado no Chile.
- 12 de setembro Conferencia de Imprensa sobre a organização da *Juventud Peronista*.
- 13 de setembro Morre Salvador Allende. "Duelo nacional" na Argentina.
- 15 de setembro Ato público do *Peronismo de Base*.
- 16 de setembro Manifestações em repúdio ao golpe no Chile.
- 19 de setembro *Juventud Peronista* encerra a campanha eleitoral: 150 mil pessoas.
- 21 de setembro Perón encerra sua campanha pela rede de TV.
- 23 de setembro Eleições presidenciais. Vence FREJULI, 7.359.139 votos – mais de 60% do total de votos.
- 24 de setembro O General Iñigues assume a chefia da Polícia Federal. Decreto 1454, de 1973, declara ilegal o ERP. Viagem do Ministro da Economia ao FMI.
- 25 de setembro Assassinato de Rucci. Assassinato de Enrique Grinberg, Ateneo Evita, 26 de setembro.

direita e esquerda, o grupo Montoneros se afastou do partido peronista e anunciou sua passagem para a clandestinidade. Esse foi, provavelmente, um momento favorável para traçar estratégias junto ao PRT. Entretanto, ambos grupos mantiveram-se em comunicação, através de emissários, sem que nunca se concretizasse um encontro entre seu líderes.

4. Cámpora ao governo, Perón ao poder

Quando as pressões sociais fizeram com que o General Lanusse, o último da longa lista de militares que ocuparam os governos antidemocráticos da década de 60, autorizasse a atividade dos partidos políticos, todas as correntes do peronismo começaram a visitar Perón em Madri, mais freqüentemente que nos anos anteriores. Estava em jogo a definição da participação do peronismo, após 18 anos, nas eleiçoes presidenciais. Os sindicalistas burocratas procuravam Perón, para fazer do peronismo um partido enquadrado na legalidade. Poderia angariar os votos populares e conquistar o governo. à maneira como funciona o peronismo a partir dos anos 80.

O lado esquerdo do peronismo não estava interessado na eleição geral, como estratégia de política partidária. Sindicalistas combativos, Montoneros, *Juventud Peronista* pretendiam, na verdade, viabilizar, com a oportunidade eleitoral, a tomada do poder, mas como um avanço na luta pelo “socialismo nacional”.

O grupo *Juventud Peronista*, assim se manifesta:

la Asamblea Popular y la Democracia Obrera acompañadas por la solidaridad y la movilización permanente son las bases fundamentales para avanzar en el ejercicio del poder popular. Dieciocho años de resistencia, de triunfos y de fracasos nos han enseñado qué es lo que queremos. (“Organizaciones armadas peronistas ante la coyuntura”, *Militancia*, n.4, 5 de julho de 1973.)

E ainda diz:

Hoy estamos viviendo un momento de enorme trascendencia para la Patria: por lo tanto no vamos a permitir desviaciones de ningún tipo. (*Juventud Peronista, Militancia*, 19 de julho de 1973.)

Os anos anteriores foram anos de agitação extrema. Em 1969, o fenômeno de mobilização social de “El Cordobazo” havia mostrado que era possível reunir estudantes e operários em um único protesto¹⁸. Em 1970, o surgimento do grupo Montoneros, com o seqüestro de um dos primeiros ditadores antiperonistas, o General Aramburu, e o ataque do ERP a uma delegacia de polícia na cidade de Rosario evidenciaram uma surpreendente capacidade organizativa dos grupos clandestinos da esquerda. O saldo do ano, então, foi mobilização popular e organização dos grupos de apoio.

Em 1971, o General Lanusse, como presidente, autorizou as atividades dos partidos políticos na Argentina. Toda a atividade política argentina é, então, permeada pela expectativa do retorno de Perón, contudo não pela qualidade democrática de Perón ou do peronismo, mas porque sinalizava, para a sociedade, uma democracia sem proscricões. Perón recebe a penúltima devolução de pertences que lhe

¹⁸ BRENNAN, James P. *El cordobazo; las guerras obreras en Córdoba: 1955-1976*.

CRONOLOGIA X

1973

- 28 de setembro Fechamento do jornal *El Mundo*, por publicar comunicados do ERP. Perón declara a necessidade de combater o “desviacionismo ideológico” no peronismo.
- 1 de outubro Reunião entre Perón, Lastiri, os governadores e o novo Ministro do Interior, Benito Llambí, sobre o marxismo e a guerrilha. “Operativo Dorrego”: trabalham juntos, soldados e militantes, numa atividade voluntária.
- 2 de outubro O jornal *La Opinión* publica documento secreto sobre a depuração no peronismo.
- 3 de outubro Crise da universidade: demissão de Puiggrós. Reaparece o jornal *El Mundo*.
- 4 de outubro Discurso de Perón na CGE.
- 8 de outubro Atentado contra o Hotel Sheraton: é proibida a homenagem a Che Guevara.
- 9 de outubro Grupos parapoliciais espancam jornalistas e, no dia seguinte, batem em líderes “villeros”. Bombas. É detido Amilcar Herrera.
- 12 de outubro Perón toma posse do cargo de Presidente, recebe o poder e fala por detrás de um vidro. Anúncio da fusão FAR e Montoneros.
- 16 de outubro Ataques da *Jotaperra* (direita).
- 17 de outubro *Meeting da Juventud Peronista* em Córdoba.
- 20 de outubro “Primer Congreso Nacional del Movimiento Villero Peronista”, Universidad Nacional del Litoral de Santa Fe. Reuniu 2500 pessoas. Repetem-se seqüestros, ataques com bombas, mortes à queima-roupa, ações de acertos de contas entre facções e grupos.
- 2 de novembro *Meeting da Juventud Peronista*, no Luna Park, Buenos Aires.
- 3 de novembro Comunicado do grupo Montoneros sobre a “infiltração” da esquerda no peronismo. Intensificação do terror, a partir de então.
- 8 de novembro Perón aprova as medidas do *Consejo Superior Peronista* para reorganizar o Movimento.
- 27 de novembro Ernesto Villanueva é nomeado interventor da UBA, no lugar de Puiggrós.
- 15 de novembro Severa advertência do *Consejo Superior Peronista* a deputados da *Juventud Peronista*.
- 16 de novembro É lançado o 1º número da revista *El Caudillo*.
- 17 de novembro 1º aniversário do “retorno” de Perón.
- Fins de novembro Rumores sobre que a saúde de Perón estaria abalada.
- 7 de dezembro Massera é nomeado chefe da Marinha.

tinham sido brutalmente arrancados. O corpo de Eva é entregue e depositado em um cemitério na Itália. Agora só faltava o povo!

A legalização do peronismo ocorreu em 1972. A *Juventud Peronista* realiza seu primeiro ato público. O partido peronista compra uma residência em Buenos Aires, para que Perón se instale quando de seu retorno; os jornais começam a anunciar, em meio a grande polêmica, a expedição do passaporte argentino de Perón. Em abril, é decretado o fim das causas contra Perón. No período em que esteve exilado, Perón tinha sido indiciado por contrabando e traição à pátria. Em julho, Lanusse fala às forças armadas, declarando: “Perón no será proscrito como candidato”.

Quando do golpe de 1955, a fúria dos opositores se expressara no ataque aos símbolos peronistas. Uma foto, uma bandeira, um caderno da *Doctrina Peronista*, uma garrafa de cidra com a imagem de Perón e Eva estampada no rótulo... transformaram-se em elementos de afronta ao novo poder, uma vez que subvertiam a ordem que se desejava criar. Como disse Diana Quattrocchi-Woisson, em obra que relaciona *a Política e a História* argentina no pensamento social: “Esta fuerte carga simbólica en la relación entre el presente y el pasado nos remite a los problemas que la sociedad argentina seguía sin resolver.”¹⁹

Com o fim da proscricção, os símbolos ressurgiram, como que impulsionados por uma força, semelhante àquela que mantivera, sob sujeição, em todos esses anos o sentimento peronista. Na história argentina sempre foram feitas comparações entre símbolos ideológicos, posto serem eles meios que expressam problemas não resolvidos da

¹⁹ QUATTROCCHI-WOISSON, D. *Los males de las memoria*, p. 49.

sociedade. Ao mesmo tempo em que, nos anos 70, com a abertura democrática, se recupera o espaço da política, o povo ocupa as ruas. Os grupos de esquerda vivem um momento de ascensão. Os próprios militares – como Aramburu e Lanusse –, pensam em ser candidatos. A iconografia histórica se transforma. Enfim, cada coisa busca seu novo lugar. Em agosto de 1972, foram restituídas – à galeria de imagens presidenciais da Casa de Governo –, as estátuas de Perón e Frondizi.

Perón, no final do mesmo ano, volta à Argentina. A visita é rápida, mais para conferir e observar, do que para se instalar definitivamente. Habilmente, chegou tarde para se registrar como candidato. Assim, indica Hector José Cámpora como representante do peronismo. Cámpora era um político peronista bem-visto pelo setor da esquerda.

Tem início, em 1973, a campanha eleitoral. O peronismo compõe a *Frente Justicialista para la Liberación* (FREJULI) e anuncia seu slogan: “Cámpora al gobierno, Perón al poder”. Lanusse e os militares que ainda estavam no governo fizeram críticas permanentes ao peronismo e a Perón. Lanusse pediu ao país que, nas eleições, não votasse pelo “retorno al pasado”, em clara alusão ao peronismo. Contudo, o retorno do peronismo à legalidade política, não foi apenas um retorno ao passado. Muito maior, nesse sentido, foi o retorno ao passado, reeditado pelos militares argentinos em cada uma de suas ditaduras: com seus golpes, sob o comando da oligarquia, não fizeram mais do que tentar, embora sem sucesso, reviver a Argentina oligárquica do início do século. A legalização do peronismo, mais do que conduzir irremediavelmente ao passado, representou, então, o

CRONOLOGIA XI

1973

- 12 de dezembro Demissão de Ortega Peña e Duhalde. Ambos deputados da *Juventud Peronista*.
- 15 de dezembro Discurso de Perón, Encuentro Político, Generación Intermedia.
- 21 de dezembro 1º Conferência de Imprensa de Perón presidente: a violência deve ser desestimulada pacientemente e gradativamente.
- 22 de dezembro “Plan Trienal para la Reconstrucción y la Liberación Nacional”.
- 23 de dezembro Discurso de Perón sobre o Plano.
- 27 de dezembro Perón fala ao alto escalão das Forças Armadas.

1974

- 20 de janeiro Discurso de Perón: “aniquilar el terrorismo”.
- 24 de janeiro Renunciam 8 deputados peronistas e são expulsos do Movimento. Comunicado FAP.
- Inícios de fevereiro Perón convoca reunião com a *Juventud Peronista*. Montoneros, FAP, JTP, PB, JUP, negam-se a participar. Villar e Margaride são nomeados chefes da polícia.
- abril Projeto do “Altar de la Patria”, para depositar o corpo de Eva.
- 8 de abril Encerramento do grupo *Militancia*.
- 19 de abril Discurso de Perón nos cursos de doutrinação do Consejo Superior Peronista.
- 25 de abril Perón dá entrevista à juventude.
- 1 de maio Discursos de ruptura de Perón com a juventude. Congresso, Plaza de Mayo. A juventude se retira.
- 11 de maio Assassinato do Padre Carlos Mujica.
- 12 de maio Villar é nomeado chefe da Polícia.
- junho Documento do CSP: “caça às bruxas”.
- 1 de julho Morte de Perón. Isabel, Presidente (1974-1976).
- julho Encerramento da revista *Militancia*
- 6 de setembro O grupo Montoneros anuncia volta à clandestinidade.

retorno da multidão à cena política, como em 1946. Iniciava-se, nos anos 70, um processo de recuperação da identidade social das camadas mais castigadas da sociedade argentina. Se isso era um retorno, não era senão para reafirmar a identidade argentina dos setores populares. Quanto a isso, os grupos da esquerda peronista tinham se esforçado para adequar essa identidade, apontando o socialismo nacional que, em seu discurso, rotularam como “*trasvasamiento generacional*” do movimento.

Na eleição de março de 1973, a FREJULI se impôs por esmagadora maioria. Nas ruas, festa popular! A massa cantava: “se van, se van, los milicos ya se van”. Ao mesmo tempo, os grupos armados da esquerda peronista e não-peronista, com suas ações, chamavam permanentemente a atenção da sociedade. Bombas, manifestações, greves! Entretanto, a legalização do peronismo e o triunfo eleitoral colocaram a legalidade como um problema para um movimento, acostumado à clandestinidade. A tensão entre legalidade do peronismo e ações armadas dos grupos peronistas permeia e dificulta os anos do governo de Cámpora.

Para aqueles que associavam peronismo com organização do movimento popular, Perón devia seguir a linha libertária: necessidade da classe trabalhadora, semelhante ao projeto político de Cooke para o peronismo. Para os setores “mais oficiais” do peronismo, os que ocupavam cargos na condução partidária ou sindical, era o momento do peronismo se desvencilhar da carga revolucionária e se dedicar à política burguesa. O confronto de classes é absorvido irreversivelmente pelas rédeas do peronismo.

Quem afinal, reinventou a quem? Era esse o momento exato de saber! Não foram poucas a vezes que a esquerda recebeu, da direita peronista, duras acusações: “los que atacam a la llamada “burocracia sindical” no son peronistas [...] son idiotas útiles”. (Entrevista a Adelino Romero, da linha sindical de Rucci, *Extra*, ano IX, n. 101, novembro de 1973.) Não menos contundente era a posição do lado combativo quanto à direita peronista. Assim se colocava: “Siempre existieron los traidores, los que no entendieron que la militancia peronista debe estar al servicio del pueblo y no de su vanidad y de su bolsillo”. (Documento político da JTP, *Militancia*, n. 14, 13 de setembro de 1973.)

Contudo, é a melhor época da esquerda, não só por sua efetiva inserção na massa, como também e pelas possibilidades que, com o governo de Cámpora, pareceram fazer vislumbrar novos horizontes.

Logo após Cámpora assumir a presidência, a esquerda peronista se preocupa especialmente com a liberação dos militantes presos.²⁰ Os Montoneros têm que participar dos quadros do novo governo peronista. Assim, se colocam diante de um novo panorama, caracterizado pela integração a um governo na legalidade. No caso do PRT, a legalidade do governo peronista é um fator mais externo. O grupo declara que não atacará o governo de Cámpora, por considerá-lo popular, mas que continuará com suas ações contra as forças armadas

²⁰ “Por la libertad de los presos políticos” (*Voz Peronista*, n. 5, março de 1973); “Libertad a los patriotas presos” (“Solicitada de Agrupación de Abogados Peronistas”, 7 de abril de 1973); “Por la liberación inmediata de todos los prisioneros del régimen” (*Centro Iberoamericano para la Liberación Nacional*, maio de 1973); “Los presos. La patria”, (panfleto da *Unidad Básica Juan José Valle*, maio de 1973); “Amnistia? Indulto?” (“Solicitada da Coordinadora Peronista por la Libertad de los Presos Políticos”, jornal *La Opinión*, 23 de maio de 1973); “Indulto Presidencial” (*solicitada*, jornal *La Razón*, 24 de maio de 1973).

e as empresas estrangeiras, ambas portadoras dos interesses imperialistas.²¹ A *Juventude Peronista*, através de Rodolfo Galimberti, seu representante e delegado de Perón, propôs, em discurso na *Unión de Estudiantes Secundarios* (UES), que se formassem “milícias populares”, para apoiar o governo, uma vez que o braço armado do Estado não tinha identidade com o governo do povo. A questão causou verdadeira polêmica. Galimberti teve que retratar-se, dizendo que se tratavam de brigadas para trabalhos voluntários.²² Como consequência, Perón o substituiu por Juan Manuel Abal Medina, no cargo de representante da *Juventude Peronista*.

Pouco depois da eleição e do triunfo do peronismo, é veiculada uma declaração da FAR e do grupo Montoneros:

Comienza una nueva etapa en la lucha por la liberación nacional y social de nuestra Patria. Esta nueva etapa que comienza el 25 de mayo es producto de las luchas del Pueblo, encabezadas por su expresión mayoritaria: el Movimiento Peronista, conducido por el General Perón cuyas manifestaciones fueron la resistencia, las huelgas y planes de lucha, los cordobazos y demás alzamientos populares, el permanente accionar de sus organizaciones político-militares. (“Apoyar, defender y controlar”. Comunicado: FAR e Montoneros, 24 de maio de 1973, *El Descamisado*, n. 2, 29 de maio de 1973.)

Nas eleições gerais de 1973, vários integrantes da *Juventud Peronista* foram eleitos como deputados nacionais e provinciais. Na

²¹ Em 23 de setembro de 1973, diante das ações do ERP, o governo o declara “fora da lei” (Decreto n.1454) (*Crónica*, ano XI, Buenos Aires, 25 de setembro de 1973.) Poucos dias depois, a situação para o grupo se complica. O diretor do periódico *Estrella Roja*, é detido. O PRT declara: “ninguna tregua al ejército opresor!” (*Estrella Roja*, n. 25, 21 de setembro de 1973.)

²² BONASSO, Miguel. *La Voluntad; el presidente que no fue; los archivos acultos del peronismo*, p.427 e 428.

oportunidade, a Juventude Peronista publicou uma declaração assinalando seus compromissos, claramente de esquerda, “atendiendo especialmente las propuestas programáticas surgidas del seno de la Clase Trabajadora”. A declaração retoma as propostas do sindicalismo combativo²³ que, como já vimos, são expressão clara da vertente de esquerda dentro do movimento peronista. Todavia, a essas características a declaração da *Juventud Peronista* acrescenta elementos que são mais do peronismo do que da esquerda. Observe-se como, aqui, a esquerda peronista é reinventada nos moldes dos indicadores básicos da ideologia peronista:

para la Juventud Peronista el único tratamiento válido es el de “Compañero” [...] asumimos este compromiso poniendo a disposición del general Perón [...] Esta medida significa un compromiso ante el Pueblo y su Conductor [...] entendemos que esta es la conducta de todo aquel que se sienta un leal soldado del Movimiento Nacional Peronista y de su indiscutido Jefe, el General Perón. (*Juventud Peronista*, declaração, 26 de maio de 1973.)²⁴

A situação política é inteiramente nova para a tradição argentina. O novo *Ministro del Interior*, Esteban Righi, logo após assumir o cargo fez um discurso, dirigido à Polícia Federal. Nele, aponta para a mudança dos tempos. Assim falou: “nuestra terapéutica es reconstruir. No reprimir”; “Cómo vamos a ordenar reprimir al pueblo, si suyo es este Gobierno y en su nombre y por su voluntad actuamos!”; “la policia tendrá nuevas obligaciones y quiero enumerar algunas de ellas.

²³ Tratam-se dos documentos de La Falda (1957), Huerta Grande (1962) e o Programa do 1º de maio de 1968, da *CGT de los Argentinos*, analisados na Seção 4 deste Capítulo.

²⁴ BASCHETTI, R. *Documentos; de Cámpora a la ruptura*, p. 51-53.

CRONOLOGIA XII

1974

outubro

Roubado o cadáver de Aramburu, como forma de exigir a devolução do cadáver de Eva.

17 de novembro

Restituição do cadáver de Eva e, pouco depois, do de Aramburu.

1975

Governo de Isabel Perón. Repressão paraestatal dos grupos de esquerda.

1976

março

Golpe de Estado do General Videla.

Tendrá la obligación de no reprimir los justos reclamos del pueblo.”(Discurso do Ministro Righi à Polícia Federal, *La Nación*, 5 de junho de 1973.)

Isso parece apontar para uma etapa claramente oposta aos anos de repressão. O governo, na tradição dos governos militares e oligárquicos diz coisas inesperadas. Não obstante, todos os setores da sociedade tentam se acomodar à nova situação. A *Unión Industrial Argentina* (UIA), que representa as grandes empresas e a *Sociedade Rural Argentina* (SRA), a representante tradicional da oligarquia, aceitam o pacto social proposto por Cámpora. Em todo caso, juntamente com a linha revolucionária, o peronismo também poderia trazer oportunidades de negócios: caso dos contatos de Perón na Europa e das possibilidades de exportação para China e a URSS.

Em junho, diante da iminência do retorno definitivo de Perón, o peronismo revolucionário se reforça. Os líderes políticos e sindicais viajam a Madri e buscam articular vínculos com Perón, mas a esquerda peronista vive a luta pelo retorno como mais um passo na luta

revolucionária. Toda sua organização se volta para as operações de retorno.

5. Insana Crueldade

Quando Perón retornou ao país, pôs fim à condenação oficial que, durante 18 anos, o proibiu de viver na Argentina e de participar da atividade política. Como se tratavam de governos impostos pela força, a atividade política era praticamente nula, e, quando houve, sempre foi fustigada por golpes militares e por “un aparato represivo de *insana crueldad*”, tal como descreveu Cooke, na época.

[Grifos meus.]

Antes do golpe, o peronismo havia possibilitado – de modo inigualável –, a participação pública dos setores populares. Desde 1955, a classe trabalhadora, que criara uma verdadeira identidade com as palavras, gestos e idéias de Perón, se viu obrigada a recuar para uma posição, incômoda, certamente, por ter que administrar os impulsos populares para, assim, poder conter os choques repressivos.

Os demais componentes sociais do peronismo – empregados públicos, comerciantes, militares do exército, pequenos produtores agrícolas e remanescentes da alta burguesia que, na época, se deram bem com as políticas protecionistas de Perón –, também sentiram, durante todos esses anos, na própria carne, a falta de um condutor que poderia, ser até mesmo tão autoritário quanto Aramburu e Onganía, mas que nunca conseguira ser paternal e, ainda, sedutor e popularmente, tão eficaz quanto Perón.

Quem conseguiu, mediante pressão social e organização clandestina, que Perón retornasse à Argentina na tarde do 20 de junho de 1973 foi, certamente, a juventude que, nessa mesma tarde, no Aeroporto de Ezeiza, na cidade de Buenos Aires, foi atacada de surpresa pelos setores armados da direita peronista. Na verdade, aos peronistas da burocracia sindical e, em geral, aos grupos peronistas de direita, incomodava profundamente a presença daqueles que, declarando-se também peronistas, apontavam para o socialismo e, no dia do retorno de Perón, decidiram amedrontá-los.²⁵ O confronto adquiriu magnitude tal, que Perón acabou descendo em outro local. As acusações entre a direita e a esquerda peronista sobre os incidentes em Ezeiza tomaram conta da cena durante vários meses após a tão desejada volta do líder.

Nos governos militares, a vida pública tinha sido contida pela força, e desqualificada pela invasão de homens de igual aparência e atitude. As novidades oficiais se concentraram em informações sobre a rotina do presidente e dos membros do governo: assistiam à missas comemorativas, se reuniam com “juntas militares” para discutir assuntos de ordem geopolítica, visitavam bases aéreas e marítimas, inauguravam salas de aula em escolas militares...

A classe média, depois do governo de Perón, foi-se adequando, primeiro, pelo medo que impõe a repressão das forças armadas e, depois, pela necessidade urgente de se adaptar aos apertos salariais, demissões, aumentos de preços e controle da arrecadação de vários impostos pelo governo.

²⁵ VERBISTKY, Horacio. *Ezeiza*.

O tigre, que Perón tinha domado nos anos de glória, estava acuado no isolamento da classe trabalhadora, entre as armas da polícia e a distância Madri-Buenos Aires, que separava o líder popular do movimento. Perón, nesses anos, tinha insuflado a reação dos trabalhadores e de todos aqueles que estivessem contra a ditadura. Nos primeiros tempos, políticos peronistas, sindicalistas e colegas militares haviam se movimentado na “Resistência Peronista” a favor de Perón. Eram os fiéis ao movimento ou, os “leais”, como o próprio Perón os chamava. Todavia entre todos eles, foi a geração dos jovens a que, com mais firmeza, seguiu o chamado de Perón. Os jovens, nessa época, dependendo da condição social provinham das fábricas ou das universidades e dos colégios. Trata-se da geração que realmente parecia se incomodar com os governos antiperonistas.

Perón não economizou mensagens incendiárias para atrair essa juventude:

(Refere-se a Che Guevara): su vida, su epopeya, es el ejemplo más puro en que deben mirar nuestros jóvenes, los jóvenes de toda América Latina [...] las revoluciones socialistas se tienen que realizar; que cada uno haga la suya, no importa el sello que tenga; la dictadura que azota a la Patria no há de ceder en su violencia sino ante otra violencia mayor. [...] La hora de los pueblos há llegado y las revoluciones nacionales en Latinoamérica son un hecho irreversible. (“Carta de Perón ao Movimento Peronista, por ocasião da morte de Che Guevara”, Madri, 24 de outubro de 1967.)

E no ano seguinte:

es preciso desgastar al enemigo mediante una lucha [...] hagamos miles de combates en los que todos los días tengamos la posibilidad de inferir una derrota parcial al enemigo (“Perón a su pueblo”, setembro de 1968.)²⁶

²⁶ BASCHETTI, R. Documentos de la resistencia peronista: 1955-1970, p. 295.

Militar e estrategista de profissão, Perón não demorou a difundir suas idéias e promover a organização dos interessados:

la resistencia por todos los medios, en todo momento y lugar, debe ser la norma. [...] La salida violenta es, pues, la única salida. [...] se acabaron las contemplaciones. Hay que comenzar la guerra integral por todos los médios, en todo lugar y en todo momento [...] los jóvenes deben poner el impulso. (“Carta de Perón aos *compañeros peronistas*”, Caracas, outubro de 1957.)²⁷

Em 1964, dezenmbro, tenta uma cartada decisiva:

comienza la etapa de luchar disciplinadamente (“Carta de Perón aos *compañeros peronistas*”, Rio de Janeiro, 2 de dezembro de 1964.)²⁸

É verdade que, não foi a aberta por Perón, a única via que impulsionou o sentimento de rebeldia da juventude. A situação internacional imprimia, na quase totalidade das análises, o discurso da oposição entre capitalismo e comunismo da “guerra fria”. Não foi diferente na Argentina. Nos anos 60 e 70, a maior parte das reflexões sobre a falta de democracia estava relacionada à idéia da mesma ser uma das peças necessárias à articulação do mecanismo imperialista. A polêmica opção pelo sistema social acabou tingindo as posições sobre a democracia, ou melhor, sobre a sua falta.

Nesse sentido, o grito de resistência contra os governos militares ficou diretamente associado à luta contra um inimigo bem mais complexo, dada sua magnitude e abstração: o imperialismo internacional.

²⁷ Idem, op. cit., p. 70.

²⁸ Idem, op. cit., p. 197.

Nesse contexto, afinal, qual foi o lugar do peronismo? Os jovens melhor informados, desde os anos 60 tomaram contato com as idéias de Marx, Lenin, Mao e Trotsky. Assim, falar em contradição, exploração, proletariado, imperialismo fez parte da cartilha corrente dos fervorosos debatedores, sempre atentos aos ouvidos controladores da polícia federal.

Perón, a seu lado, frente a comunismo e capitalismo, sempre falou de uma “Tercera Posición”, posição essa que podia ser, tranqüilamente, articulada ao marxismo, ao nacionalismo ou ao humanismo terceiromundista:

(hay) Una verdadera conspiración internacional dirigida y orquestada por los imperialismo dominantes. (“Carta de Perón aos *compañeros peronistas*”, Rio de Janeiro, 2 de dezembro de 1964.)

Em 1965, nova carta enfatiza essa posição:

es imposible la coexistencia pacífica entre clases oprimida y opresora (“Carta de Perón à *Juventud Peronista*”, outubro de 1965.)²⁹ [Parênteses meus.]

Assim, Perón, muito mais do que abrir um caminho para que a população manifestasse sua reação, abriu todos os campos possíveis de significação da *Doctrina Peronista* para, com isso, facilitar a integração do peronismo (e, no limite dele mesmo) em toda a tendência nacional e internacional de oposição ao regime. Desde 1955, foi a única estratégia de Perón que se manteve sólida com o passar do tempo, assim como o objetivo que a impulsionou: a sobrevivência.

²⁹ Idem, op. cit., p. 223.

Quando Perón voltou à Argentina, apesar das trapalhadas dos setores da direita peronista na festa da tarde do 20 de junho de 73, defrontou-se com um problema: os grupos peronistas de esquerda, em grande maioria compostos por jovens, estavam muito bem organizados, uma vez que a organização, mais do que as idéias, tinham permitido resistir e conquistar a meta do “retorno” do líder máximo.

Perón viu que seu retorno fazia parte, nos planos desses grupos, de um projeto bem maior, que o envolvia no objetivo de transformação da sociedade argentina em socialista. E isso, por sua vez, num movimento que se estenderia à toda a América Latina. Assim, Perón pode intuir que o sonho de Cooke, em parte, se tornara real: o movimento se organizara.

Nos anos 50, no seu “Informe e Plan de Acción”, depois do voto em branco, Cooke, preocupado com o personalismo de Perón na condução do movimento, era de opinião que o peronismo devia criar uma *organização* capaz de superar as limitações das circunstâncias. Perón concordara. Chegando à Argentina em 73, Perón, diante do tumulto que o esperava, teve, no mínimo, a chance de perceber o peso de sua resposta a Cooke, naquela ocasião: “comparto en absoluto sus ideas y sus soluciones”. Talvez, se já não o tinha feito em Madri, Perón pôde ter pensado, na tarde de junho de 73, que se novamente recuperasse o poder na Argentina, seria uma *“insana crueldade”* espoliar as gerações que tinham conseguido sua volta.

6. A teoria do cerco: os mecanismos da negação

Os anos 70 se iniciaram com um verdadeiro avanço das forças combativas. os Montoneros, com o seqüestro de Aramburu, se lançavam publicamente: o ERP, braço armado do PRT, realiza, então, sua primeira ação armada, ocupando uma sede da polícia, em Rosario, província de Santa Fé. A *Juventud Peronista*, praticamente uma extensão do grupo Montoneros, e os sindicatos combativos fizeram emergir a linha revolucionária do movimento peronista, com uma capacidade diferenciada de organização. Perón, freqüentemente, exortou-os a que se organizassem – tanto quando esteve no exílio como quando no governo –, inclusive nos momentos mais rípidos de sua relação com a juventude.

Em 1972, manifestações, congressos, atentados armados, também o lançamento bombas, foram orquestrados pela *Juventud Peronista*. Uma tumultuada comemoração foi realizada em William Morris, periferia de Buenos Aires, para lembrar a morte, nessa localidade, dos líderes Fernando Abal Medina e Gustavo Ramus. As ações da esquerda vêm sempre acompanhadas de recados, assaltos a supermercados, para repartir as mercadorias em bairros pobres são realizados; é ateado fogo em um seletto clube de campo de Buenos Aires; o Hotel Sheraton é ameaçado de ser transformado em hospital infantil. Os militantes da esquerda, a seu lado, sofrem as baixas, provocadas no massacre de Trelew, na fuga da Penitenciária de Rawson, nas perseguições da polícia, nas detenções de jornalistas e intelectuais. Silvio Frondizi, irmão do Frondizi presidente, em 1958, era um intelectual militante de esquerda, que teve sua revista, *Nuevo*

Hombre, proibida, tendo ele sido detido e, mais tarde, morto. Casiana Ahumada, diretora de *Cristianismo y Revolución*, outra das mais importantes revistas de esquerda da época, foi levada à justiça diante das opiniões da revista.

A literatura panfletária se multiplica. Saiu, em maio de 73, o primeiro número de *El Descamisado*; em junho, *Militancia* e *Ya*, todas do peronismo revolucionário. No ano seguinte, foi retomada a edição da revista *De Frente*, que durante 1954-55 Cooke dirigira.

O governo de Cámpora começou anunciando uma série de medidas, típicas da esquerda nacional: nacionalização de bancos; imposto à renda potencial da terra; cancelamento dos acordos entre a *Universidad de Buenos Aires* e a Fundação Ford; rompimento de contratos com artistas estrangeiros, por ação do Teatro Colón, de Buenos Aires, bastião da oligarquia portenha. O governo ordena, ainda, ao Ministério da Educação e Cultura que proíba qualquer compra de patrimônio cultural da Argentina por parte de estrangeiros. E – sintoma revelador da época –, não houve desfile das forças armadas nos atos comemorativos à *Independencia*, em 9 de julho de 73.

Novos tempos? Sim! Porém, efêmeros! Uma vez da assunção de Cámpora, aparecem os indícios dos conflitos internos do peronismo. A luta entre esquerda e direita evidencia os traços de uma ruptura entre Perón e o peronismo revolucionário. Como a relação entre esquerda peronista e massa depende, em boa medida, da inserção tradicional peronista nos setores populares, essa relação (entre os grupos militantes e os setores populares) teve Perón como referência. Se Perón e povo formam uma unidade, a esquerda peronista, rompendo com Perón, rompia também com o povo? Vejamos, então, como a

ruptura entre os grupos da esquerda peronista e Perón afetou a inserção popular da esquerda peronista, conquistada até o momento.

O “retorno” foi o grande desafio da juventude militante: “llegamos a la conclusión de que la única forma de traerlo a Perón era por la revolución”. [Envar El Kadri, PB e FAP, filme *Cazadores de Utopias*, 1985]. Perón havia dado apoio efusivo aos militantes mas, nem por isso, deixou de articular uma aliança política com vários partidos, perspectivando a hora da legalidade. Tal aliança recebeu o nome de *Gran Acuerdo Nacional*.

Quando do retorno de Perón, uma delegação oficial do peronismo foi buscá-lo. O avião saiu de Roma. Perón e os acompanhantes: artistas, esportistas, políticos, militares e apenas dois jovens da *Juventud Peronista*, mais pareciam uma comissão oficial do governo do que os representantes de um movimento social, proscrito por 18 anos. Enquanto isso, os combativos haviam articulado grandes frentes que se dirigiam pelas ruas de Buenos Aires até o aeroporto onde Perón chegaria. Assim se manifestaram eles:

esse símbolo [...] que fue nuestro primer signo de resistencia y nuestra principal bandera de lucha, se há hecho realidad. [...] El 20 de junio nuestro mejor golpe al enemigo es ganar la calle e imponer nuestra fiesta. (“La vuelta de Perón”, Montoneros.)³⁰

O país inteiro parou para viver este evento. O General Osinde, responsável pelos incidentes no aeroporto de Ezeiza junto com setores da direita peronista se anteciparam, ganhando com as armas o espaço

³⁰ Idem, *Documento: 1973-1976; de Cámpora a la ruptura*, op. cit., p.89 e 90.

reservado para o povo. O dia se converteu em uma tragédia. Estava lançado o primeiro sinal evidente das preferências de Perón quanto a presença da esquerda no peronismo.

Na tarde do retorno, Perón, devido ao enfrentamento, teve que mudar o itinerário previsto (que incluía discurso público no aeroporto) e acabou fazendo um discurso por rádio e TV. Na verdade, com esse discurso, declarou aberta a fase do peronismo oficial. “Es preciso volver [...] De la casa al trabajo y del trabajo a casa. [...] Hay que volver al orden legal y constitucional.” (*La Nación*, 22 de junho de 1973). Logo vieram mais sinais nesse sentido. Os jornais começaram a comentar uma possível indisposição entre Cámpora e Perón e que o Ministro Righi, o mesmo que mandou que a polícia respeitasse o povo, seria demitido. Perón, já na Argentina, prometeu uma revolução pacífica: mais da estrutura produtiva que da sociedade.

Em 13 de julho do mesmo ano, Cámpora teve que deixar a presidência. O fez com o argumento de que isso possibilitaria uma nova eleição, desta vez, com Perón. Vários setores da esquerda, que haviam aderido ao retorno de Perón e declarado seu apoio ao governo de Cámpora, quando da demissão não tardaram a denunciar o clima de golpe.³¹ A juventude do peronismo revolucionário, incomodada com a saída de Cámpora, passou a investir em novas críticas à burocracia

³¹ J.Posadas, do Partido Socialista, publicou um extenso documento, no qual interpreta o acontecimento como tendo sido um duro golpe contra-revolucionário da direita peronista: Le demissioni di Cámpora e il fallimento del tentativo controrevolucionario della Cia e della destra peronista, *Edizioni Rivista Marxista Europea*, 14 de julho de 1973. Raúl Alfonsín, da UCR, descreve a renúncia de Cámpora como “golpe da direita”. Intelectuais, como J.C.Portantiero, coincidem neste ponto: a renúncia de Cámpora é um golpe ao mais alto grau da inserção revolucionária no movimento peronista (*Marcha*, Montevideú, 1973.)

sindical que rodeava Perón. Contudo, Perón só foi receber esses jovens um mês depois de chegado à Argentina.

O Presidente da Cámara dos Deputados, Raúl Lastiri, genro de José López Rega, secretário particular de Perón foi quem assumiu o governo provisoriamente depois de Cámpora. Lopez Rega funcionava como principal elo com os setores burocráticos da direita peronista. Lastiri, no poder, começou a criticar a guerrilha. Perón, então, disse à juventude que o intermediário entre ele e a *Juventud Peronista* seria López Rega. Justamente ele, que era um dos maiores opositores da juventude peronista. Os líderes do peronismo revolucionário tinham tido a oportunidade de conhecer López Rega em Madri.

Conta Eloy Martinez que, um dia em que um grupo de jovens saia da casa de Perón, na Espanha, Lopes Rega comentou sobre seu desprezo pela esquerda! Naquele momento os jovens não deram importância³²

Perón, já na fase de legalidade, reorganiza o *Consejo Superior Peronista*, desta vez com Rucci, Martiarena e Yesse. Todos da direita. Aproveita para retomar aspectos do discurso oficial do peronismo, inaceitáveis para a esquerda peronista. Disse, por exemplo, que deveria se criar confiança no capital estrangeiro.³³ Enquanto isso, as publicações da esquerda peronista denunciam López Rega e o entorno de sindicalistas burocratas.³⁴

³² ELOY MARTINEZ, Tomás. Op. cit.

³³ GRAHAM-YOOLL, Andrew (comp.) *Tiempo de Violencia; cronología del "Gran Acuerdo Nacional*.

³⁴ "Que quiere el Consejo Superior Peronista?" (*El Descamisado*, ano I, n. 24, 30 de outubro de 1973.); "La ofensiva de la derecha" (*Militancia*, ano I, n. 17, 4 de outubro de 1973.)

A fórmula para as eleições gerais foi, então, Perón-Isabel. A burocracia garantiu, aí, seu lugar. Quando encerrou a campanha eleitoral, Perón disse à esquerda peronista:

es preciso también que la juventud se persuada de que la lucha activa há terminado [...] Las manifestaciones tumultuosas, como los reclamos violentos, no suelen ser el mejor camino. (Mensagem por rádio e TV, de 21 de setembro de 1973.)³⁵

As forças revolucionárias, contudo, não pararam de se mobilizar e de insistir na sua postura ideológica. No mês de agosto de 1973, em Córdoba, a *Juventud Trabajadora Peronista* realizou um encontro nacional, declarando que “Los trabajadores peronistas, conducidos por el General Perón, fuimos elaborando el proyecto del Socialismo Nacional.” (*El Descamisado*, n.17, 11 de set. de 1973); e, ainda: “Porque esta consigna no fue un invento de un grupo de estudiantes que vinieron a luchar dentro del Peronismo. Es el producto de 18 años de lucha!” (Envar El Kadri, discurso em *meeting* do *Peronismo de Base*, 15 de setembro de 1973, *Militancia*, n.15, 20 de setembro de 1973); e, reforçando seus objetivos insistiram que: “Solamente habrá justicia cuando se destruya el sistema capitalista” (*Juventud Trabajadora Peronista*, *Militancia*, n.14, 13 de setembro de 1973.)

A população, vivencia, com diferentes perspectivas, a experiência de um fenômeno de mobilização social. O estado geral ultrapassa as fronteiras dos próprios militantes. Compõem o quadro mais amplo: manifestações para a liberação de presos políticos, enterros de militantes abatidos; manifestações em repúdio ao golpe

³⁵ PAVÓN PERÉYRA, nome. Colóquios com Perón, p. 176.

chileno que derrubou Salvador Allende; nos bairros populares, protestos de vizinhos; protestos de estudantes secundaristas e universitários, etc. A organização de líderes “villeros”³⁶ no *Movimiento de Villeros Peronistas*, uma das linhas de inserção Montoneros nos setores populares, possibilitou uma verdadeira manifestação de setores sociais urbanos marginalizados, com representantes e discursos colados à esquerda peronista.

Frente às afrontas contra-revolucionárias – que também surgiam do próprio peronismo –, a esquerda peronista teve que administrar os choques com Perón, para assim não arriscar seu vínculo com os setores populares. Desde o retorno de Perón, foi obrigada a absorver os fatos da realidade e a reinterpretá-los de forma a dar continuidade e estabilidade à sua organização. Diante das contradições com Perón, fez-se necessário manter a estabilidade do quadro ideológico da esquerda peronista. Assim, em geral, as críticas e denúncias da esquerda peronista, não poucas diga-se de passagem, se dirigiram muito mais aos personagens da burocracia sindical peronista do que a Perón.

Houve, nessas horas, uma retomada dos enunciados revisionistas, à maneira como, anos antes, tais idéias foram retomadas

³⁶ Líderes de bairros pobres e de assentamentos urbanos equivalentes às favelas, proporcionalmente a população argentina, correspondem a um terço da brasileira. Os assentamentos urbanos na periferia das grandes cidades (especialmente Buenos Aires, que era o pólo de atração dos fluxos migratórios internos) foram aumentando, em quantidade de habitantes e áreas ocupadas, à medida que as políticas públicas de moradia e urbanização não deram conta desse crescimento. As “villas”, então, se tornaram foco freqüente da repressão policial, com invasões de grupos armados que declaravam ser da polícia, expulsões e detenções. Nos anos 70, os Montoneros iniciaram a organização de líderes “villeros” por bairros, que começaram a contestar, com discursos e manifestações, o tratamento que recebiam por parte do Estado. Em agosto de 1973, quatro mil pessoas assistiram a uma concentração do *Movimiento de Villeros Peronistas*, em Buenos Aires, que contou com o apoio de 450 “villas” de todo o país. *El descamisado*, n. 24, 30 de outubro de 1973 e n. 34, 12 de março de 1974 e GILLESPIE, R. *Op. cit.*, p. 70, *passim*.

para dar continuidade histórica a um movimento composto basicamente por jovens: “de même que San Martín et Bolívar [...] nous aussi devons nous unir dans tout le continent pour nous libérer du joug yankee”³⁷ (Mononeros, “Front de guérillas”, *Bolletín Tricontinental*, v.6, n.59, fevereiro de 1971.) Veja-se esta homenagem a um dos líderes da *Juventud Peronista*:

(Refere-se a Fernando Abal Medina, líder da *Juventud Peronista*, morto pela polícia.) Su formación nacionalista le había permitido la comprensión del pasado argentino y el rescate de una línea histórica de resistencia nacional representada por las montoneras del siglo XIX. (“El mandato político de F.A.Medina”, *Militancia*, n.13, 6 de setembro de 1973.) [Parêntes meus.]

E, num documento para o Congresso Nacional:

Vemos en las luchas montoneras del siglo pasado, la encarnación de la conciencia antiimperialista de nuestro pueblo. La lucha de 30 años de la masa peronista representa la continuidad histórica de aquella misma conciencia. (“Documento para el Congreso Nacional”, Montoneros, 1975.)³⁸

Nesses conturbados anos, o governo peronista, passou a produzir a cada dia novas evidências que contradiziam o plano discursivo da esquerda peronista. Afinal, não era Perón o líder indiscutível da revolução popular? Diante da evidência das limitações burguesas do peronismo e da possibilidade de Perón acabar conduzindo (na verdade, desviando) o movimento para os interesses da direita – o que não era novidade no meio militante pois, afinal,

³⁷ “Igualmente que San Martín e Bolívar nós também devemos nos unirmos em todo o continente para nos liberarmos da pressão yanqui.”

³⁸ BASCHETTI, R. *Documentos, 1973-1976, op. cit.*, v. 2, p. 352.

desde os anos 60 isso tinha sido advertido pelo PRT –, foi tecida uma complicada justificativa montonera, sob o nome: “teoria do cerco”.

A teoria justificava o comportamento de Perón, a partir de uma análise da conjuntura política argentina e da situação latino-americana. Segundo os dirigentes montoneros, Perón discriminava, no seu pensamento político, um projeto ideológico (que era nada menos que a liberação do imperialismo num processo que envolvia a América Latina) de uma estratégia conjuntural. Isso se dava devido a que a conjuntura internacional desses anos, ao contrário de favorecer os movimentos revolucionários na América Latina, os obstaculizava. A maioria dos países latino-americanos estava sob ditaduras militares. O Brasil, por exemplo, em função de seu governo, na época era chamado, pelos militantes de Montoneros, de “satélite subimperialista”. Segundo a esquerda peronista, Perón tentava uma estratégia de concessões para garantir a democracia.

A partir do retorno de Perón e do conflito em Ezeiza, de 20 de junho de 1973, a esquerda peronista começou a utilizar a “teoria do cerco” nas suas interpretações-denúncia dos fatos políticos. Assim,

Quisieron evitar este reencuentro porque así conservan *el cerco* que han tendido alrededor de nuestro líder. (“Ante la masacre de Ezeiza”, Solicitada de FAR e Montoneros, *Clarín*, 26 de junho de 1973.) [Grifo meu.]

Desta forma se dá a Perón o lugar da sujeição:

desde el 12 de marzo en adelante se lanza una ofensiva a todo nivel: en *el cerco* al General Perón. (*Militancia*, FAP, 16 de agosto de 1973) [Grifo meu.]

E, mais explicitamente, se anuncia:

En medio de los tráfugas y explotadores, el General Perón no puede llevar adelante la política antiimperialista que viene impulsando desde 1945. (“A la clase obrera y el pueblo peronista”, FAP, *Militancia*, n. 13, 6 de setembro de 1973.)

Como Eva Perón é referência ideológica da esquerda peronista, vendo que Perón aparecia quase permanentemente reforçando suas relações com os antigos políticos burgueses, com os líderes sindicais burocratas e, até mesmo, com os militares, a esquerda peronista fez emergir as palavras proféticas de Eva aos trabalhadores: “solo les pido: cuiden al General, no lo dejen sólo porque la traición anida en la sombra.” (*Militancia*, Comunicado das FAP, 19 de julho de 1973.)

Em 22 de agosto de 1973, a *Juventud Peronista* reuniu 50 mil simpatizantes num campo de futebol. O ato homenageava os militantes mortos no massacre de Trelew, no qual foram fuzilados militantes quando tentavam fugir da prisão.³⁹ O líder montonero, Mario Firmenich, fez seu discurso reivindicando a luta revolucionária. Na capa da revista montonera *Ya*, Firmenich aparece reproduzindo um gesto típico de Perón: abrindo os braços em sinal de unidade com o povo [*Ya*, ano I, n.10, 30 de agosto de 1973.] “Estamos viendo continuamente, lo leemos en todos los diarios, cómo nos van cercando.” (Discurso de Firmenich, *Militancia*, n.12, 30 de agosto de 1973) [Grifo

³⁹ Em 22 de outubro de 1972, 22 militantes da esquerda (em sua maioria do PRT) se encontravam presos em uma base militar, localizada em Trelew, no sul da Argentina. Seis deles conseguiram fugir, seqüestrando um avião. Usaram um artifício: fingiram estar com uma arma debaixo da roupa. Os outros 16 militantes que ficaram foram fuzilados quando da fuga. O fato ficou conhecido como o “Masacre de Trelew”.

meu.] Ao mesmo tempo, junto à teoria do cerco, o discurso de Firmenich retoma uma proposta que Perón sempre cobrara da juventude:

El General ha señalado que se acerca el momento de la institucionalización del Movimiento. Esto tiene que ser uno de nuestros objetivos; a través de la afiliación masiva tenemos la certeza de derrotar a la burocracia. Desde mañana tenemos que empezar a afiliar. (*Ibidem*)

Firmenich, como condutor do grupo Montoneros, sabia que não era o momento de apontar rupturas com Perón e de arriscar novos divórcios com os setores populares. Não obstante, vai além, aportando as condições para pensar que não era Perón quem reforçava a direita peronista. Portanto, para Firmenich, chegara o momento de – a quem questionava a esquerda peronista como sendo de “infiltrados” no peronismo –, responder com uma lista de filiados do peronismo revolucionário.

Poderiam, idéias e comportamentos radicais, combinar com a institucionalização do movimento? Vários setores de Montoneros discordaram da proposta subjacente a essa pergunta.⁴⁰ Algumas declarações atestam o fato:

⁴⁰ Por exemplo, o documento “Análisis Conjuntural” da *Agrupación Lealtad y Soberanía do Peronismo Revolucionário* diz: “pensamos que es falso creer que lograremos el desplazamiento de la burocracia si logramos afiliar a 2.000.000 de compañeros en la campaña de democratización e institucionalización del movimiento” (*Militancia*, n. 20, 25 de outubro de 1973.) Dois advogados do peronismo de esquerda, Ortega Peña e Eduardo Duhalde, responsáveis pela revista *Militancia* e figuras que sempre desenvolveram importante papel, denunciando a repressão de militantes e realizando a defesa para liberação dos presos políticos, declararam: “Las bases, como Evita, no hacen ni deben hacer concesiones. En la firmeza del pueblo está la fuerza del General Perón.” (“Hablemos claro”, *Militancia*, n. 23, 15 de novembro de 1973.) Veja-se, também, a declaração a seguir, da *Juventud Peronista de la Unidad Básica Ramus-Abal Medina*: “nos permitimos desconfiar, como desconfía la clase obrera y el pueblo”. (“Circular 25”, *Militancia*, n. 24, 22 de novembro de 1973). Também, “Usted nos felicitó, se acuerda General?” (“Pucha que me estoy

(Perón deve convocar) a las organizaciones de bases sin examinarlas si están o no afiliadas al Peronismo de Base. (*Congreso Nacional del Peronismo de Base*, discurso de Ongaro, Córdoba, outubro de 1973, *Militancia*, n. 22, 8 de novembro de 1973.) [Parênteses meus.]

E ainda:

Hoy, nosotros, los trabajadores y el Pueblo peronista [...] nos sentimos desconcertados y con una angustia en nuestros corazones [...]. El ejército que nos subyugó con una tremenda dictadura es hoy elogiado por Lastiri y López Rega [...]. Usted que inició en 1945 los caminos de la Liberación tiene que tener el honor de completar su obra, construyendo la Patria Socialista. (“Al Teniente General J.D.Perón”, *Montoneros Columna J. Sabino Navarro y otros*, setembro de 1973.)⁴¹

Quanto mais se diferenciam de Perón os setores combativos, Firmenich insiste na idéia da filiação, como recontagem dos militantes. Mas, isto incomoda no interior dos Montoneros. Assim, parecia que se contestava uma burocracia, com outra. O paradoxo entre o objetivo da filiação, defendido pelo líder montonero Firmenich, e a razão da luta armada, que também era cogitada como saída para a esquerda peronista, convive no interior da mesma estratégia, inclusive depois do

volviedo viejo, mi General”, *Militancia*, n. 28, 20 de dezembro de 1973); “somos parte de la historia viva del peronismo, y de esa historia, nada ni nadie podrá desplazarnos” (*Frente Revolucionario Peronista*, “Acta de Unificación”, Córdoba, *Militancia*, n. 29, 27 de dezembro de 1973.) “Ayer juventud maravillosa, hoy infiltrados” (Panfleto da *Juventud Peronista*, Regional I, dezembro de 1973, In: BASCHETTI, *Documentos: 1973-1976; de la ruptura al golpe*, op. cit.). Podemos observar que, dentro do movimento revolucionário, as coincidências já não são tantas. O *Peronismo de Base*, por exemplo, é bem mais crítico que o dos Montoneros em geral. “El general Perón no há escuchado el reclamo de los trabajadores [...], la fe fue uno de nuestros errores más grandes” (“Conforme los burgueses”, *De Frente*, ano I, n.1, 2 de maio de 1974.) “han pasado a autodenominarse “peronistas” esa rara mezcla de patrones y de estancias; de patrones de fábricas, de patrones de sindicatos y de patrones del trabajo ajeno” (Ongaro, discurso no *Congreso del PB*, outubro de 1973.)

⁴¹ BASCHETTI, R. *Op.cit.*, p. 182-185.

retorno dos Montoneros à clandestinidade, em 6 de setembro de 1974.⁴²

É verdade que a reversão do tradicional divórcio da esquerda com as massas, pelo menos para a esquerda peronista, passava pela aceitação do peronismo e de Perón. Rejeitar Perón, nesse sentido, poderia reproduzir tal divórcio. Entretanto, a saída discursiva de Firmenich, na tentativa de manter coeso o quadro ideológico, acabou por afastar pensamento de realidade.

Quem critica sabe que se arrisca a provocar rupturas. Por isso, o recurso à teoria do cerco. Presumia-se que Perón, contrariamente a sua vontade, tinha sido encurralado pelos setores burocráticos. Segundo a esquerda peronista, foi levantado “um cerco” que isolou Perón dos setores revolucionários. Os agentes do imperialismo (no caso, López Rega e companhia) desvirtuam, assim, os reais interesses de Perón. Diante das implicações lógicas da realidade, o mecanismo de defesa da postura montonera favorece a abstração do seu discurso. Longe da realidade, o discurso da esquerda peronista salta para a metáfora: “Somos el hijo legítimo del movimiento”; “a menos que

⁴² De fato, dentro dos Montoneros já existiam grupos armados, porém os anos do governo peronista colocavam, obrigatoriamente, a juventude na legalidade. As tensões foram dirimidas com a decisão de voltar à clandestinidade, em setembro de 1974. Todavia, depois da morte de Perón e do posterior Golpe de Estado, em março de 1976, que derrubou o governo peronista (com Isabel na presidência), os Montoneros continuaram a produzir documentos, através dos dirigentes que passaram para o exílio. Nessa nova situação, ainda se mantêm as diferenças dentro do grupo, relativamente a filiação de militantes. Firmenich, no exílio, passou a difundir a idéia de formar o *Partido Montonero Auténtico* (“Le mouvement péroniste montonero dans la resistance”, *Montonero*, n.13, Paris, outubro de 1976). Outro grupo, também montonero, disse: “En todo este período, la recién formada conducción de la organización no acierta a entender lo que ocurre [...] la ignorancia y la baja calidad política de los cuadros que se iban ubicando en la cúspide de la pirámide, era el precio que el grupo de Firmenich pagaba por conservar su hegemonía.” (“Reflexiones para la construcción de una alternativa peronista montonera auténtica”, 1º de junho de 1979, Amsterdã.)

Perón se vendiera cosa que es imposible” (Firmenich, “Charla de la Conducción Nacional ante las agrupaciones de los frentes”, 1973)⁴³; “la salud de Perón es la salud del pueblo.” (Dardo Cabo, *Peronismo de Base, El Descamisado*, ano I, n.28, 27 de novembro de 1973.)

A situação em causa reforçou a oposição entre revolucionários e burocratas. Como eram os burocratas os que afastavam Perón do verdadeiro sentido do movimento popular, os grupos armados decidiram, então, depurar o movimento. Rucci, Secretário Geral da CGT, foi morto em um atentado na frente de sua residência. A luta cobra de si mesma suas vítimas.⁴⁴ Tanto morre um motorista de ônibus militante, quanto um executivo de empresa estrangeira. Quando os presos por atentados são liberados, pessoas, na porta da prisão, assistem e cantam: “provincia Eva Perón, provincia peronista para la liberación”. No caso daqueles que, com menos sorte, morriam em enfrentamentos com a polícia ou com os grupos de extermínio que o próprio López Rega comandava, os enterros eram muitíssimo concorridos. Em tais ocasiões o povo cantava: “este es el homenaje de tu pueblo montonero”.

⁴³ BASCHETTI, R. *Op. cit.*, p. 267.

⁴⁴ Ocorreram – entre 1973 e 1976, –, 8509 ações armadas. Aproximadamente 50 % delas foram produzidas pelos grupos armados da esquerda revolucionária, os outros 50%, pelos grupos da direita (esquadrões clandestinos anti-subversivos, polícia e exército). MARIN, J.C. *Los Hechos armados, un ejercicio posible* (1984). Esse estudo, com algumas variações, foi editado em diferentes publicações: “Acerca de la relación de poder-saber y la relación saber-poder”, *Cuadernos CISCO*, n. 34, Buenos Aires, 1978, “Argentina 1973-76”, *Serie de Avances de Investigaciones, Cuadernos*, n. 42, 1979, UNAM, México; “La Guerra Civil en la Argentina”, *Cuadernos Políticos*, Ed. Era, n. 22, México; “Argentine 1973-76: armed events and democracy”, *Laru Working Papper*, n. 28, Toronto, 1980.

Perón, depois de legalizado, passou a desenvolver um processo de afastamento das posições da esquerda peronista, começando por criticar a violência. No seu discurso aos governadores, antes de sua eleição como presidente, foi claro: “no admitimos la guerrilla.” (*La Nación*, 3 de agosto de 1973.) Em setembro do mesmo ano, Perón convocou os diferentes grupos da *Juventud Peronista* para uma reunião. Foi, no geral, uma reunião sem conflito. Firmenich tentava apresentar cada grupo e, Perón, insistia na organização. A tônica da reunião foi muito mais de aceitação do que de questionamento às atitudes de Perón. Todos reverenciaram o líder. Perón apontou a diversidade de grupos, aproveitando, em função da mesma, para retomar o tema da organização. Assim se expressou ele:

yo (Perón) sé que ustedes desprecian mucha gente de nuestro Movimiento [...] no son despreciables. Es gente que ha cumplido una misión y ha cumplido una finalidad [...] Creo que si se reúnen todos, se van a poner de acuerdo y de allí saldrá una organización [...] Las masas no valen por su número [...] valen por la clase de dirigentes que tienen al frente [...] (Juventud Peronista) organizados, podrán discutir las decisiones, y ganarlas, algunas veces. (*Trinchera*, setembro de 1973.) [Parênteses meus.]⁴⁵

Ainda em setembro de 1973, o assassinato de Rucci, Secretário Geral da CGT e principal representante da burocracia peronista, acabou por fragilizar, ainda mais, o já restrito diálogo entre Perón e os grupos da esquerda peronista. Em consequência disso, o Congresso Nacional passou a discutir a aplicação de uma lei rigorosa de repressão aos atentados armados. Os deputados representantes da *Juventud*

⁴⁵ Também em PAVON PEREIRA, *op. cit.*, p. 141-172.

Peronista, se opuseram. Perón reuniu-se com eles, só que, agora, foi duro e distante. (*Las Bases*, n. 79, 29 de janeiro de 1974). Sem o apoio de Perón, os deputados da *Juventud Peronista*, renunciaram, comentando: “de esta forma somos leales a las enseñanzas del conductor.” (*El Descamisado*, n. 37, 24 de janeiro de 1974). Foram expulsos do partido!

Perón começou então a promover, pública e oficialmente, a “depuración del movimiento peronista”, com o que a direita peronista concordou plenamente.⁴⁶ À *Juventud Peronista de la República Argentina*, um pequeno grupo da direita apoiado por López Rega, Perón disse, aludindo à juventude da esquerda peronista:

Para mi, la falta de organización que se ha hecho en la juventud está, precisamente, en los dirigentes [...]. Antes tenemos que delucidar este asunto: somos o no somos justicialistas? [...] liberamos de qué, si todo lo tenemos hipotecado? (*La Opinión*, 8 de fevereiro de 1974.)

No final de 1973, a condução montonera, sobrepassada frente aos sinais de ruptura com Perón, abandonou a “teoria do cerco”. Primeiramente, apelou-se para reflexão:

debemos hacer una autocrítica [...] el pensamiento que hemos desarrollado es un poco mágico [...] hemos hecho nuestro próprio Perón. (“Charla de la Conducción Nacional ante las agrupaciones de los frentes”, 1973.)

Entretanto, em 1º de maio de 1974, Perón estava decidido a romper com os jovens da esquerda. Já não mais os chamava de jovens. Diz, agora, que são “formações especiais”, que nada têm a ver com o

⁴⁶ Em outubro de 1973, o *Consejo Superior Peronista* lançou um documento reservado, no qual exigia a purificação do movimento peronista. O documento foi considerado pela esquerda como sendo uma declaração que dava início à “caça as bruxas”. Dizia: “Los grupos o sectores que en cada lugar actúan invocando adhesión al Peronismo y al general Perón, deberán definirse públicamente en esta situación de guerra contra los grupos marxistas.” (*La Opinión*, 2 de outubro de 1973.)

peronismo. A praça estava repleta de grupos; cartazes montoneros a atravessam. A tensão invade o país. Perón, da famosa sacada da Casa Rosada, se dirige a multidão. Eva outrora, estaria na mesma sacada, avivando o espírito dos descamisados. Agora Perón, sozinho fala atrás de um espesso vidro. Protege-se, assim como fazem os montoneros com a sua teoria do cerco. Discursos e vidros, contudo, não sujeitam os fatos.

No jogo da política, Perón sempre utilizou sua competência discursiva. Seu grande diferencial estava na sua popularidade. A vantagem era a relação com as massas. Dialogava com o povo à maneira como poderiam dialogar dois sujeitos; como se não mediasse, no caso da relação Perón-povo, a complexidade de uma relação estabelecida entre um indivíduo e o coletivo. Não obstante, na prática, o jogo era possível. Perón chamava a esse jogo: “tomar contacto efectivo con el pueblo”. (Discurso de posse, *La Nación*, 12 de outubro de 1973.)

No discurso de posse, em 12 outubro de 1973, Perón começa acomodando posições entre ele, os sentimentos e o povo: “Tengo la inmensa satisfacción de contemplar al pueblo. [...] estoy frente a esse pueblo, que siento en mi corazón”. (*La Nación*, 12 de outubro de 1973.)

No encerramento, um recurso à relação Perón-povo:

quiero decirles que durante este gobierno que hoy se inaugura, y siguiendo la vieja costumbre peronista, los días primero de mayo de cada año he de presentarme en este mismo lugar para preguntarle al pueblo aquí reunido si está conforme con el gobierno que realizamos. (*La Nación*, 12 de outubro de 1973.)

Desse jogo, não se pode dizer que a esquerda peronista estivesse isenta. Com sua movimentação e suas manifestações freqüentes, a esquerda peronista tinha adotado para si a tradição argentina de constituir a classe trabalhadora mais nas praças do que nas fábricas, e, assim, se converteram em interlocutores dos discursos públicos de Perón envolvendo o povo.⁴⁷ Eles mesmos costumavam ser desmedidos em referência a seu vínculo com Perón, tomando por base o seu trânsito nesse tipo de diálogo. Diziam: “Nadie expresa al pueblo como el General.” (Dardo Cabo, Montoneros, *El Descamisado*, ano I, n. 28, 27 de novembro de 1973).

A esquerda peronista percebia sua posição frágil na estrutura do movimento. Nesse diálogo público com Perón, fez sua denúncia que era, na verdade, mais uma reclamação. Uma multidão de manifestantes começou a cantar, tão logo Perón surgiu, atrás do vidro, com todo seu entorno de peronistas de direita: “Que pasa General, está lleno de gorilas el gobierno popular”. Entre os cantos da juventude e o próprio Perón, que anunciava um final irreversível, se criou um clima de tensão. Perón, indignado com as expressões da esquerda peronista, expulsou os jovens da praça, chamando-os de “estúpidos imberbes”.⁴⁸

⁴⁷ No “Ato de Atlanta” (Buenos Aires), em agosto de 1973, os Montoneros reuniram 50 mil pessoas. No mesmo mês, em Córdoba, foi realizada uma mobilização para homenagear Eva, na qual a *Juventud Peronista* reuniu o mesmo tanto. A CGT, também em agosto do mesmo ano reuniu 60 mil pessoas, em manifestação de apoio a Perón, tendo a *Juventud Peronista* contribuído com outras 120 mil, no mesmo ato, em Buenos Aires.

⁴⁸ “Ahora resulta que, después de veinte años, hay algunos que todavía no están conforme de todo lo que hemos hecho”; “liberación no solamente del colonialismo [...] sino también de estos infiltrados que trabajan adentro” (Perón, discurso na *Plaza de Mayo*, Buenos Aires, 1 de maio de 1974, *La Razón*, 2 de maio de 1974.)

Diante do conflito, o sindicalismo burocrata ostentou seu apoio às atitudes de Perón. Os ataques da direita vieram para delimitar legitimidades dentro do movimento:

El primero de mayo, nuestro Conductor puso las cosas en su lugar. Los marcó a fuego con la emergía suprema que esgrime el General Perón en las instancias trascendentes. (“Ya no cabe duda de quien es quien”, *El Cronista Comercial*, 9 de maio de 1974);

E disseram mais:

A los asesinos, secuestradores y delincuentes comunes disfrazados de revolucionarios. (*Mesa Nacional de las 62 Organizaciones*, Solicitada, *Clarín*, 14 de setembro de 1973.)

Não se pode negar que a situação tenha ficado cada vez mais difícil, dentro do movimento peronista para os militantes da esquerda. Os montoneros, nessas horas, discutiam várias questões: a vanguarda e o rompimento com o líder máximo; o “movimientismo”,⁴⁹ que era uma referência ao fato deles terem contribuído a dar vazão aos desejos dos “de baixo”, em busca da inserção popular, agora, com a constatação de que, no momento, era necessário aprofundar a relação vanguarda-massas, através de um maior desenvolvimento doutrinário e, finalmente, o problema da esquerda peronista ser formada essencialmente por jovens, sem experiência histórica de Perón.⁵⁰ O

⁴⁹ “El primer intento del conjunto de la Tendencia (linha revolucionária dentro do movimento peronista) de darse una política de masas se produce en las movilizaciones de la campaña electoral [...] esas movilizaciones fueron parte necesaria e importante en la derrota electoral de la dictadura. Pero tuvo de negativo que, al apoyarse en la agitación y en la movilización, y ejercerse sobre todo sobre los sectores juveniles y de clases medias, no deja resultados políticos-organizativos en la clase obrera” (“Aportes para el análisis de la situación actual”, FAP, *Militancia*, n. 10, 16 de agosto de 1973) [Parênteses meus.]

⁵⁰ “En el ámbito político de la Juventude Peronista se insiste en que sus militantes no son producto de una generación espontánea, sino de la herencia de uno de los dos proyectos nacionales que

último foi um dos pontos mais apontados nas análises políticas, inclusive contemporaneamente aos acontecimentos. O problema de ser jovem figurava no meio como título de “trasvasamiento generacional del peronismo”. A expressão fazia referência às novas gerações, de diferentes setores da sociedade argentina, que se voltavam para o peronismo em busca de “(re)fundar” um movimento de libertação na Argentina. Depois da queda do governo peronista dos anos 70, as primeiras análises tinham apontado o fenômeno geracional da esquerda peronista, indicando como o voluntarismo, combinado com a inexperiência política, podia levar à mais trágica resolução da história política argentina.⁵¹

siempre exhibió el peronismo [...] La Juventude Peronista se considera heredera del proyecto revolucionario.” (*La Opinión*, 8 de maio de 1974.)

⁵¹ Uma das primeiras obras a apontar, criticamente, a inexperiência política dos jovens peronistas de esquerda é a de GIUSSANI, Pablo. *Montoneros; la soberbia armada*. Ver, também, BROCATO, C. *La Argentina que quisieron*. Novas gerações, juventude, imaturidade e desconhecimento político, culpados de conhecerem Perón e a história argentina apenas pelos livros. “Soberbos”, “niñés encantada”, “niños bien que se enfrentan contra el padre tirano”. Foram idéias que tiveram peso nas primeiras interpretações do fenômeno social argentino, dos anos 60 e 70. Não é difícil encontrarmos, nas declarações montoneras referências discursivas que as reforçam: “somos el hijo legítimo de Perón”. Tal crítica, entretanto, é arrolada na tradição criada por Ortega y Gasset, em referência que fez ao contraste entre europeus e argentinos, um dos elementos que pautam a cultura argentina. Para Ortega y Gasset, os europeus “estão empenhados em fazer”, enquanto os argentinos estão empenhados “em ser”. Em consequência, o sujeito argentino se consagra, à construção de seu próprio personagem. É uma opinião que funda uma verdadeira tradição na forma como os argentinos criticamente se observam. Reproduz-se em jornais, discursos políticos, comentários correntes, novelas, posições políticas. Segundo cremos, a idéia que tal opinião encerra desqualifica a cultura argentina por sua condição fictícia, uma vez que nossa cultura foi construída sobre o deserto argentino, como uma cultura de padrões europeus, transportada nos navios dos donos das terras e bancos e dos trabalhadores imigrantes que desembarcaram no Porto de Buenos Aires. A Argentina, no sul do hemisfério, um grande deserto do qual se irradiam elementos da dominação cultural e econômica européia, um pequeno reduto da Europa, provedor de cereais e carnes, tudo o mais pode ser visto como fictício: os prédios, os nomes das ruas, as próprias ruas, a história liberal, a democracia, o governo e a classe dominante. Entretanto, sem caminhos para apontar nesta linha interpretativa, prefiro deixar de lado essa linha crítica.

Quanto mais se complicava a relação entre militantes e Perón – o que foi progressivo desde a metade de 1973 até a morte do líder –, os documentos e panfletos da época começaram a insistir – quase obsessivamente – em seus textos, com longas justificativas teóricas, históricas e metodológicas.

Tratavam-se de elaborações que destacavam o chamado *projeto ideológico* de Perón, baseado no papel da Argentina na América Latina e na possibilidade de, partindo de dentro, transformar em revolucionário um movimento popular, como foi o peronismo, estendendo o mesmo a toda América Latina, como forma de uma verdadeira luta antiimperialista. Isso, a nosso ver, cumpriu duas funções nessa conjuntura: a) aprofundar o plano doutrinário do público receptor dos documentos (para superar o “movimientismo”) e, b) reforçar as idéias de Perón dos anos 60, que, segundo Montoneros, constituíam o *verdadeiro projeto ideológico de Perón*.

A segunda função cumpria, num plano mais amplo, o papel de recuperar a unidade entre Perón e peronismo de esquerda através das mensagens que Perón tinha vertido do exílio, quando partilhava das condições de clandestinidade dos grupos. Esse é o elemento mais rígido da dimensão ideológica da esquerda peronista. Mesmo com os eventos políticos que se sucedem em 1973 e 1974 em direção à ruptura entre o líder e a esquerda peronista, a idéia de que Perón teria um projeto ideológico (no qual se insere a esquerda peronista) de libertação da América Latina é invariante aos fenômenos políticos. Nesse sentido, a esquerda peronista defende cegamente o papel de Perón como líder autêntico das massas e, nesse mesmo sentido,

continua, apesar dos fatos, a entender Perón como libertador e revolucionário.

Porém, os fatos correram mais rapidamente que as interpretações, o que complicou a posição da esquerda peronista.

O descompasso entre ideologia e ação dos Montoneros teve trágico resultado. Não se descentralizaram as decisões, as armas, nem o dinheiro, no momento em que os grupos para policiais de López Rega reforçavam suas perseguições. Dentro da *Juventud Peronista* se chegou a pensar em um nível tal de consciência dos setores populares, que os tornaria imunes aos impactos da ruptura com Perón.⁵² Entretanto, a morte do líder do movimento e a posição privilegiada dos opositores fizeram do governo uma verdadeira arena de conflitos... que levou a mais uma ditadura militar, desta vez, foram oito anos de cruel repressão.

7. Final de contas

Cooke passou seus últimos anos em Cuba, onde morreu em 1968. Não viu o desdobramento do movimento peronista, embora soubesse que, por não mediar uma organização que transcendesse o personalismo de Perón e elevasse a consciência popular para as idéias libertárias, o movimento ficaria reduzido a um conglomerado populista, facilmente manejável.

⁵² “A nuestro funcionamiento lo debe preservar el Pueblo, o desapareceremos; nuestra seguridad se garantiza por nuestra relación directa con las bases. Debemos movernos como pez en el agua, y esto es posible si somos uno más ente los trabajadores y el pueblo.” (“Resistencia peronista al avance imperialista”, Evita Montonera, dezembro de 1974, In: BASCHETTI, R. *Documento: 1973-1976, op. cit.*, v. 2, p. 323.)

Perón morreu tendo tido antes a possibilidade de se reencontrar com o povo que o aclamava nas praças, e que nele votava majoritariamente em cada eleição livre.

Vários integrantes dos Montoneros foram para o exílio em meio a uma acirrada perseguição. Primeiro, da direita peronista, e, depois, dos militares. Muitas vezes as famílias não sabiam da vida militante de seus filhos. Quando caíam nas redes da polícia, acabavam conhecendo, apoiando e assumindo uma postura também militante. O peronismo, como movimento social, tinha conseguido permear de tal forma o pensamento e a cultura dos argentinos que, muitas vezes, até mesmo os opositores se reconheciam por algum traço do imaginário peronista que lhes era comum. O polícia que comandava o grupo que capturou os militantes em Taco Ralo, comentou com Envar El Kadri, na hora da detenção: “yo también soy peronista, a mi me echaron de la universidad [...] yo iba para médico y me echaron por peronista”. Na prisão de Devoto, em Buenos Aires, onde foi parar o mesmo grupo de militantes, chegou uma carta de Perón, apoiando-os. Eles logo começaram a cantar o hino peronista. Os guardas não os reprimiram, apenas pediram a eles que cantassem em voz baixa.⁵³

O PRT-ERP continuou com sua postura radical, inclusive depois de terminada a ditadura que teve início em 1976. Procurado pelo exército e com seu partido dizimado, Santucho preparou-se para o exílio em Cuba, ao mesmo tempo em que cogitava fazer uma reunião com os Montoneros. Tinha feito esforços para adiar sua partida, com a intenção de manter o encontro com os líderes montoneros, Mario

⁵³ ANGUITA, E. e CAPARRÓS, M. *La Voluntad*, p. 219.

Firmerich e Roberto Perdia. De acordo com o testemunho do único sobrevivente da cúpula do ERP, Arnold Kremer, o mensageiro dos Montoneros não chegou ao encontro, uma vez que fora seqüestrado pela polícia alguns dias antes.

Em 19 de julho de 1976, Santucho tinha providenciado um passaporte com o nome Raúl Garzón. Nesse dia, estava frio e Santucho vestiu um pulôver escuro e coturnos amarrados. Já nas primeiras horas da tarde bateu à sua porta um homem de, aproximadamente, trinta anos, era o capitão Juan Carlos Leonetti, que vinha acompanhado de um grupo de agentes do exército.

No dia seguinte, um único jornal anunciava o desfecho do encontro: “mataron a Santucho” (*Ultima Hora*). O *New York Times* comentou “en un enfrentamiento murieron delincuentes subversivos, uno de ellos es Mario Roberto Santucho [...] jefe do autodenominado *Partido Revolucionário de los Trabajadores* y comandante del *Ejército Revolucionario del Pueblo*”.⁵⁴ O pulôver e os coturnos estão expostos no *Museo de la Subversión*, que o exército argentino montou, na década de 90, na sua sede em Buenos Aires, em reivindicação de suas ações de repressão durante os anos do movimento popular.

A esquerda-peronista e não-peronista –, arena das críticas aos governos tradicionais da Argentina e que tentou conduzir o movimento peronista pela via da liberação popular, depois desses anos teve baixas irremediáveis. Quando da ditadura militar, que terminou em 1984, isso pôde ser observado pelo vazio de seus quadros políticos e pela crise do seu marco ideológico. Ficava com ela

⁵⁴ SEOANE, M. *Todo o nada*, p. 21 e “ERP y Montoneros. El gatillo de la memoria”, *El Clarín*, 13 de outubro de 1996.

e, para ela, novamente, o dilema histórico de rever o divórcio com as massas.

Conclusão

José Aricó constatou o maior paradoxo da esquerda argentina no séc. XX: o divórcio entre massas e partidos. Mesmo sendo uma presença que se registra desde o final do século passado, os socialistas e, depois, os comunistas, não tiveram uma inserção popular significativa. A esquerda argentina viveu em um permanente “desencontro histórico com as massas”.

Perón contribui para o divórcio da esquerda com as massas, uma vez que seu discurso capta os sentimentos do povo e dá forma aos anseios populares, mediante políticas sociais efetivas.

Os anos 60 e 70, nesse sentido, foram de mudança, no comportamento tradicional da esquerda. Os novos grupos se voltaram para a massa. Buscaram criar e consolidar formas de inserção popular, que podem ser pensadas como verdadeira reversão do divórcio. Nessa fase, a esquerda observa e qualifica o peronismo, diferentemente da forma como o fizera nos anos anteriores. Os grupos descobrem que o peronismo é, acima de tudo, um importante antecedente, em termos de vínculos políticos e ideológicos criados com as massas: pelo seu objetivo de construir uma identidade com os trabalhadores do interior; pelo fato de abrir o horizonte da política argentina, incluindo os setores populares; pelo funcionamento discursivo da unidade Perón-povo. O peronismo passa, sobretudo, a ser tomado como uma força social (com diferentes graus de organização e institucionalização) que se impõe, na verdade, como uma condição para toda e qualquer relação entre os grupos militantes e o povo. Justamente a grande novidade surgida no horizonte de interesses da esquerda, nesses anos, é a relação

entre os militantes e o povo, favorecida a partir da atitude da esquerda de abandonar as críticas tradicionais a Perón e ao peronismo, e de passar a concebê-los como componentes reais e referenciais importantes do pensamento popular.

Entendemos, com isto, que a esquerda destes anos perseguiu um objetivo que se constituiu na sua maior obsessão: “o caminho até as massas”. Isto representa uma inovação na sua trajetória, que se reflete no deslocamento das suas áreas tradicionais de ação, política e sindicalismo, para a ação junto às bases populares, nas quais, o peronismo já estava fortemente instalado.

Vimos como, para os setores populares, a revolta contra os governos daqueles anos se integrou à revolta em face do exílio do único líder popular da Argentina. Revolta que consistiu, antes de tudo, num sentimento quase primário de rebeldia, diretamente ligado a Perón. Nesse contexto, o caminho “até as massas” que os grupos da esquerda precisaram trilhar na “reversão do divórcio” passou, inevitavelmente, pelo peronismo.

Assim, como separar do sentimento que está na base de toda rebeldia social, o sentimento por Perón? Negar os fatos teria significado reforçar a separação entre a vida do povo e a organização militante, tal como de fato aconteceu com alguns grupos e, especialmente, com os partidos tradicionais da esquerda argentina. Já no caso dos Montoneros e da *Juventud Peronista* e dos grupos da esquerda peronista, em geral, esse sentimento de rebeldia social, identificado com a figura de Perón, associou-se a uma série de elaborações (algumas teóricas, outras, estratégicas) que buscavam transformar o movimento social peronista em revolucionário, fazendo

com que o peronismo passasse a ser concebido como sendo uma força revolucionária, que tinha progredido de um primeiro estado popular para outro, mais aprofundado em termos de ideologia e de consciência, e tendo o socialismo nacional e revolucionário como referência principal.

Os anos 60 e 70 foram aqueles nos quais a esquerda se desenvolveu, realmente, de forma nova, junto aos setores populares. Organiza grupos, às vezes quase espontâneos, unidos por novos interesses e novas identidades. Estrutura-se através de um amplo conjunto de “células” – que encarnam a cobrança dos problemas que a sociedade argentina havia postergado –, atuando segundo uma postura crítica frente a realidade.

Ao falarmos em peronismo, comentamos sobre sua composição complexa. Peronismo é partido político; forma de organização do sindicalismo, a partir dos anos 40; uma certa cultura dos trabalhadores e dos setores populares. Quando se observam as alianças que possibilitaram ao peronismo chegar ao governo e aquelas que, por sua vez, permitiram proibi-lo durante dezoito anos, também as configurações são variáveis. Quando observamos os discursos peronistas e os elementos básicos de sua ideologia, encontramos, novamente, diferentes configurações. De tudo isso, é possível que se conclua haver no peronismo uma base social variável, um movimento social movediço e uma ideologia que se altera em função de cada conjuntura político-social. Nosso ponto de partida quanto à complexidade do fenômeno peronista considerou, aqui, que esses aspectos complicam o fenômeno, porém não inibem sua importância ideológica, nem as possibilidades de se identificar os elementos que

estruturaram o quadro ideológico da esquerda peronista, nos anos 60 e 70.

Na verdade, a variabilidade política (se pensarmos nos partidos e setores que ora apóiam, ora abandonam Perón) e a assimetria ideológica do peronismo (desenvolvimentista, no governo; radical, na clandestinidade) funcionaram como elementos básicos para sua continuidade e sobrevivência, num país marcado por ditaduras e governos sem legitimidade.

Todavia, a continuidade histórica do peronismo não repousa na unidade da sua ideologia e, sim, no que podemos chamar, livremente, de uma “certa cultura” dos setores populares que têm – Perón e Eva –, invariavelmente, como líderes de classe, e sobre os quais se desenvolve um profundo sustentáculo emocional. Assim, a identidade do peronismo não pode estar atrelada à especificidade de sua ideologia, com o risco de se fixar numa série de conteúdos e expressões datadas, que logo depois se alteram com o curso dos fatos. Mas, devido a isso, também não se deve desprezar a forma como o contexto de forças da sociedade argentina altera o discurso peronista porque, na verdade, essa é a matriz significante dos discursos peronistas.

O peronismo, desde sua primeira versão, na década de 40, tornou-se, como outros projetos sociais, uma forma de luta, baseada na defesa dos trabalhadores, mas que abraçou, diferentemente de todos, a cultura popular, tal como a encontrou (desprezada pela direita e pela esquerda) e a transformou no objeto máximo dos interesses nacionais.

A esquerda peronista, dos 60 e 70, “reinventou” o peronismo porque estendeu suas fronteiras ideológicas para o socialismo nacional. Entretanto, também ela se deixou reinventar, sintonizados que estavam

os militantes com os personagens políticos representados por Perón e Eva. Nossa análise da literatura panfletária da esquerda peronista permitiu identificar, nesses discursos, elementos essencialmente peronistas, como símbolos, gestos e expressões típicas de Perón e Eva, que haviam sido incorporados à linguagem corrente da esquerda, com a finalidade de facilitar o trânsito entre os dirigentes e as bases (portadoras de uma certa cultura peronista). Isso, mostra uma nova posição da esquerda, se pensada a partir do divórcio tradicional entre esquerda e massas.

Por outro lado, a conexão ideológica entre esquerda e peronismo, a partir dos anos 60, não foi um fenômeno de mão-única. Assim, como a esquerda incorpora elementos da ideologia básica do peronismo, este, por sua vez, também foi alterado pela presença da esquerda. Daí que o peronismo, que nos anos 40 era desenvolvimentista, possa surgir, nos 60 e 70, com uma ideologia crítica e radical. Sob essa ótica, o peronismo é que foi reinventado pela esquerda.

Entretanto, uma vez produzida a inter-relação ideológica entre peronismo e esquerda, e tendo situado o imaginário dos grupos da esquerda peronista – através da descrição e análise que fizemos nos itens que tratam dos elementos da “ideologia básica” da esquerda –, é possível observar os elementos da ideologia da esquerda peronista que permaneceram fixos frente à conjuntura política e social do país, e aqueles que se alteraram em consequência da necessidade de ter que dar continuidade à existência dos grupos. A esquerda peronista, na sua busca pela reversão do divórcio com as massas, elaborou uma ideologia, que teve por base uma crença: a de que Perón seria um líder revolucionário.

O projeto ideológico do qual falava Perón, ainda nos anos de exílio, e que relegou, uma vez na legalidade do governo, era o de libertar os trabalhadores, num movimento que se estenderia a toda a América Latina. Esse elemento é, sem dúvida, um ponto-chave do imaginário peronista de esquerda. Por isso, foi também o elemento mais invariante de todo o seu quadro de pensamento, mesmo ante as atitudes e declarações de Perón, a partir de 1973. Diante dos fatos que evidenciavam, para toda a sociedade argentina, a ruptura de Perón com a esquerda: os discursos de Perón a partir do retorno, as reuniões com os grupos de esquerda, as trocas de membros do governo (os da esquerda pelos da direita), a esquerda peronista, insistiu em manter fixa a imagem de Perón-revolucionário. Para tanto, reforçaram os termos do chamado “projeto ideológico” de Perón. Contudo, esse projeto tinha sido anunciado quando do exílio e da clandestinidade do peronismo, e abandonado uma vez estando ele na legalidade do governo peronista, a partir de 1973.

O imaginário da esquerda peronista, na verdade, teve que absorver e reinterpretar o que Perón disse e o que Perón fez, entretanto, na conjuntura dos anos 70, a esquerda peronista, para se proteger de tanta inconstância na postura do líder, criou um distanciamento, buscando dar continuidade a seu projeto doutrinário, o que acabou por distanciá-la, ainda mais, de Perón. O peronismo perdeu, assim, sua capacidade de fazer revolução, restando para ele o poder do voto de uma massa sem projeto revolucionário. O que significou um enorme custo político para a sociedade argentina.

Referências Bibliográficas

- ARIAS, M.F. & GARCIA HERAS, R. "Carisma disperso y rebelión: los partidos neoperonistas", In: AMARAL, S. & PLOTKIN, M.B. *Perón del exilio al poder*. Buenos Aires, Cántaro, 1993.
- ARICÓ, José. "Geografía de Gramsci na América Latina". In: COUTINHO, C.N. & NOGUEIRA, M.A. *Gramsci e a América Latina*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.
- *La cola del diablo; itinerario de Gramsci en América Latina*. Buenos Aires, Puntosur, 1988.
- ARRIGHI, Giovanni. "Struttura di classe e struttura coloniale nell'analisi del sottosviluppo", *Giovane Critica*, v. 22, n. 3, Milano, 1970.
- AZPIAZU, D. BASUALDO, E. & KHAVISSE, M. *El nuevo poder económico en la Argentina de los años 80*. Buenos Aires, Legasa, 1986.
- BARAN, Paul. *The political economy of growth*. New York, Monthly Review Press, 1957.
- BASCHELLI, Roberto. *Documentos de la Resistencia Peronista; 1955-1970*. Buenos Aires, Puntosur, 1988.
- *Documento; 1973-1976; de Cámpora a la ruptura*. Buenos Aires, Ediciones de la Campana, 1996, v. I.
- *Documento; 1973-1976; de la ruptura al golpe*. Buenos Aires, Ediciones de la Campana, 1996, v. II.
- BILSKY, Edgardo. *La FORA y el movimiento obrero*. Buenos Aires, CEAL, 1985.
- *Contribution   l'histoire du mouvement operier argentin*. Paris, [1989?].
- BITTEL, D.F. *Qué es el peronismo?* Buenos Aires, Sudamericana, 1983.
- BONASSO, Miguel. *El presidente que no fue; los archivos acultos del peronismo*. Buenos Aires, Planeta, 1997.

- BRENNAN, J.P. *El Cordobazo; las guerras obreras en Córdoba: 1955-1976*. Buenos Aires, Sudamericana, 1994.
- CAPARRÓS, Martín & ANGUITA, Eduardo. *La Voluntad; una historia de la militancia revolucionaria en la Argentina: 1966-1973*. Buenos Aires, Grupo Editorial Norma, 1997, v. I.
- CARDOSO, F.H. *Empresariado industrial e desenvolvimento econômico no Brasil*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1972.
- CARDOSO, Roberto. *Razão e afetividade*. Campinas, Unicamp, 1991.
- CIRIA, Alberto. *Perón y el Justicialismo*. Buenos Aires, Siglo XXI, 1971.
- CODOVILLA, V. *El significado del giro a la izquierda del peronismo*. Buenos Aires, Ateneo, 1962.
- COGGIOLA, O. *El trotskismo argentino: 1929-1960*. Buenos Aires, CEAL, 1985.
- *El trotskismo en la Argentina: 1960-1985*. Buenos Aires, CEAL, 1986, 2 vols.
- *El trotskismo en América Latina*. Buenos Aires, Magenta, 1993.
- DEBRAY, Régis. *La critique des armes*. Paris, Seuil, 1974, v. I.
- DE IPOLA, Emilio. El peronismo y sus espejos, *Investigaciones Políticas*, Buenos Aires, Nueva Visión, 1989, n. 1.
- DEL CAMPO, Hugo. *Sindicalismo y Peronismo; los comienzos de un vínculo perdurable*. Buenos Aires, Clacso, 1983.
- DE SANTIS, Daniel. *Vencer o morir. PRT-ERP; documentos*. Buenos Aires, Eudeba, 1998.
- DEUTSCH, K. *El nacionalismo y sus alternativas*. Buenos Aires, Paidós, [s. d.].
- DI TELLA, Guido & ZYMELMAN, Manuel. *Las etapas del desarrollo económico argentino*. Buenos Aires, Eudeba, [1967?].

- DIAZ ALEJANDRO, Carlos. *Ensayos sobre la historia económica argentina*. Buenos Aires, Amorrortu, 1970.
- DOBB, Maurice. *Studies in the development of capitalism*. London, Routledge & Kegan, 1965
- DORFMAN, A. *50 años de industrialización en la Argentina: 1930-1980*. Buenos Aires, Solar, 1983.
- DRAIBE, Sonia. *Rumos e metamorfoses; un estudo sobre a constituição do Estado e as alternativas da industrialização no Brasil: 1930-1960*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.
- ELOY MARTINEZ, T. *La novela de Perón*. Buenos Aires, Planeta, 1999.
- FERNÁNDES, Florestan. *A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica*. Rio de Janeiro, Zahar, 3. ed., 1981.
- FERRER, Aldo. *La economía argentina*. México, FCE, 1963.
- FICHAS de investigación económica y social, número dedicado a la “Evolución industrial y la clase empresaria argentina”, Buenos Aires, v.1, n.1, abril de 1964.
- FUCHS, Jaime. *Argentina: su desarrollo capitalista*. Buenos Aires, s. ed., 1965.
- FURTADO, Celso. *Desenvolvimento e subdesenvolvimento econômico*. São Paulo, Fundo Universal de Cultura, 1960.
- *La economía latinoamericana, formación histórica y problemas contemporáneos*. México, SXXI, 1986, [19. ed.].
- FRANK, Gunder. *Acumulação dependente e subordinação: repensando a teoria da dependência*. São Paulo, Brasiliense, 1980
- GALASSO, Norberto. *La Izquierda Nacional y el FIP*. Buenos Aires, CEAL, 1983.
- GAMBINI, Hugo. *La primera presidencia de Perón; testimonios y documentos*. Buenos Aires, CEAL, 1983.

- GERMANI, G. El surgimiento del peronismo: el rol de los obreros y de los migrantes internos, *Desarrollo Económico*, Buenos Aires, 1973, v. 13, n. 51.
- GERMANI, Gino. *Política y sociedad en una época en transición*. Buenos Aires, Paidós, 1971.
- El surgimiento del peronismo: el rol de los obreros y de los migrantes internos, *Desarrollo Económico*, Buenos Aires, 1973, v. 13, n. 51.
- GRAHAM-YOOLL, Andrew (comp.) *Tiempo de violencia; cronología del "Gran Acuerdo Nacional"*. Buenos Aires, Granica, 1973.
- GILLESPIE, Richard. *Soldados de Perón; los Montoneros*. Buenos Aires, Grijalbo, 1987, [1982].
- HALPERIN DONGHI, Tulio. *Historia contemporánea de América Latina*. Madrid, Alianza, [3a. ed.], 1972.
- HERNÁNDEZ ARREGUI, J.J. *Política*, Buenos Aires, 28 de fevereiro de 1961.
- *Qué es el ser nacional?* Buenos Aires, Peña Lillo, 1963.
- HOBSBAWM, E. "A formação da cultura na classe operária britânica", *Mundos do Trabalho*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987, p. 251-273.
- HOROWICZ, Alejandro. *Los cuatro peronismos*. Buenos Aires, Hyspamérica, 1986.
- INFORME Armour, *Desarrollo Económico*, Buenos Aires, v. 85, n. 22, 1982, p. 118-149.
- JAMES, Daniel. *Resistencia e integración; el peronismo y la clase trabajadora argentina: 1946-1976*. Buenos Aires, Sudamericana, 1990, [1988].
- The peronist left: 1955-1975, *Latin American Studies*, Great Britain, v. 8, n. 2, [s. d.].
- JARAMILLO, ANA. Movimiento obrero y acumulación de capital: el caso argentino, *Revista Mexicana de Ciencias Sociales*, México, [s. d.], p. 173-210.
- JUSTO, Juan Bautista. *Teoría y práctica de la historia*. Buenos Aires, s. ed., [1909]

- KOROL, Juan Carlos e SÁBATO, Hilda. *La industrialización trunca: una obsesión argentina*. Buenos Aires, PEHESA, 1988.
- LAMADRID, Alejandro. El Frente Nacional y Popular y las elecciones del 7 de Julio de 1963, *Todo es Historia*, Buenos Aires, n. 256, 1988.
- LÉVY-BRÜHL, L. *La morale et la science des moeurs*. Paris, Presses Universitaires de France, 1971.
- LLACH, J.J. El Plan Pinedo de 1940, su significado histórico y los orígenes de la economía política del peronismo, *Desarrollo Económico*, Buenos Aires, v. 92, n. 23, 1984, p. 515-556.
- LUNA, F. *Argentina, de Perón a Lanusse: 1943-1973*. Buenos Aires, Planeta, 1972, 4°. ed.
- *Grandes protagonistas de la historia; Juan Domingo Perón*. Buenos Aires, Planeta, 1999.
- MARIN, Juan Carlos. *Los hechos armados, un ejercicio posible*. Buenos Aires, CICSO, 1984.
- MARINI, Ruy Mauro. *La dialéctica de la dependencia*. México, Era, 1973.
- MARTINS RODRIGUES, Leoncio. *Industrialização e atitudes operárias*. São Paulo, Brasiliense, 1970.
- MATTAROLLO, Rodolfo. *La proletarianisation dans le mouvement révolutionnaire argentine en 1970*. Paris, DEA-439, 1980.
- MATSUCHITA, H. *Movimiento obrero argentino: 1930/1945; sus proyecciones en los orígenes del peronismo*. Buenos Aires, Siglo Veinte, 1983.
- MCGUIRE, James W. "Perón y los sindicatos: la lucha por el liderazgo peronista", In: AMARAL, S. & BEN PLOTKIN, M. *Perón del exilio al poder*. Buenos Aires, Cántaro, 1993, p. 171-217.
- MÉNDEZ, Eugenio. *Confesiones de un montonero*. Buenos Aires, Sudamericana, 1985.

- MORA y ARAUJO, Manuel & LLORENTE, Ignacio. *El voto peronista*. Buenos Aires, Sudamericana, 1980.
- MURMIS, Miguel & PORTANTIERO, Juan Carlos. *Estudio sobre los orígenes del peronismo*. Buenos Aires, Siglo XXI, 1987, 5. ed., [1971].
- NAVARRO, Marisa. *Los nacionalistas*. Buenos Aires, Jorge Álvarez, 1969.
- ODDONE, Jacinto. *Historia del socialismo argentino*. Buenos Aires, CEAL, 1983.
- O'DONNELL, G. Estado y alianzas en la Argentina: 1956-1976, *Desarrollo Económico*, Buenos Aires, v. 16, n. 64, ene.-mar. 1977, p. 523-554.
- *Reflexões sobre os Estados burocráticos-autoritários*. São Paulo, Vértice, 1987.
- OLLIER, María M. Entre la memoria y el olvido, *La Ciudad Futura*, Buenos Aires, n. 3, dez. 1986.
- PALOMINO, Hector. El movimiento obrero y sindical, *ALAI*, Quito, ano X, 2º. época, n. 82, ago. 1986, p. 3-9.
- PAGE, J. *Perón*. Buenos Aires, Vergara, 1983.
- PARERA DENIS, Alfredo, pseud. [Milciades PEÑA]. El gobierno bonapartista de los estancieros y el imperialismo inglés: junio de 1943-1946, *Fichas de investigación económica y social*, Buenos Aires, ano 1, n. 3, set. 1964, p. 61-69.
- PAVÓN PEREYRA, Enrique. *Perón tal como es*. Buenos Aires, Macacha Güemes, 1973.
- *Conversaciones con Juan Domingo Perón*. Buenos Aires, s.ed., 1978.
- PEÑA, Milciades. Evolución industrial y la clase empresaria argentina, *Fichas de investigación económica y social*, Buenos Aires, v. 1, n. 1, abril de 1964.
- La clase obrera argentina; 2ª parte: el gobierno bonapartista de los estancieros y el imperialismo inglés: junio 1943-1946, *Fichas de investigación económica y social*, Buenos Aires, ano 1, n. 3, set. 1964.
- *Masas, caudillos y élites*. Buenos Aires, Fichas, 1973.

- *La clase dirigente argentina frente al imperialismo*. Buenos Aires, Fichas, 1974.
- PERALTA RAMOS, Mónica. *Acumulación del capital y crisis política en Argentina: 1930-1974*. Buenos Aires, Siglo XXI, 1978.
- Perón-Cooke; correspondencia*. Buenos Aires, Parlamento, 1983 [1972].
- PERÓN, Juan Domingo. "Para que cada argentino sepa como lo debe hacer", Buenos Aires, PRESIDENCIA DE LA NACIÓN, SUBSECRETARIA DE INFORMACIONES, 1952.
- PORTANTIERO, Juan Carlos. Fracaso la sociología en la Argentina?, *El Ojo Mochó*, Buenos Aires, verano de 1991, p. 4-10.
- POTASH, R. *El ejército y la política en la Argentina: 1928-1945; de Yrigoyen a Perón*. Buenos Aires, Sudamericana, 1984.
- PREBISCH, R. *Dinámica del desarrollo latinoamericano*. México, FCE, 1959
- PUIGGRÓS, Rodolfo. *Historia crítica de los partidos políticos argentinos*. Buenos Aires, Argumentos, 1956.
- *El proletariado en la revolución nacional*. Buenos Aires, Trafac, 1958.
- *El peronismo: sus causas*. Buenos Aires, Cepe, 1972.
- QUATTROCCHI-WOISSON, Diana. *Los males de la memoria; historia y política en la Argentina*. Emecé, Buenos Aires, 1995.
- RAMOS, Jorge Abelardo. RAMOS, J.A. *América Latina: un país*. Buenos Aires, Octubre, 1949.
- *Revolución y contrarrevolución en la Argentina*. Buenos Aires, s. Ed., 1961.
- *La lucha por un partido revolucionario*. Buenos Aires, Pampa y Cielo, 1964.
- *Breve historia de las izquierdas en la Argentina*. Buenos Aires, Claridad, v. II, 1990.
- RANIS, P. Early peronism and the post-liberal argentine state, *Journal of Interamerican Studies and World Affairs*, New York, v. 21, n. 3, 1979, p. 313-338.

- RIVERA, Andrés. *La revolución es un sueño eterno*. Buenos Aires, Planeta, 1998.
- ROCK, David. La lucha civil en la Argentina: Semana Trágica de enero de 1919, *Desarrollo Económico*, Buenos Aires, vol. 11, n. 42, jul. 1971, p. 165-215.
- ROMERO, José Luís. *Breve historia de la Argentina*. Buenos Aires, Eudeba, 1965.
- *Las ideas políticas en Argentina*. Buenos Aires, FCE, 10. ed., 1987.
- ROMERO, Luis Alberto. *Breve historia contemporánea de la Argentina*. Buenos Aires, FCE, 1998, [1994].
- ROSTOW, W.W. *As etapas do desenvolvimento econômico*. Rio de Janeiro, Zahar, 1961.
- SAENZ QUESADA, MARIA. Gremialistas ayer y hoy, *Todo es Historia*, Buenos Aires, n. 314, set. 1993, p. 6-7.
- SCHVARZER, Jorge. *Empresarios del pasado; la Unión Industrial Argentina*. Buenos Aires, CISEA/Imago Mundi, 1991.
- SEOANE, M. *Todo o nada*. Buenos Aires, Planeta, 1991.
- SIDICARO, Ricardo. Consideraciones socialógicas sobre las relaciones entre el peronismo y la clase obrera argentina: 1943-1955, *Boletín de estudios latinoamericanos y del Caribe*, s. l., n. 31, dez. 1981, p. 43-60.
- *Juan Domingo Perón. La paz y la guerra*. Buenos Aires, FCE, 1996.
- SIGAL, S. & TORRE, J.C. "Reflexiones en torno a los movimientos laborales en América Latina", In: KATZMAN, Rubén & REYNA, José Luis (comps.). *Fuerza de trabajo y movimientos laborales en América Latina*. México, 1969.
- SIGAL, S. & VERÓN, E. *Perón o muerte; los fundamentos discursivos del fenómeno peronista*. Buenos Aires, Legasa, 1986.
- SMITH, P. Social mobilization, political participation and the rise of Juan Perón, *Political Science Quarterly*, 1969, v. LXXXIV, n. 1.

- SOURROUILLE, A. et alii. *Transnacionalización y política económica en la Argentina*. Buenos Aires, 1985.
- TARCUS, Horacio. TARCUS, Horacio. *El marxismo olvidado en la Argentina: Silvio Frondizi y Milciades Peña*. Buenos Aires, El Cielo por Asalto, 1996.
- THOMPSON, J.B. *Ideologia e cultura moderna; teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massas*. Petrópolis, Vozes, 1995.
- TORRE, Juan Carlos. *La vieja guardia sindical y Perón; sobre los orígenes del peronismo*. Buenos Aires, Sudamericana, 1990.
- VERBISTKY, H. *Ezeiza*. Buenos Aires, Contrapunto, 1985.
- VIÑAS, Ismael. Examen de la burguesía argentina, *Discusión*, Buenos Aires, set. 1963, p. 1-15.
- WALSH, R. Los papeles de Walsh, *Cuadernos del peronismo montonero auténtico*, outubro de 1979.
- WEFFORT, Francisco. *O populismo na política brasileira*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.
- WHITAKER, Arthur P. *Nationalism in Latin America*. Florida, Greenwood Press, 1962.

Bibliografia e Fontes

A bibliografia selecionada foi classificada a partir do trabalho de campo iniciado em 1992, cujo objetivo consistiu na identificação e leitura de documentos e obras sobre o tema do Projeto.

O conjunto das publicações escolhidas trata de problemas, posições e elaborações da esquerda. Foi classificada segundo se refere à Argentina dos anos 70, item 1, ou, segundo se refere ao debate sobre “nacionalismo”, item 2. O nacionalismo é um assunto estreitamente vinculado ao papel da esquerda na sociedade, e, como consequência, produziu uma série de trabalhos importantes para o entendimento da sua trajetória.

No item 3, as obras se agrupam em torno de questões sobre os movimentos sociais. Neste item, as publicações não se referem necessariamente ao período de interesse, nem mesmo tem a Argentina como principal objeto de análise.

No item 4, se agrupam as publicações sobre peronismo. Neste caso, a seleção de obras tem como alvo o peronismo dos anos 70, embora também se faça menção a obras clássicas sobre o tema. No item 5, se agrupam as publicações de Perón, como autor, algumas delas foram escolhidas por constituírem verdadeiros clássicos no estudo do peronismo, outras, porque foram adotadas como fontes primárias do nosso trabalho, como os textos de Perón dirigidos às organizações revolucionárias. No item 6, foram selecionadas algumas biografias de Perón que interessam por seus comentários quanto ao período e ao assunto de nosso interesse.

A bibliografia arrolada depois do conjunto sobre peronismo, se agrupa de acordo com os seguintes temas: política Argentina, item 7, neste caso, as obras não se restringem aos anos 70; economia argentina do período, item 8; terrorismo, item 9; intelectuais e esquerda, item 10.

Finalmente, se relacionam as fontes documentais, item 11, indicando, para os casos nos quais foi identificado, o nome do arquivo, acervo ou biblioteca de procedência. Se relacionam também os jornais de circulação corrente na Argentina da época, item 12, e aqueles que surgiram da organização clandestina do peronismo, a “resistência peronista”, item 13.

I. Esquerda na Argentina, década de 70

- AMARAL, Samuel & BEN PLOTKIN, Mariano. *Perón del exilio al poder*. Buenos Aires, Cántaro, 1993.
- ANDERSEN, Mario. *Dossier secreto*. Buenos Aires, El Cielo por Asalto, 1994.
- BALBE, Beba. *El 69; política de masas*. Buenos Aires [s. ed.][s. d.]
- et alii. *Lucha de calles, lucha de clases; elementos para su análisis*. Córdoba 1969-1971. Buenos Aires, La Rosa Blindada, 1973.
- et alii. *Los asalariados; composición social y orientaciones organizativas*. Buenos Aires, CICSO, 1974.
- BASCHEPPI, Roberto. *Documentos de la resistencia peronista: 1955-1970*. Buenos Aires, Pontosur, 1988.
- BÉARN, Georges. *La década péroniste*. Paris, Gallimar, 1975.
- BERETTA CURTI, A. *Argentina: 1976; las vísperas del golpe*. Montevideú, Ed. de la Banda Oriental, 1989.
- BLIXEN, Samuel. *Conversaciones con Gorriaran Merlo: treinta años de lucha popular*. Buenos Aires, Contrapunto, 1988.
- CANTÓN, D. & JORRAT, J.R. *Ocupación y voto en la Argentina de 1973*. Buenos Aires, s. Ed., [1974].
- CAMPOS, Rodolfo. *Sangre sobre el Río de la Plata*. Madrid, Corocotta, 1978.
- CASTAÑEDA, Jorge G. *A utopía desarmada; Intrigas, dilemas e promessas da esquerda latino-americana*. São Paulo, Cia. das Letras, 1994.
- CICHERO, Marta. *El correo clandestino*. Unido, 6(21): 212-220, 1990.
- COGGIOLA, Osvaldo. *El trotskismo en la Argentina: 1960-1985*. Buenos Aires, Cedal, 1986.
- CULLEN, Rafael. *Guerrilla, peronismo y clase obrera*. Parte II. Buenos Aires, Centro de Estudios Universitarios, UBA, Locus Standi, año 2, n.3, maio 1993.
- DELICH, Francisco. *Historia y protesta social; Córdoba: 1969-1973*. Buenos Aires, SXXI, 1974.
- DIAS BESSONE, Ramón Genaro. *Guerra revolucionaria en la Argentina: 1959-1978*. s. l., Fraterna, 1986.
- FERNANDEZ PARDO, Carlos A. & LOPEZ RITA, Alfredo. *Socialismo nacional; la marcha del poder peronista*. Buenos Aires, Ed. Relevo, 1973.
- FRANK, Graziano. *Divine violence: spectacle, psychosexuality and radical cristianity in the argentine "dirty war"*. Boulder, Westview Press, 1992.
- GASPARINI, J. *Montoneros: final de cuentas*. Buenos Aires, Pontosur, 1988.
- *El crimen de Graiver*. Buenos Aires, Grupo Editorial Zeta, 1990.
- GAZZERA, Miguel & CERESOLE, Norberto. *Peronismo: autocrítica y perspectivas*. Buenos Aires, Descartes, 1970.
- GENTA, Jordán B. *Seguridad y desarrollo; reflexiones sobre el terror en la Argentina*. Buenos Aires, Cultura Argentina, 1970.
- GODIO, Julio. *El movimiento obrero argentino: 1955-1990; venturas y desventuras de la columna vertebral desde la resistencia hasta el menemismo*. Buenos Aires, Legasa, 1991.
- GRAHAM YOOL. *Cronología*. Buenos Aires, Buenos Aires Herald, 1994.
- GUILLESPIE, Richard. *Soldados de Perón; los Montoneros*. Buenos Aires, Grijalbo, 1987.

- HALPERÍN DONGHI, Tulio. *La larga agonía de la Argentina peronista*. Buenos Aires, Ariel, 1994.
- HILB, Claudia & LUTZKY, Daniel. *La nueva izquierda argentina: 1960-1980; política y violencia*. Buenos Aires, CEAL, 1984.
- HODGES, Donald C. *Argentina: 1943-1987; the national revolution and resistance*. Albuquerque, University of New Mexico Press, 1988. IHS
- IMAZ, J.L. *Promediando los cuarenta*. Buenos Aires, Sudamericana, 1977.
- JAMES, Daniel. The peronist left. *Journal of Latin American Studies*, Great Britain, 8(2), 1976.
- *Resistencia e integración; el peronismo y la clase trabajadora argentina: 1946-1976*. Buenos Aires, Sudamericana, 1990.
- KAHN, Heriberto. *Doy fe*. Buenos Aires, Losada, 1979.
- KENWORTHY, Eldon. Interpretaciones ortodoxas y revisionistas del apoyo inicial del peronismo. *Desarrollo Económico*, 1975, 14(56): 749-763.
- KANDEL, P. & MONTEVERDE, M. *Entorno y caída*. Buenos Aires, Planeta, 1976.
- LANDI, Oscar. *La tercera presidencia de Perón: gobierno de emergencia y crisis política*. Buenos Aires, Centro de Estudios de Estado y Sociedad, 1978.
- LESSEPS, Mariano & TRAVELER, Lucia. *Argentina; un país entregado*. Madrid, Castellote, 1978. IHS
- MARÍN, J.C. *Los hechos armados; un ejercicio posible*. Buenos Aires, Cicto, 1985.
- MARTINI, L. *Hombres y mujeres del PRT-ERP*. Buenos Aires, Contrapunto, 1990.
- MOVIMIENTO DE SACERDOTES PARA EL TERCER MUNDO. *El pueblo donde está?*. Buenos Aires, Publicaciones para el MSTM, 1975.
- OLLIER, M.M. Entre la memoria y el olvido. *La ciudad futura*, Buenos Aires, v. 3, p. 20-31, dic. 1986.
- *El fenómeno insurreccional y la cultura política*. Buenos Aires, CEAL, 1986.
- *Orden, poder y violencia: 1968-73*. Buenos Aires, CEAL, 1989.
- PLA, Alberto J. *Alternativa para la clase obrera argentina: peronismo o socialismo?*. Caracas, Facultad de Ciencias Económicas y Sociales, 1981.
- PORTANTIERO, J.C. et alii. *El ojo mocho*, año 1, n. 1, verano 1991.
- RANIS, Peter. *Argentine workers: peronism and contemporary class consciousness*. Pittsburgh Press, 1992.
- RATLIFF, W. *Yearbook on Latin American communist affairs*. California, Hoover Institution Press, 1971.
- RIZ, Liliana de. *Retorno y derrumbe*. México, Fólíos Ed., 1981.
- ROLDAN, Iris Martha. *Sindicatos y protesta social en la Argentina: 1969-1974; un estudio de caso: El Sindicato de Luz y Fuerza de Córdoba*. Amsterdã, Centrum voor studie en documentatie van Latijns Amerika, 1978.
- ROUQUIÉ, Alain. *O extremo-ocidente; introdução à América Latina*. São Paulo, Edusp, 1992.
- SALINAS, J. & VILLALONGA, J. *Gorriarán: La Tablada y las guerras de la inteligencia en América latina*. Buenos Aires, Mangin, 1993.
- SANTUCHO, Julio. *Los últimos guevaristas; surgimiento y eclipse del Ejército Revolucionario del Pueblo*. Buenos Aires, Puntosur, 1985.
- SANTUCHO, Roberto Mario. *R.M. Santucho: una vida al servicio de la revolución; poder burgués y poder revolucionario*. Buenos Aires, Ed. 19 de julio, 1988.
- SEOANE, M. *Todo o nada: la historia secreta y la historia pública del jefe guerrillero Mario Roberto Santucho*. Buenos Aires, Planeta, 1992.

- SIRKIS, Alfredo, pseud. [DIAS, Marcelo] *A guerra da Argentina*. Rio de Janeiro, Record, 1982.
- SMITH, Wayne S. "The return of Perón". In: MIGUENS, José E. e TURNER, F. (eds.) *Juan Perón and the reshaping of Argentina*. Pittsburgh, University of Pittsburgh Press, 1983, p. 97-146.
- TERRAGNO, Rodolfo H. *Los 400 días de Perón*. Buenos Aires, Ed. de la Flor, 1974.
----- *1973-1976, de Cámpora a Videla*. Buenos Aires, Peña Lillo, 1976.
- TIMERMAN, Jacobo. *Prisionero sin nombre, celda sin número*. Buenos Aires, Alfred Knopf, 1981.
- TOER, Mario (org.) *El movimiento estudiantil de Perón a Alfonsín*. Buenos Aires, CEAL, 1988.
- TORRES MOLINA, Ramón Horacio. La etapa actual de las guerrillas argentinas. *Cristianismo y Revolución*, jun. 1971, n. 9.
- VERBISTKY, H. *Ezeiza*. Buenos Aires, Contrapunto, 1985.
- WALSH, Rodolfo. *Operación masacre*. Buenos Aires, Ed. de la Flor, 1972

II. Nacionalismo

- AGOSTI, H. *Nación y cultura*. Buenos Aires [s. l.] 1959.
----- *Ideología y cultura*. Lisboa, Livros Horizonte, 1984.
----- La inteligencia inábil, *Cuadernos de Cultura*, 58: 1-10, jul./ago. 1962.
- ARGUMENTO, Alcira. *Los silencios y las voces en América Latina; notas sobre el pensamiento nacional y popular*. Buenos Aires, Ed. del Pensamiento Nacional, 1994.
- BAILY, Samuel J. *Labor, nationalism and politics in Argentina*. New Brunswick, Rutgers University Press, 1967.
----- *Nationalism in Latin America*. Massachusetts, 1971.
- CAMARGO, Sonia de. *O nacionalismo conservador e o nacionalismo popular na política argentina*. São Paulo, 1980.
- DEUTSCH, K. *Nationalism and social communication*. Mass., MIT, 1966.
----- *El nacionalismo y sus alternativas*. Buenos Aires, Paidós [s/d]
- FERNÁNDEZ, J. The national syndrome in Argentina. *Journal of Inter-American Studies*, Florida, 8(4): 551-564, oct. 1966.
- GIUDICE, Ernesto. *Imperialismo y liberación nacional*. Buenos Aires, Granica, 1974.
- HERNÁNDEZ ARREGUI, J.J. *La formación de la consciencia nacional*. Buenos Aires, Hachea, 1970.
----- *O que é o ser nacional?*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1971.
- HOBBSAWN, E. *Nações e nacionalismo, desde 1780*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.
- IANNI, O. *O colapso do populismo no Brasil*. Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1987.
- KOHN, H. *Historia del nacionalismo*. México, FCE, 1984 [1949].
----- *Nationalism*. New Jersey, Princeton, 1955.
----- *A era do nacionalismo*. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura Brasil, 1962.
- NAVARRO, Marisa. *Los nacionalistas*. Buenos Aires, Jorge Álvarez, 1969.
- PASO, L. *Argentina 1930; la frustración del nacionalismo*. Buenos Aires, Futuro, 1987.
----- El revisionismo histórico y la conciencia nacional. *Cuadernos de Cultura*, Buenos Aires, n. 79, mar.-abr. 1966, p. 11-36.
- PINSKY, J. *Questão nacional e marxismo*. São Paulo, Brasiliense, 1980.

- PORTANTIERO, J.C. O nacional-popular; Gramsci em clave latino-americana. In: COUTINHO, C.N. & NOGUEIRA, M.A. *Gramsci e a América Latina*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988, p. 47-83.
- QUATTROCCHI-WOISSON, Diana. *Un nacionalisme de déracinés: l'Argentine pays malade de sa mémoire*. Paris, CNRS, 1992.
- RAMA, C. *L'Amérique Latine: 1492-1936*. Paris, Ouvrières, 1959.
- *Teoría de la historia; introducción a los estudios históricos*. Madrid, Tecnos, 1974.
- *Nacionalismo e historiografía en América Latina*. Madrid, Tecnos, 1981.
- ROCK, D. *La Argentina autoritaria; los nacionalistas, su historia y su influencia en la vida pública*. Buenos Aires, Ariel, 1993.
- ROCKER, Rudolf. *Revolución y regresión: 1918-1951*. Buenos Aires, Tupac, 1952 (trad. de SANTILLÁN, Diego Abad de).
- *As idéias absolutas no socialismo*. São Paulo, Ed. Semente, 1981.
- SCHWARTZMAN, S. *O pensamento nacionalista e os Cadernos de Nosso Tempo*. Brasília, Universidade de Brasília, 1981.
- SEBE, J.C. *Introdução ao nacionalismo acadêmico; os brasilianistas*. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- SMITH, A. *Las teorías del nacionalismo*. Buenos Aires, Ed. Península, 1976.
- SOLBERG, C. *Petroleo y nacionalismo en la Argentina*. Buenos Aires, Hyspamérica, 1986.
- TOURAINÉ, A. *Movilidad social, relaciones de clase y nacionalismo en América Latina*. América Latina, año 8, n. 1, 1965.
- WEFORT, F. *O populismo na política brasileira*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980 (Cap. VIII: Teoria da dependência ou ideologia nacional?).
- WHTAKER, A. *Nationalism in Latin American*. Greenwood Press, 1962.
- ZULETA ALVAREZ, E. *El nacionalismo argentino*. Buenos Aires, La Bastilla, 1975, 2 v.

III. Esquerda e movimentos sociais

- AGOSTI, H.P. et al. *América Latina à luz do marxismo*. São Paulo, Feldman-Rêgo, 1979.
- ARNEDO ALVAREZ, G. *Cuatro décadas de los procesos políticos argentinos*. Buenos Aires, Fundamentos, 1978.
- ARÉVALO, O. *El Partido Comunista*. Buenos Aires, CEAL, 1983.
- ARICÓ, J. Geografía de Gramsci na América Latina. In: COUTINHO, C.N. e NOGUEIRA, M.A. *Gramsci e América Latina*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988, p. 25-46.
- ARGUMENTO, A. *Los silencios y las voces en América Latina; notas sobre el pensamiento nacional y popular*. Buenos Aires, Ed. del Pensamiento Nacional, 1994.
- BLACHMAN, Morris & HELLMAN, Ronald. (eds.) *Terms of conflict: ideology in Latin American politics*. Philadelphia, s. Ed., 1977.
- BOUDRILLARD, J. *Partidos comunistas: parceiros artificiais da política*. Rio de Janeiro, Rocco, 1985.
- BOURDÉ, Guy. *La classe ouvrière argentine: 1929-1969*. Paris, L'Harmattan, 1987.
- BRAVO, G.M. *Historia del socialismo*. Lisboa, Europa-América, 1971, v. 3, p. 175.
- BRON, J. *Histoire du mouvement ouvrier français*. Paris, 1982, tome 3, p. 125-155.
- CARONE, Edgard. *Movimento operário no Brasil: 1964-1984*. São Paulo, DIFEL, 1984.
- *Classes sociais e movimento operário*. São Paulo, Atica, 1989.
- CASTAÑEDA, J. *A utopia desarmada*. São Paulo, Cia. das Letras, 1994.
- CEBALLOS, Ernesto S. *Historia política del movimiento obrero argentino: 1944-1985*. Buenos Aires, Ed. del Mar Dulce, 1985.

- CERRONI, O. *Teoría política y socialismo*. México, ERA, 1973.
1962. CODOVILLA, V. *El significado del giro a la izquierda del peronismo*. Buenos Aires, Ateneo, 1962.
- *Una trayectoria consecuente en la lucha por la liberación nacional y social del pueblo argentino*. Buenos Aires, Ateneo, 1964, 4 v.
- *Trabajos escogidos*. Buenos Aires, Ateneo, 1972.
- CORREA, Jorge. *Carlos Ons: un dirigente metalúrgico clasista*. Buenos Aires, Ateneo, 1975.
- COUTINHO, C.N. & NOGUEIRA, M.A. *Gramsci e a América Latina*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.
- DIMITROV, G. *A III Internacional e o fascismo*. Lisboa, Assirio e Alvim, 1975.
- FAVA, A. *Qué es el Partido Comunista?*. Buenos Aires, Sudamericana, 1983.
1976. FERNÁNDEZ, Enrique (org.) *La vida obrera en la Argentina*. Buenos Aires, Proyección, 1976.
1986. FERNÁNDEZ, A. *Ideología de los grupos sindicales: 1966-1973*. Buenos Aires, CEAL, 1986.
1989. FURET, François. *Pensando a Revolução Francesa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2. ed., 1989.
- GALASSO, N. *La Izquierda nacional y el FIP*. Buenos Aires, CEAL, 1983.
- [1980]. GARCIA, Marco Aurélio. *Contribuição à história da esquerda brasileira: 1964-1979*. S. l., [1980].
- (org.) *As esquerdas e a democracia*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.
- GHIOLDI, Rodolfo. *Escritos*. Buenos Aires, Ateneo, 1976.
- GHIOLDI, Orestes. *60 años de lucha por una nueva Argentina; preguntas e respuestas sobre la historia del Partido Comunista*. Buenos Aires, Ateneo, 1977, 4 v.
- *Escritos y discursos*. Buenos Aires, Fundamentos [s. d.].
- GIANNOTTI, Vito. *O que é jornalismo operário?*. São Paulo, Brasiliense, [s. d.]
- GODIO, Julio. *Historia del movimiento obrero argentino*. Buenos Aires, Tiempo Contemporáneo, 1973.
- (org.) *El debate sindical nacional e internacional*. Buenos Aires, CEAL, 1984.
- GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas; a esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*. São Paulo, Atica, 1987.
- GUEVARA, E. *Obras IV*, Journal de Bolivie. Paris, Maspero, 1968.
- HAIJEK, M. *Historia de la Tercera Internacional: la política de frente único: 1922-1935*. Barcelona, Crítica, 1984.
- HALPERÍN DONGHI, Tulio. *Argentina en el callejón*. Montevideo, ACRA, 1964.
- HOBBSBAWN, E. *História do marxismo*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.
- *Estratégias para uma esquerda racional*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.
- HODGES, Donald C. *Argentina: 1943-1987; the national revolution and the resistance*. Albuquerque, University of New Mexico Press, 2. ed., 1988.
- ISCARO, R. *Historia del movimiento obrero argentino; historia del primero de mayo*. Buenos Aires, Ciencias del Hombre, 1973, 4 v.
1984. KONDER, Leandro. *O marxismo na batalha das idéias*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.
- KOROL, Claudia. *El Che y los argentinos*. Buenos Aires, Dialéctica, 1988.
1985. LABASTIDA, J.M. *Hegemonía y alternativas políticas en América Latina*. México, SXXI, 1985.
1980. LÖWY, Michael. *Le marxisme en Amérique Latine de 1909 à nos jours*. Paris, Anthropos, 1980.

- A revolução permanente: teoria ou profissão de fé?. In: COGGIOLA, O. (org.) *Trotsky hoje, Cadernos Ensaio 6*, São Paulo, Ensaio, 1994, p. 75-82.
- MAFUD, Julio. *La classe obrera argentina*. Buenos Aires, Distal, 1988.
- MATSUSHITA, H. *Movimiento obrero argentino: 1930-1945; sus proyecciones en los orígenes del peronismo*. Buenos Aires, Siglo Veinte, 1983.
- MUNCK, Ronaldo et al. *Argentina: from anarchism to peronism: workers, unions and politics: 1855-1985*. London, Zed Books, 1987.
- NIDO, Enrique. *Informe general del movimiento anarquista en la Argentina*. Buenos Aires, Ed. FORA, 1991.
- ODDONE, Jacinto. *Historia del socialismo argentino*. Buenos Aires, CEAL, 1983, 2 v.
- OELGART, Bernd. *Ideólogos e ideologias da nova esquerda*. Lisboa, Presença [s. d.]
- PORTANTIERO, J.J. El tránsito de una época; de la contradicción a los conflictos. *La Ciudad Futura*, n.2, oct. 1986, p.24.
- PRADO Jr, Caio. *A revolução brasileira*. São Paulo, Brasiliense, 1966.
- RAMOS, Jorge Abelardo. *La lucha por un partido revolucionario*. Buenos Aires, Pampa y Cielo, 1964.
- *Las masas y las lanzas*. Buenos Aires, Ed. del Mar Dulce, 1970.
- RANCIÈRE, Jaques. *A noite dos proletários; arquivos do sonho operário*. São Paulo, Cia. das Letras, 1988.
- RATLIFF, W. *Yearbook on Latin American Communist affairs*. California, Hoover Institution Press, 1971.
- REIS, Daniel Aarão. *A revolução faltou ao encontro*. São Paulo, Brasiliense, 1990.
- & FERRERIA de SÁ, Jair. *Imagens da revolução*. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1985.
- et alii. *As esquerdas e a democracia*. São Paulo, Paz e Terra, 1986.
- et alii. *História do marxismo no Brasil; o impacto das revoluções*. São Paulo, Paz e Terra, 1991.
- RIDENTI, Marcelo. A vanguarda e as massas na revolução que não ocorreu. *Comunicação apresentada ao X Encontro Anual da ANPOCS*, São Paulo, 1986.
- *O fantasma da revolução brasileira*. São Paulo, Ed. Unesp/Fapesp, 1993.
- *O fantasma da revolução brasileira; notas sobre a historiografia da esquerda: 1964-1974*. Seminário 20 anos do AEL [mimeo] Unicamp, 1994.
- RIVERA, Enrique. *El socialismo y la revolución nacional*. Buenos Aires, s. Ed., 1969.
- SADER, Eder. *Marxismo e teoria da revolução proletária*. São Paulo, Atica, 1986.
- SADER, Emir. *O anjo torto; esquerda (e direita) no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1995.
- SCHNEIDER, S. *H.P. Agosti, creación y milicia*. Buenos Aires, Ed. de los Amigos de H.P. Agosti, 1994.
- SILVA, Sergio S. 1935: ilusão, loucura e história. *Cadernos do AEL*, n. 2., 1995, p. 63-88.
- Thompson, Marx, os marxistas e outros. *Textos Didáticos*, IFCH, 1995, p. 5-16.
- TERÁN, O. *En busca de la ideología argentina*. Buenos Aires, s. ed., 1986.
- Anibal Ponce: *el marxismo sin nación?*. México, Pasado y Presente, 1989.
- TIMERMAN, Jacobo. *Cuba hoy y después: es posible la vida sin Fidel?*. Barcelona, Muchnik Ed., 1990.
- UNIDAD SOCIALISTA *Socialismo es juventud: conclusiones seminario nacional de los jóvenes*. Mar del Plata, jul 1988.
- VAZEILLES, José. *Los socialistas*. Buenos Aires, Jorge Alvarez, 1968.

VINHAS, Moisés. *O Partidão; a luta por um partido de massas: 1922-1974*. São Paulo, Hucitec, 1982.

WINCHESTER, *Simon prison diary; Argentina*. London, Chatto and Windus, 1983.

ZAGLADIN, V. *El movimiento comunista internacional, bosquejo de estrategia y táctica*. Moscú, Progreso, 1973 (cap. VIII: Los comunistas de América Latina y los problemas de la unidad de acción de las fuerzas progresistas, anti-capitalistas y revolucionarias; cap. IX: El trabajo de los comunistas entre las masas)

IV. Peronismo

ALEXANDER, Robert J. *Juan Domingo Perón: a history*. S. I., Westview Press, 1979.

ANZORENA, Oscar. *JP: historia de la Juventud Peronista: 1955-1988*. Buenos Aires, Ed. del Cordón, 1989.

BARRIOS, Américo. *Con Perón en el exilio*. Buenos Aires, Treinta Días, 1964.

BELLONI, Alberto. *Del anarquismo ao peronismo*. Buenos Aires, s. Ed., 1960.

----- *Peronismo y socialismo nacional*. Buenos Aires, s. Ed., 1962.

BITTEL, D.F. *Qué es el peronismo?*. Buenos Aires, Sudamericana, 1983.

CAFIERO, Antonio. *Desde que grité Viva Perón!*. Buenos Aires, Pequén, 1985.

CAMPO, Hugo del. *Sindicalismo y peronismo: los comienzos de un vínculo perdurable*. Buenos Aires, CLACSO, 1983.

CIRIA, Alberto. *Perón y el Justicialismo*. Buenos Aires, SXXI, 1971.

COOKE, John W. *La lucha por la liberación nacional*. Buenos Aires, Fund. Raúl Scalabrini Ortiz, 1960.

----- *La revolución y el peronismo*. Buenos Aires, Ed. ARP, 1968.

----- *Peronismo e integración*. Buenos Aires, Aquarius, 1972.

----- *Peronismo y revolución*. Buenos Aires, Granica, 1973.

CÁMPORA, Hector J. *El mandato de Perón*. Buenos Aires, Ed. Quehacer Nacional, 1975.

DEHEZA, José A. *Quiénes derrocaron a Isabel Perón?*. Buenos Aires, Ed. Cuenca del Plata, 1980.

DI TELLA, G. *Perón-Perón: 1973-1976*. Buenos Aires, Sudamericana, 1983.

FERNANDEZ PARDO, Carlos A. e LOPEZ RITA, Alfredo. *Socialismo nacional; la marcha del poder peronista*. Buenos Aires, Ed. Relevo, 1973.

GAZZERA, Miguel & CERESOLE, Norberto. *Peronismo: autocrítica y perspectivas*. Buenos Aires, Descartes, 1970.

GELTMAN, P. Mitos, símbolos y héroes en el peronismo. In: Vários autores, *El peronismo*, Buenos Aires, Cepe, 1969.

GERARD, Guillermin. *Le peronism: histoire de l'exil et du retour*. Paris, Publications de la Sorbonne, 1989.

GILLESPIE, Richard. J.W.Cooke. *El peronismo alternativo*. Buenos Aires, Cántaro, 1989.

GODIO, Julio. *El último año de Perón*. Bogotá, Ed. Tercer, 1981.

----- *La caída de Perón*. Buenos Aires, Granica, 1973.

GOLDAR, Ernesto. *El peronismo en la literatura argentina*. Buenos Aires, Freeland, 1971.

----- *John William Cooke y el peronismo revolucionario*. Buenos Aires, CEAL, n. 99, 1985.

GONZALEZ, Ernesto. *Qué fue y qué es el peronismo*. Buenos Aires, Pluma, 1974.

GUTIÉRREZ, Carlos M. *Reportaje a Perón*. Buenos Aires, Schapire Ed., 1974.

- HALPERIN DONGHI, Tulio. Algunas observaciones sobre Germani, el surgimiento del peronismo y los migrantes internos, *Desarrollo Económico*, 1975, 14(56): 765-779.
- HERNÁNDEZ ARREGUI, J.J. *Peronismo y socialismo*. Buenos Aires, Corregidor, 1972.
- HOROWICZ, Alejandro. *Los cuatro peronismos*. Buenos Aires, Hyspamerica, 1985.
- HOROWITZ, Joel. *Argentine Unions, the state, and the rise of Perón: 1930-1945*. Berkeley, California University Press, 1990.
- HORVATH, Laszlo (comp.) *Peronism and the three Perons: a checklist of material on peronism and Juan Domingo, Eva and Isabel Peron and their writings in the Hoover Institution Library and archives and in the Stanford University libraries*. Stanford, Hoover Inst., 1988.
- IMAZ, J.L. *Promediando los cuarenta*. Buenos Aires, Sudamericana, 1977.
- ITURRIETA, Anibal. *El pensamiento peronista*. Madrid, Ed. de Cultura Hispánica, 1990.
- JAMES, Daniel. Power and politics in peronist trade unions, *Journal of Interamerican Studies and World Affairs*, 1978, v. 20, n. 1, p. 3-36.
- *Unions and politics: the development of peronism trade unions: 1955-1966*. Doctoral Dissertation, Department of History, University of London, 1979.
- *Poetry, factory and female sexuality in peronist Argentina*. Duke University [mimeo] 1994.
- KIRPATRICK, Jeane. *Leader and vanguard in mass society: a study of peronist Argentina*. Cambridge, Mass., MIT Press, 1971.
- LUNA, Felix. *Perón y su tiempo*. Buenos Aires, Sudamericana, 1984.
- MARTÍNEZ, Tomás Eloy. *La novela de Perón*. Buenos Aires, Planeta, 1991.
- *Santa Evita*. Buenos Aires, Planeta, 1995.
- MOVIMIENTO DE SACERDOTES PARA EL TERCER MUNDO. *El pueblo donde está?*. Buenos Aires, Publicaciones para el MSTM, 1975.
- PAGE, J.A. *Perón*. Tomo I: 1895-1952, Tomo II: 1952-1974. Buenos Aires, Vergara, 1983.
- PARTIDO PERONISTA. *Doctrina Peronista: filosofía, política, social*. Buenos Aires, 1947.
- PAVÓN PEREYRA, Enrique. *Coloquios con Perón*. Madrid, Editores Técnicos Reunidos, 1973.
- *Conversaciones con Juan Domingo Perón*. Buenos Aires [s. ed.] 1978.
- *Los últimos días de Perón*. Buenos Aires, Campana, 1981.
- *Diario secreto de Perón*. Buenos Aires, Sudamericana-Planeta, 1985.
- PENAIA, Marta et al. *Estudios sobre los orígenes del peronismo*. Buenos Aires, Siglo XXI, 1973.
- PEICOVICH, Esteban. *Hola Perón*. Buenos Aires, Granica, 1973.
- *El último Perón*. Madrid, Cambio 16, 1975.
- PEÑA, Milciades. *El peronismo; selección de documentos para la historia*. Buenos Aires, Fichas, 1973.
- PERÓN-COOKE; *correspondencia*. Buenos Aires, Granica, 1973, 2 v.
- PORTANTIERO, J.C. & MURMIS, Miguel. *Estudios sobre los orígenes del peronismo*. Buenos Aires, Legasa, 1983 [1971].
- RAMOS, Jorge A. *La era del bonapartismo*. Buenos Aires, Plus Ultra, 1973 (La era del peronismo, 1943-1976. Buenos Aires, Mar Dulce, 1981).
- *Adiós al coronel*. Buenos Aires, Mar Dulce, 1983.
- ROZITCHNER, León. *Perón: entre la sangre y el tiempo; lo inconciente y la política*. Buenos Aires, CEAL, 1985.
- SEBRELI, J.J. *Los deseos imaginarios del peronismo*. Buenos Aires, Legasa, 1983.

- SIGAL, S. & VERÓN, E. *Perón o muerte; los fundamentos discursivos del fenómeno peronista*. Buenos Aires, Legasa, 1986.
- SMITH, Peter. The social base of peronism. *Hispanic American Historical Review*, v. 52, n. 1, 1972, p. 55-73.
- TERÁN, Oscar. *Nuestros años 60*. Buenos Aires, 1994.
- TESSELLA, Basile. *Deux femmes pour un dictateur: Evita et Isabelita Perón*. Paris, France-Empire, 1980.
- TORRES, Juan Carlos. *La formación del sindicalismo peronista*. Buenos Aires, Legasa, 1988.
- VICENS, Luis. *Lopezreguismo y justicialismo*. Buenos Aires, El Cid, 1983.
- VIGO, J.M. *Crónicas de la resistencia, la vida por Perón!*. Buenos Aires, Peña Lillo, 1973.
- WIÑAS, David. *Poder político y educación; el peronismo y la Comisión Nacional de Aprendizaje y Orientación*. Buenos Aires, Instituto Di Tella, 1971.

V. Perón, autor

- PERÓN, J.D. *Libro azul y blanco*. Buenos Aires [s. ed.] 1946.
- *Doctrina Peronista*. Buenos Aires [ed. oficial] 1948.
- *Justicialismo y doctrina social cristiana*. Buenos Aires, 1951.
- *Del poder al exilio*. S. l., 1956. (Serie de artículos de Perón publicados na revista *Tempo*, de Roma, e no jornal *Pueblo*, de Madrid).
- *La fuerza es el derecho de las bestias*. Buenos Aires, Ed. Cicerón, 1958.
- *La hora de los pueblos*. Buenos Aires, El Norte, 1968.
- Carta de Perón a las FAP. *Cristianismo y Revolución*, set. 1970, n. 25 e
- BASCHEITI, R. *Documentos de la Resistencia Peronista: 1955-1970*. Buenos Aires, Pontosur, 1988, p. 439.
- Perón habla a la juventud. *Cristianismo y Revolución*, jun. 1971, n. 29.
- *Actualización política y doctrinaria para la toma del poder*. S. l., Pevuel [1971].
- *Tres revoluciones militares*. Buenos Aires, Corac [Escorpión, 1963] 1972.
- *Conducción Política*. 2.ed. Buenos Aires, Secretaria de la Presidencia de la Nación, 1974.
- *Doctrina universal*. Buenos Aires, Ministerio de Cultura y Educación, 1975.

VI. Perón, biografías

- CHÁVEZ, Fermín. *Perón y el peronismo en la historia contemporánea*. Buenos Aires, Oriente, 1975, v.1.
- ELOY MARTINEZ, Tomás. *La novela de Perón*. Buenos Aires, Planeta, 1991.
- LUCA de TENA, T. et al. *Yo, Juan Domingo Perón; relato autobiográfico*. Buenos Aires, Planeta, 1976.
- PAVÓN PEREYRA, E. *Vida de Perón*. Buenos Aires, Ed. Justicialista, 1965.
- Memorias de Juan Perón: 1895-1945. *Panorama*, Buenos Aires, 14 de abr. 1970 e *La Opinión*, Buenos Aires, 2 de jul 1974.

VII. Política Argentina

AVELLANEDA, Andrés. *Censura, autoritarismo y cultura: Argentina 1960-1983*. Buenos Aires, CEAL, 1986.

BALOIRA, E. & LOPEZ PINTOR, R. *Iberoamérica en los años 80: perspectivas de cambio social y político*. Madrid, Centro de Investigaciones Sociológicas, s. d.

BORON, Atilio. *Estado, capitalismo y democracia en América Latina*. Buenos Aires, Imago Mundi, 1992.

BOTANA, N. *La tradición republicana; Alberdi, Sarmiento y las ideas políticas de su tiempo*. Buenos Aires, Sudamericana, 1984.

----- *La legitimité, problème politique*. Buenos Aires, C.L. Brousse, 1968.

BRAUN, O. *El capitalismo argentino en crisis*. Buenos Aires, SXXI, 1973.

CANTÓN, Darío. *Materiales para el estudio de la sociología política en la Argentina*. Buenos Aires, Instituto Di Tella, 1968, 2 v.

----- *Elecciones y partidos políticos en la Argentina*. Buenos Aires, SXXI, 1973.

CAVAROZZI, M. Ciclos políticos na Argentina a partir de 1955. In: O'DONNELL, G. et alii. *Transições do regime autoritário*. São Paulo, Vértice, 1988, p. 37-75.

DIAS, Claudio & ZUCCO, Antonio. *La ultraderecha argentina y su conexión internacional*. Buenos Aires, Contrapunto, 1987. IIHS

FRAGA, Rosendo. *Argentina en las urnas: 1916-1989*. Buenos Aires, Centro de Estudio Unión para la Nueva Mayoría, 1989.

HALPERIN DONGHI, Tulio. *Una nación para el desierto argentino*. Caracas, Ayacucho, 1980.

----- *Argentina: la democracia de masas*. Buenos Aires, Paidós, 1983.

LUNA, F. *Argentina de Perón a Lanusse: 1943-1973*. Buenos Aires, Planeta, 1972.

MARSAL, J.F. *Argentina conflictiva; seis estudios sobre problemas sociales argentinos*. Buenos Aires, Paidós, 1972.

MERCHENSKY, Marcos. *Las corrientes ideológicas en la historia argentina*. Buenos Aires, Crisol, 1979.

O'DONNELL, G. *El estado burocrático autoritario: 1966-1973; triunfos, derrotas y crisis*. Buenos Aires, Belgrano, 1982.

PEÑA, Milcíades. *Masas, caudillos y elites*. Buenos Aires, Fichas, 1973.

PERALTA RAMOS, M. *Acumulación de capital y crisis política en Argentina: 1930-1974*. México, SXXI, 1978.

POTASH, R. *El ejército y la política en la Argentina: 1945-1973*. Buenos Aires, Sudamericana, 1994.

ROCK, D. *Argentina in the Twentieth Century*. Pittsburgh, University of Pittsburg Press, 1975.

ROMERO, J.L. *Las ideas políticas en Argentina*. Buenos Aires, FCE, 1956.

ROUQUIÉ, Alain. *Poder militar y sociedad política en la Argentina*. Buenos Aires, Emecé, 1982.

----- (org.) *Como renascem as democracias*. São Paulo, Brasiliense, 1985. (Gonzales, R. et.alii. Argentina: a participação popular e seus avatares, 1880-1943, p. 141-154; Sábato, J. e Schvarzer, J. Argentina: empecilhos para a democracia, p. 155-196; Groisman, E. O sistema jurídico argentino diante do processo de reorganização nacional, p. 197-210).

VIII. Economía argentina, década de 70

- DI TELLA, G. Política económica del gobierno en Argentina, 1973-76. In: WHITEHEAD, L. *Inflación y estabilidad en América Latina*. México, 1984.
----- *Perón-Perón*. 1973-1976. Buenos Aires, Sudamericana, 1983.
CONSEJO TECNOLÓGICO PERONISTA. *Notas sobre la economía argentina: del gobierno popular a la dictadura militar: 1973-1982*. México, 1982. IIFs
FERRER, A. *La economía argentina*. Buenos Aires, FCE, 1971.
MUCHNIK, Daniel. *De Gelbard a Martínez de Hoz; el tobogán económico*. Buenos Aires, Ariel, 1978.

IX. Terrorismo

- DEBRAY, Régis. *Révolution dans la révolution? et autres essais*. Paris, Maspéro, 1969.
----- *La critique des armes*. Paris, Seuil, 1974.
----- *Ensayos sobre América Latina*. México, Era, 1969.
DECKES, F. *Radiografía do terrorismo no Brasil: 1966-80*. São Paulo, Ícone, 1985.
GILLI, Alberto. *La senda de la guerrilha*. México, Nueva Imagen, 1986.
STERLING, C. *A rede do terror*. Rio de Janeiro, Nórdica, 1981.

X. Intelectuais e esquerda

- ALLÈGRE, C. Gauche: la parole aux intellectuels. *Le Débat*, n.76, sep.-oct. 1993, p. 85-96.
DELICH, Francisco. *Crítica y autocrítica de la razón extraviada; 25 años de sociología en la Argentina*. Caracas, El Cid Editor, 1977.
GRAMSCI, A. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1968.
LEIS, Hector Ricardo. *Intelectuales y política: 1966-1973; estudio del debate intelectual*. Buenos Aires, CEAL, 1991.
LÖWY, M. *Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários*. São Paulo, LECH, 1979.
MACCIOCHI, M.A. *Gramsci y la revolución de occidente*. México, SXXI, s/d.
----- *A favor de Gramsci*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
MARSAL, J.F. *El intelectual latinoamericano; un simposio sobre sociología de los intelectuales*. Buenos Aires, Ed. del Instituto Di Tella, 1970.
----- (org.) *Los intelectuales políticos*. Buenos Aires, Ed. Nueva Visión, 1971.
----- et al. La derecha intelectual argentina; análisis de la ideología y la acción política de un grupo de intelectuales. *Documento de Trabajo del Instituto Di Tella*, Buenos Aires, jun. 1970.
----- *La sombra del poder*. Barcelona, 1975.
PECAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil*. São Paulo, Atica, 1990.
PINHEIRO, Paulo Sergio. *Política e trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975.
SIGAL, Silvia. *Intelectuales y política en la Argentina*. Buenos Aires, Pontosur, 1991.
TERÁN, O. Alejandro Korn socialista. *La Ciudad Futura*, n.3, dic. 1986, p.32.

XI. Periódicos e demais fontes documentais

XI.1. Gerais

- Afirmación. Buenos Aires, 1961 [Arquivo Edgard Leuenroth- AEL].
- Ahora. Peronismo. Buenos Aires, 1964 [Acervo Liborio Justo-LJ], AEL].
- Antropología Tercer Mundo. Buenos Aires, 1972.
- América Latina. Dir. Edgar Greco. Buenos Aires, 1971/1973 [LJ].
- Apuntes para la militancia en el peronismo crítico. Buenos Aires, Shapiro, 1973 [Amsterdã, IJHS].
- Argentine: l'imperialisme français en question. Comité de Soutien aux Luttes du Peuple Argentin. Paris, 1978 [Amsterdã, Instituto Internacional de História Social-IJHS].
- Argentina: political-military leadership of Ejército Revolucionario del Pueblo (ERP). Partido Revolucionario de los Trabajadores (PRT) [s. l.] 1980 [Amsterdã, Instituto Internacional de História Social-IJHS].
- Argentine '78. Movimiento Peronista Montonero [s. l.] 1980 [Amsterdã, IJHS].
- Argentinië van Peron tot Videla. Brussel, Duytschaever voor Jongsocialisten, 1978 [Amsterdã, IJHS].
- Avanzada Socialista. PST. Buenos Aires, 1973 [LJ].
- Azul y Blanco. Dir. Sanchez Sorondo. Buenos Aires, 1959, 1966 e 1967 [LJ].
- Baluartes. Buenos Aires, 1963/1965.
- Boletín de Informaciones Latinoamericanas. Partido Comunista. Buenos Aires.
- Boletín Informativo de los 32 gremios democráticos. Buenos Aires, 1964 e 1969 [AEL].
- CGT. Dir. Ongaro e De Luca. Buenos Aires, 1968 [LJ].
- Compañero. Esquerda peronista. Buenos Aires, 1963/1965 [LJ].
- Contrapunto. Dir. Ricardo Dessau. Buenos Aires, 1970 [LJ].
- Contribution a l'histoire du mouvement ouvrier et social argentin, bibliographie et sources documentaires de la région parisienne. BILSKY, Edgardo, Nanterre, BDIC, 1983 [Amsterdã, IJHS].
- Controversia. México.
- Crisis. La clase trabajadora nacional. Su conformación histórica. Buenos Aires [s. ed.] 1975 [Amsterdã, IJHS].
- Cristianismo y Revolución. ERP. Buenos Aires.
- Cuadernos Ahora. S.Kaplan. Buenos Aires [AEL].
- Cuadernos de Compañero. Dir. M.Valotta. Buenos Aires [LJ].
- Cuadernos de Crisis. Buenos Aires, 1974.
- Cuadernos del Peronismo Montonero Auténtico. Los papeles de Walsh [s. l.] 1979 [Amsterdã, IJHS].
- Cuarto Poder. Dir. Patricio Moreno. Buenos Aires, 1972 [LJ].
- De frente con las Bases Peronistas. Buenos Aires, 1974.
- Del peronismo al tercer movimiento histórico. Buenos Aires, 1964 [LJ].
- Diálogos sindicales entre peronistas y comunistas. Buenos Aires, Fundamentos, 1974 [Amsterdã, IJHS].
- Dinamis. Dir. A.Delfino. Sindicato de Luz y Fuerza. Buenos Aires, 1970 [LJ].

- Douze militantes syndicalistes argentines victimes de la répression. Dossier établi par des militants ouvriers argentines. Comité International contre la Répression. Paris, 1978 [Amsterdã, IHS].
- El Combatiente. PRT. Buenos Aires, 1969, 1973 e 1981 [AEL e Acervo Fernando Sanchez-FS, AEL].
- El Descamisado. Montoneros. Buenos Aires, 1973.
- El Mercurio. Santiago de Chile.
- El Mundo. ERP. Buenos Aires, 1973.
- El peronismo revolucionario interroga a Montoneros. Paris, CEDETIN for PR, 1978 [Amsterdã, IHS].
- El peronismo y el golpe de estado (informe a las bases del movimiento). Buenos Aires, Ediciones Acción Revolucionaria, 1966 [Amsterdã, IHS].
- El Popular. Montevidéo.
- El Siglo. Santiago de Chile.
- En Lucha. Buenos Aires, 1963 [LJ].
- En Lucha. Dir. E. Gurucharri. Buenos Aires, 1974 [LJ].
- En términos argentinos y socialistas. Acción Socialista [s. l.] 1964 [Amsterdã, IHS].
- Estrategia de poder. Argentina 1976: resoluciones del 1er. Congreso del GOR (organización simpatizante de la IV Internacional). [s. l.] GOR, 1976 [Amsterdã, IHS].
- El pueblo no da tregua: orden general para el ejército Montonero durante el mundial 78. FIRMENICH, M. [s. l.] 1978 [Amsterdã, IHS].
- Guerriglia in Argentina. Milano, Libreria Feltrinelli, 1968 [Amsterdã, IHS].
- Granma. Havana.
- Historia y personajes de una época trágica: las grandes investigaciones de Somos, Somos. Buenos Aires, Atlántida [AEL].
- Hoja Estudiantil. Buenos Aires, 1979 [FS].
- Inédito. Dir. Mario Monteverde. Buenos Aires, 1967 e 1970 [LJ].
- Izquierda. Crítica y Acción Socialista. Buenos Aires [AEL].
- Izquierda Nacional. PSIN, dir. Jorge Spilimbergo, E. Laclau. Buenos Aires, 1962.
- Jesucristo. Montonero de Judea. Buenos Aires, Talleres Gráficos La Técnica Impresora, 1971 [Amsterdã, IHS].
- Joven Guardia. FALN. Buenos Aires, 1964 [LJ].
- Juventud. PC. Buenos Aires.
- Kamarada Viktorio: (O Viktorio Kodovile). V.M. Concarov-Moskva, Politizdat, 1980 [Amsterdã, IHS].
- La Cia, la matanza de Ezeiza y el proceso revolucionario en la Argentina. Mayo de 1973. Buenos Aires (mimeo) 1973 [Amsterdã, IHS].
- La Ciudad Futura. Buenos Aires, 1986 e 1987 [LJ].
- La Juventud Peronista Montonera y el XI festival de la juventud y los estudiantes. [s. l.] JPM, 1978 [Amsterdã, IHS].
- La guerre populaire en Argentine. Textes et documents du PRT. Paris, Partido Revolucionario de los Trabajadores, 1975 [Amsterdã, IHS].
- Latinoamérica en lucha. Dir. Abraham Hochman. Buenos Aires, 1974 [LJ].
- La Verdad. PRT. Buenos Aires, 1970.
- Liga Socialista Revolucionaria de Argentina, Enmiendas y agregados al proyecto de resolución sobre América Latina: documento interno [s. l.] 1979 [Amsterdã, IHS].
- Los estudiantes en el movimiento revolucionario latinoamericano. Buenos Aires, Ed. 1/2 siglo, 1968 [Amsterdã, IHS].

- Lucha Obrera. PSIN, dir. E.Laclau. Buenos Aires, 1964, 1970 [LJ].
- Marcha. Semanario de izquierda latinoamericana. Buenos Aires, 1962 e 1972 [AEL].
- Marcha. CGT de oposición. Montevideo, 1969.
- Mayoría. Peronismo. Buenos Aires, 1957 e 1960 [LJ].
- Militancia Peronista para la Liberación. Buenos Aires, 1973.
- Mundo Nacionalista. Dir. Fiaschi, Ortega Peña e Duhalde. Buenos Aires, 1969 [LJ]
- Noticias. Montoneros. Buenos Aires, 1973.
- No Transar. Partido Socialista Argentino de Vanguardia, dir. David Tifemberg. Buenos Aires, 1963 [LJ].
- Nuestra Palabra. PC, dir. Agosti, Portantiero. Buenos Aires, 1955, 1965 e 1973 [LJ].
- Nueva Era. PC. Buenos Aires.
- Nueva Hora. PCR. Buenos Aires, 1973 [AEL].
- Nuevo Hombre. FAR, dir. R.Matarollo. Buenos Aires, 1971, 1974 [LJ] (BRID, Juan C. "1955-1970: quince años de resistencia", n. 3-5, 1970)
- Nuevo Orden. Dir. A.Moscoso. Buenos Aires, 1968 [LJ].
- Organización Obrera. FORA. Buenos Aires, 1958, 1965 [AEL].
- Organizarse para la victoria. Juventud Peronista Montonera. Buenos Aires, 1979 [Amsterdã, IIHS].
- Palabra Argentina. Buenos Aires.
- Palabra Obrera. Peronismo Obrero Revolucionario. Buenos Aires, 1963 e 1964 [LJ].
- Para un marxismo libertario. Buenos Aires [s. ed.][1973][Amsterdã, IIHS].
- Pasado y Presente. Córdoba, 1964 e 1973 [LJ].
- Peronismo. Selección de documentos para la historia. Buenos Aires, Fichas, 1972 [Amsterdã, IIHS].
- Poder burgués, poder revolucionario. Buenos Aires, PRT, 1974 [Amsterdã, IIHS].
- Política Obrera. Buenos Aires, 1967 [AEL].
- Política Obrera. Partido Obrero, J.C. Altamira. Buenos Aires, 1982 [LJ]. Carta a un futuro aportista. Campaña financiera del Partido Obrero de Argentina. Política Obrera, 1978 [Amsterdã, IIHS].
- Política Obrera. Sobre las posiciones del PST argentino. Edición Europa, 1979 [Amsterdã, IIHS].
- Primera Plana. Buenos Aires, 1967 [FS].
- PRESIDENCIA DE LA NACIÓN, SUBSECRETARIA DE INFORMACIONES, Buenos Aires,
- Discurso de Perón, Para que cada argentino sepa como lo debe hacer, 1952.
- Proceso a los Montoneros y guerra del Paraguay. Aplicación de la justicia social de clases. Buenos Aires, Universitaria [1973][Amsterdã, IIHS].
- Propósito. Diretor L.Barletta. Buenos Aires, 1955 e 1970 [LJ].
- Punto Final. Santiago de Chile.
- Qué. Buenos Aires, 1955/1965 [LJ].
- Reflexiones para la construcción de una alternativa Peronista Montonera Auténtica. Rodolfo Galimberti, Juan Gelman et al. [s. l.][s. n. ed.] 1979 [Amsterdã, IIHS].
- Retorno. Dir. Calabró, Michelini. Buenos Aires, 1965/1970 [LJ].
- Revista de América. Dir. E.Gonzales. Buenos Aires, 1973/1975[LJ].
- Revista de la Integración. Buenos Aires, 1970 [LJ].
- Revista Marxista Latinoamericana. Los militares, la CGT y la crisis del peronismo. Caracas, Ed. de la Revista Marxista Latinoamericana, 1975 [Amsterdã, IIHS] e Los sindicatos, las masas peronistas y la nueva etapa de la lucha por el socialismo en la Argentina. 18 de marzo de 1973. Montevideú [1973][Amsterdã, IIHS].

- Siglo Mundo. Buenos Aires, CEAL, 1975 [LJ].
 Socialismo nacional, la marcha del poder peronista. Buenos Aires, Relevo, 1973 [Amsterdã, IHS].
 Transformaciones. Dir. Santiago Mas. Buenos Aires, 1971 e 1972 [LJ].
 Tribuna Patriótica. Dir. Osvaldo Gallego. Buenos Aires, 1980 e 1981 [FS].
 Tricontinental Bulletin [s. ed.] Partido Comunista.
 3me rencontre international des travailleuses et syndicalistes argentines en exil [s. n. ed.] 1979 [Amsterdã, IHS].
 Única Solución. Movimiento Nacional Peronista. Buenos Aires, 1967 [LJ].
 Universidad y estudiantes. BERDICHEVSKY, Leon. Universidad y Peronismo. Buenos Aires, Liberia, 1965 [Amsterdã, IHS].
 Voz Proletaria. Buenos Aires, 1958/1965 [LJ].
 Ya! es tiempo de pueblo peronista. Buenos Aires, 1973 [LJ].

XI.2. De circulação corrente no período

- El Clarín. Buenos Aires.
 La Nación. Buenos Aires [AEL e FS].
 La Opinión. Buenos Aires.
 La Prensa. Buenos Aires [AEL].
 La Razón. Buenos Aires [AEL].
 Noticias, Buenos Aires, 1974.

XI.3. Periódicos da "Resistência Peronista"

- Confirmado. Ed. Félix Garzón Maceda. Buenos Aires, 1967, 1970 e 1979 [LJ].
 De Frente. Dir. J.W.Cooke. Buenos Aires, 1954/1955 [LJ].
 El Hombre. Capital Federal.
 El Soberano. Capital Federal, 1959 [LJ].
 Palabra Argentina. Dir. Alejandro Olmos. Capital Federal.
 Palabra Proibida. Capital Federal.
 Rebeldía. Capital Federal.
 Resistencia Peronista. Buenos Aires, 1973 [LJ].
 Soberanía. Rosario.
 Aluvión. Chaco.

